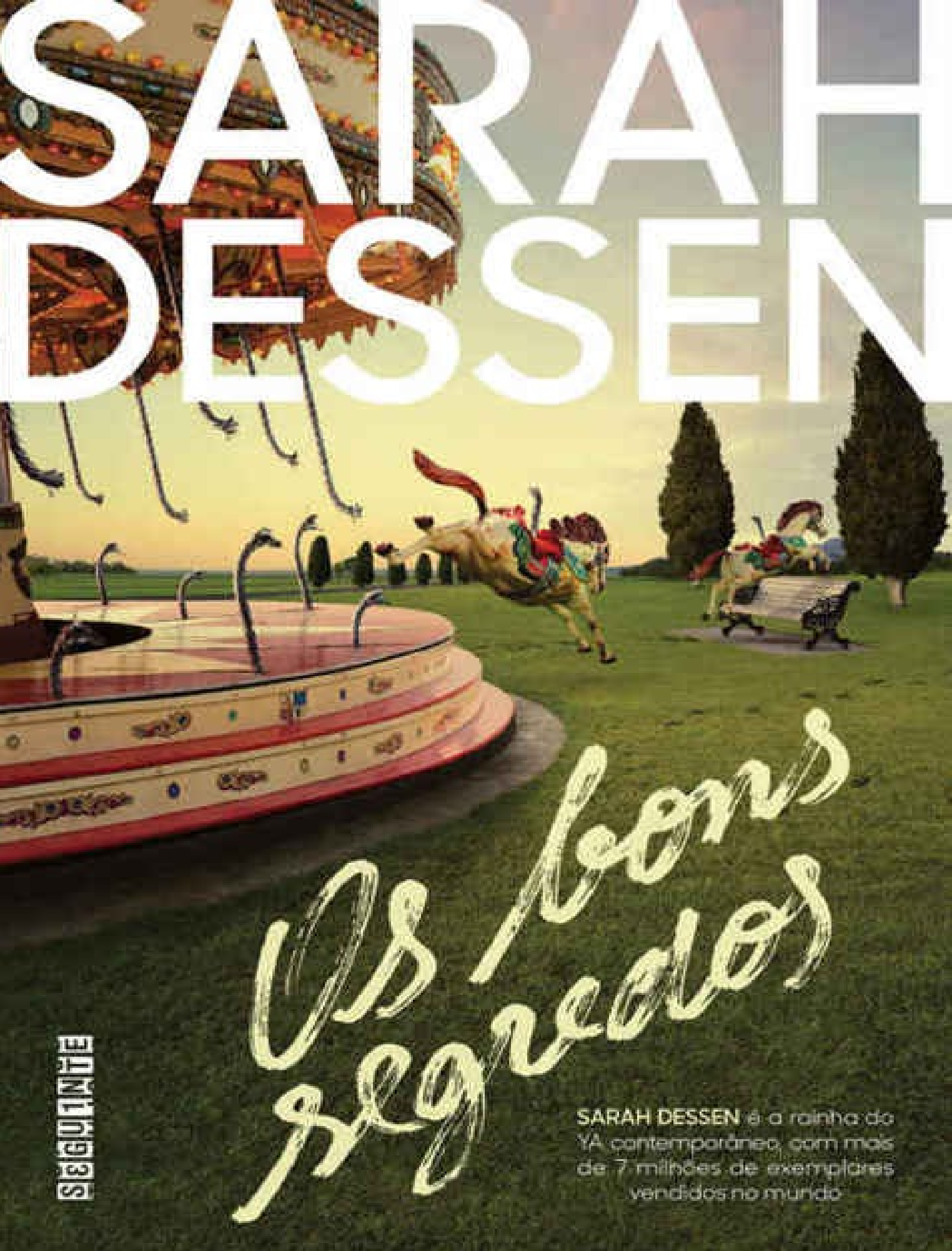

SARAH DESSEN
Os leões
de
Sequinte
SARAH DESSEN é a rainha do YA contemporâneo, com mais de 7 milhões de exemplares vendidos no mundo

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe ***Le Livros*** e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O ***Le Livros*** e seus parceiros disponibilizam conteúdo de dominio publico e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: ***LeLivros.site*** ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."



SARAH DESSEN

Os bons segredos

Tradução
CRISTIAN CLEMENTE

SEGUINTE
O selo jovem da Companhia das Letras

Para todas as garotas invisíveis
e para os meus leitores, por me enxergarem.

1

— O réu poderia se levantar, por favor?

Não se tratava de uma pergunta de verdade, embora soasse como tal. Eu tinha percebido isso desde a primeira vez que nos reunimos lá, nas mesmas circunstâncias. Era um comando, uma ordem. O "por favor" era só uma formalidade.

Meu irmão levantou. Ao meu lado, minha mãe ficou tensa e prendeu a respiração. Do jeito que pedem para você inspirar antes de um raio X, para que consigam ver mais, captar tudo. Meu pai olhava para a frente, como sempre, com uma expressão indecifrável.

O juiz voltou a falar, mas eu não conseguia prestar atenção. Em vez disso, olhei para as janelas altas, as árvores balançando com o vento lá fora. Era começo de agosto; as aulas começariam em três semanas. Tinha a sensação de ter passado o verão inteiro exatamente naquela sala, talvez naquela mesma cadeira, mas sabia que não era o caso. O tempo simplesmente parecia parar ali. Mas, no caso de pessoas como Peyton, talvez o objetivo fosse justamente esse.

Foi só quando minha mãe soltou um gemido e se inclinou para agarrar o banco da frente que percebi que a sentença havia sido dada. Olhei para o meu irmão. Ele era conhecido por sua coragem. Isso no passado, quando éramos crianças que brincavam no bosque atrás de casa. Mas um dia os garotos mais velhos o desafiaram a atravessar aquele tronco fino que passa sobre um buraco enorme e profundo. Ele atravessou, mas suas orelhas queimavam, vermelhas. Ele teve medo. Naquele dia e no tribunal.

A batida do martelo soou. Estávamos dispensados. Os advogados se voltaram para o meu irmão: um deles se inclinava para dizer algo enquanto o outro punha a mão nas costas dele. As pessoas levantaram e começaram a sair em fila. Dava para sentir os olhares sobre nós enquanto eu engolia o nó na

garganta e mantinha os olhos fixos nas mãos sobre o colo. Ao meu lado, minha mãe soluçava.

— Sydney? — chamou Ames. — Você está bem?

Não consegui responder. Só fiz que sim com a cabeça.

— Vamos — meu pai disse, pondo-se de pé.

Ele tomou o braço da minha mãe e gesticulou para que eu caminhasse à frente deles até onde estavam os advogados e Peyton.

— Preciso ir ao banheiro — eu disse.

Minha mãe, com os olhos vermelhos, só me encarou. Como se aquilo, depois de tudo o que tinha acontecido, fosse a única coisa que ela não pudesse suportar.

— Tudo bem — Ames disse. — Eu vou com ela.

Meu pai assentiu e deu um tapinha no ombro dele quando passamos. No saguão do tribunal, vi pessoas abrindo as portas e saindo para a luz do dia do lado de fora. Desejei mais do que tudo ser uma delas.

Ames me envolveu em seu braço enquanto caminhávamos.

— Espero você aqui — disse quando chegamos ao banheiro feminino. — Certo?

Lá dentro, a luz era brilhante, impiedosa. Caminhei até a pia e me olhei no espelho. Rosto pálido, olhos escuros, vazios e sem vida.

A porta de uma das cabines abriu atrás de mim e uma menina saiu. Era mais ou menos da minha altura, um pouco menor e mais magra. Quando parou ao meu lado, pude ver seu cabelo loiro enrolado numa trança bagunçada que pendia sobre um dos ombros, com alguns fios soltos emoldurando o rosto. Ela usava um vestido de verão, botas de caubói e uma jaqueta jeans. Senti que me observava quando lavei a mão uma vez, depois duas, peguei uma toalha e virei para a porta.

Ao abrir, logo vi Ames encostado na parede oposta do corredor de braços cruzados. Quando me viu, ele endireitou o corpo e deu um passo à frente. Hesitei, parei e a garota, que também saía, trombou comigo.

— Ah! Perdão! — ela disse.

— Não — respondi, virando. — Foi… culpa minha.

Ela olhou para mim por um segundo e depois, por cima do meu ombro, para Ames. Observei seus olhos verdes contemplarem aquele estranho por um longo momento antes de voltarem a atenção a mim. Eu nunca a tinha visto antes. Mas uma única expressão em seu rosto bastou para que eu soubesse exatamente o que ela estava pensando.

Você está bem?

Estava acostumada a ser invisível. As pessoas raramente me viam e, se viam, nunca me olhavam de perto. Eu não era radiante e encantadora como meu irmão, linda e graciosa como a minha mãe, ou inteligente e dinâmica como minhas amigas. Mas essa é a questão. Você sempre acha que quer ser notada. Até ser notada.

A garota continuou a me observar, à espera de uma resposta à pergunta que nem fizera em voz alta. E talvez eu tivesse respondido. Mas então senti uma mão no meu cotovelo. Ames.

— Sidney? Está pronta?

Também não respondi essa pergunta. E de repente estávamos a caminho do saguão, onde meus pais conversavam com os advogados. Enquanto andávamos, continuei a olhar para trás, tentando ver aquela garota, mas não consegui encontrá-la no meio da multidão agitada que se enfiava dentro do tribunal. Assim que nos desvencilhamos das pessoas, porém, olhei para trás uma última vez e fiquei surpresa ao ver a garota bem onde eu a tinha deixado. Seu olhar ainda estava fixo em mim, como se ela não tivesse me perdido de vista um momento sequer.

2

A primeira coisa que se via ao entrar na nossa casa era um retrato do meu irmão. Estava pendurado bem na frente da grande porta de vidro, logo acima do aparador de madeira e do vaso chinês onde meu pai deixava os guarda-chuvas. Mas seria compreensível se um visitante jamais notasse esses outros objetos. Assim que visse Peyton, não conseguiria tirar os olhos dele.

Embora compartilhássemos os mesmos traços (cabelo escuro, pele morena, olhos castanhos quase pretos), ele os ostentava de uma maneira completamente diferente. Eu era comum, meio bonitinha. Mas Peyton — o segundo com esse nome em casa, pois meu pai também se chamava assim — era estonteante. Já tinha ouvido o compararem com tudo, de antigos astros do cinema a personagens da ficção. Eu tinha certeza de que, quando criança, meu irmão não se dava conta da atenção que recebia nas filas dos supermercados e correios. Me perguntava qual teria sido sua sensação ao compreender de repente o efeito de sua aparência sobre as pessoas, especialmente as mulheres. Era como descobrir um superpoder, algo empolgante e assustador ao mesmo tempo.

Antes de tudo isso, porém, ele era apenas meu irmão. Três anos mais velho, a cama com lençóis azuis de personagens de videogame que contrastava com as fadas do meu lençol rosa. Eu basicamente o idolatrava. Como poderia ser diferente? Ele era o rei do verdade ou desafio (e sempre escolhia a segunda opção, naturalmente), o corredor mais rápido da vizinhança, a única pessoa que conseguia ficar de pé no guidão de uma bicicleta em movimento sem perder o equilíbrio.

Mas seu maior talento, para mim, era desaparecer.

Brincávamos muito de esconde-esconde quando crianças, e Peyton levava a brincadeira *muito* a sério. Agachar atrás da primeira cadeira com que esbarrasse ou escolher o óbvio quartinho da limpeza? Coisa de amador. Meu

irmão preferia se contorcer debaixo do armário do banheiro, se esmagar completamente debaixo da cama, escalar o boxe do chuveiro e dar um jeito de se segurar no teto. Sempre que eu pedia para me contar seus segredos, ele apenas abria um sorriso e dizia: "Você só precisa encontrar o lugar invisível". Mas só ele parecia enxergar esse lugar.

Treinávamos golpes de luta enquanto assistíamos desenhos animados nas manhãs de fim de semana, brigávamos para ver de quem o cachorro gostava mais (adivinha?), e passávamos as horas sem atividades (futebol para ele, ginástica para mim) depois da escola explorando a área verde atrás da vizinhança. Era assim que eu ainda via meu irmão sempre que pensava nele: com um graveto na mão, caminhando à minha frente por entre o bosque colorido pelo outono. Mesmo quando eu ficava tensa com a possibilidade de nos perdermos, Peyton sempre mantinha a calma. A coragem mais uma vez. Uma paisagem plana nunca o atraía. Ele sempre precisava de algum obstáculo para superar. Quando as coisas ficaram ruins para Peyton, eu desejava que ainda estivéssemos lá, andando. Como se ainda não tivéssemos chegado ao nosso destino e houvesse a possibilidade de irmos parar em outro lugar.

Eu estava no sexto ano quando as coisas começaram a mudar. Até então, ambos tínhamos estudado na Perkins Day, a escola particular que frequentávamos desde o jardim. Naquele ano, porém, ele foi para o ensino médio. Em poucas semanas, começou a andar com um bando de alunos mais velhos. Eles o tratavam feito mascote, desafiando-o a fazer idiotices tipo roubar picolés na fila da lanchonete ou se esconder no porta-malas de algum carro para sair da escola na hora do almoço. Foi então que a fama de Peyton começou de verdade. E logo tomou proporções maiores do que sua vida, maiores do que a *nossa* vida.

Enquanto isso, quando não era dia de ginástica, eu voltava para casa sozinha de ônibus, depois comia meu lanche sozinha no balcão da cozinha. Tinha meus próprios amigos, claro, mas a maioria deles nunca estava disponível à tarde por causa das várias atividades que faziam. Isso era típico do nosso bairro, Arbors, onde o custo de vida padrão era capaz de bancar qualquer atividade extracurricular, desde aulas de mandarim até dança irlandesa. Financeiramente, minha família estava na média da região. Meu pai, que começou a carreira no exército antes de ir para a faculdade de direito, ganhava dinheiro resolvendo conflitos corporativos. Ele era o cara que chamavam quando uma empresa tinha problemas — ameaça de processo, questões graves entre funcionários, práticas questionáveis prestes a vir a público — e precisava dar um jeito. Não era de surpreender que eu tivesse crescido acreditando não existir problema que meu pai não fosse capaz de solucionar. Passei boa parte da vida sem ver prova do contrário.

Se meu pai era o general, minha mãe era a chefe de operações. Diferente de outros pais, que encaravam o cuidado dos filhos como um esporte de revezamento, nossa família dividia bem as responsabilidades. Meu pai se encarregava das contas, da casa e do quintal, e minha mãe ficava com todo o resto. Julie Stanford era "a" mãe — aquela que lia todos os livros sobre educação dos filhos e estocava na minivan lanches e artigos esportivos suficientes para

todas as crianças do bairro. Assim como meu pai, se minha mãe se dispunha a fazer algo, fazia direito. Então foi bem surpreendente quando, no fim das contas, as coisas deram errado.

Peyton começou a criar problemas nas férias de inverno do segundo ano. Uma tarde, eu estava assistindo TV na sala com um balde de pipoca quando a campainha tocou. Olhei para fora e vi uma viatura da polícia em frente à nossa garagem.

— Mãe? — chamei do pé da escada. Ela estava em seu escritório, que era basicamente a central de comando da casa inteira. Meu pai o chamava de "Sala de Guerra". — Tem alguém aqui.

Não sei por que não disse que era a polícia. A impressão era que pronunciar aquela palavra tornaria tudo mais real, e eu não sabia direito o que nos esperava lá fora.

— Sydney, você é perfeitamente capaz de atender a porta — ela respondeu, mas como sempre ouvi seus passos na escada um segundo depois.

Mantive os olhos na TV, onde as participantes do meu reality show favorito, *Big Nova York*, estavam no meio de mais uma briga à mesa do jantar. Os programas da franquia *Big* faziam parte do meu ritual vespertino desde que Peyton entrara no ensino médio; eram o mais culposo dos meus prazeres. "A vida de mulheres ricas, lindas e superficiais", foi a descrição que ouvi, e era isso mesmo. Havia uns seis programas diferentes — *Dallas*, *Los Angeles* e *Chicago* entre eles —, o que dava e sobrava para preencher meu tempo até a hora do jantar. Ficava tão envolvida com o programa que era como se aquelas mulheres fossem minhas amigas, e muitas vezes me pegava falando com a TV como se pudessem me ouvir, ou então pensando nas brigas e problemas delas mesmo quando não estava assistindo. Era um tipo estranho de solidão, a sensação de que algumas das minhas melhores amigas nem sabiam que eu existia. Ainda que minha mãe estivesse em casa, sem elas o lugar parecia tão vazio que criava uma sensação de vazio *dentro de mim*, tão forte que eu chegava a lamentar o momento que descia do ônibus depois da escola. Sentia que minha própria vida era entediante e triste na maior parte do tempo, então de certa forma era reconfortante mergulhar na vida de outra pessoa.

Assim, eu estava assistindo Rosalie, a ex-atriz, acusar Ayre, a modelo, de *bullying* enquanto a vida da minha família dava uma reviravolta. Num minuto, a porta estava fechada e as coisas estavam bem. No minuto seguinte, a porta estava aberta e lá estava Peyton ao lado de um policial.

— Senhora — o guarda começou, e minha mãe deu um passo para trás e levou a mão ao peito —, este rapaz é seu filho?

Era disso que me lembraria mais tarde. Uma única pergunta, de resposta óbvia, com que meus pais, minha mãe especialmente, teriam de lidar a partir daí. Desde aquele dia, quando Peyton foi pego fumando maconha com os amigos no estacionamento da Perkins Day, meu irmão começou a se transformar em alguém que nem sempre reconhecíamos. Haveria outras visitas das autoridades, idas à delegacia e, por fim, julgamentos e períodos de reabilitação. Mas foi esse primeiro dia que ficou na minha cabeça, detalhe por detalhe. O balde cheio de pipoca quente no meu colo. A voz aguda de Rosalie. E

minha mãe, dando um passo para trás para deixar meu irmão entrar. Quando o policial o conduziu pelo corredor até a cozinha, meu irmão olhou para mim. Suas orelhas estavam vermelhas como brasa.

Como ele não estava portando maconha, a escola decidiu tratar o caso apenas como uma infração; ele foi suspenso e precisou cumprir horas de trabalho voluntário como tutor do ensino fundamental. A história — especialmente a parte sobre Peyton ter sido o único a correr, forçando os policiais a persegui-lo — se espalhou, e a distância que ele percorreu (uma quadra, cinco, um quilômetro) crescia cada vez que alguém a contava. Minha mãe chorou. Meu pai, furioso, o proibiu de sair de casa por um mês. Mas as coisas não voltaram a ser como antes. Ele cumpriu o castigo, jurou ter aprendido a lição. Três meses depois, foi preso por invasão de domicílio.

Um fenômeno estranho acontece quando uma coisa deixa de ser um fato isolado para se tornar um hábito. Como se o problema já não fosse um visitante temporário, mas alguém que se mudou de vez para a sua casa.

Depois disso, caímos na rotina. Meu irmão aceitava a punição e meus pais aos poucos relaxavam, acreditando piamente nas várias teorias que criavam para se convencer de que aquilo jamais aconteceria de novo. E então Peyton era preso — drogas, furtos, direção perigosa — e todos entrávamos de novo no labirinto de processos, advogados, tribunal e sentenças.

Depois de sua primeira prisão por furtar uma loja, Peyton foi obrigado a fazer tratamento depois que os policiais encontraram maconha durante a revista. Voltou com um distintivo de um mês limpo no chaveiro e um interesse em tocar guitarra graças ao seu companheiro de quarto na clínica Evergreen. Meus pais pagaram as aulas e fizeram planos de transformar parte do porão em um pequeno estúdio para que ele pudesse gravar suas composições. A obra estava na metade quando a escola descobriu uma pequena quantidade de pílulas no armário dele.

Ele foi suspenso por três semanas, tempo que deveria usar para ficar em casa e se preparar para o julgamento. Dois dias antes da data marcada para sua volta à escola, fui acordada do meu sono profundo pelo barulho da garagem abrindo. Olhei pela janela e vi o carro do meu pai manobrando para a rua. Meu relógio marcava três e quinze da madrugada.

Levantei e saí no corredor, que estava escuro e silencioso, e então desci a escada devagar. A luz da cozinha estava acesa. Lá encontrei minha mãe, de pijama e moletom, fazendo café. Ao me ver, ela apenas balançou a cabeça.

— Vá dormir — ela disse. — Amanhã conto pra você.

Na manhã seguinte, meu irmão já tinha sido liberado sob fiança de mais uma acusação de invasão de domicílio, dessa vez agravada por agressão e resistência à prisão. Na noite anterior, depois que meus pais foram para a cama, ele tinha saído escondido do quarto, subido a rua e pulado a cerca da maior casa de Arbors. Ele encontrou uma janela destrancada e se esgueirou para dentro. Bisbilhotou só por uns cinco minutos até a polícia chegar, avisada por um alarme silencioso. Quando os guardas entraram, ele saiu voando pela porta dos fundos. Eles o derrubaram no deque da piscina, o que deixou arranhões enormes e sangrentos no rosto de Peyton. Inacreditavelmente, minha mãe parecia mais

preocupada com isso do que com todo o resto.

— Talvez pudéssemos usar isso contra a polícia — ela disse para o meu pai mais tarde naquela mesma manhã. Já estava toda vestida de maneira formal para uma reunião com o advogado de Peyton às nove em ponto. — Você viu aqueles machucados? Não é violência policial?

— Julie, ele estava fugindo — meu pai respondeu com a voz cansada.

— Sim, eu entendo. Mas ele ainda é menor de idade, e acho que a força foi desnecessária. Tinha uma *cerca*. Ele não ia muito longe.

Ia sim, pensei, embora fosse esperta o bastante para não dizer em voz alta. Quanto mais Peyton arranjava confusão, mais minha mãe parecia desesperada para culpar toda e qualquer pessoa. A escola queria acabar com ele. Os policiais foram muito duros. Mas meu irmão estava longe de ser inocente: bastava encarar os fatos. Só que às vezes eu me sentia a única capaz de enxergá-los.

No dia seguinte a história já tinha se espalhado pela escola, e eu recebia olhares de canto de olho pelos corredores. Estava decidido que Peyton ia deixar a Perkins Day e terminar os estudos em outro lugar, embora as opiniões divergissem sobre quem havia determinado isso — meus pais ou a escola.

Eu tinha sorte de ter amigos que me apoiaram, afirmando aos outros que eu não era como meu irmão apesar de compartilharmos os mesmos traços e o sobrenome. Jenn, que eu conhecia desde os tempos da pré-escola, foi a que mais me protegeu. O pai dela também tivera seus problemas com a lei na época da faculdade.

— Ele sempre foi sincero quanto a isso, que foi só para experimentar — ela contou ao sentarmos na lanchonete para o almoço. — Ele pagou sua dívida com a sociedade e, veja, agora é CEO de uma empresa, super bem-sucedido. Peyton também será. Isso também vai passar.

Jenn sempre soava daquele jeito, mais velha do que era, principalmente porque seus pais a tiveram aos quarenta e sempre a trataram como adulta. Ela até parecia adulta, com seu corte de cabelo elegante, os óculos e o sapato confortável. Às vezes era estranho, como se ela tivesse pulado a infância inteira. Mas naquele momento, me senti reconfortada. Queria acreditar nela. Acreditar em qualquer coisa.

Peyton recebeu três meses de prisão e uma multa. Foi a primeira vez que todos nós estivemos juntos no tribunal. O advogado dele, Sawyer Ambrose, cujos anúncios estampavam os pontos de ônibus da cidade inteira (PRECISA DE UM ADVOGADO? O SAWYER ESTÁ DO SEU LADO!), garantia que era crucial que o júri nos visse sentados atrás do meu irmão como uma família unida e leal.

Também estava presente o novo melhor amigo de Peyton, um cara que ele tinha conhecido na reunião dos Narcóticos Anônimos que era obrigado a frequentar. Ames era um ano mais velho que Peyton, alto, cabelo bagunçado, e tinha sido preso por vender maconha um ano antes. Ele havia cumprido seis meses e desde então se mantivera longe de confusão, dando o tipo de exemplo que todos concordavam ser necessário ao meu irmão. Eles tomavam muito café juntos, jogavam videogame e estudavam, Peyton para a escola alternativa onde tinha ido parar, Ames para o curso de hotelaria que fazia na Lakeview Tech. O plano deles era que Peyton faria o mesmo depois de se formar, e juntos os dois

trabalhariam em algum resort. Minha mãe adorava a ideia e já tinha toda a papelada necessária para fazer isso acontecer: estava tudo num envelope etiquetado em cima da mesa dela. Só faltava resolver o detalhe da prisão.

Meu irmão acabou cumprindo sete semanas na casa de detenção local. Eu não tinha permissão para vê-lo, mas minha mãe visitava sempre que recebia autorização. Enquanto isso, Ames permanecia por perto: estava sempre na mesa da cozinha com um café, exceto durante uma ou outra escapada para fumar no quintal, onde usava um cinzeiro de areia que a minha mãe (que detestava o hábito) tinha posto lá só para ele. Às vezes ele aparecia com a namorada, Marla, uma manicure loira, de olhos grandes e azuis e uma timidez tão grande que ela mal falava. Quando alguém lhe dirigia a palavra, ficava supernervosa, como aqueles cachorrinhos ansiosos demais que estão sempre tremendo.

Eu sabia que Ames era um conforto para minha mãe. Mas algo nele me deixava receosa. Como as vezes em que o flagrava me olhando por cima do copo de café, acompanhando meus movimentos com os olhos escuros. Ou quando vinha me cumprimentar e sempre dava um jeito de me tocar — apertando meu ombro, roçando meu braço. Como ele nunca tinha feito nada de mais comigo, achava que era coisa da minha cabeça. Além disso, ele tinha namorada. Tudo o que queria — conforme me disse várias e várias vezes — era tomar conta de mim como Peyton tomaria.

— Foi a única coisa que ele me pediu antes de ir — Ames me contou logo que meu irmão foi embora. Estávamos na cozinha e minha mãe tinha saído para atender uma ligação, nos deixando a sós. — Ele disse: "Cuida da Sydney, cara. Conto com você".

Eu não sabia o que responder. Em primeiro lugar, aquela frase não parecia vir de Peyton, que mal passava uma hora do dia comigo nos meses antes de ir embora. Além disso, mesmo antes, ele nunca fora do tipo protetor. Mas Ames conhecia bem o meu irmão, e a verdade era que *eu* não. Então precisava acreditar na palavra dele.

— Bom — reagi, sentindo que devia dizer algo —, hum, obrigada.

— Disponha. — Ele me lançou mais um daqueles longos olhares. — É o mínimo que posso fazer.

Depois de ser solto, Peyton continuou calado, só que mais participativo, mais prestativo em casa, presente de um jeito que não estivera nos meses anteriores. Às vezes, depois de chegar da escola, até assistia TV comigo. Mas ele só conseguia aturar o *Big Nova York* ou *Miami* por curtos períodos antes de ficar enojado com cada uma das participantes.

— Essa é Ayre — eu tentava explicar sempre que a ex-capa da *Playboy*, esquelética e cheia de plásticas, surtava. — Ela e Rosalie, a atriz, tipo não se bicam.

Peyton não dizia nada, apenas fazia cara de tédio. Comecei a perceber que ele tinha pouca paciência para tudo.

— Pode escolher — eu dizia empurrando o controle para ele. — Sério, não ligo para o que assistirmos.

Mas nunca funcionava. Era como se ele só pudesse passar aquele exato tempo ao meu lado, para depois seguir em frente e checar os e-mails, dedilhar o

violão ou arranjar alguma coisa para comer. Sua inquietação me deixava nervosa. Minha mãe também notou. Era como se uma fonte interna de energia tivesse perdido o escape e fosse se acumulando, dia após dia, até encontrar outro.

Ele se formou em junho, numa pequena cerimônia com apenas oito colegas de classe; a maior parte deles também tinha sido enxotada da escola anterior. Todos fomos, inclusive Ames e Marla, e depois saímos para jantar no Luna Blu, um dos meus restaurantes favoritos. Lá, enquanto comíamos uma porção dos famosos picles fritos do lugar, brindamos ao meu irmão com refrigerante antes de meus pais lhe darem seu presente de formatura: duas passagens de ida e volta para Jacksonville, Flórida, para que ele e Ames pudessem conferir o famoso curso de hotelaria da região. Minha mãe chegou até a marcar hora com o diretor da escola e também agendou um tour particular. Claro.

— Que ótimo — meu irmão disse com os olhos nas passagens. — De verdade. Obrigado.

Minha mãe sorriu, com os olhos marejados, e meu pai estendeu o braço para dar uns tapinhas no ombro de Peyton. Estávamos sentados no pátio externo do restaurante, uma série de luzinhas pendia sobre nós e tínhamos acabado de fazer uma ótima refeição juntos. Aquele momento parecia tão distante do ano que tivéramos, como se tudo que tinha acontecido no outono e antes não passasse de um pesadelo. No dia seguinte, minha mãe sentou comigo para conversar sobre as minhas perspectivas de universidade. Enfim eu era o projeto. Era a minha vez.

Naquele outono, comecei o segundo ano na Perkins Day. Minha transição para o ensino médio no ano anterior tinha sido tão comum quanto a do meu irmão tinha sido agitada. Jenn e eu fizemos amizade com uma garota nova, Meredith, que havia se mudado para Lakeview para treinar ginástica nas instalações da universidade. Ela era pequena e atlética, com a melhor postura que eu já tinha visto, sem falar do seu altivo rabo de cavalo. Ela treinava para competições desde os seis anos. Eu nunca tinha conhecido alguém tão determinada e disciplinada; ela basicamente passava cada hora fora da escola no ginásio. Juntas, nós três construímos uma amizade fácil, porque todas nos sentíamos um pouco mais velhas que as nossas colegas de classe: Jenn por causa de sua criação; Meredith por causa do esporte; e eu por causa de tudo o que tinha acontecido no ano anterior. A lenda do meu irmão, para o bem e para o mal, ainda me precedia. Mas minha escolha de amigas — e o fato de evitarmos todas as festas e atividades ilegais, ao contrário de nossos colegas — deixava claro que éramos diferentes.

Com Peyton trabalhando de atendente no hotel da cidade e fazendo o curso de hotelaria com Ames na Lakeview Tech, meu pai viajando mais e minha mãe voltando aos seus projetos como voluntária, eu quase sempre tinha a casa inteira só para mim depois da escola. Comecei a sentir aquela tristeza, esgueirando-se a cada tarde com o pôr do sol. Tentei preenchê-la com o *Big Nova York* ou *Miami*, assistindo um episódio atrás do outro até a visão embaçar. Ainda assim, sempre sentia um alívio quando ouvia a porta da garagem abrir, sinal de que alguém havia voltado e de que havia começado o turno da noite, quando eu já não estaria

mais só.

Então, no dia seguinte ao Dia dos Namorados, meu irmão saiu do trabalho no horário de sempre, um pouco depois das dez da noite. Em vez de vir para a casa, porém, foi visitar um velho amigo da Perkins Day. Lá, bebeu várias cervejas, alguns destilados, e ignorou as repetidas ligações da minha mãe até a sua caixa postal ficar cheia. Às duas da manhã, ele saiu do apartamento do amigo, entrou no carro e partiu para casa. Ao mesmo tempo, um menino de quinze anos chamado David Ibarra montou na bicicleta para pedalar a curta distância que separava sua casa da casa do primo, onde ele tinha caído no sono jogando videogame. Ele estava dobrando a esquina da rua Dombey com a avenida Pike quando meu irmão o acertou de frente.

Naquele dia acordei com o som do grito da minha mãe, um som visceral, terrível, que jamais tinha escutado antes. Pela primeira vez, entendi de verdade o significado de sentir o sangue gelar nas veias. Saí correndo do quarto, desci a escada e parei um pouco antes de entrar na cozinha, com a repentina consciência de que não sabia se estava preparada para o que acontecia lá dentro. Mas minha mãe ainda gritava, então me forcei a entrar.

Ela estava de joelhos, com a cabeça baixa. Meu pai estava diante dela, com as mãos apertando seus ombros. Ela emitia um som tão terrível, pior do que o de um animal sofrendo. A primeira coisa que pensei foi que meu irmão tinha morrido.

— Julie — meu pai dizia. — Respire, querida. Respire.

Minha mãe balançou a cabeça. Seu rosto estava branco. Ver a minha mãe — sempre forte, sempre segura — daquele jeito foi uma das coisas mais assustadoras por que já passei. Então me forcei a falar:

— Mãe?

Meu pai virou e me viu.

— Sydney, volte para o quarto. Já subo lá.

Voltei. Não sabia mais o que fazer. Então sentei na cama e esperei. Naquele momento, tive a sensação de que o tempo havia *realmente* parado por cinco, quinze ou sabe-se lá quantos minutos.

Finalmente meu pai apareceu na porta. A primeira coisa que notei foi como a camisa dele estava amassada, retorcida em algumas partes, como se alguém tivesse se agarrado nela. Mais tarde, eu me lembraria mais disso do que do resto. Daquela estampa xadrez toda desalinhada.

— Aconteceu um acidente — ele disse. Sua voz soava crua. — Seu irmão machucou alguém.

Mais tarde, ao lembrar dessas palavras, eu perceberia como eram significativas. *Seu irmão machucou alguém.* Era como uma metáfora, com um sentido literal e vários outros. David Ibarra tinha sido a vítima em questão. Mas não foi o único ferido.

Peyton estava na delegacia, para onde o levaram depois de o bafômetro ter confirmado que o nível de álcool no sangue dele era o dobro do limite permitido. Mas a acusação de dirigir embriagado era o menor dos problemas. Como ele ainda estava em condicional, não haveria leniência nem fiança, pelo menos não a princípio. Meu pai ligou para Sawyer Ambrose, trocou de camisa e saiu para

encontrar com ele na delegacia. Fui para a escola porque não sabia mais o que fazer.

— Você tem certeza de que está bem? — Jenn perguntou ao passar pelo meu armário logo depois da primeira aula. — Parece estranha.

— Estou bem — respondi enquanto enfiava um livro na mochila. — Só cansada.

Não sei por que não quis contar. Era como se a história fosse grande demais, e eu queria sufocá-la. Além disso, as pessoas logo descobririam.

Comecei a receber mensagens de texto no fim da tarde, perto da hora do jantar. Primeiro Jenn, depois Meredith, depois um punhado de outros amigos. Desliguei o telefone, imaginando que a notícia se espalhava como gotas de corante que lentamente dominam um copo d'água. Minha mãe ainda estava no quarto e meu pai estava fora. Fiz um pouco de macarrão com queijo para mim e comi de pé no balcão da cozinha. Depois fui para o quarto e fiquei olhando para o teto até ouvir o som familiar da porta da garagem abrindo. Dessa vez, porém, não me fez sentir melhor.

Minutos depois, uma batida soou à porta e meu pai entrou. Ele parecia tão cansado, com olheiras enormes, como se tivesse envelhecido dez anos na última noite.

— Estou preocupada com a mamãe — desabafei antes que ele pudesse começar a falar. Eu nem tinha planejado dizer aquilo; foi como se outra pessoa tivesse falado com a minha voz.

— Eu sei. Ela vai ficar bem. Você comeu?

— Comi.

Ele me encarou por um instante e depois atravessou o quarto para sentar na beira da cama. Meu pai não era e nunca tinha sido do tipo pegajoso. Ele era mais de afagar o ombro das pessoas, um mestre do abraço de três tapinhas nas costas. Era a minha mãe que sempre me puxava para o colo para me fazer cafuné e me apertar forte. Mas então, naquele dia estranhíssimo e assustador, meu pai me deu um abraço. Retribuí, como se minha vida dependesse daquilo. Permanecemos assim pelo que pareceu um longo tempo.

Havia tanta coisa ainda por vir, algumas conhecidas e, infelizmente, outras novas em folha. Meu irmão nunca mais seria o mesmo. Eu nunca mais passaria um dia sem pensar em David Ibarra pelo menos uma vez. Minha mãe ia continuar lutando, mas tinha perdido algo. Nunca mais seria capaz de olhar para ela e não dar por essa falta. Tantos "nuncas". Mas naquele momento, só abracei meu pai e cerrei bem os olhos, tentando fazer o tempo parar de novo. Não funcionou.

3

— Nervosa?

Olhei para a minha mãe, sentada à mesa da cozinha com um bagel que não ia comer diante de si. Foi bom vê-la fazer um esforço.

— Não muito — disse enquanto fechava o zíper da mala. Não era verdade: eu já tinha conferido duas vezes meu cartão de estacionamento e o horário das aulas, e mesmo assim continuava insegura. Mas eu não queria deixar minha mãe preocupada. Não comigo, pelo menos.

— É uma mudança grande, uma escola nova — ela comentou.

No silêncio subsequente, a frase pairou entre nós, como um gancho vazio à espera de que algo fosse pendurado nele. Desde o começo de junho, quando eu decidira deixar a Perkins Day e me matricular na Jackson, minha mãe vinha me dando oportunidades para explicar o motivo. Eu pensava já ter explicado. Passei a vida toda na Perkins Day. Precisava de uma mudança, especialmente depois do último ano. Além do motivo que não mencionei: dinheiro.

A última defesa de Peyton não tinha saído barata, e as contas, somadas aos honorários de Sawyer Ambrose, começavam a acumular. Ainda que ninguém tenha falado sobre isso às claras, eu sabia que estávamos mais apertados do que nunca. Dispensamos a empregada e vendemos um dos carros, e também a casa de praia que raramente usávamos em Colby, nossa cidade preferida no litoral. Ninguém disse nada sobre os gastos com o colégio, mas com a faculdade dali a dois anos, imaginei que era o mínimo que eu podia fazer. Além disso, estava pronta para ser anônima.

Minha mãe e eu fomos a Jackson me matricular dois dias depois da sentença do meu irmão. Ela ainda caminhava como um fantasma, bebendo uma xícara de café atrás da outra e mal comendo. Meu pai retomou as viagens, aceitando consultoria atrás de consultoria fora da cidade. Assim, ficávamos só

nós duas em casa — pelo menos quando minha mãe não fazia a viagem de três horas de ida e volta para a penitenciária de Lincoln, duas vezes por semana e a cada quinze dias nos finais de semana. Ainda assim, ela tinha marcado hora com o coordenador da escola, passado maquiagem e organizado meu histórico escolar numa pasta com meu nome. Quando estacionamos na vaga de visitantes, ela desligou o motor e levantou os olhos para o prédio principal.

— É grande — comentou. E então olhou para mim, como se eu talvez fosse mudar de ideia, mas eu já estava abrindo a porta.

O interior da escola cheirava a produto de limpeza e colchonetes de ginástica, o que era estranho porque o ginásio ficava do outro lado do pátio central. No prédio do ensino médio da Perkins — que tinha acabado de passar por uma reforma total custeada por um ex-aluno que fundou uma rede social, a Ume.com —, tudo era novo ou quase novo. Jackson, em contrapartida, parecia mais uma colcha de retalhos feita de prédios velhos acrescidos de novas dependências mais um ou outro trailer que servia de escritório. Não havia ninguém lá no dia da nossa visita a não ser um punhado de professores e outros funcionários, o que fazia os corredores parecerem ainda mais largos e o terreno muito maior. Não havia ninguém na recepção, que cheirava a aromatizador de canela, então sentamos num sofá decadente.

Minha mãe cruzou as pernas e olhou para a estante de metal à direita, que continha uma caixa de roupas discrepantes com a marcação "achados e perdidos", uma pilha de panfletos sobre distúrbios alimentares e uma caixa de lenços de papel vazia. Dava para ler no seu rosto que, se ela já não estivesse deprimida, aquele panorama bastaria para deixá-la.

— Tudo bem, mãe — eu disse. — É o que eu quero.

— Ah, Sydney — ela respondeu para então, do nada, começar a chorar. Isso também fazia parte da nova Julie. Ela sempre fora chorona, mas para coisas como casamentos e filmes bregas. Normal. Esse negócio de soluços e lágrimas repentinas era completamente novo, e eu nunca sabia o que fazer quando acontecia. Naquele momento, não pude sequer lhe oferecer um lenço.

Mas, voltando à cozinha, conferi a mochila de novo, e então me perguntei se devia trocar de roupa. A gente usava uniforme na Perkins Day, então não estava acostumada a me vestir para a escola. Depois de experimentar múltiplas opções, fiquei com um jeans e a minha camiseta favorita — branca, com botões, estampada com minúsculos cogumelos roxos —, bem como os brincos de argola prateados que ganhei no aniversário de dezesseis anos. Mas eu teria usado estampa camuflada se achasse que me ajudaria a desaparecer no meio da multidão.

— Você está ótima — minha mãe disse como se lesse minha mente. — Mas é melhor ir. Não vai querer chegar atrasada no primeiro dia.

Fiz que sim com a cabeça, joguei a mochila num dos ombros e fui até onde ela estava sentada. O bagel já tinha levado uma mordida. Progresso.

— Te amo — eu disse, me inclinando para dar um beijo em sua bochecha.

Ela baixou a mão até a minha e a apertou, com um pouco de força demais.

— Também te amo. Tenha um bom dia.

Fiz que sim, fui para a garagem e entrei no meu carro. Enquanto dava ré,

olhei para a janela da cozinha e a vi ainda sentada lá. Pensei que talvez ela fosse olhar para mim também, mas não. Em vez disso, ela olhava para a parede, com a caneca na mão. Ela nem bebia nem a botava de volta na mesa, só a mantinha ali, bem na altura do coração, e algo naquilo me deixava tão triste que não via a hora de ir embora.

A escola acabava às três e quinze. Dez minutos depois do sinal, meu carro era o único ainda no estacionamento inferior. Pela primeira vez, me senti bem por estar sozinha.

A escola era simplesmente *tão* grande. Os corredores que pareceram tão largos três semanas antes estavam, quando entrei ali, completamente entupidos de gente: era impossível dar um passo sem trombar com alguém, ou pelo menos sem esbarrar em um braço ou cotovelo. Mas isso eu tinha imaginado. O barulho é que foi a verdadeira surpresa. Havia o sinal estridente: tons longos de arrebentar os tímpanos. As britadeiras dos pedreiros refazendo as várias calçadas quebradas. E, sempre, as pessoas gritando: nos corredores, pelo pátio, num volume espantoso mesmo com a porta bem fechada. Num lugar tão apertado, não fazia sentido as pessoas se esforçarem tanto para serem ouvidas. Mas todos se esforçavam. Aparentemente.

Só interagi uma única vez o dia inteiro, com uma garota muito animada chamada Deb, que era — nas próprias palavras — uma "embaixadora autonomeada da Jackson!". Ela tinha aparecido antes da primeira aula com uma sacola de boas-vindas contendo um calendário escolar, um lápis do time de futebol da escola e uns biscoitos caseiros, assim como seu cartão pessoal caso eu tivesse alguma dúvida ou preocupação. Quando ela saiu, todos me olharam como se eu fosse *ainda mais* estranha. Ótimo.

Sozinha no estacionamento, me perguntei o que fazer em seguida. Não podia ir para a casa ainda porque faltavam umas duas horas para o jantar, a mesma janela de tempo que sempre lamentara desde antes de meu irmão partir. De repente, me senti desamparada. Eu odiava multidões, mas também odiava a minha própria companhia. O que eu ia fazer? Fazia tempo que não sentia uma tristeza tão grande. Dei a partida no carro e saí como se pudesse deixar a tristeza para trás.

Parada no semáforo a uma quadra da escola, olhei para o outro lado da rua e vi um pequeno centro comercial. Havia uma manicure, uma loja de bebidas, uma loja de produtos para perder peso e, no canto, uma pizzaria.

Para mim, comer pizza depois da aula era tão tradicional quanto comer pipoca assistindo *Big*. A uma quadra da Perkins também havia um pequeno shopping, e o restaurante italiano de lá, Antonella's, funcionava como um clube informal para a escola inteira. O lugar servia pizzas gourmet assadas no forno de tijolinhos, café, sorvetes, e tinha a máquina de refrigerante com as cocas mais doces que já provei. Meredith ia direto para a universidade treinar, mas Jenn e eu passávamos no Antonella's pelo menos uma vez por semana para dividir uma pizza de presunto, abacaxi e brócolis enquanto fingíamos fazer lição de casa. Na maioria das vezes, porém, fofocávamos e espiávamos os caras mais populares

da escola, que sempre sentavam nas mesas longas e familiares perto da janela, atirando bolinhas de papel uns nos outros e paquerando.

Tudo naquele dia tinha sido novo. A pizza era minha chance de finalmente encontrar alguma normalidade. Antes que pudesse pensar demais, dei seta, troquei de faixa e entrei no estacionamento.

Percebi no minuto em que entrei no restaurante que aquele lugar era bem diferente. A Seaside Pizza era pequena e estreita, iluminada não por lustres modernos como o Antonella's, mas com lâmpadas fluorescentes amarelas, algumas delas quebradas. Algumas mesas eram rodeadas por bancos de couro gasto, outras tinham assentos mais simples, ao passo que as paredes eram cobertas de painéis de madeira escura e fotografias em preto e branco de cais e praias. Havia um balcão alto de vidro, e atrás dele uma fileira de tipos diferentes de pizza e um forno surrado com a palavra QUENTE pintada em letras desbotadas na porta. Um televisor, que exibia um programa esportivo, pendia do teto bem em cima da máquina de bebidas. Ao lado, estava uma pilha alta e capenga de cardápios de plástico. Uma música vinha de cima, e eu podia jurar que soava como um banjo.

Assim que entrei, deixei a porta fechar atrás de mim, mas não tirei a mão do vidro, já que percebi que tinha, de novo, cometido um erro. O restaurante claramente não era popular com os alunos da Jackson ou, diga-se de passagem, com ninguém: eu era a única pessoa lá.

Virei para sair, mas então vi que havia um cara do outro lado da porta, querendo entrar. Ele era alto, cabelo castanho na altura do ombro; estava de camiseta branca, calça jeans e mochila nas costas. Ele me esperou dar um passo para trás, e depois outro, antes de abri-la devagar e entrar.

Não tinha como escapar sem parecer uma estranha, então fui até o balcão e peguei um cardápio na pilha. Pensei em fingir que avaliava as opções e depois sair de fininho enquanto ele fazia o pedido. Quando ergui os olhos um segundo depois, dei com ele atrás do balcão amarrando o avental. Droga. Ele *trabalhava* lá. E agora estava olhando para mim.

— Posso ajudar? — perguntou. Sua camiseta, só então vi, dizia GERENCIAMENTO DE RAIVA: O PROGRAMA. RÁDIO WCOM.

— Hum… — disse, voltando a baixar os olhos para o cardápio. O plástico estava pegajoso, e não entendi bulhufas das palavras que li. Em pânico, dei uma olhada nas fatias de pizza enfileiradas no balcão. — Uma fatia de pepperoni. E um refrigerante.

— É pra já — ele respondeu e pegou uma forma de pizza atrás de si. Depois, com um pegador, afastou rapidamente as outras fatias para o lado, tirou um pedaço enorme e jogou na forma, que enfiou no forno. De volta ao caixa, tirou uma mecha do cabelo da frente do olho e apertou uns botões. — Três dólares e quarenta e dois.

Tateei para encontrar a carteira e paguei com uma nota de cinco. Enquanto ele pegava o troco, reparei num copo ao lado da registradora cheio de pirulitos YumYum. PEGUE UM! dizia um aviso mais atrás escrito em canetinha rosa. Eu adorava aqueles pirulitos quando criança, e fazia anos que não comia um. Comecei a revirar o copo, garimpando entre vários de maçã verde, melancia e

cereja à procura do meu sabor favorito.

— Um e cinquenta e oito de troco — o cara disse com o dinheiro na mão. Peguei as moedas e o copo vazio que ele tinha deixado no balcão. — Se está procurando o de sabor chiclete ou algodão doce, vou poupar seu tempo: não tem nenhum.

Levantei as sobrancelhas.

— Eles são populares?

— Popular é pouco.

Foi então que alguém escancarou a porta e passou por mim com passos rápidos e barulhentos. Virei bem a tempo de ver uma garota loira desaparecer numa saleta no fundo com os dizeres ÁREA RESTRITA antes de a porta bater.

O rapaz franziu a testa e olhou para a porta e depois para mim.

— A sua fatia fica pronta num minuto. Eu levo na mesa.

Concordei com a cabeça e fui encher o copo e pegar guardanapo. Sentei à mesa, e então fiquei mexendo no celular só para ter o que fazer. Uns minutos depois ouvi a porta do forno abrir e fechar. O rapaz saiu pelas portas de vaivém com a minha pizza num prato de papelão e a colocou diante de mim.

— Obrigada.

— De nada — ele respondeu.

Então o escutei caminhar até a porta restrita e bater.

— Vai embora — uma voz de garota disse. Um minuto depois, porém, ouvi a porta abrir.

Sozinha de novo, dei uma mordida na pizza apesar de não estar com muita fome. Então dei outra mordida. E então precisei me controlar para não enfiar o resto do pedaço inteiro na boca. Quer dizer, pizza de pepperoni é pizza de pepperoni. É, tipo, o sabor mais genérico de todos. Mas aquela estava *boa*. A borda estava macia e crocante ao mesmo tempo — não sei como —, e o molho tinha um toque picante, entre o doce e o salgado. E o queijo: indescritível. Meu Deus!

Eu estava tão concentrada em comer a pizza que nem notei de cara quando alguém surgiu detrás do balcão. Então ouvi uma voz:

— Tudo certo?

Levantei os olhos e dei com um homem mais ou menos da idade do meu pai, talvez um pouco mais jovem. Ele tinha cabelo escuro salpicado de fios brancos e usava um avental.

— Está ótimo — eu disse com a boca meio cheia. Engoli e acrescentei: — Provavelmente a melhor pizza que já comi.

Ele sorriu com o comentário, claramente contente, e então estendeu o braço até a registradora para pegar o copo de pirulitos.

— Você pegou um pirulito? É o tira-gosto perfeito. Mas não perca tempo procurando o de algodão doce ou de chiclete. Não tem.

— Já me disseram que são os mais populares.

Ao ouvir isso, ele fechou a cara e balançou a cabeça, e ouvi a porta dos fundos abrir. Um momento depois, o rapaz passou por mim com a loira atrás. Ela estava com um pirulito na mão. Um pirulito rosa.

— Agora você deixa o balcão sem ninguém? — o homem perguntou

enquanto ajeitava as fatias com o pegador. — Ninguém me avisou que aqui a gente trabalha na base da confiança.

— Não brigue com ele — a garota disse. Ela estava com um vestido leve, chinelos e uma porção de pulseiras prateadas num dos braços. — Ele foi ver se estava tudo bem comigo.

O homem mais velho abriu o forno, olhou dentro e então fechou a porta com força.

— E você precisa disso?

— Hoje precisei — ela puxou uma cadeira da mesa em frente ao caixa e sentou. — Daniel acabou de me dar um fora.

Ele parou de se mexer e se virou para ela.

— O quê? Sério?

A garota assentiu devagar e botou o pirulito na boca de novo. Depois de um segundo, estendeu a mão até o porta-guardanapos mais próximo, pegou um e secou os olhos.

— Nunca gostei daquele garoto — o homem disse enquanto se voltava de novo para o forno.

— Gostava sim — o rapaz disse em voz baixa.

— Não gostava. Ele era bonito demais. Todo aquele cabelo. Não dá para confiar num cara com aquele cabelo.

— Pai, está tudo bem — a garota disse ainda secando os olhos. Ela tirou o pirulito da boca e continuou: — É o último ano dele na escola, ele não quer ficar amarrado, blá, blá, blá.

— Que merda — o pai dela disse. Em seguida, virando para mim: — Perdão.

Flagrada prestando atenção, senti minhas bochechas queimarem e voltei para a minha pizza, ou o que tinha sobrado dela.

— Mas o chato — a garota retomou ao pegar outro guardanapo — é que esse foi o mesmo motivo que Jake deu para me dispensar no começo do verão. "É verão! Não quero ficar amarrado!" Tipo, fala sério. Não consigo lidar com esse abandono sazonal. É duro demais.

— Aquele cabelo — o homem murmurou. — Sempre odiei aquele cabelo.

A porta da frente se abriu naquele momento e dois caras entraram carregando seus skates. Durante a transação que se seguiu, terminei meu pedaço e tentei não olhar mais para a loira que, sentada sobre uma das pernas e com o queixo apoiado na mão, chupava o pirulito olhando pela janela.

Os skatistas escolheram uma mesa e logo o rapaz veio entregar a comida deles. No caminho de volta para o balcão, ele apertou o ombro da garota e disse algo que não consegui entender. Ela olhou para ele, concordando, e ele prosseguiu.

Conferi o relógio. Se saísse de lá, ainda teria pelo menos uma hora até o jantar. Só de pensar nisso senti um peso nas costas. Não que ficar na Seaside Pizza fosse o ideal. Mas pelo menos não eram as mesmas quatro paredes que ecoavam o vazio. Levantei e reabasteci o copo.

— Pegue um pirulito — a garota sugeriu, com os olhos ainda na janela, quando virei para voltar à mesa. — São cortesia da casa.

Claramente era inútil resistir: esperavam aquilo de mim. Então voltei até o copo de pirulitos e comecei a fuçar. Cheguei a esperar que a garota me avisasse da falta de sabores rosa, mas ela não avisou. Depois que passei um tempo ali, ela enfim falou:

— Que sabor você está procurando?

Lancei um olhar para ela. Atrás do balcão, seu pai espalhava molho num disco de massa, enquanto o rapaz da minha idade contava as notas da registradora.

— Coca-cola — respondi.

Ela me encarou.

— *Sério?*

Estava claramente chocada. Isso me surpreendeu tanto que não consegui formular uma resposta. Mas logo ela voltou a falar:

— *Ninguém* gosta de YumYum de coca-cola. É o que sempre sobra quando todos os outros acabam, até os mais sem graça tipo mirtilo ou aquele sabor surpresa.

— Qual o problema do pirulito de mirtilo? — o homem perguntou.

— É azul — ela respondeu com voz de tédio e voltou a atenção para mim mais uma vez. — Você está sendo completamente sincera? Eles são seus favoritos *de verdade*?

Todo mundo mantinha os olhos fixos em mim. Engoli em seco e respondi:

— Hum… são.

A reação dela foi afastar a cadeira e levantar. Então, antes que eu pudesse entender o que estava acontecendo, ela veio na minha direção. Pensei que talvez estivesse prestes a me envolver numa briga por causa de doces preferidos, o que seria algo inédito, mas então ela passou reto. Virei para trás e a vi seguir até a mesma porta dos fundos e entrar na sala.

Olhei para o homem atrás do balcão, mas ele apenas deu de ombros e continuou a jogar o queijo ralado sobre o molho da pizza em confecção. Então comecei a ouvir barulhos vindos da sala dos fundos — gavetas abrindo e fechando, armários batendo —, mas não consegui ver nada. Depois veio um silêncio e a garota reapareceu com uma sacola de plástico na mão. Ela veio direto até mim, até ficarmos a centímetros de distância, e estendeu o braço.

— Aqui — disse. — Pra você.

Peguei a sacola. Dentro dela estavam pelo menos cinquenta pirulitos YumYum de coca-cola, talvez até mais. Apenas os contemplei por um minuto, sem palavras, antes de levantar os olhos para ela.

— Posso odiar esses, mas são pirulitos do mesmo jeito — ela explicou. — Não podia simplesmente jogar fora.

Baixei os olhos para a sacola de novo: aquilo pesava mesmo.

— Obrigada — eu disse.

— De nada — ela respondeu com um sorriso e em seguida estendeu a mão: — Meu nome é Layla.

— Sydney.

Nos cumprimentamos. E depois houve uma pausa. Quando ergui os olhos de novo, ela franziu a testa.

— Ah! — eu disse rápido e logo tratei de pegar um pirulito e desembrulhar. Enfiei o doce na boca e logo tinha dez anos de novo. Voltava com Peyton do Quik-Zip depois de gastar a mesada inteira em doces. Ele sempre comprava chocolate: com amendoim, com amêndoas, com caramelo. Mas eu gostava de açúcar puro e queria tempo para saboreá-lo. Em cada pacote de YumYum havia pelo menos dois de coca-cola: eu sempre comia um no ato e guardava o outro para depois que os outros acabassem. Pensei no meu irmão na Lincoln e imaginei se ele comia chocolate lá. Pensei em dizer à minha mãe para levar algum para ele.

Bem naquela hora o telefone tocou atrás do balcão. O rapaz atendeu.

— Seaside Pizza, Mac falando — ele pegou um bloco de notas e puxou o lápis da orelha. — Aham. Sim. Custa um dólar a mais. Claro. Qual é o endereço?

Enquanto escrevia, o homem olhou por cima do seu ombro, leu o pedido e então pegou uma bola de massa e começou a girá-la.

— A entrega é perto de casa, você pode ficar lá — ele disse para Layla. — Ligue para a sua mãe para ver se ela precisa de alguma coisa.

— O.k. — ela disse por cima do ombro e depois voltou a olhar para mim. — Você estuda na Jackson?

Fiz que sim com a cabeça.

— Comecei hoje.

Ela fez uma careta.

— Argh. Como foi?

— Não muito bom — respondi e em seguida olhei para a sacola. — Mas isso aqui ajuda.

— Sempre — ela disse.

Layla então acenou, deu meia-volta e seguiu para a porta dos fundos de novo. Voltei à mesa com todos os meus pirulitos para recolher o lixo e pegar a minha mochila.

— Diga a ela para me encontrar lá fora — o rapaz falou para o homem enquanto eu me dirigia à porta. — O carro anda meio teimoso para dar partida. Talvez precise mexer.

— Não esqueça a placa dessa vez!

Acabamos saindo juntos, como entramos. Enquanto eu cruzava o estacionamento para chegar ao carro, ele seguia até uma caminhonete antiga. Eu o observei ir até a caçamba, pegar uma placa magnética e prendê-la na porta do motorista. SEASIDE PIZZA, dizia, A MELHOR DO PEDAÇO. O telefone estava impresso logo abaixo.

Era tarde o suficiente para eu sair e chegar em casa bem na hora do jantar. Mas fiquei lá até Layla surgir com uma caixa quadrada de pizza na mão. Dois carros nos separavam quando paramos no primeiro semáforo, mas permaneci atrás da caminhonete mais umas quadras até os trajetos nos separarem. Só então abri outro pirulito, que saboreei até chegar em casa.

4

Nada melhorou muito na escola nos dois dias seguintes. Mas também não piorou. Descobri o caminho mais rápido até as salas, cheguei à conclusão de que na verdade era mais fácil encontrar vaga no estacionamento de cima, e tive duas conversas com colegas de classe (embora uma tenha sido obrigatória, pois fomos obrigados a formar uma dupla para um trabalho; ainda assim já era alguma coisa).

Não voltei mais à Seaside Pizza; estava preocupada demais com a possibilidade de parecer estranha, maníaca ou as duas coisas. Em vez disso, em um dos dias encontrei Jenn na padaria Frazier pra botar o papo em dia e fazer lição de casa. No dia seguinte, fui pra casa depois da escola, pensando que talvez não fosse tão ruim. Até que vi o carro de Ames estacionado na frente da garagem.

— Sydney? É você?

Deixei a mochila na escada e respirei fundo antes de ir até a cozinha. Pra variar, lá estava ele sentado à mesa com a minha mãe, tomando café. Uma travessa de biscoitos estava entre os dois. Ao me ver, minha mãe a empurrou na minha direção.

— Oi, sumida — Ames cumprimentou enquanto eu ia até a geladeira pra pegar uma garrafinha de água. — Quanto tempo.

Embora ele tenha dito isso com um sorriso, aquilo me deu calafrios. Só que a minha mãe já puxava uma cadeira, imaginando que eu me juntaria a eles, e foi o que fiz.

— Como foi a escola? — ela perguntou. E, voltando-se para ele, acrescentou: — Ela começou na Jackson esta semana.

— Sério? — ele perguntou com um sorriso estranho. — Conheço a parada. Ainda tem cheiro de cloro por todo lado?

— Você estudou na Jackson? — minha mãe perguntou. — Não sabia!

— No segundo e no terceiro ano — Ames respondeu, recostando-se na cadeira e esticando as pernas. — Depois fui convidado a me retirar.

— Parece alguém que eu conheço — minha mãe disse e tomou mais um gole de café.

— Está gostando? — Ames me perguntou.

Fiz que sim com a cabeça:

— Estou. É bacana.

Era minha resposta padrão sempre que me perguntavam qualquer variante dessa pergunta. Só contei a verdade uma vez, e foi para Layla, uma completa estranha. Não sabia bem por quê.

Foi então que escutei um zumbido: o telefone da minha mãe em cima do balcão. Ela levantou, conferiu o aparelho e soltou um suspiro.

— Esqueci completamente que tinha me comprometido com um evento no hospital infantil. Agora eles ficam me enchendo o saco o tempo todo com essas reuniões e orçamentos.

— Lembre-se do que estávamos conversando, Julie — Ames disse. — As prioridades em primeiro lugar.

Ela o olhou com gratidão.

— Eu sei. Mas preciso pelo menos me despedir com dignidade. Já volto.

E com isso ela se retirou e subiu a escada rumo à Sala de Guerra. O que me deixou a sós com Ames.

— Então — ele disse, inclinando-se para mim —, agora que somos só nós dois, diga a verdade. Como você está?

Ele sempre cheirava a cigarro, mesmo quando fazia tempo que não fumava. Relaxei um pouco na cadeira.

— Bem. É diferente, mas eu queria mudar.

— Aposto que é difícil seguir em frente com um modelo como Peyton para se espelhar, tão distante do ideal. Meu irmão mais novo sentiu a mesma coisa.

Concordei com a cabeça, peguei um biscoito e dei uma mordida. Desejava que minha mãe se apressasse e descesse logo.

— Sabe — ele continuou —, se você precisar conversar, estou aqui. Sobre Peyton. Sobre qualquer coisa. Certo?

Não, valeu, pensei. Mas em voz alta disse:

— Certo.

Lá pela hora do almoço no dia seguinte, eu já começava a lamentar a hora de ir embora. Não fazia ideia da frequência com que Ames aparecia em casa de tarde, mas tinha certeza de que não queria vê-lo, muito menos falar com ele, especialmente sem a minha mãe por perto. Ao pensar nisso, senti imediatamente uma pontada de culpa. Ele não tinha feito nada além de me assustar. E isso não era uma ofensa que merecesse punição.

Eu sabia que poderia falar com a minha mãe, mas ela estava com a cabeça tão cheia ultimamente… E Ames era o melhor amigo de Peyton. Ele ofereceu apoio durante a última crise, e em todas as outras desde que entrou em nossas vidas. Mesmo quando meu pai já não aguentava mais ouvir minha mãe falar da Lincoln, do diretor e da apelação de Peyton, Ames escutava. Eu não queria que

ela o perdesse também. Especialmente porque não tinha nada específico contra ele, apenas um mau instinto. E todo mundo tem desses.

Houve um tempo em que eu contava tudo à minha mãe. Mesmo depois de conhecer Jenn, mesmo depois de Meredith, eu sempre a tinha considerado minha melhor amiga. Nós duas simplesmente víamos as coisas do mesmo jeito. Até que isso acabou.

Começou com as primeiras prisões de Peyton, com a minha surpresa enorme ao ouvi-la defendê-lo, mesmo quando o que ele fazia era indefensável. Não importava o crime, ela conseguia encontrar algum motivo para meu irmão não ser totalmente culpado. E então veio o acidente com David Ibarra.

Nos primeiros dias depois do acidente, enquanto meus pais lidavam com fiança e advogados, eu só conseguia pensar naquele menino, um pouco mais jovem que eu, deitado num leito de hospital. Eu sabia pelas notícias que ouvia ou procurava que ele tinha ficado paraplégico e provavelmente jamais voltaria a andar. Mas não havia muitos detalhes, pelo menos não no começo. E eu tinha tantas perguntas. Não podia deixar de fazê-las.

— A gente não devia pedir desculpas? — eu disse certa vez. — Tipo, pelo jornal, ou dar uma declaração?

Ela me lançou um olhar pesado e triste.

— Foi uma coisa terrível o que aconteceu, Sydney. Mas a lei é complicada. É melhor a gente se concentrar em seguir adiante.

Na primeira vez que ouvi essa frase, fiquei pensativa. Lá pela quarta ou quinta, entendi o que ela realmente queria dizer. Eu olhava para David Ibarra e só enxergava vergonha e arrependimento; minha mãe só enxergava Peyton. Daquele momento em diante, tive certeza de que não importava o que víssemos, nossas perspectivas jamais seriam as mesmas.

No meu quarto dia de Jackson, eu estava almoçando um sanduíche de peito de peru e folheando o livro de matemática quando senti alguém se escorar na parede ali perto. Ouvi uns cliques, depois um barulho como se alguém afinasse as cordas de um violão. Quando virei para o lado, vi um cara de óculos escuros, jeans, camisa de botões estilo retrô e um violão no colo, que ele dedilhava distraído.

Pelo que notei, o rapaz não tocava música alguma. Tirava mais trechos e arranjos curtos: um acorde aqui, uma breve melodia acolá. De vez em quando, cantarolava por uns segundos ou puxava um refrão, às vezes com uma pausa para dar uma conferida num caderno ao lado. Voltei para o meu livro. Uns minutos mais tarde, porém, escutei uma voz:

— Ah, Eric. Sério?

Levantei o olhar e lá estava Layla. Ela usava shorts, uma camiseta florida bem maior do que ela e sandálias de tiras; seu cabelo loiro estava solto e caía pelos ombros. Apenas a observei levar as mãos à cintura e inclinar a cabeça.

— Quê? — o cara reagiu. — Estou praticando.

— Ah, por favor, está nada — ela replicou. — Você está jogando seu velho truque pra cima dessa pobre garota. Mas não vai funcionar porque eu já a alertei sobre você.

Ele parou de tocar.

— Alertou? O que eu sou agora? Um predador?

— Chega pra lá.

Foi o que ele fez, com ar descontente. Layla soltou o corpo e sentou entre nós, o rosto voltado para mim.

— Eu estava procurando você. Mas devia ter imaginado que Eric a encontraria primeiro. Ele tem faro para sangue novo.

— Você precisa *mesmo* parar com isso — Eric disse.

Layla o descartou com um movimento da mão como se ele fosse um mosquito a nos rodear. Em seguida disse para mim:

— Não acho que você é uma garota que cairia nesse tipo de teatro; jamais a insultaria desse jeito. Só que eu caí. Por isso me dei a missão de poupar outras garotas dessa experiência.

— Nós — o cara disse, tocando um acorde alto para dar destaque às palavras — já terminamos há mais de um ano. Acho que você já pode parar com isso.

Ela voltou o olhar para ele e de novo inclinou a cabeça. Em seguida, estendeu a mão e jogou a franja dele para trás.

— Você precisa cortar o cabelo. Esse estilo hipster desleixado não combina com você.

— Não me toque — ele resmungou, mas com bom humor, percebi. Ele se curvou sobre o violão e voltou a tocar; ela por sua vez sorriu e virou para mim.

— Eric está na banda do meu irmão — contou. — Pra ser sincera, eles são bem ruins.

— O irmão dela — Eric corrigiu — toca bateria na *minha* banda. E estamos numa fase de transição.

— Eles não conseguem segurar nenhum guitarrista — ela explicou apontado para o rapaz com a cabeça. — É muito ego num lugar só.

— Alguém tem que ser o líder! — Eric disse.

Layla sorriu de novo.

— Que seja. Eles vão tocar sexta à noite, no Bendo. Aquele clube em Overland, sabe? Para todas as idades. E pizza grátis pra quem chegar cedo. Você devia ir.

O convite foi um choque. A gente tinha se encontrado só uma vez; ela não me devia nada. E mesmo assim eu tinha certeza de que iria.

— Claro — eu disse. — Parece ótimo.

— Perfeito. — Ela então levantou, ajeitando o cabelo atrás da orelha. — Ah, uma última coisa: se quiser companhia para o almoço, a gente senta ali.

Ela apontou para a direita do prédio principal, onde havia um círculo de bancos em volta de uma árvore. Num deles, vi o cara da pizzaria — o irmão dela, descobri — descascando uma laranja enquanto olhava para o livro aberto ao seu lado.

— Ah — falei. — Tudo bem.

— Sem pressão — ela emendou rápido. — Tipo, só se você quiser.

Concordei com a cabeça e ela logo se afastou com as mãos no bolso. Enquanto eu a observava, Eric limpou a garganta.

— A nossa banda não é tão ruim assim — ele disse. — É ela que tem

padrões muito altos.

Eu não sabia o que responder, então provavelmente foi bom o sinal ter tocado naquele momento. Ele guardou a guitarra, eu botei minhas coisas na mochila e nos despedimos com um aceno antes de seguir para lados diferentes. Passei a tarde inteira — durante duas aulas e uma atividade no laboratório — pensando no que ele tinha dito. Padrões muito altos. Mesmo assim, ela me convidou. Talvez se arrependesse mais tarde. Mas eu sinceramente esperava que não.

— Não sei — Jenn torceu o nariz, como sempre fazia quando estava desconfiada. — Esse lugar não é uma casa noturna?

— É uma casa de shows — eu disse. — E esse show é para todas as idades.

Ela pegou o lápis e começou a girá-lo entre o polegar e o indicador:

— Pensei que íamos encontrar a Mer na sexta.

— O encontro é às quatro. O show é três horas depois.

Ela não ia. Soube no minuto em que a convidei. Nós não éramos de balada, nunca fomos. Mas o nosso "nós" já tinha mudado. Pelo menos a minha parte dele.

Corri os olhos pela Frazier, onde sempre passávamos depois da escola quando não estávamos a fim de ir no Antonella's. Tinha sanduíches, saladas e doces, uma mistura estranha entre a comida de redes de restaurante e um ambiente caseiro forçado: decoração com bordados, cadeiras perfeitamente gastas diante de uma lareira falsa, refeição servida sobre papel manteiga com estampa xadrez em vermelho e branco, talheres presos com um laço. Naquele dia, fui convencida a comprar um café especial pelo balconista bonitinho — DAVE! anunciava o crachá —, que tinha jurado que aquilo mudaria a minha vida. Aparentemente, isso significava que eu ficaria pilhada e fazendo xixi sem parar. Não era bem o que eu esperava.

— Vamos lá, pelo menos por uma hora — eu disse enquanto tomava outro gole da bebida, apesar de tudo. — Se você odiar, pode ir embora.

— Por que isso é tão importante? — Jenn me perguntou pondo o lápis de volta sobre a mesa. — Você nunca foi de balada antes.

— Não é balada. É uma banda, apresentando um show.

Ela ajeitou os óculos e em seguida baixou a vista para o livro à frente.

— É que não é minha praia, Sydney. Desculpa.

Eu a conhecia bem. Quando Jenn decidia uma coisa, não mudava de ideia depois.

— Tudo bem. Sem problemas.

Ela sorriu para mim e ambas voltamos à lição. A música contemporânea de fundo, o bolinho de mirtilo de Jenn e a minha fatia de bolo de cenoura, a mesa perto da janela: tudo tão familiar quanto meu próprio rosto. Mas me vi incapaz de me concentrar no cálculo, não importava o quanto tentasse. Apenas fiquei ali, ouvindo o lápis dela deslizar sobre a página até a hora de ir embora.

Assim, eu estava sozinha quando entrei no Bendo na noite seguinte e um cara parrudo com uma tatuagem vermelha no pescoço carimbou minha mão. Eu

havia tido uma reunião do meu trabalho em grupo de inglês durante o almoço, então fui apenas com o meu convite informal e uma boa dose de receio. Sem falar na mentira.

— Você vai sair? — minha mãe perguntou quando desci a escada depois do jantar, após trocar de roupa duas vezes antes de voltar à primeira escolha. Ela olhou para o relógio. — Não sabia que você tinha planos.

— Só vou encontrar Jenn e Meredith para uma sobremesa — eu disse. — Volto às dez.

Ela olhou para o meu pai, sentado ao lado dela no sofá, como se ele fosse fazer alguma objeção. Como ele não fez, preferindo manter os olhos no canal de notícias vinte e quatro horas da região e num relatório sobre a nova divisão do distrito escolar, ela disse:

— Talvez seja melhor às nove e meia.

Senti uma fagulha de irritação. Diferentemente de Peyton, eu jamais tinha feito qualquer coisa para merecer desconfiança. Apesar de estar mentindo naquele momento, me senti ofendida.

— Sério, mãe? Já estou no segundo ano.

Então ambos olharam para mim. Minha mãe arqueou as sobrancelhas para o meu pai, que disse:

— Preciso lembrar que somos nós que fazemos as regras?

— Ah, vamos — repliquei. — Meu limite é às dez desde que tirei a habilitação.

— A sua mãe quer você em casa mais cedo — ele rebateu voltando à TV. — Faça isso esta noite e depois conversamos.

Aí a minha fagulha virou uma labareda. Olhei para a minha mãe.

— Mesmo?

Ela não disse mais nada. Simplesmente voltou a ler a revista no colo. Permaneci ali por um minuto e depois outro. Então dei meia-volta e saí. Não conseguia me lembrar da última vez em que tinha ficado com raiva da minha mãe. Nos últimos tempos, só tinha sentido pena e tristeza, além de uma necessidade imensa de protegê-la. A raiva era nova, e me deixou tensa. Como se fossem mudanças demais e eu não estivesse preparada.

Entrei no Bendo e não tinha a menor ideia do que fazer. Era um lugar grande, com as paredes pintadas de preto e um bar numa das laterais. Na parte da frente, o palco, onde a bateria, os microfones e os amplificadores estavam montados. Eu esperava que o lugar estivesse lotado e que eu logo me perdesse na multidão, mas só havia um punhado de pessoas, a maioria delas reunida em torno de uma série de caixa de pizzas numa das pontas do bar. Me senti deslocada na hora, quis sair antes de passar vergonha.

— Ei, você veio.

Olhei para trás e vi Eric, o cara do violão. Ele vestia um jeans e uma camisa xadrez que pareciam ter saído de um brechó e carregava um afinador no bolso da frente. Parecia ter cortado o cabelo.

— Eu estava curiosa — disse.

Ele sorriu, como se aquilo o agradasse.

— Esta noite vamos tentar umas coisas novas em que temos trabalhado. É

meio experimental. Espero que o público acompanhe.

Fiz que sim com a cabeça; não sabia ao certo o que responder. No fim, não devia ter me preocupado, porque ele continuou a falar:

— A gente tem evoluído muito como banda ultimamente, o que eu acho essencial. A música não é estática, certo? Então você não pode ser. No ano passado, focamos bastante em fazer um som de pegada mais *rockabilly-barra-bluegrass-barra-metal*. Quer dizer, *ninguém* fazia o mesmo que a gente. Mas, claro, logo todo mundo começou a copiar o nosso som e a nossa abordagem, então eu precisei pensar na frente de novo. Vou dizer para você: dá muito trabalho ser líder de uma *boa* banda. Qualquer um pode liderar uma banda lixo e sem criatividade. A maioria das pessoas faz isso. Mas eu…

De repente, senti uma mão agarrar meu braço e me afastar de Eric. Quase tropecei de tão surpresa até perceber que era Layla. Ela estava com um vestido azul, chinelos e os olhos bem marcados com delineado gatinho.

— Estou fazendo isso para o seu próprio bem — ela declarou diante do meu olhar de desculpas para Eric. — Você não quer ser arrastada para uma discussão sobre bandas com ele. Não dá pra escapar.

Depois dessas palavras, ela me depositou num banco do bar e se empoleirou no banco ao lado. Logo em seguida, Eric se juntou a nós com ar descontente.

— Eu estava *falando* — ele disse a Layla.

— Você está sempre falando — ela replicou. — E ela é *minha* amiga. Eu que a convidei.

Pisquei, espantada. Então éramos amigas? Eric fez cara feia para ela e em seguida pegou um pedaço de pizza e apoiou as costas no balcão.

— Já veio aqui antes? — Layla me perguntou.

Fiz que não com a cabeça.

— É um lugar bem legal, tirando o fato de tudo estar sempre grudento. Quer uma fatia?

Antes que eu pudesse responder, ela pegou dois pratos de papel de uma pilha próxima e pôs uma fatia em cada um.

— Pizza é a chave da popularidade da banda — ela disse ao deslizar um dos pratos na minha direção. —A ideia é: se você alimenta o público, ele vem.

— Ele vem por causa da *música* — Eric disse.

— Que bom que você acredita nisso.

Layla sorriu para mim e, enquanto abocanhava um bom pedaço de pizza, olhou para o palco, onde o irmão ajustava algo na bateria.

— E então? Como foi a primeira semana na Jackson? — ela perguntou. — Seja sincera.

Engoli o que estava mastigando. A pizza estava ótima, ainda melhor do que eu me lembrava.

— Não muito boa.

— Você acabou de se mudar para cá?

— Não. Me transferi da Perkins Day.

A essas palavras, ela e Eric trocaram olhares.

— Uau — ele disse. — Lá é bem caro.

— E uma escola muito boa — ela acrescentou, fuzilando-o com os olhos. — Por que trocou de escola?

Uma batida dos pratos da bateria ecoou do palco seguida de um teste de som.

— Eu precisava de uma mudança — respondi.

Layla analisou meu rosto por um segundo.

— Entendo. Mudar é bom.

— É — concordei. — É o que espero pelo menos.

De repente, Layla observou algo atrás de mim, distraída. Segui a direção de seus olhos e vi uma garota um pouco mais velha que a gente entrar; usando jeans, camiseta e o cabelo preso num rabo, ela empurrava uma cadeira de rodas. Sentada nela, havia uma mulher vestindo um conjunto de veludo. Era a pessoa mais velha na casa por pelo menos vinte anos.

Como sempre acontecia quando via alguém numa cadeira de rodas, pensei em David Ibarra. Era um dos gatilhos que disparava em mim a lembrança do rosto dele — que eu conhecia bem por conta de todas as fotos de jornal e reportagens na internet que procurei nos dias e meses seguintes ao que aconteceu — e me fazia reviver tudo aquilo. Outros gatilhos: barulho de pneus cantando; alguém de bicicleta na rua; e, para ser sincera, o som da minha própria respiração. Ele nunca se afastava muito da minha consciência. Apesar da filosofia da minha mãe de seguir em frente, o fato de eu conhecer seu rosto e relembrá-lo com frequência era minha penitência pelo que Peyton fizera, a sentença que *eu* recebera.

O fato de ele ter acabado de fazer quinze anos quando o acidente aconteceu. Um jogador de futebol, um atacante. O fato de o impacto ter destruído sua coluna, deixando-o com os movimentos dos braços e do tronco, mas dependente de cadeira de rodas. Eu conseguiria fazer uma lista de todas as campanhas de doação organizadas para comprar uma cadeira de rodas moderna para ele — bazares comunitários, shows beneficentes —, bem como as instituições de caridade engajadas em tornar a casa dos pais dele completamente acessível, com rampas, portas mais largas e novas instalações. Procurei essas informações porque sentia que era meu dever, como se pudesse diminuir minha culpa. Mas ela nunca diminuiu.

— Elas chegaram — Layla disse, agora para Eric, me trazendo de volta à realidade. — Vamos.

Ambos levantaram e seguiram em direção à senhora na cadeira de rodas, que agora já tinha sido empurrada pela garota até o meio do salão. Eu não sabia direito o que fazer, então permaneci sentada e observei Eric arrumar uma mesa enquanto Layla assumiu a cadeira de rodas e a levou cuidadosamente até ela. Instantes depois, o irmão de Layla apareceu com uma lata de pepsi e um copo com gelo. Ele serviu a bebida e a pôs na mesa enquanto a garota mais velha sentava.

Layla olhou para mim e me chamou com um gesto, como se tudo aquilo fosse a coisa mais natural do mundo. E talvez fosse, porque eu obedeci. Quando cheguei à mesa, ela disse:

— Oi, mãe. Essa é a Sydney. Lembra que eu falei dela pra você?

A mãe dela levantou os olhos para mim. Ela tinha um rosto redondo e terno, usava batom vermelho e o cabelo loiro com certeza tinha sido penteado para a ocasião. Ela estendeu a mão.

— Tricia Chatham. É um prazer conhecer você.

— O prazer é meu — eu disse.

— Quer pizza? — Layla perguntou. — Ainda está quente.

— Ah, não, querida. Trouxe meu próprio lanche. Rosie, você pode pegar minha bolsa?

A essas palavras, a garota mais velha remexeu atrás da cadeira de rodas e soltou uma das bolsas acolchoadas grandes e coloridas penduradas ali. A rosa com estampa de flores. Ela a abriu e a pôs sobre a mesa, e a mãe logo enfiou a mão e revirou o interior da bolsa por um tempo antes de tirar um pote de salgadinhos de queijo. Sem ninguém pedir, o irmão de Layla tirou a tampa e devolveu à mulher.

— Esse é o Mac — Layla disse apontando para ele. — E essa é a minha irmã, Rosie.

Disse oi e Rosie me cumprimentou com a cabeça. Reparei que as três mulheres tinham o mesmo cabelo claro e olhos verdes, mas distribuídos de maneira diferente: em excesso na mãe, em falta em Rosie e na medida certa em Layla. Mac claramente tinha puxado o cabelo e os olhos escuros do pai.

— Quando a música vai começar? — a mãe deles perguntou pegando uma porção de salgadinhos. — Alguns de nós temos que voltar à programação da TV.

— Mãe, a gente pôs a TV pra gravar — Rosie disse.

— É o que você diz. — Ela comeu um salgadinho e então se virou para mim. — Não confio na tecnologia. Especialmente quando meus programas estão em jogo.

— Ela gosta muito de TV — Layla me explicou. Depois, olhou para Eric e arqueou as sobrancelhas.

— Certo — ele confirmou. — Vamos nos aprontar.

Ele e Mac saíram rumo ao palco. Enquanto isso, Layla pegou mais duas cadeiras e as colocou junto da mesa. Em seguida, fez um gesto para que eu sentasse com ela.

— Então, Sydney — a mãe dela disse ao pegar mais um punhado de salgadinhos. — Qual é a sua história?

— Mãe — Rosie disse, revirando os olhos. Ela sentava com uma postura muito ereta e as pernas bem cruzadas. — Por favor, né?

— O quê? É falta de educação?

— Se você precisa perguntar, a resposta provavelmente é sim — Rosie respondeu.

A mãe dela não deu bola e continuou a olhar para mim.

— Hum… Eu acabei de me transferir para a Jackson. Mas moro em Lakeview desde os três anos.

— Ela estudava na Perkins Day — Layla acrescentou. Rosie e a sra. Chatham se entreolharam. — Precisava de uma mudança.

— Todos precisamos — Rosie disse em voz baixa.

— A Perkins Day é uma escola excelente — disse a sra. Chatham. —

Melhor avaliação do distrito.

— Minha mãe trabalhava na administração de escolas — Layla me explicou. — Foi vice-diretora.

— Por dez anos — a sra. Chatham acrescentou. Ela me ofereceu a lata de salgadinhos, que recusei, e depois a passou para Layla, que pegou um. — Ainda estaria lá se não tivesse ficado doente. Eu adorava o trabalho.

— Ela tem esclerose múltipla — Layla disse. — Com outras complicações. É péssimo.

— Concordo. — A sra. Chatham ofereceu a lata para Rosie. Então balançou a cabeça. — Mas cada um tem seu fardo no mundo. O que podemos fazer?

Em resposta, um chiado estridente soou no palco, o que fez todos se encolherem.

— Ótimo. Já estou com dor de cabeça — Rosie disse.

— Tenham paciência — a sra. Chatham falou. — Eles vêm trabalhando em coisas novas. Parece que é bem experimental.

Achei graça, e ela viu o meu sorriso e retribuiu. Se antes era só uma intuição, naquele momento tive certeza. Estava muito, mas muito feliz de ter ido.

Eric, já atrás do microfone, batucou a guitarra com os dedos e começou:

— Um, dois, três.

E então tocou alguns acordes. Outro guitarrista, alto e magro com um pomo de adão que dava para ver de longe, subiu ao palco.

— Um, dois.

Layla fez cara de tédio e virou para mim.

— Eles já fizeram a passagem de som. Céus, como ele é estrelinha.

Olhei de novo para Eric, que tinha virado para falar com Mac.

— Então vocês já namoraram? — perguntei.

— Quando eu era ainda jovem, verde de julgamento — ela respondeu.

Diante do meu olhar confuso, ela explicou:

— Citação de Shakespeare. Vamos lá, Perkins Day, não deixe o nível cair!

Fiquei sem graça.

— Foi mal.

— É brincadeira. — Ela estendeu a mão, agarrou o meu braço e o chacoalhou. — E sim: nós namoramos. Em minha defesa, digo que ainda estava no segundo ano e era uma idiota.

Eric já estava de volta ao microfone e à contagem.

— Ele não parece tão ruim.

— Ele não é *ruim*. — Ela prendeu o cabelo. — Só tem um ego enorme que, se ninguém ficar de olho, é uma ameaça para a sociedade. Por isso tento fazer a minha parte.

— Um, dois — Eric repetiu, batucando no microfone. — Um…

— Todo mundo está ouvindo! — Layla berrou. — Comecem logo!

A sra. Chatham pediu para a filha fazer silêncio, mas a bronca funcionou: depois de se apresentarem como "a nova versão aprimorada da renomada banda local Hey Dude", começaram a tocar. Eu não era expert em música — e com certeza não tinha padrões muito altos —, mas achei o som deles bom. Um pouco barulhento demais, mas estávamos perto do palco. No começo, não consegui

entender o que Eric cantava, embora a melodia fosse familiar. Logo que o refrão começou, porém, me dei conta de que na verdade eu sabia aquela música de cor:

Ela é a rainha do baile, com sua coroa dourada,
Passa por mim e fico só olhando...

Falei no ouvido de Layla:

— Por acaso isso é…

— Logan Oxford — ela completou para mim. — Lembra? Eu tinha um pôster dele na parede quando estava no sexto ano.

Eu tinha um caderno com fotos dele na capa. Assim como absolutamente todas as músicas que ele tinha gravado na vida e até uma cópia do documentário *Essa é pra você*, com trechos de seus shows. Apesar da vergonha em admitir, quando era mais nova nutria aquele tipo de paixão que me fazia imaginar como seria casar com ele. Ai, que vergonha. Naquele momento, no meio da casa de shows grande e grudenta, senti uma avalanche de lembranças. Desejei que Jenn tivesse vindo. Ela era ainda mais louca por ele.

— Não entendi — Rosie gritou para que nós a ouvíssemos do outro lado da mesa. — Eles agora tocam hits ultrapassados?

— Eu acho — a sra. Chatham começou, enquanto pegava o copo de pepsi — que é uma tentativa de ironizar a universalidade da experiência do início da adolescência. Mas *talvez* eu tenha entendido errado. Confesso que posso ter me distraído em algum momento.

— Eu amava Logan Oxford — Layla suspirou comendo outro salgadinho. — Lembra do cabelo dele? E as covinhas quando ele sorria?

Eu lembrava.

— Ele não foi preso por drogas? — Rosie perguntou.

— Olha quem fala.

Pisquei de espanto. Mas Rosie, longe de se incomodar, apenas mostrou o dedo pra irmã.

— Senhoritas — a sra. Chatham disse. — Comportem-se, por favor.

Dizer que eu estava chocada seria um grande eufemismo. *Quem eram aquelas pessoas?*

Hey Dude tinha terminado de tocar "Rainha do baile" e, depois de uma transição meio atropelada, emendou com "Eu+você+esta noite". A garotinha de treze anos dentro de mim quase desmaiou de emoção; olhei para Layla e notei que ela cantava junto. Ela disse:

— Lembra do clipe? Ele estava num conversível, dirigindo pelo deserto sozinho…

— E as luzes apareciam ao longe, e de repente ele estava numa rua movimentada — completei.

— Sim!

— Eu passei *anos* querendo um carro daquele — eu disse.

Layla apoiou o queixo na mão e suspirou.

— Eu ainda quero.

O show continuava, e cada canção trazia consigo uma lembrança dos meus anos constrangedores no começo da adolescência. Depois de outra do Logan Oxford, eles tocaram uma do STAR7 (“Amor, me dá outra chance, juro que vai ser diferente”) e um *mix* de músicas do Brotown; uma delas, eu lembrava claramente, foi a primeira música lenta que dancei na vida. Teve um pouco de microfonia, e Eric se inclinava muito perto do microfone, o que abafava a sua voz, mas lá pro final do show um número considerável de pessoas tinha se juntado perto do palco, a maioria garotas. Quando duas morenas passaram correndo pela nossa mesa, cantando alto e rindo, Layla estreitou os olhos.

— Oh-oh — disse. — Acho que Eric ganhou umas tietes. Dá pra acreditar?

— Não — Rosie disse seca.

Mas Eric estava adorando. Sua empolgação era evidente, e mais uma vez ele cantou perto demais do microfone, antes de tocar os acordes finais fazendo graça. Os aplausos foram realmente altos, e vieram acompanhados de gritos e assovios. A sra. Chatham olhou ao redor, sorridente.

— Ora, vejam só — ela disse. — Talvez eles tenham futuro mesmo.

Eric começou a acenar para a plateia, absorvendo cada instante, ao passo que Mac e o outro guitarrista deixaram o palco. As morenas abriram caminho até a frente e conseguiram chamar a atenção de Eric, que se abaixou e levou a mão à orelha para ouvir o que uma delas falava. Dessa vez, Layla ficou quieta.

— Com licença — ouvi uma voz atrás da gente. Era uma ruiva vestida com uma camiseta preta justa e jeans brancos. — Mas você é Rosie Chatham?

Rosie a encarou.

— Sou.

— Sou Heather Banks. Eu patinava na pista de Lakewood quando você estava lá, não sei se você lembra.

O rosto de Rosie assumiu uma expressão não muito acolhedora. A sra. Chatham disse:

— Que maravilha! Você treinava com Arthur?

— Não, com Wendy Loomis. E só estava fazendo aulas, não ia competir. — A moça voltou a olhar para Rosie. — É que eu preciso dizer… você era incrível. Onde você treina agora?

— Não estou treinando.

— Ah — Heather exclamou, corando. — Eu não sabia. Eu…

— Ela teve uma lesão — a sra. Chatham contou. — Problema no joelho. Mas antes disso passou dois anos em turnê com a companhia Mariposa.

— Uau! Que incrível! Então você era, tipo, uma das personagens?

— Vou pegar uma bebida — Rosie anunciou e afastou a cadeira. Em seguida, simplesmente foi embora e deixou a coitada lá parada.

— É um assunto sensível — a sra. Chatham explicou depois do silêncio constrangedor que se seguiu. — Espero que entenda.

— Ah, totalmente! — Heather disse. — Eu só, hum, queria dizer oi. Tenham uma boa noite.

— Você também, querida — a sra. Chatham respondeu.

Assim que a garota saiu, ela olhou para o bar, onde Rosie conversava com Mac. Olhei bem para ela, e então percebi que ela tinha mesmo corpo de

patinadora: pequeno, atlético e compacto. Ela meio que me lembrava Meredith, embora mais velha e com uma aparência um pouco descuidada.

— Rosie tem problemas — Layla me explicou.

— *Todo mundo* tem problemas — a mãe disse. — Agora vai lá ver se ela está bem.

De cara fechada, Layla levantou e deixou a mesa. Me perguntei se deveria ir junto, mas isso significaria deixar a sra. Chatham sozinha. Então fiquei onde estava. Depois de um instante de silêncio, ela disse:

— Que bom que você veio.

Eu não sabia direito se ela estava lendo a minha mente ou se falava do seu ponto de vista.

— Eu estava nervosa — eu disse. — Não conhecia ninguém e tal.

— Mas agora você conhece — ela falou com um sorriso. — E fico feliz de ver Layla com uma nova amiga. Os últimos tempos foram difíceis para ela.

— Ouvi dizer que ela e o namorado acabaram de terminar.

— O segundo em três meses — a sra. Chatham disse, balançando a cabeça. — Os garotos nessa idade podem ser bem cruéis. Mas nem todos são maus. Pelo menos é o que sempre digo a ela.

Mac apareceu bem naquela hora com uma lata gelada de pepsi. Ele usava uma calça jeans e uma camiseta desbotada da Seaside Pizza, e parecia ter suado bastante durante o show. Não que eu tenha ficado olhando muito ou coisa assim.

— Esse é o meu garoto — a mãe dele declarou quando ele abriu a lata e encheu o copo dela. — Obrigada.

— Algo mais?

— Nada. Senta com a gente.

Ele sentou bem do meu lado, o que foi um pouquinho tenso. Na pizzaria, havia uma distância entre nós na maior parte do tempo: a porta, o balcão, ou ele estava de pé e eu sentada. A proximidade evidenciava coisas que passaram batidas antes, como seus cílios longos e a manchinha suave no seu nariz, bem como a correntinha prateada que despontava da gola de sua camiseta.

— Salgadinho? — a sra. Chatham perguntou a Mac, estendendo a lata.

— Sério, mãe?

— Como assim? É cálcio.

Mac fez cara de tédio e levantou os olhos para o palco. Então a sra. Chatham comentou comigo:

— Ele está tão saudável ultimamente. É um saco.

— Diabetes precoce também é um saco.

A mãe suspirou e estendeu a lata para mim. Como hesitei, ela disse:

— Viu o que você fez? Ela nem consegue pegar um. Você traumatizou a menina.

Mac olhou para mim.

— Desculpa.

— Tudo bem. — Senti o rosto queimar. O que fazia sentido, porque ele era mais bonito que o Logan Oxford no auge da carreira e que o Dave! da Frazier juntos. — Eu, hum…, nunca fui muito fã de salgadinho mesmo.

Céus, como eu era idiota. Nem sabia o que estava dizendo. Graças a Deus

Layla escolheu aquela hora para voltar à mesa.

— Eric está procurando você — ela informou o irmão. — Ele quer, nas palavras dele, "fazer comentários e observações sobre o seu desempenho pessoalmente".

— Ótimo — Mac disse secamente e levantou. A correntinha prateada desapareceu de novo e se perdeu de vista. — Mãe, você vai ficar para a segunda parte?

— Ah, querido, estou muito cansada — a sra. Chatham disse. — E o meu programa passa às dez, então…

— Eu já *disse* — Rosie, que tinha se juntado a nós de novo, interveio —, programei para gravar.

Ao ouvir isso, lembrei de repente que também precisava estar em algum lugar numa determinada hora. Olhei para o relógio: nove e pouquinho.

— Na verdade, também preciso ir — anunciei.

— Deixe-me adivinhar — Layla disse. — Você também é viciada em *Status: Mistery* e não acredita que a tecnologia vai funcionar corretamente na sua ausência.

Rosie riu, e eu disse:

— Ah, não é bem isso. Geralmente posso ficar fora até mais tarde, mas aconteceram umas coisas. Minha mãe quer que eu fique mais por perto. Então eu disse que voltaria mais cedo esta noite.

Só depois de terminar esse monólogo percebi o quanto tinha sido longo e desnecessário. Não fazia ideia de por que sentira necessidade de me explicar tanto para pessoas que acabara de conhecer, e pelo jeito que eles me olharam quando concluí, também não tinham entendido. Ops.

— Bom, então é melhor ir — disse a sra. Chatham para enfim me salvar. — Mas não se esqueça de nós. Passa lá em casa qualquer hora.

Fiz que sim com a cabeça e levantei.

— Obrigada.

— Vamos acompanhar você — Layla disse olhando para Mac. — Esse estacionamento pode ser um pouco sinistro. A gente já volta, mãe.

A sra. Chatham acenou para nós e segui Layla através da crescente multidão até a porta, com Mac atrás de mim. Espremida entre os dois, notei as pessoas nos examinando enquanto passávamos, e tive certeza de que eu era a peça diferente, a parte que não encaixava. Mas esse sentimento não era novo. E, pelo menos ali, fazia sentido.

— Onde você estacionou? — Layla perguntou assim que chegamos no estacionamento.

Apontei na direção do carro. Depois de caminharmos por entre grupinhos ao redor de seus próprios veículos, ela disse:

— Uau. Belo carro. É uma versão esportiva?

Olhei para o meu carro, uma BMW que fora da minha mãe antes de ela decidir ter um utilitário esportivo.

— Talvez — eu disse, me sentindo uma completa ignorante. — Eu não…

— É um 2007 — Mac disse ao olhar o interior. — Automático. Então acho que não.

— Mas parece que deram uma incrementada. Olha só as rodas. — Layla soltou um assovio baixo. — São *demais*.

Meu rosto devia estar tão perdido quanto a minha mente, porque um segundo depois Mac me olhou e disse:

— Ah, foi mal. É que o nosso pai é fã de carros.

— Em casa a gente recebe educação obrigatória nesse tema, quer goste ou não — Layla complementou. — E depois que você aprende essas coisas, é *impossível* não reparar. Acredite. Eu tentei.

— Ei, cara! — ouvi alguém berrar. Todos viramos para dar com Eric na entrada da casa, aparentemente irritado. — Se vocês não estiverem muito ocupados, quero meu baterista de volta.

— Ele não é seu! — Layla gritou de volta. — Até onde eu sei, bandas funcionam na base da colaboração.

— Tanto faz — Eric respondeu antes de jogar as mãos para o alto e virar para entrar de novo. — Vamos retomar o show em cinco minutos. Se ele estiver a fim de se juntar a nós.

Layla riu e Mac a olhou com a cara fechada.

— Desculpa, desculpa. Mas é tão fácil tirar Eric do sério. E você tem que reconhecer que ele fica bem insuportável quando entra no modo estrelinha.

— Verdade — Mac admitiu. — Mas você também não ajuda.

Já eram nove e quinze. Eu precisava mesmo ir. Destravei o carro, as luzes piscaram, e dei um passo à frente para abrir a porta.

— Obrigada pelo convite — agradeci Layla. — Foi muito divertido.

— Que bom — ela disse. — E minha mãe tem razão. Você precisa ir lá em casa qualquer dia desses. Vou ensinar umas coisas sobre o seu carro. Mesmo que você não queira aprender.

— Parece bom — falei com um sorriso.

— Nos vemos na escola, Sydney.

Ela me deu um aceno e depois apertou o passo para se juntar a Mac, que já voltava para o show. O estacionamento estava bem mais cheio do que quando cheguei, e cada vez apareciam mais carros. Para algumas pessoas, a noite mal tinha começado. Era difícil de acreditar, principalmente porque minha noite já tinha sido a mais animada que tive em, sei lá, séculos. Observei os Chatham cruzarem o estacionamento até se perderem na multidão diante da porta. Então corri para casa, rezando pelos sinais verdes, e embiquei na garagem às nove e trinta e cinco. Entrei em casa com as desculpas prontas, mas encontrei o andar de baixo vazio. Minha mãe estava na cama, e meu pai, trancado no escritório numa ligação. Eu tinha feito a coisa certa. Eu sempre fazia. Seria bom se alguém notasse.

5

O panfleto estava à minha espera na mesa quando desci para o café da manhã na segunda-feira. Vi logo que entrei na cozinha, mas só quando cheguei perto pude ler o que dizia:

DIA DA FAMÍLIA: sábado, 20 de setembro, das 13h às 17h.

INFORMAÇÕES: ramal 2002 ou diretoria@penitenciarialincoln.us

— O que é isso? — perguntei à minha mãe, que estava no fogão mexendo o bacon na frigideira.

Ela me olhou por cima do ombro.

— Vai ser na Lincoln daqui a algumas semanas.

— Mas Peyton não quer que eu vá lá — eu disse. — Certo?

— Não é que ele não queira. É que… — Ela hesitou e soltou um suspiro. — Minha esperança é que essa oportunidade possa fazê-lo mudar de ideia.

Logo que meu irmão foi preso, teve de preencher formulários para cada visitante que queria receber. Meus pais estavam garantidos, claro, assim como Ames, e minha mãe achava que eu também. Mas apesar de a Lincoln permitir — e até encorajar, porque acreditava que o contato com a família era importante para os internos — a entrada de crianças e adolescentes, Peyton disse que não, não queria que eu fosse lá. E isso me deixou muito, muito feliz.

Minha mãe, por outro lado, estava convicta de que ele mudaria de ideia mais tarde. Ela queria que eu fizesse parte daquilo, assim como queria que eu falasse com Peyton quando ele telefonava e escrevesse cartas para ele, duas coisas a que eu resistia. Sabia que isso me tornava uma péssima irmã. Mas se eu não saberia o que dizer ao meu irmão se ele sentasse na minha frente naquela

mesmíssima mesa da cozinha, saberia muito menos agora que ele estava trancado numa prisão em outro estado. Era natural tanto para minha mãe quanto para Ames permanecer completamente no time de Peyton, apesar do que ele fizera com David Ibarra, sem falar na nossa família. Para mim, não era tão fácil.

Eu tinha falado com ele apenas duas vezes desde que ele foi embora. Em ambas ocasiões, eu era a única pessoa em casa para atender o telefone. Não havia a opção de deixar tocar até cair na secretária eletrônica. Peyton não tinha acesso fácil ao telefone. Quando ele conseguia ligar, tínhamos que aceitar a chamada e conversar por todo o tempo disponível. Ponto.

Eu tinha aprendido essa lição na marra, numa tarde em que a minha mãe estava no mercado. Atendi, aceitei a chamada e então esperei em meio a uma série de cliques e bipes até, enfim, meu irmão falar:

— Sydney?

Foi a primeira vez que escutei sua voz em mais de um mês. Ele parecia distante, como se falasse longe do bocal. Além disso, a ligação chiava sem parar, o que tornava difícil entender.

— Oi! — cumprimentei. — A mamãe não tá.

Me arrependi um instante depois de ter falado isso. Em minha defesa, porém, ele sempre falava com ela. Se meu pai atendia, as conversas eram mais curtas e tratavam mais de questões legais do que qualquer outra coisa.

— Ah.

Houve uma pausa, e então ele perguntou:

— Como você está?

— Tudo bem. E você?

Estremeci. Ninguém pergunta como um presidiário está. Simplesmente assume que a resposta é "não muito bem". Mas Peyton respondeu mesmo assim:

— Tudo certo. A pior parte aqui é o tédio.

Eu sabia que ele estava apenas jogando conversa fora. Mas só conseguia pensar em David Ibarra na cadeira de rodas. Devia ser bem entediante também.

— Você precisa me escrever uma carta — ele disse em seguida. — Contar as novidades.

Já era difícil conversar daquele jeito, e ele ainda queria que eu pusesse as palavras no papel? Minha mãe tinha dito que o correio podia ser um fator importantíssimo para a saúde mental dos detentos. Por isso convocou vários parentes e amigos próximos a enviar cartas e cartões-postais para Peyton. Até fornecia selos e envelopes já endereçados; uma pilha deles permanecia intocada na escrivaninha do meu quarto. Sempre que eu cogitava pegar um papel e tentar escrever, só conseguia pensar em encher aquele espaço branco com todas as palavras que eu nunca, jamais diria. O silêncio era mais seguro.

Acabei por desligar logo em seguida, e disse a ele que avisaria minha mãe sobre o telefonema. Quando ela entrou em casa, dez minutos mais tarde, dei o recado e ela ficou furiosa.

— Você não esperou até *mandarem* Peyton desligar? — ela quis saber, soltando uma das sacolas de pano cheias de compras no balcão. — Você simplesmente desligou na cara dele?

— Não — respondi. — A gente se despediu antes de desligar.

— Mas ele *podia* ter falado mais? Ninguém o mandou *parar*?

De repente senti vontade de chorar.

— Eu… eu sinto muito.

Minha mãe mordeu o lábio e me encarou por um longo tempo. Por fim, soltou um suspiro e pôs as mãos nos meus ombros.

— Sydney, você não sabe como é importante para o seu irmão ter contato com o mundo de fora. Nem que vocês conversassem sobre o tempo. Ou sobre o que você comeu no almoço. Apenas fale. Fale até o tempo dele no telefone acabar. É fundamental. Você entende?

Confirmei com a cabeça; não sabia se seria capaz de responder sem soluçar. Quando ela me deu as costas para guardar as compras, precisei respirar fundo várias vezes até me acalmar o bastante para ajudar.

A segunda vez que falei com Peyton foi quando cheguei em casa depois de um café com Jenn e deparei com Ames com ele ao telefone.

— Sua irmã linda acabou de entrar — ele disse antes de me cumprimentar com a mão livre. — Sim. Ah, não se preocupe. Estou mantendo os garotos longe dela. Eles vão ter que pensar duas vezes antes de se aproximar da *nossa* garota.

Senti meu rosto queimar, como sempre acontecia quando ele dizia coisas desse tipo. Distraído, ele me abriu um sorriso e puxou a cadeira ao seu lado.

— Sim, ela está bem aqui. Vou passar pra ela. Não. Vou estar aí daqui uns dias com o dinheiro para a máquina de refrigerante na mão. Certo. Fala com ela.

Ele estendeu o fone para mim e eu peguei. O bocal estava quente do seu hálito, então procurei manter os lábios longe ao dizer:

— Oi, Peyton.

— Oi — ele disse. — Como vão as coisas?

— Tudo bem — olhei para Ames, que me observava. — Você, hum, já falou com a mamãe?

— Sim. Foi ela que atendeu.

— Ah, certo — eu disse. — Bom…

Um tom alto soou na linha seguido de uma gravação avisando que a ligação seria interrompida em trinta segundos.

— Melhor eu ir — meu irmão disse. — Diga à mãe que eu a amo, certo?

— Claro — respondi.

— Tchau, Sydney.

Não respondi. Logo a linha ficou muda. Continuei parada por um momento deixando o tom de discagem preencher meu ouvido antes de botar o fone no gancho.

— Acabou o tempo.

— Sempre acaba rápido demais — Ames disse e sorriu para mim. — Ele parece bem pela voz, não?

Fiz que sim, embora para mim ele não se parecesse com nada. Nem com Peyton.

Mas aquilo tinha sido no telefone. No Dia da Família, seria cara a cara. De volta à cozinha, eu estava sentada brincando com o garfo e minha mãe sentou à minha frente. O cheiro de bacon frito tinha me deixado salivando, mas depois da

notícia, comer era a última coisa que eu queria.

— O papai vai nesse encontro?

— Se estiver na cidade — ela disse, dando uma mordidinha na torrada e um gole de café para descer. — Se não, seremos só você, eu e Ames.

Apoiei o garfo de volta no prato.

— Não sei — eu disse. — Tenho medo de surtar ou coisa assim.

Ela me encarou.

— Surtar?

Dei de ombros.

— É que é meio assustador.

— É mesmo — ela concordou e tomou outro gole de café. Quando retomou a fala, seu tom estava mais áspero. — É muito assustador. Especialmente para o seu irmão, que está trancafiado, sozinho, sem qualquer apoio além de nós, sua família.

— Mãe… — eu disse.

— Se ele pode aguentar *isso* por dezessete meses — ela continuou —, acho que você pode aguentar umas poucas horas de desconforto. Não concorda?

— Sim — respondi baixinho. Ela ainda me encarava, então repeti a resposta, mais alto: — Sim.

Foi a última vez que falamos daquilo. Quando chegou a hora de eu ir para a escola, ela já tinha voltado ao normal: perguntou se eu tinha dinheiro para o almoço e acenou para mim da janela quando tirei o carro da garagem. Para ela, o assunto estava resolvido.

Eu, porém, ainda estava abalada. Na escola, desliguei o motor e fiquei no carro, observando as outras pessoas irem para a sala até o sinal tocar e eu não ter escolha senão me juntar a elas.

Jenn ligou quando saí para o almoço, seguindo nossa nova rotina. Ela e Meredith me colocavam no viva-voz, como se eu estivesse lá, e me contavam as novidades da Perkins. Algo na voz delas me tranquilizava, anulava a constante cacofonia da Jackson. Naquele dia, porém, foi Jenn que ouviu algo estranho.

— Você está bem? — ela perguntou depois de Meredith me contar da competição que teve no final de semana.

— Estou. Por quê?

— Você não parece a mesma — ela disse. — Está tudo bem?

— Está — eu disse. A imagem do panfleto sobre a mesa passou pela minha cabeça. — É só que tem muito barulho aqui. Como sempre.

Como que para confirmar minhas palavras, uma explosão de gargalhadas soou atrás de mim.

— Meu Deus — Meredith disse. — Como você consegue se concentrar?

— Eu só estou saindo para o almoço — respondi. — Não é um grande desafio mental.

Ambas ficaram caladas por um momento. Dessa vez eu é que estava magoando os outros.

— Desculpa — eu disse. — Posso ligar pra vocês daqui a pouco? Vou procurar um lugar tranquilo.

— O.k. — Jenn respondeu. — A gente se fala mais tarde.

Meredith ficou calada. Ela tinha uma força física incrível, mas sempre era a primeira a ficar chateada com discussões ou brigas.

— Tchau, Mer — eu disse, tentando arrancar alguma reação dela.

— Tchau — ela respondeu, mas era evidente que não estava bem. Elas desligaram antes que eu pudesse falar de novo.

Suspirando, cheguei ao pátio. Enquanto caminhava até os trailers para comprar comida, dei uma olhada no gramado onde Layla almoçava, mas os bancos estavam vazios. Peguei um queijo quente e uma bebida, sentei no muro e larguei a mochila no chão. Então fiz uma coisa que não tinha me permitido havia semanas: peguei o celular, abri o navegador e digitei duas palavras:

David Ibarra

Houve um tempo em que eu fazia isso quase diariamente. Passava horas seguindo a presença na internet daquele garoto que jamais conheci. Soube que o seu apelido era Irmão, porque, segundo um dos muitos artigos após o acidente, ele tratava a todos como família. Seu nome pipocava em vários fóruns de jogos, então logo fiquei sabendo que ele era muito bom no Warworld. O arquivo de esportes da gazeta local tinha o registro de todas as estatísticas dele no futebol: bom na defesa, nem tanto no ataque. E embora seu perfil na Ume.com fosse privado, havia uma página pública dedicada a ele chamada Amigos do Irmão, aparentemente mantida pela irmã dele. Foi lá que encontrei a maior parte das informações sobre sua recuperação e sobre as diversas vaquinhas para ajudar nas despesas médicas. A "Amigos do Irmão" também continha páginas e mais páginas de comentários dos seus parentes e amigos.

Muito orgulho da sua força, perseverança e coragem! Amamos você.

Não vamos poder ir na macarronada, mas já mandamos nossa contribuição. Você é nosso herói, Irmão.

Mandamos desejos de melhora aqui do Texas! Não vemos a hora de encontrá-lo na confraternização. Continue firme.

Pensei várias vezes em deixar um comentário, embora soubesse que jamais poderia. Meu sobrenome era a última coisa que eles queriam ver naquela página, mesmo que aparecesse seguido de um pedido de desculpas. Às vezes, nos piores dias, chegava a me imaginar encontrando David pessoalmente e dizendo tudo aquilo que pesava no meu coração. Será que ele me escutaria e, talvez, entenderia? No momento seguinte, porém, sentia como que um tapa na cara por ser tão patética a ponto de pensar nisso. Como se eu pudesse fazer alguma coisa para apagar aquela noite e devolver o movimento das pernas dele.

O mais difícil, porém, era a descrição da página na Ume.com, postada bem

no alto. Eu podia xeretar centenas de comentários cheios de amor e desejos de melhora. Mas aquelas frases curtas sempre me atingiam como um soco no estômago.

> Em fevereiro de 2014, David Ibarra foi atropelado por um motorista bêbado enquanto voltava de bicicleta da casa do primo. O acidente o deixou parcialmente paraplégico. Esta página é dedicada à história dele. Por favor, deixe um comentário. Obrigado pelo apoio.

Ali, sentada no muro, li aquelas palavras familiares uma, duas vezes. Como se fossem uma espécie de mantra, um feitiço para cancelar o que tinha acontecido de manhã na conversa com a minha mãe. Eu sempre me lembraria da verdade. Apenas para garantir, porém, fiz questão de colocá-la em destaque, bem diante dos meus olhos.

Não faltaram maus momentos naquelas primeiras semanas depois do acidente de Peyton. Mas um deles me marcou. Um comentário rápido que ouvi de passagem ao descer a escada um dia. Meus pais estavam na cozinha.

— Mas o que um garoto de quinze anos estava fazendo de bicicleta às duas da manhã, afinal?

Silêncio. Então veio a voz do meu pai:

— Julie…

— Eu sei, eu sei. Só fico me perguntando.

Só fico me perguntando. Naquele momento tomei consciência de que minha mãe jamais seria capaz de responsabilizar Peyton pelo acontecido. O laço entre eles era forte demais, apertado demais para enxergar a razão. Como se alguém merecesse ser atropelado e ficar paraplégico. Durante dias depois disso mal consegui olhar para ela direito.

> Em fevereiro de 2014, David Ibarra foi atropelado por um motorista bêbado enquanto voltava de bicicleta da casa do primo. O acidente o deixou parcialmente paraplégico. Esta página é dedicada à história dele. Por favor, deixe um comentário. Obrigado pelo apoio.

Só fico me perguntando.

— Ei.

Ao olhar para cima, surpresa, pensei por um segundo que veria David Ibarra diante de mim. Mas era Layla. Quando ela viu meu rosto, arregalou os olhos.

— O que houve?

Engoli em seco. E depois, do nada, comecei a falar:

— Meu irmão está preso por dirigir embriagado. Ele deixou um garoto paraplégico. E eu o odeio por causa disso.

Depois de falar, percebi que tinha guardado aquelas palavras por tanto tempo e tão lá no fundo que *senti* o espaço vazio que deixaram ao sair. Era tão vasto que não consegui pensar em nada para dizer em seguida.

Layla olhou para mim por um longo momento. E então sentou ao meu lado e disse:

— Então, eu tenho essa coisa…

Não sei que resposta eu esperava, mas não era aquela.

— Hein? — perguntei.

— Nunca esqueço um rosto. Tipo, nunca. Até queria esquecer às vezes. — Ela engoliu em seco e virou para mim. — Eu vi você no tribunal. Uns dias atrás. Você estava saindo do banheiro.

Até aquele momento, eu tinha esquecido completamente tudo relacionado àquele dia, exceto a sentença de Peyton. Mas com as palavras dela, os outros detalhes irromperam na minha mente. Ames me acompanhando até o banheiro e esperando do lado de fora. Eu lavando as mãos, lamentando ter que me juntar a ele. E uma garota que me olhou nos olhos sem desviar o rosto.

— Era você?

Ela confirmou com a cabeça.

— Eu tinha esquecido.

— Eu sei. Qualquer outra pessoa teria esquecido. Mas te reconheci no instante em que te vi na pizzaria.

— Você nem falou nada.

— Porque no geral isso assusta as pessoas. — Ela soltou um suspiro. — Quer dizer, todo mundo vê um estranho e esquece. Os rostos só ficam gravados na sua memória por algum motivo. Mas comigo é como se eu tirasse uma foto e arquivasse na cabeça.

— Que loucura — comentei.

— Eu sei. Mac sempre diz que eu devia entrar pro circo, ou armar algum esquema pra tirar proveito desse meu poder.

Ficamos em silêncio por mais uns instantes. Por fim, perguntei:

— Por que você estava lá?

— No tribunal? — Fiz que sim com a cabeça. — Estava com Rosie. Ela precisa se apresentar ao juiz de meses em meses para mostrar seu progresso depois da prisão.

Então me veio à mente a piada que a irmã dela tinha feito sobre Logan Oxford e o comentário igualmente ácido com que Layla a rebateu.

— Foi por drogas?

— Sim. — Layla encostou no muro e ergueu o rosto para o sol. — Depois da lesão no joelho ela não conseguiu parar com o Vicodin que deram para o tratamento. Tentou usar umas receitas falsas para comprar. Totalmente idiota. Foi pega, tipo, de imediato.

— Ela foi para a cadeia?

Layla balançou a cabeça.

— Reabilitação. Depois botaram uma tornozeleira nela. Só tirou umas semanas atrás.

— Sério?

— É. Se você acha que Rosie é rabugenta agora, imagine presa dentro de casa por seis meses — ela disse, suspirando. — Mas a culpa é da própria idiotice dela. Dá *muita* raiva. Ela tinha tudo encaminhado e simplesmente jogou para o alto.

— Que nem meu irmão. — Era novidade falar disso com alguém que eu não conhecia tanto, mas estava sendo bem mais fácil do que imaginava. — Ele teve tantas chances. Mas não parava de arrumar problema mesmo assim. E então veio o acidente.

Hesitei. Não sabia direito o quanto queria entrar nesse assunto. Layla ficou calada. No silêncio, percebi que eu queria continuar a falar. Desesperadamente, na verdade.

— Ele tinha passado mais de um ano sóbrio. Estava indo muito bem. E então, certa noite, sem qualquer motivo que possamos imaginar, ficou bêbado e pegou no volante. Atropelou um garoto que andava de bicicleta. O garoto está de cadeira de rodas agora. Para sempre.

Layla estremeceu.

— Nossa. Isso é horrível.

Era. Era horrível, horrível mesmo. E não apenas para Peyton, meus pais ou mesmo para mim.

— O nome dele é David Ibarra — disse, para em seguida baixar os olhos. — Penso nele o tempo todo.

— Claro que você pensa — ela disse com naturalidade. — Qualquer um pensaria.

— É como você com os rostos. Não consigo parar. — Respirei fundo. — E a minha mãe… É como se ela não conseguisse enxergar o que Peyton fez de verdade. Ela só se preocupa com ele e com a situação dele, e meu pai não fala nada, e agora ela quer que eu vá visitar. E eu não quero. Nem um pouco. Brigamos por causa disso hoje de manhã.

Essas palavras me fizeram compreender por que nunca tinha falado desse jeito com Jenn ou Meredith. Layla podia conhecer meu rosto, mas não sabia nada de Peyton, não tinha por que ficar do lado dele. Ao contrário de todas as outras pessoas no meu mundo.

— Se você não quer ir, não vá — ela disse. — Fala pra sua mãe que não está pronta pra isso ainda.

— Não sei se um dia vou estar. Quer dizer, sempre amei o meu irmão — eu disse. — Mas no momento eu o odeio pra valer.

Do outro lado do pátio, alguém riu. Duas garotas com uniforme de hóquei na grama passaram por nós, uma no celular, a outra abrindo um chiclete. Vidas felizes, normais, em que tudo acontecia de maneira feliz e normal num mundo que podia ser tudo, *menos* feliz e normal. Depois que se toma consciência disso, que passamos por algo que torna isso claro como a água, não dá pra esquecer. Como um rosto. Ou um nome. Não importa como você descobre essa verdade absoluta: uma vez que você a aprende, ela nunca mais vai embora.

6

Nos primeiros dias depois de contar a Layla sobre Peyton fiquei à espera do arrependimento. Era estranho contar a história desde o começo em vez de atualizar alguém sobre o último e terrível capítulo. Foi como se eu finalmente tivesse encontrado um lugar calmo e seguro para escutá-la também. Apenas os fatos, dispostos na mesa como cartas de baralho. Aconteceu isto, depois isto e por fim isto. Fim.

Ainda assim, eu pensara que aquilo mudaria tudo. Afinal, os crimes e as prisões de Peyton haviam transformado a visão que as pessoas tinham da minha família inteira. Os vizinhos ou nos encaravam ou faziam questão de não nos olhar; as conversas na piscina ou ao pé do mural de avisos da comunidade paravam quando chegávamos perto o suficiente para escutar. Era como se tivéssemos entrado numa casa dos espelhos e descoberto que deveríamos permanecer lá. Eu era a irmã do delinquente da vizinhança, do cara que usava drogas e bebia. Não importava que eu não tivesse feito nada disso. A vergonha, como uma epidemia, contamina quem está por perto.

Mas aparentemente não era assim para Layla. Em vez de se manter à distância de mim, ela me puxou mais para dentro do seu mundo, que logo descobri ser lotado mesmo antes da minha chegada. Se eu era a garota invisível, Layla era a estrela cintilante em torno da qual seus amigos e parentes giravam. Não é que estabelecemos uma amizade: eu fui sugada por sua órbita. Uma vez ali, entendi por que os outros também estavam.

— Pessoal, essa é Sydney — ela anunciou um dia depois da nossa conversa, quando finalmente criei coragem para aceitar seu convite de almoçar com ela e os amigos. — Ela se transferiu da Perkins Day, dirige um carro incrível e gosta de pirulito de coca-cola.

Pisquei, surpresa por ter sido descrita daquele jeito. Mas era melhor do que

qualquer outro rótulo que conseguia pensar, então sentei num dos três bancos que eles ocupavam todos os dias. Mac estava no outro, comendo uvas de um saquinho plástico, enquanto Eric, de chapéu fedora, dedilhava o violão encarando o pátio.

— Já nos conhecemos, lembra? — Mac falou.

— Ela já conheceu vocês dois — Layla respondeu. — Mas o Irv não.

— Quem é Irv? — perguntei.

E nesse momento me vi coberta por uma sombra. Não uma sombra metafórica, simbólica, mas uma sombra real, de verdade, como quando alguma coisa grande bloqueia o sol. Em um segundo, precisava apertar os olhos por causa da luz; no seguinte, estava sentada à sombra. Olhei para trás na expectativa de ver — o quê? Um arranha-céu súbito? Um muro? Em vez disso, vi o equivalente humano dessas coisas: o cara mais largo e mais alto que encontrei na vida. Ele era negro, usava calça social, camisa, gravata, uma jaqueta do time de futebol da Jackson por cima, e óculos escuros. Enquanto eu apenas olhava, ele estendeu a mão enorme.

— Irving Fearrington — disse. — Prazer em conhecer.

Minha mão parecia um brinquedo envolta na dele. Por um instante me passou pela cabeça que ele seria capaz de arrancar meu braço e comer e eu não ficaria surpresa. De algum jeito, apesar disso, consegui dizer oi.

— O que você trouxe para o almoço hoje, Irv? — Layla perguntou enquanto ele baixava sua ampla circunferência sobre o último banco disponível. — Algo de bom?

— Ainda não sei.

Então ele abriu a mochila — céus, os pulsos dele eram mais grossos que as minhas *pernas* — e tirou uma bolsa térmica enorme. Quando abriu, vi que estava lotada de sacos plásticos, que ele começou a descarregar. Um deles aparentemente continha coxas de frango. Outro, um tipo de grão. E, um atrás do outro, os sacos não acabavam: edamame, uma pilha de hambúrgueres, ovos cozidos. No fim, bem no fundo da bolsa, havia um saco repleto de cookies.

— Viva! — Layla exclamou ao ver aquilo. Irv abriu um sorriso, o que o deixou bem menos intimidador. Como se ele fosse capaz de *arrancar* um braço, mas não de comê-lo. — Joga esse para cá.

— Nada disso — ele disse, balançando o dedo enorme para ela. — Você sabe as regras. Proteína primeiro.

— Irving, pelo amor de Deus. Já basta um chato das dietas na minha vida.

— Eu não falei nada — Mac disse enquanto comia mais uma uva.

— Proteína primeiro — Irv repetiu, indicando sua substanciosa refeição. — A escolha é sua.

— Tudo bem. Me dá os ovos.

Ele entregou o pacote, que ela abriu e devolveu depois de pegar dois. Irving então o estendeu para mim.

— Ovos? A clara é a fonte perfeita de proteínas.

— Ah, não, obrigada — eu disse mostrando o sanduíche que tinha comprado. — Estou bem.

— Sorte sua — Layla resmungou enquanto descascava um ovo. — Se eu aparecesse com algo assim, ia ouvir um monte desses dois.

— Mas você *jamais* apareceria com algo assim — Mac disse. — Você ia comer batata frita e achar que tinha almoçado. E batata frita não é refeição.

— Tá bom, vó. Que tal calar a boca e comer as uvas?

A resposta dele foi atirar uma uva nela. Errou feio, porém, e me acertou bem na cara. A fruta quicou e saiu rolando pela grama, diante dos olhos arregalados e horrorizados de Mac.

— Ótimo, Macaulay Chatham — a irmã dele disse. — Isso faz parte do seu jogo agora? Jogar comida nas garotas bonitas pra chamar a atenção delas?

Então eu era bonita? Logo nós dois estávamos vermelhos.

— Eu não estava mirando nela — ele falou, obviamente envergonhado. Para mim, ele disse: — Desculpa.

— Tudo bem — eu disse.

— Embora eu *veja* como esse pode ser o começo de uma grande história de amor — Layla disse.

— Lá vamos nós — Irv murmurou enquanto engolia meio hambúrguer com uma mordida.

Layla ignorou o comentário, apoiou um dos pés no banco e continuou:

— É sério. Vocês não veem? "Ele jogou uma uva em mim num dia ensolarado, e então tive *certeza* de que era amor."

— Essa — Mac disse e fez uma pausa para cuspir uma semente — é a história romântica mais idiota que você já inventou até hoje.

— E olha que já foram várias — Irv acrescentou.

Ela fez uma careta, torceu o nariz e então me disse:

— Esses garotos não entendem nada de romance. Eu, por outro lado, sou especialista.

— Você se diz especialista em tudo — o irmão acusou.

— Tudo não. Só doces, batata frita e amor. — Ela sorriu para mim. — Só o que importa. Mas, falando sério, eu sei reconhecer o começo de uma boa história de amor. Afinal, já li centenas delas.

Levantei as sobrancelhas.

— Sério?

Do seu banco, Mac soltou um suspiro alto.

— Ah, sim. É, tipo, a minha praia. — Layla descascou o segundo ovo. — Romances e manuais de instrução.

— Mas não manuais de instrução sobre romances — Eric, que eu nem imaginava que estivesse ouvindo, emendou.

— Mas, falando sério — Layla retomou —, eu *amo* ler sobre como fazer as coisas. Mesmo quando, sei lá, é uma coisa que nunca faria nem em um milhão de anos, como tecer um tapete ou cimentar um piso.

— Uau — eu disse.

— Eu sei. Acho que sou viciada em procedimentos ou coisa assim. — Ela mastigou, pensativa. Depois de engolir, acrescentou: — Ou, sei lá, uma especialista.

Fato: eu estava com dificuldade para acompanhar. Não só a conversa, mas até as pessoas envolvidas nela. Tinha passado tanto tempo sozinha ultimamente que me esquecera do que era estar à vontade na companhia dos outros. E gostei.

Depois daquele primeiro almoço, passei a comer com eles todos os dias. Assim que tocava o sinal, comprava algo para comer nos trailers e cruzava o gramado para encontrar quem já estivesse lá ou guardar os bancos até eles chegarem. Em termos de comida, todo o dia era igual: Mac e Irving traziam o próprio almoço. Eric preferia o suco e o queijo quente lotado de manteiga da lanchonete. E Layla ia atrás de batata frita.

Ela não estava brincando ao dizer que era especialista. A garota levava batata frita a sério. Não bastava serem batatas e fritas — a única coisa que importava para a maioria das pessoas, inclusive eu. Ah, não. Havia especificações. Temperos necessários. Regras para tudo, desde a temperatura até a embalagem e se o ketchup vinha em sachê ou na bisnaga. (Este último item possuía sub-regras e adendos também.) Procurar batata frita com Layla era como acompanhar minha mãe quando ela examinava material de escritório: requeria tanto paciência como um empenho substancial de tempo. Quando Layla finalmente encontrava o que queria, eu quase sempre já tinha terminado de almoçar ou já estava com fome de novo.

— O mais importante é o formato — ela me explicou na primeira vez em que a acompanhei nessa saga. — Elas têm que ser longas, não gordinhas. Uma largura razoável, sem passar de um dedo. Só com temperos básicos, nada de invencionices. E servidas quentes.

— Mas não quentes demais? — perguntei enquanto ela enfiava a cabeça na janela do trailer da DoubleBurger e fungava.

— Nada disso — ela respondeu. — Batatas quentes esfriam. Batatas frias nunca esquentam. Vamos em frente. Não estou gostando do cheiro de gordura daqui hoje.

O cara atrás do balcão apenas a observou dar meia-volta e retomar as buscas. Eu encolhi os ombros como se pedisse desculpas.

— E as batatas das redes de fast-food? — perguntei. — São basicamente a mesma coisa, certo?

Layla parou no ato. Quase trombei com ela.

— Sydney — ela disse, virando para mim. — Você está *completamente* errada. Da próxima vez que eu fizer uma Trifecta, você vem junto. Vou mostrar o quanto está enganada.

— Uma Trifecta?

— É quando compro batatas no top 3 — ela explicou e começou a contar nos dedos. — Littles, Bradbury Burger e Pamlico Grill. Nenhuma delas é perfeita. Mas quando você mistura, é o paraíso das batatas. Leva tempo, então só faço em ocasiões especiais ou quando estou superdeprimida.

Ao ouvir isso, tive aquela sensação de novo, como se a conversa fosse um bando de cavalos indomáveis correndo diante de mim e deixando apenas poeira para trás. Trifecta? Deprimida? Cheiro de gordura? Ela já tinha voltado a falar.

— Esses trailers não são o melhor lugar para comprar batata frita, porque as fritadeiras móveis são diferentes das que existem nos restaurantes fixos. Mas eles até conseguem alguns sabores que você não encontra nos lugares tradicionais. Tem um deles de que eu gosto muito… Ah, eles estão aqui hoje! Vem.

Senti o celular vibrar no bolso. Peguei o aparelho e dei uma olhada na tela. JENN estava escrito, junto com uma foto dela na sua última festa de aniversário, com uma tiara barata de plástico na cabeça. Botei o dedo no botão de ignorar, sentindo uma pontada de culpa. Mas não forte o suficiente para que eu não o apertasse. Mais tarde eu ligava.

Enquanto isso, Layla já tinha ido até um trailer que eu nunca havia experimentado cujo nome era Bim Bim Slim's. Eles vendiam uma mistura de cozinha asiática e pratos típicos da Louisiana. O aroma que vinha de lá não parecia com nada que eu já tivesse sentido antes. Layla sequer olhou para o menu.

— Uma porção de fritas Bim — ele disse ao atendente. — Na verdade, duas porções. Sem molho. Só uns sachês extras de ketchup.

— É pra já.

Instantes depois, ele entregou um pacote com um aroma celestial onde já brotavam manchas de gordura. Layla sorriu, satisfeita.

— Perfeito. Vamos.

De volta aos bancos, ela empurrou Eric pra fora do assento.

— Chega pra lá, preciso preparar as coisas!

Então ela sentou, abriu o pacote de batatas e pôs o rosto sobre a abertura. Enquanto todos observávamos, ela respirou fundo, de olhos fechados. E então, silêncio.

— Estamos esperando algo? — cochichei com Irv, que devorava uma coxa de peru.

— O veredito — ele respondeu, também em voz baixa.

Enfim, Layla abriu os olhos.

— O.k. Estas servem.

O que se seguiu então foi um intrincado processo com múltiplos passos que começou com a dobradura e o posicionamento do pacote de modo a torná-lo uma superfície adequada à refeição e terminou com três concentrações de tamanhos idênticos de ketchup, cada uma em um guardanapo. A uma, ela acrescentou pimenta do reino. À outra, sal. À terceira, uma substância não identificada num tubo de ensaio que ela tirou da bolsa.

— Eu sei o que você está pensando — Irv me disse. — As coisas foram bem dramáticas até aqui, mas agora estão ficando estranhas. Senti a mesma coisa no começo.

— Isso porque é *muito* estranho levar seu tempero personalizado por aí — Mac disse, sem tirar os olhos do livro de história. Eu tinha reparado que ele sempre estudava no almoço, mas mesmo assim ouvia tudo.

Layla ignorou ambos, pegou uma batata e a mergulhou em um dos ketchups. Ela deu uma mordida, mastigou pensativa e depois repetiu o processo com as duas outras opções. Terminada a batatinha, ela limpou as mãos num guardanapo e olhou para mim.

— Muito bem. Sua vez.

— Minha vez? — Eu tinha pensado que aquilo era um esporte individual.

Ela fez que sim e gesticulou para que me aproximasse. Foi o que fiz, tomando o assento próximo a um dos postos de ketchup, e ela empurrou o pacote-

prato na minha direção.

— Pegue uma do meio. São as melhores. Sempre como de dentro para fora.

Fiz como ela mandou e escolhi uma batata grossa mas nem tanto. Só então percebi que, embora comesse batata frita desde que me entendia por gente, pela primeira vez não sabia como fazer. E ter um público só piorava as coisas.

— Um, dois, três — disse Layla, apontando para cada ketchup. — Mergulhe três vezes, coma metade da batata, depois faça o mesmo com o outro lado dela. Assim é mais higiênico.

— O que tem nesse último? — perguntei, ainda hesitante.

— Uma criação minha. Não se preocupe: não é apimentado ou ruim. Prometo.

Toda amizade, em algum momento, traz um teste. Porém, nunca na vida eu tinha passado por algum que envolvesse comida. *Tudo tem uma primeira vez*, pensei, e segui as instruções.

Não sabia direito o que esperar. Uma batatinha gostosa? Um molho levemente picante? Não esperava, porém, a perfeição que se revelou dentro da minha boca. Com aquele preparo intrincado, talvez eu devesse ter previsto isso. Mas a crocância da superfície, a maciez tenra e quente da batata por dentro, com um toque súbito da doçura do ketchup foi uma surpresa total. Uau.

— Viu? — disse Layla, sorrindo para mim. — Demais, não é?

— É maravilhoso — eu disse, já tratando de virar a batatinha para preparar a próxima mordida.

Ela bateu palmas, claramente emocionada.

— Adoro quando alguém se converte ao meu processo.

— Bem-vinda à doença — Mac disse.

— Ah, nem liga pra ele. Mac costumava comer o peso dele em batatinhas. E parecia um *bárbaro*. Simplesmente as jogava no prato, cobria com ketchup e mandava ver. Agh.

Lancei um olhar para Mac, que comia uma maçã. Ao me ver, ele revirou os olhos e desviei o olhar. No segundo seguinte, como sempre, me arrependi, mas havia algo nele que me deixava tão *nervosa*. Vindo de alguém tão bonito, mesmo o menor instante de atenção dava a sensação de estar debaixo do holofote mais intenso.

Eu conhecia bem essa reação porque já a tinha visto nas garotas que rodeavam o meu irmão. Ele e Mac tinham a mesma aparência intensa e sombria, um modo idêntico de atrair atenção apenas por existir. Mas enquanto Peyton tinha consciência disso havia anos, minha sensação era de que Mac ainda não sabia. Ele não se comportava como alguém que sabia ser atraente. E, às vezes, ao me flagrar olhando, parecia surpreso.

Mas eu não devia pensar essas coisas, e não só porque Mac jamais se interessaria por mim, para começo de conversa. Eu tinha começado a andar com Layla havia mais ou menos uma semana, mas certas regras, ditas sem serem pronunciadas, já estavam claras. Não comer batata frita feito um bárbaro. Não pegar os pirulitos sabor chiclete ou algodão doce. E jamais sequer pensar em namorar o irmão dela. Bastava perguntar para Kimmie Crandall.

Eu tinha ouvido o nome dela pela primeira vez numa típica conversa animada durante o almoço. Começou com uma discussão sobre como as pessoas gostavam muito de leite ou odiavam: sem meio-termo. Daí o papo passou para outras coisas que as pessoas odiavam, o que evoluiu para um bate-bola em que Layla, Eric e Irv tentavam criar a pior combinação de todos os tempos.

— Alguém que você odeia comendo de boca aberta — Eric propôs. — E uma coisa nojenta. Tipo salada de ovo.

— Qual o problema com salada de ovo? — perguntou Irv.

— Apenas entre no jogo — Layla lhe disse.

Irv pensou por um segundo.

— Alguém que você odeia comendo salada de ovo de boca aberta enquanto usa uma blusa com cheiro de cachorro molhado.

Minha vez:

— Hum… Alguém que você odeia comendo salada de ovo de boca aberta com a blusa cheirando a cachorro molhado e contando uma história chata e inútil.

— Bom — Layla elogiou. — Odeio isso. Sua vez, Mac.

Mac, que continuava com as rodadas de frutas diversas no almoço com um punhado de amoras, disse:

— Tudo o que vocês disseram mais golfe.

Layla suspirou.

— Você tem que repetir a frase inteira. Meu Deus, você *nunca* brinca direito.

— Então me exclua. Não vou ficar mal, prometo — ele disse e virou a página do livro de química.

— Estraga-prazeres — Irv disse. Mac atirou uma amora nele, acertando dessa vez. — Cuidado, gordinho — Irv acrescentou.

— Muito engraçado — Mac respondeu, mas sem parecer chateado. Muito menos gordo. Havia muita coisa que eu desconhecia ainda, claro.

Layla se endireitou no banco, ergueu as mãos e anunciou:

— Já sei. Que tal: Kimmie Crandall, comendo salada de ovo de boca aberta, usando uma blusa cheirando a cachorro molhado, contando uma história chata sobre golfe.

— Acabou! — Eric disse. — Você venceu!

— Eu me rendo — Irv concordou. — Você ainda é a campeã.

Mac virou o rosto na direção do pátio e ficou calado.

— Quem é Kimmie Crandall? — perguntei.

Silêncio. Layla então disse:

— A ex-namorada do Mac. E minha ex-melhor amiga.

— Ah. — Aquilo explicava o silêncio. — Desculpa.

— Não se desculpe. Ambos estamos *bem* melhor sem ela.

Mac então amassou o lixo do almoço e levantou para jogar fora. Enquanto se afastava, Irv perguntou:

— Ainda é cedo pra falar dela?

— Já faz três meses — Layla disse, relaxando no banco. — Existe um limite de até quando podemos fingir que alguém não existe.

— Talvez seja diferente quando esse alguém é sua ex-namorada — Eric disse.

— Ela quebrou o código da amizade. Isso significa que posso tirar sarro dela sempre que quiser. — Layla virou para mim. — Estava na cara que ela começou a andar comigo pra chegar no Mac. Eu é que estava desesperada e sem amigos para enxergar isso. E depois ela o fisgou, partiu seu coração e saiu falando mal da gente para quem quisesse ouvir.

— Que horrível — eu disse olhando para Mac, que voltava para o nosso grupo passando a mão no cabelo. — Ela estuda aqui?

Layla balançou a cabeça.

— Estuda na Fountain. Era uma hippie desgraçada. Quem imaginava que esse tipo existia? Vadia.

Foi a coisa mais dura que ouvi Layla dizer, o que me fez ficar pasma e calada por um momento. Obviamente, apesar de todas as provocações e guerras de comida, havia uma lealdade profunda entre os dois. Assim que a percebi, vi uma prova atrás da outra. Não me identificava com o sentimento, porque quando Peyton tinha começado a namorar já estava se distanciando de nós. Eu podia, contudo, guardar a lição. Foi o que fiz.

Duas noites depois, foi a vez da minha mãe de encontrar algo em cima da mesa. Em vez de um panfleto, um folheto. Tudo o que consegui ver foi a foto de uma praia.

— O que é isso? — ela disse ao entrar carregando uma bandeja de frango assado. Ela a apoiou na mesa, mas não pegou o papel. Como se aquilo jamais pudesse ser para ela, então não deveria sequer tocar.

— Hotel St. Clair — meu pai disse pra ela, já de olho no frango. Meu pai estava sempre com fome. Ele beliscava o tempo todo, e era famoso por passar longos períodos diante da geladeira, ruminando, e sempre avançar na comida assim que era servida. — Nas Ilhas St. Ivy.

— Por que está no meu prato?

— Porque — meu pai disse, servindo-se de uma generosa porção — eu tenho uma conferência lá semana que vem, e quero que você me acompanhe.

No ato, o rosto da minha mãe disse *NÃO*. Ou talvez até um *NÃO!* Foi possível ver surgir a ruguinha entre seus olhos, aquela que Peyton, num momento não muito feliz, chamou de "cânion da raiva" perto dela.

— Uma viagem? Agora? Ah, acho que não.

— Me dê um motivo para não irmos.

Ela suspirou, sentou e pôs o folheto de lado para pegar o guardanapo.

— Fim de semana que vem é dia de visita na Lincoln.

— Julie, você sempre vai. Pode perder um dia.

— Ele conta com a minha presença, Peyton.

— Vamos garantir que Ames o visite, então.

Ela balançou a cabeça.

— E Sydney acabou de começar na nova escola… Simplesmente não é uma boa ideia.

Meu pai me olhou. Sua expressão deixava claro que eu devia dizer um "Estou bem". Foi o que fiz.

— Querida, não dá pra você ficar aqui sozinha — ela me disse com cansaço na voz.

— Já falei com os pais de Jenn. Eles adorariam recebê-la.

Pisquei, surpresa. Era verdade que não tinha conversado com Jenn nos últimos dias, mas mesmo assim fiquei espantada por ela não comentar nada sobre isso. Foi então que me dei conta de que talvez nem ela soubesse. Quando meu pai queria algo, corria atrás.

— Julie — ele retomou —, você precisa ir. *Nós* precisamos. Dois dias, numa praia linda, com tudo pago. É só dizer que sim.

O NÃO ainda estava estampado no rosto da minha mãe.

— Vou pensar — ela respondeu.

Meu pai permaneceu calado, com o rosto contido, sentindo que era melhor não insistir no assunto.

— O.k. — ele disse enfim. — Faça isso.

Simples assim, o assunto saiu de pauta. Mas claramente não foi esquecido, pois ouvi os dois falarem disso mais duas vezes naquela noite: a primeira enquanto assistiam o noticiário e eu, em silêncio, colocava os pratos na lava-louças; depois, ouvi a conversa deles do meu quarto, enquanto me aprontava para a cama. Na manhã seguinte, ao passar pela Sala de Guerra, vi que ela tinha botado a pasta com a etiqueta "viagem" em cima da escrivaninha; dentro, listas do que levar, diagramas complicados sobre como dobrar as roupas e todos os guias de viagem que ela tinha. Se eles fossem, seria a primeira viagem em mais de um ano, e eu queria que ela se distraísse. Além disso, um fim de semana inteiro com Jenn poderia ajudar a diminuir a distância que eu vinha sentindo nas nossas cada vez mais raras conversas, tanto por telefone como pessoalmente. Talvez a viagem fosse boa para todos nós. Mas na manhã em que eles planejavam partir, recebemos um telefonema:

— Jenn está doente — minha mãe informou quando desci para ir à escola. Meu pai, encostado na geladeira, tomava seu café. — Dor de barriga. Todos pegaram.

— Agh — eu disse.

— Exatamente. Então você não pode passar o final de semana lá.

Ela olhou para o meu pai.

— E agora?

— Meredith?

— Ela tem uma competição — contei. — Viajou ontem.

Minha mãe suspirou.

— Então é isso. Peyton, você vai, eu fico. Talvez seja melhor assim mesmo.

— Não, não, espera — meu pai disse. — Deixa eu pensar.

— Tenho dezessete anos — disse. — Posso ficar sozinha por um fim de semana.

— Nada disso — minha mãe falou para mim. — Acho que todos sabemos onde a falta de supervisão pode acabar.

Fiquei magoada com isso. Eu jamais tinha feito qualquer coisa de errado, sequer matado aula. A última coisa que merecia era ser medida pelos mesmos parâmetros aplicados aos outros. Mas a questão claramente não era eu.

— Espera — meu pai disse, pegando o celular do bolso e digitando alguma coisa enquanto eu me servia de cereal. Estava prestes a acrescentar o leite quanto ele disse: — Pronto. Problema resolvido.

Olhei para ele. Então eu era um problema. Legal.

— Como? — perguntei.

Ele respondeu para a minha mãe, não para mim:

— Ames e Marla. Chegam aqui às quatro e ficam o fim de semana inteiro. Ele diz que não é incômodo nenhum.

— Ah, eles não precisam fazer isso — eu disse rápido. — Estou bem. Quer dizer, vou ficar bem.

— Ames e Marla? — minha mãe franziu a testa. — Ah, detesto abusar deles desse jeito. Ele já vai para a Lincoln amanhã.

— Ele diz que fica feliz em ajudar. E Marla tirou o fim de semana inteiro de folga.

Que ótimo. Eu tinha ouvido Marla pronunciar um total de cerca de dez palavras desde que a conheci. De verdade, tê-la por perto não seria diferente de ficar a sós com Ames.

— Hummm, na verdade eu tenho essa nova amiga, Layla. Com certeza poderia ficar com ela.

Ambos olharam para mim:

— Uma nova amiga? Você não mencionou isso.

— Bom, eu a conheci há pouco tempo. Mas…

— Não vou mandar você para a casa de uma família que eu nem conheço, Sydney — minha mãe disse. — Pode até ser pior do que deixá-la aqui sozinha.

— Então prefiro ficar sozinha.

— Ames e Marla vão vir — meu pai disse. O tom da sua voz deixava claro que a discussão estava encerrada. — Agora tome seu café da manhã, Sydney. Você vai chegar atrasada.

Vencida, me acomodei à mesa. Meu pai foi até a minha mãe, beijou-lhe a testa e então disse algo baixinho que não consegui escutar. Ela sorriu, relutante, e então me dei conta de há quanto tempo não a via fazer mais do que tentar seguir em frente ou ficar pura e simplesmente triste. E o que eu ia dizer a ela, afinal? Que a pessoa em quem ela tanto confia e que tanto adora me assusta — sem qualquer motivo específico — e que a namorada dessa pessoa não ajuda nem um pouco? Eu pareceria louca. Talvez eu fosse.

— Sydney? — ela me perguntou de repente. Levantei os olhos. — Tudo bem?

Eu a encarei em silêncio, desejando que *ela* falasse alguma coisa. Desejando que, de algum modo, em meio a toda sua dor e distração, ela pudesse finalmente me enxergar, já que não poderia ouvir as palavras que eu era incapaz de dizer em voz alta.

Um segundo passou, depois outro. Ela começava a parecer preocupada, e o cânion desenhava-se de novo em seu rosto. Da porta, meu pai também me

observava.

— Sim — eu disse aos dois. — Estou bem.

7

Dessa vez, tive certeza. A música tocando na Seaside era mesmo bluegrass.

— Quer outra fatia?

Balancei a cabeça. Layla levantou da mesa em que sentávamos, levando o prato consigo. Enquanto ela abaixava atrás do balcão para pegar outra fatia e aquecer, fui até a jukebox. Era uma daquelas em estilo retrô, com o título das músicas datilografado e uma entrada para moedas. Cada pedida custava vinte e cinco centavos. A canção que tocava no momento chamava "Balanço de corda".

— Chamamos essa coisa de dinossauro — Layla disse atrás de mim. Um momento depois, estava apoiada no vidro. — Meu pai comprou numa feira de coisas usadas quando assumiu o lugar do meu avô aqui.

— Então a pizza é de família?

— Não exatamente. A italiana é a minha mãe. A família do meu pai é das montanhas — ela respondeu. — Mas quando eles casaram, ficou subentendido que ele acabaria assumindo a Seaside. Mas meu pai queria deixar o lugar mais com a sua cara. Aí entra o dinossauro. Foi quando a regra da música começou.

— Regra da música?

— Nada além de bluegrass no horário comercial — ela disse, balançando a cabeça. — Tentamos argumentar racionalmente com ele. Veja: o lugar chama Seaside, "beira-mar". E bluegrass é música das montanhas. Totalmente discrepante.

— Mas é bonita — eu comentei ao ouvir de novo o refrão de "Balanço de corda".

— Ah, é linda. Quer dizer, foi a primeira coisa que aprendi a tocar. Só não é bem o que os adolescentes querem ouvir depois da escola. E como estamos sempre tentando atrair mais clientes, é meio ridículo.

— Você toca?

Ela confirmou com a cabeça, ainda com os olhos nas opções de música.

— É a única coisa por que meu pai se interessa além de carros e trabalho. Ele me ensinou banjo quando eu tinha sete anos.

— Você toca *banjo*?

— Você fala como se eu tivesse dito que era neurocirurgiã ou castradora de elefantes — ela disse e riu.

— É bem impressionante.

Ela deu de ombros.

— Prefiro cantar. Mas Rosie é quem tem a melhor voz.

Ela deu meia-volta e foi de novo para trás do balcão. Mac também já tinha voltado pra lá. Enquanto ele preparava um disco de massa — sem tirar os olhos de um livro aberto apoiado no balcão da frente —, o pai picava pimentões. Talvez aquela fosse apenas minha terceira visita à Seaside depois da escola, mas já tinha aprendido bastante da rotina para me sentir confortável ali. Por isso fiz questão de ir pra lá naquele dia. Meu plano era ficar o máximo possível.

Eu tinha saído de casa faltando quinze para as oito. No almoço, conferi a caixa postal do celular e encontrei uma mensagem da minha mãe: ela e meu pai já tinham ido para o aeroporto com mais ou menos uma hora de antecedência. Ela disse que o voo estava no horário, que ela passaria todo o final de semana com o celular por perto e que eu podia ligar se precisasse de alguma coisa. Mas eu não sabia do que precisava; sabia apenas do que com certeza *não* precisava: ficar presa com Ames (e a silenciosa e retraída Marla) o final de semana inteiro.

Eu passei o dia ruminando um jeito de ficar fora de casa o máximo possível. Tinha a aula, pelo menos, e em seguida encontraria Layla na Seaside, para onde ela ia todo dia após o último sinal e de onde só saía quando as entregas começavam e Mac a deixava em casa. Eu poderia ficar até as seis, seis e pouco, e chegar em casa apenas algumas horas antes de dormir. No sábado, o plano era sumir logo cedo e passar o dia todo longe com uma desculpa que ainda não tinha formulado. E foi aí que parei.

Voltei para a mesa e sentei em frente a Layla, que no momento atacava sua segunda fatia de pizza. Ao contrário da batata frita, ela consumia pizza de uma maneira até normal: dobrando-a no meio como se fosse um taco e avançando da ponta até a borda. Em contrapartida, jamais tinha visto Mac sequer experimentar qualquer coisa da Seaside, o que devia exigir um enorme autocontrole. O único motivo para eu ter recusado a segunda fatia era a preocupação, que me tirava a fome.

Bem no momento em que eu pensava nisso, meu celular apitou. Tirei-o da bolsa: era uma mensagem de Ames, cujo número minha mãe insistira para que eu adicionasse antes de ir para a escola.

> Acabei de chegar. Você vai demorar? Estou fazendo jantar pra você!

— Que foi?

Levantei os olhos para Layla, que limpava a boca com o guardanapo;

metade da fatia já tinha sido devorada.

— Nada — respondi. — Só uma mensagem d… dos meus pais. Eles foram viajar.

— E querem saber se está tudo bem?

— É.

Ela voltou a comer, e me perguntei por que não tinha contado o que estava acontecendo. Nada a surpreendera até o momento; provavelmente isso também não a chocaria. Mas eu gostava de Layla, e me considerava sortuda por ela saber a história de Peyton e continuar gostando de mim. Acrescentar mais uma camada de bizarrice à mistura, porém, poderia mudar as coisas.

Respondi a mensagem:

> Vou demorar mais ou menos uma hora. Não precisa cozinhar.

Apertei ENVIAR e ele respondeu em segundos:

> Eu quero.

Enfiei o celular de volta na bolsa e silenciei o toque. Ao fazer isso, senti um novo ímpeto de raiva contra o meu irmão. As más escolhas dele tiveram diversos efeitos colaterais, mas quem tinha que lidar com esse era apenas eu. *Muito obrigada.*

Engoli em seco e olhei para o caixa. Mac já dobrava a borda, usando as duas mãos para dar forma e espessura. Apenas observei; os movimentos repetitivos me tranquilizavam. E então, de repente ele olhou pra mim. Pela primeira vez, sustentei o olhar, por um segundo ao menos, antes de virar o rosto.

Às cinco e meia, o telefone começou a tocar e a clientela, a chegar. O bluegrass, que aparentemente tocava sem parar quer alguém botasse ou não uma moeda na máquina, passou de claramente audível para fraco, e depois para abafado à medida que mais e mais pessoas entravam na pizzaria. Lá pelas quinze para as seis, quando Layla e eu juntamos nossas coisas e liberamos a mesa, já havia uma fila no balcão, os caras do turno da noite já tinham chegado e Mac guardava caixas de pizza em bolsas térmicas para preparar as entregas.

— Acho que você já vai, né? — perguntei a Layla enquanto Mac seguia para a caminhonete estacionada na calçada.

Ela lançou um olhar para o balcão, onde seu pai entregava o troco a alguém.

— Parece que hoje vai ser cheio, então provavelmente vou ficar por aqui até Mac ir fazer alguma entrega perto de casa.

— Posso levar você pra casa — propus.

— Não precisa. É provável que meu pai queira que eu anote os pedidos. Mas obrigada. Eu quero *muito* andar no seu carro algum dia. Aposto que é espetacular.

Eu estava tão desesperada para evitar o que me aguardava que quase ofereci o carro a Layla só para fazer hora. Mas ela já estava voltando para trás do balcão.

— Vejo você na segunda, certo?

— Sim — eu disse enquanto jogava a mochila no ombro. — Até segunda.

Ao abrir a porta para o estacionamento, encontrei Mac empilhando as caixas de pizza na caminhonete. Quando passei diante dele, falou:

— Se cuida.

Me virei para ele. Aquelas palavras eram comuns de se dizer para qualquer pessoa que estivesse entrando num carro ou se despedindo. Não possuíam muito significado ou importância simbólica. Mas mesmo assim, ao ouvi-lo dizer isso, senti lágrimas nos olhos.

— Obrigada — respondi. — Você também.

Ele acenou com a cabeça e voltou ao trabalho. Entrei no carro, pus o cinto e dei a partida. Como na minha primeira visita à Seaside, acabei atrás dele no semáforo por duas, depois três quadras. Na bifurcação seguinte, ele deu seta e entrou à direita. Ao fazer a curva, acenou da janela. Apenas um movimento dos dedos, um sinal de reconhecimento. A partir daí, fiquei só.

Quando entrei em casa, a primeira coisa que vi foram as velas. Daquelas que minha mãe guardava dentro do aparador, atrás das bebidas, e só tirava de lá para ocasiões especiais, como Natal e Dia de Ação de Graças. Alguém que não soubesse disso teria que procurar bastante para encontrá-las. Estavam todas sobre a mesa, ainda apagadas.

— Olá — Ames disse ao surgir na porta da cozinha vestido com uma camisa jeans de botão, calça jeans e tênis. Na mão, uma das nossas colheres de pau. — Como foi a aula?

Foi completamente *estranha* a combinação daquela pergunta — que minha mãe costumava fazer todo dia — com as velas, que sugeriam um algo quase romântico.

— E Marla? — perguntei.

Apesar de ela não ter uma presença forte nem nada do tipo, de algum jeito eu sentia que estávamos a sós na minha casa.

— Doente — ele respondeu. — Dor de barriga. Coitada. Uma pena, né?

Pelo modo como ele virou para voltar à cozinha pude perceber que esperava que eu o seguisse. Mas permaneci onde estava, sentindo o rosto corar. Marla não viria? Mesmo?

— Você não precisava cozinhar — eu disse.

— Eu sei. Mas você não podia passar a vida sem provar meu espaguete à bolonhesa. Estaria prestando um desserviço a você se não a deixasse passar por essa experiência.

— Não estou com muita fome.

Ao ouvir isso, ele virou para mim com uma pontada de irritação no rosto, que sumiu tão rápido quanto tinha aparecido.

— Então apenas experimente. Você não vai se arrepender, prometo.

Eu estava num beco sem saída. Não era uma pessoa propensa a entrar em pânico, mas naquele momento podia sentir meu coração disparado.

— Vou… hã… guardar as minhas coisas.

— Tudo bem — ele disse. — Não demore muito. Quero conversar. Faz tempo que não falamos.

Subi a escada de dois em dois degraus, como se estivessem me perseguindo, me enfiei no quarto e fechei a porta. Sentei na cama, peguei o celular e comecei a pensar. Um segundo depois, a música começou a invadir meu quarto vinda do andar de baixo. Por algum motivo, tive certeza de que ele tinha acendido as velas. Foi então que procurei um número e disquei.

Um homem atendeu.

— Seaside Pizza. Um momento.

Eu esperava que fosse Layla. Não sabia o que fazer.

— Tudo bem.

Escutei um clique e depois nada. Pensei em desligar, mas antes que fizesse isso, ele voltou:

— Obrigado por aguardar. Em que posso ajudar?

Merda.

— Hummm… Queria fazer um pedido…

Dava para ouvir vozes ao fundo, mas nenhuma feminina.

— Pode falar.

— Uma pizza grande, meia pepperoni, meia especial — pedi.

— Algo mais?

— Só isso.

— Endereço?

Respirei fundo.

— Rua…

Ouvi um ruído metálico ao fundo.

— Perdão. Você pode aguardar mais um minuto?

— Claro — eu disse. Outra música já tocava lá em baixo, e um cheiro de alho entrava por baixo da porta fechada do meu quarto.

— Desculpe a demora — uma voz disse na outra ponta da linha. Era uma garota. Ai meu Deus. — Então é uma grande, meia pepperoni, meia especial? Nome?

— Layla?

— Sim? — ela respondeu depois de uma pausa.

— Sou eu, Sydney.

— Ah, oi! — ela pareceu tão contente em ouvir minha voz que quase caí no choro. — Que houve? Arrependida por só ter comido uma fatia hoje à tarde?

— Quer dormir aqui esta noite?

Eu literalmente disparei o convite; duvidei até que ela fosse entender. Mas Layla me surpreendeu, de novo.

— Claro. Vou só perguntar se tudo bem.

Ouvi uma batida quando ela pôs o telefone no balcão. Sentada ali, ao som dos bipes da registradora e de conversas abafadas, me dei conta de que estava prendendo a respiração. Quando ela voltou, ainda não tinha soltado o ar.

— Combinado — ela disse, alegre. — Mac pode me levar junto com a pizza. Em, tipo, uns vinte minutos?

— Ótimo! — eu disse, com um entusiasmo excessivo. — Obrigada.

— Sem problemas. É só passar o endereço e o número do telefone.

Passei e desligamos. Entrei no banheiro, lavei o rosto e repeti a mim mesma que era capaz de suportar qualquer coisa por vinte minutos. E então desci.

Ames estava no fogão, de costas para mim, quando entrei.

— Pronta pra comer? Já pus a mesa.

Examinei a sala de jantar: como esperado, as velas estavam acesas, e havia dois pratos postos com talheres e guardanapos dobrados.

— Na verdade, hum, uma amiga minha vai vir. Ela vai trazer pizza.

Ele ficou quieto por um instante. Em seguida, virou para mim e disse:

— Eu avisei que estava cozinhando.

— Eu sei, mas…

— Sua mãe não comentou nada sobre a visita dessa amiga — ele falou.

Ela também achou que Marla estaria aqui, pensei.

— Sydney, não é muito educado fazer outros planos quando alguém abriu mão das obrigações pra fazer algo por você.

Não pedi nada, pensei. Mas disse:

— Sinto muito… Acho que foi uma falha de comunicação.

Ele me encarou por um bom tempo, sem qualquer esforço para esconder a irritação. Depois, devagar, virou de costas e disse:

— Você pode pelo menos experimentar, já que tive tanto trabalho.

— Certo — concordei. Era estranho ver um adulto fazer birra. — Claro.

Quando sentamos, ele serviu os dois pratos e em seguida ergueu o copo de coca.

— À amizade.

Bati meu copo no dele e tomei o gole obrigatório enquanto ele me observava por trás do vidro. Olhei para o relógio. Já tinham se passado dez minutos.

— Então, aluguei uns filmes — ele disse enquanto enrolava uns fios de macarrão com o garfo. — Pensei que poderíamos sentar no sofá, comer um pouco de pipoca. Espero que você curta bastante manteiga. Se não, não vamos mais poder ser amigos.

Quem me dera fosse tão fácil.

— Sim, claro.

Ele sorriu para mim, como se me perdoasse. Como se eu merecesse uma segunda chance ou coisa assim. Estava tudo errado naquela situação.

Doze minutos.

— Está bom — eu disse, me obrigando a provar o macarrão. — Obrigada por cozinhar.

— De nada — ele sorriu, com evidente satisfação. — É o mínimo que posso fazer já que você vai ter que passar o fim de semana todo presa comigo. Por falar nisso, o que vai fazer amanhã? Vou ver Peyton de manhã, mas tenho a tarde livre. Pensei que a gente podia ir ao cinema, jogar boliche ou jantar fora

em algum lugar.

— Na verdade, tenho uma coisa da escola — eu disse. — É, hã, meio obrigatória.

Uma pausa.

— No fim de semana?

Confirmei com a cabeça.

— É um projeto de serviço comunitário. Vou passar a maior parte do dia fora.

— Ah. — Uma palavra, tantas conotações. — Bom, a gente vê depois.

Senti um nó no estômago, e por um ou dois segundos tive certeza de que iria vomitar o pouco que tinha conseguido engolir. Mas então, graças a Deus — graças a tudo no mundo — a campainha tocou.

— Eu atendo — disse, levantando com um salto e atirando o guardanapo na cadeira. Ao dar o primeiro passo rumo à porta, bati o quadril na mesa, o que fez algo balançar com bastante barulho. Não me detive para ver o que era.

Na entrada, liberei a trava da porta e abri com um puxão. Layla, que estava bem na frente com a caixa de pizza na mão, ficou claramente surpresa. Também pude ver Mac na caminhonete, estacionada no portão da garagem.

— Oi — eu disse, quase sem ar. — Estou tão feliz por você estar aqui.

— Uau, que legal receber boas-vindas tão animadas.

Ela então observou as janelas altas de cada lado da porta e arregalou os olhos.

— Sua casa é maravilhosa.

— Obrigada. Entre. Eu vou, hã, pegar o dinheiro da pizza.

— Ah, não se preocupe — ela disse. — Fica na conta…

De repente, ela parou de falar e lançou um olhar por cima do meu ombro. A expressão amigável logo deu lugar a uma cara de desconfiança. Mesmo antes de olhar para trás, eu já sabia que Ames tinha aparecido.

— Essa é a sua amiga? — ele disse quando por fim virei para ele.

— Layla — eu disse. Para ela, acrescentei: — Pode entrar.

Ela não se moveu. Em vez disso, virou o rosto na direção de Mac. Não consegui ver sua expressão, mas um segundo depois ele desceu da caminhonete. Quando chegou aos degraus da entrada, ela finalmente entrou.

— Ames Bentley — Ames disse aos dois com a mão estendida. — Amigo próximo da família.

— Esse é Mac — eu disse. Eles se cumprimentaram. Peguei a pizza da mão de Layla. — Vamos para a cozinha.

Fomos, comigo na frente, Ames logo atrás e os Chatham na retaguarda. Logo de cara, vi Layla examinar o cenário da sala de jantar. Ao ver as velas, cravou os olhos nos meus.

— Que sofisticado — ela comentou. — O que está acontecendo?

— Apenas exibindo meus dotes culinários para Sydney — Ames respondeu. — Pensei que fosse impressioná-la com meu molho, mas ela foi lá e pediu pizza. Essa aí partiu meu coração.

— Onde sua mãe está mesmo? — Layla me perguntou, ignorando a fala de Ames.

— Ela e o meu pai estão numa conferência.

— O final de semana inteiro?

— Olha, não venham com a ideia de dar uma festa — Ames disse, erguendo os braços. — É para evitar isso que estou aqui.

— Eu não ia dar uma festa — falei em voz baixa.

— Claro.

Ele abriu um sorriso amarelo e depois olhou para Mac.

— Vocês querem jantar? Ou uma bebida? Só sem álcool. Regras da casa.

— Não, obrigado — Mac disse bem na hora que o seu celular tocou. Ele tirou o aparelho do bolso, olhou para a tela e disse a Layla: — Outro pedido. Melhor eu ir.

— Que sorte a minha — Ames disse. — Passar a noite com duas garotas lindas.

Mac respondeu apenas com um olhar, frio e sério. No instante seguinte, disse a Layla:

— Você deixou suas coisas na caminhonete.

— Ah — ela disse. — Certo. Vou lá fora com você.

Ele virou e partiu em direção à porta. Ao fazer o mesmo, Layla olhou para mim, indicando que queria que eu fosse junto. Antes que eu pudesse segui-la, senti a mão de Ames no meu ombro.

— Você me ajuda a arrumar as coisas, Sydney?

Voltei com ele para a sala de jantar. Ele recolheu o prato e, em voz baixa, disse:

— Você sabe que vou ter que contar isso pra sua mãe quando ela ligar, né?

— Não estou fazendo nada de errado — eu disse.

— Mas ela não esperava que você tivesse companhia.

Olhei para Ames, inclinado sobre a mesa para pegar o guardanapo. Senti um impulso de raiva percorrer meu corpo. Como se a minha mãe tivesse *esperado* o que ele planejava para aquela noite.

— Não se preocupe — ele acrescentou já a caminho da cozinha. — Vou atenuar a história o máximo possível. E você me deve uma.

Não respondi nada. Apenas fiquei lá, parada, enquanto a caminhonete de Mac saía de ré. Ao chegar no asfalto, as luzes dos faróis invadiram a janela e me envolveram em seu brilho. Mac permaneceu parado por um segundo. Depois outro. E então, devagar, partiu.

— Muito bem — Layla começou, sentando à minha frente —, qual é a desse cara?

Baixei os olhos. Depois de uma conversa tensa na cozinha, com Ames escutando cada palavra que dizíamos, ela tinha pedido para ver o meu quarto, uma desculpa para que subíssemos. Fechei a porta assim que entramos; Layla foi trancá-la, apenas para descobrir que não havia como. Da primeira vez que Peyton arrumou confusão, minha mãe removeu as trancas de todas as portas e implementou a política de sempre bater antes de entrar. Aparentemente, era uma questão de respeito e confiança. Pelo menos foi o que ela disse.

— Ele é o melhor amigo do meu irmão — contei a Layla. — E me assusta demais.

— Claro que assusta — ela disse secamente. Era um fato. — Ele é sinistro. Ele estava com você naquele dia, certo? No tribunal.

Isso explicava a expressão dela quando o viu pela primeira vez. Ela nunca esquecia um rosto mesmo.

— Estava — respondi. — Ele, hum, costuma ficar por perto.

Pude notar um calafrio percorrer seu corpo.

— E o que a sua mãe diz?

— Ela ama esse cara. É como se ele preenchesse a lacuna deixada pelo meu irmão, ou pelo menos a tornasse menos vazia.

— E o seu pai?

— Meu pai não presta muita atenção a nada relacionado a mim.

Eu nunca tinha pensado nisso antes, para ser sincera, mas ao dizer aquelas palavras, percebi o quanto eram verdadeiras. A distração da minha mãe era recente, efeito de uma causa específica. Meu pai sempre ficou distante. Antes de Peyton, a desculpa era o trabalho. Antes do trabalho, vai saber.

— Bom, que droga — ela disse, e então lançou um olhar ao redor do quarto. — E ele vai passar duas noites aqui com você?

— Era para eu ficar na casa de uma amiga. Ela ficou doente, e o meu pai pediu pra ele e a namorada virem de última hora.

— Namorada?

— Está com dor de barriga — expliquei. — Ao que parece.

— Com certeza ele não ficou chateado — ela comentou. — Isso se ele a convidou mesmo, pra começo de conversa.

— Será? — perguntei.

Ela respondeu apenas com um olhar.

— As velas e o jantar foram *um pouco* inesperadas — concluí.

— Ugh — Layla estremeceu. — Estou feliz por você ter me ligado.

— E eu por você ter vindo.

Ela sorriu.

— Depois a gente pensa na noite de amanhã. Agora preciso dar uma espiada no seu guarda-roupa. Parece gigante. É daqueles que a gente pode entrar, não é?

O que se seguiu, então, foi uma extensa turnê não apenas pelo meu guarda-roupa — que, sim, era tão grande que dava para uma pessoa entrar —, mas pela casa inteira. Enquanto Ames fumava lá fora debaixo do beiral da garagem, Layla soltou um "oh" por causa da banheira na suíte dos meus pais ("É de mármore?"), deixou escapar um "uau" na Sala de Guerra ("Sua mãe é tão organizada!") e não se cansou de admirar os toques ecológicos que minha mãe dera na casa ("Eu mal consigo fazer meus pais reciclarem"). Mas foi apenas quando descemos a escada até a sala de ginástica que ela ficou realmente impressionada.

Não foram os halteres, o elíptico, a esteira nem a TV de tela plana pendurada na parede que a impressionaram, mas a porta atrás da pilha de colchonetes, blocos e cintas de ioga. Ao abri-la, Layla deixou escapar um

assovio, impressionada.

— Ai, meu Deus. Isso é… um estúdio de gravação?

— Parte dele — respondi enquanto tateava pelo interruptor. Quando acendi, a luz revelou a pequena cabine com isolamento acústico, bem como a mesa de som, cheia de controles e botões. Fazia tempo que ninguém entrava lá, por isso o cheiro de ar parado; havia dois copos de café para viagem no chão e, de pé sobre a pequena poltrona, uma guitarra, como se alguém tivesse acabado de colocá-la ali.

— É do meu irmão. Faltava só pintar quando tudo aconteceu.

— Tudo bem se eu entrar?

— Claro.

Ela cruzou a porta e eu fui atrás. Apertei outro interruptor, que acendia a luz da cabine e outra fileira de lâmpadas no teto. Observei-a caminhar até a poltrona e pegar a guitarra, admirada.

— Uma Les Paul Standard — ela disse, claramente impressionada. — Uau.

Eu tinha me sentido um pouco estranha durante todo aquele tour. Mas só naquele momento, quando ela examinou uma das muitas guitarras caras de Peyton, experimentei algo bem próximo de pura vergonha.

— O que vocês duas estão fazendo aqui?

Pulei de susto. Não tinha escutado Ames chegar.

— Hã, nada. Só estou mostrando a casa para Layla.

Ele lançou um olhar para ela, ainda na poltrona, e entrou, roçando em mim ao passar.

— Você gosta de guitarras? — perguntou.

— Sim — ela respondeu sem olhar para ele.

Ames foi até a poltrona e se espremeu ao lado dela.

— Olha só — ele disse, passando o braço por trás dos ombros dela para segurar suas duas mãos. — Vou ensinar uns acordes pra você.

— Não precisa — ela rebateu. Pelo tom, era como se tivesse dito "Cai fora".

Ames entendeu o recado e fez o que ela queria. Recompondo-se, deu alguns passos até a parede oposta e pegou outra guitarra, que estava apoiada num suporte. Layla continuou a ignorá-lo e começou a tocar algumas notas. Enquanto isso, ele franziu a testa e tirou alguns acordes.

— Falta afinar — ele disse depois de um tempo. — Mas serve para uma aula rápida. Agora veja: vou mostrar os acordes básicos pra você. Este é o F…

Observei a demonstração de Ames. Layla não. Quando ele se deu conta, começou a tocar de verdade, com uma versão improvisada de "Stairway to Heaven", uma das primeiras músicas que Peyton tinha aprendido na reabilitação. E então, quando eu achava que as coisas não podiam ficar mais bizarras, ele começou a cantar. Com a voz fina e esganiçada, os olhos pateticamente fechados, ele desafinou pelos dois primeiros versos da canção. Para a nossa tristeza, tivemos que assistir àquilo.

Foi péssimo. E eu que tinha pensado que nada poderia ser pior que o jantar. Senti uma vontade muito forte de simplesmente cair na gargalhada, mas sabia que não podia, então mordi o lábio. Então Layla também começou a tocar.

Primeiro baixinho, mas cada vez mais alto conforme avançava e seus dedos moviam-se mais rápido. Não me dei conta do que estava acontecendo até ela, de repente, já estar acompanhando Ames. Só que ela não improvisava como ele; era evidente que sabia muito bem o que estava fazendo. Ames percebeu junto comigo e calou-se no ato. Só então ela começou a cantar.

Lembrei que Layla me dissera algumas horas antes que Rosie era quem tinha a melhor voz pra cantar. Se esse era o caso, então Rosie devia estar no nível das cantoras de ópera, porque Layla cantava maravilhosamente bem. A sala logo foi preenchida com o som da sua voz, pura e melódica, enquanto seus dedos se moviam tão rápido pelas cordas que só dava para enxergar um borrão. Eu tinha certeza de que a minha boca estava aberta. E sei que a de Ames estava. Quando Layla terminou, a sensação era de que o ar à nossa volta tinha sido sugado. Silêncio.

— Uau — consegui falar afinal. — Foi *incrível*.

— Você é bem boa — Ames acrescentou.

— É "Stairway to Heaven". Qualquer um consegue tocar.

Layla então pôs a guitarra de volta onde tinha encontrado e se virou para mim.

— Pronta para a pizza? Eu com certeza estou.

Encerramos a noite como Ames havia planejado: assistindo filme. Ele fez sua "famosa" pipoca ensopada de manteiga derretida e sentou bem no meio do sofá, de frente para a TV. Assim, quem quisesse sentar ali também não tinha escolha senão ficar ao lado dele. Layla preferiu se acomodar no chão e bateu no tapete ao seu lado, me chamando para sentar ali. Quando fui, Ames me lançou um olhar cortante. Ele nem tentava mais esconder a irritação.

As duas opções de filme eram comédias românticas, e Layla, a especialista, já tinha visto ambas. Ela recomendou o filme mais engraçado em vez do outro com a capa etérea de um casal se beijando. Dispensando a pipoca, Layla abriu a bolsa e tirou um punhado de pirulitos YumYum, que depois me ofereceu. Havia um de coca-cola entre eles, o que com certeza não era coincidência. Ela também os ofereceu a Ames, que recusou com a cabeça.

— Não gosto desses doces duros — ele lhe disse. — E, de qualquer forma, todos os sabores são sempre muito azedos.

Layla sequer honrou o comentário com uma resposta. Em vez disso, abriu com tudo o pirulito rosa e enfiou na boca. Peguei um pouco de pipoca; já estava me sentindo meio mal por ele. A pipoca estava tão melada que a manteiga quase escorria pela mão. Deixei meu punhado em cima do guardanapo.

Mais ou menos na metade do filme, um celular começou a tocar. Ames sacou o aparelho e olhou para o nome na tela.

— É a sua mãe — ele me disse antes de atender no viva-voz. — Oi, Julie. Como está o passeio?

Layla ainda chupava o pirulito sem desgrudar os olhos da TV enquanto minha mãe contava que a viagem tinha sido boa, que os voos foram tranquilos e que eles tinham acabado de voltar de um jantar maravilhoso. Ames parecia não ter pressa para contar que eu havia convidado uma garota que ela não conhecia para dormir em casa.

— Sydney está aí? — minha mãe perguntou enfim.

— Claro — ele respondeu. E então passou o telefone para mim.

— Oi, mãe — eu disse.

Tive vontade de desligar o viva-voz, mas seria meio estranho fazer isso com um celular que não era meu. Claro que ele queria escutar tudo o que eu dissesse.

— Oi, querida! — pela voz, minha mãe parecia feliz de verdade, e por um momento me senti mal por ter desejado que ela não viajasse. — Como você está? Se divertindo com Ames e Marla?

— Na verdade, Marla está doente. Mesma coisa que Jenn — eu disse.

Com a boca cheia de pipoca, Ames ainda me observava.

— Coitada! Isso está se espalhando mesmo.

Pausa.

— De resto, tudo bem? — minha mãe finalmente retomou. — Jantou?

— Ames cozinhou — eu disse, ao que ele abriu um leve sorriso. — E agora estamos vendo um filme.

— Que bom. Aqui é lindo. Não vejo uma praia tão branca assim desde… bom, desde sempre. Talvez até volte bronzeada.

— Que ótimo.

— Bom, amanhã você sabe que Ames vai sair cedo pra visitar seu irmão. Então você pode tomar café fora de casa, ou comer o de sempre. Deixei dinheiro caso vocês queiram jantar fora ou pedir comida. Tudo bem?

— Claro.

— Vamos voltar lá pela hora do jantar no domingo — minha mãe continuou. — E diga a Ames que vamos levar alguma coisa pra comer, então ele pode se programar para esperar. É o mínimo que podemos fazer para retribuir essa ajuda tão em cima da hora. E se Marla estiver melhor, fala pra ele convidá-la também.

Do meu lado, Layla tirou o pirulito da boca e olhou bem para mim. Em seguida, tossiu de maneira ostensiva e audível. Duas vezes.

Ames trocou de posição no sofá e deixou o balde de pipoca no chão. As falas do filme continuavam rolando na TV, então não sabia ao certo se minha mãe tinha escutado a tosse até ela dizer:

— Sydney? Tem… mais alguém aí?

Olhei para Layla, que acenou a cabeça da maneira mais discreta possível. Então respondi:

— Tem. A amiga de quem falei hoje cedo. Layla. Ela trouxe pizza.

— Oi, sra. Stanford! — Layla cumprimentou. — Prazer em conhecê-la!

Houve uma breve pausa até minha mãe, geralmente inabalável em seus bons modos e polidez, recuperar a compostura.

— Oi! Ouvi muito sobre você. Não sabia…

— Sydney está meio que salvando a minha vida agora — Layla interrompeu. — Estão reformando a minha casa, e justo hoje começaram a pintar meu quarto e a botar um carpete novo. O cheiro das duas coisas combinadas é *horrível*.

No sofá, Ames a encarou.

— Não se preocupe, Julie. Vou garantir que ela vá embora cedo para que

Sydney não fique acordada até tarde.

— Ah, sim — Layla acrescentou, encarando-o de volta. — Já faz mais ou menos uma hora que abriram o quarto para arejar. Acho que tudo bem dormir lá.

Foi então que comecei a entender.

— Você vai dormir nesse quarto *esta noite*? — minha mãe perguntou.

— Hum, sim.

Pausa. Então minha mãe disse:

— Layla, sei que não é da minha conta, mas não é nada seguro se expor ao cheiro da tinta e da cola do carpete, principalmente quando ainda estão frescos. Os gases que essas coisas liberam são perigosos. Claro, o ideal seria usar produtos sem tanta química, mas entendo que nem sempre é possível.

Layla arregalou os olhos como se minha mãe pudesse ver sua reação.

— A senhora acha que eu não devia dormir lá?

— Bom, seria melhor evitar. Há algum cômodo mais ventilado?

— Nenhum que já não esteja ocupado. Mas, de verdade, tudo bem. Eles devem terminar a pintura amanhã, então… — Layla não tirou os olhos de Ames enquanto dizia isso. O olhar entre os dois era tão tenso que era quase possível enxergá-lo e imaginá-lo vibrar.

Outra pausa. Então minha mãe disse:

— Sydney? Você pode tirar do viva-voz, por favor?

Fiz isso e levei o aparelho ao ouvido.

— Tirei. Pode falar.

Então ouvi um ruído abafado. Minha mãe devia ter coberto o telefone com a mão ou o apertado contra o peito. Mas deu para ouvir meu pai dizer alguma coisa e minha mãe responder. Depois de uns instantes, ela voltou:

— Querida, você conhece bem essa garota?

Levantei e fui para a cozinha:

— Eu te disse. Ela é a única amiga que fiz na Jackson e tem sido muito legal comigo.

— Espera aí.

Mais conversa abafada.

— Nesse caso — minha mãe retomou —, acho que dadas as circunstâncias, ela deveria passar a noite aí. E, para ser sincera, amanhã também, se a reforma continuar. Se ela é sua amiga, vou me sentir melhor assim. É mais seguro para ela.

— Sério? — perguntei. — Mãe, isso seria demais da sua parte.

— Imagina… — ela soou surpresa. E contente. — É só uma questão de educação. Você acha que seria melhor eu ligar para os pais dela e perguntar se tudo bem?

Voltei à sala de estar. Ames ainda olhava Layla pelo canto do olho, mas ela tinha voltado a ver TV, com o pirulito na boca.

— Ei, você quer passar o final de semana aqui? — perguntei.

Ela piscou, com uma surpresa fingida.

— Você acha que não tem problema?

— Claro que não. Minha mãe só quer saber se precisa ligar para a sua

antes.

— Ah, não — ela disse em alto e bom som. — Os remédios novos que a minha mãe está tomando dão muito sono, então ela já deve estar na cama. Vou mandar uma mensagem para a minha irmã. Ela avisa de manhã.

— A mãe dela tem esclerose múltipla, mãe.

— Puxa, sinto muito. — Minha mãe fez um silêncio respeitoso. — Bom, cuide para que ela tenha tudo o que precise, o.k.? O colchão de ar está no quarto de hóspedes, e no armário tem cobertores extras e uma escova de dentes nova.

— Tudo bem. — Virei de costas e completei em voz baixa: — Obrigada, mãe. De verdade.

— Ah… Bem, de nada — pela voz, ela parecia estar sorrindo. — Agora você me deixa falar com Ames de novo, por favor?

Caminhei até ele e estendi o telefone. Ele pôs a pipoca de lado, limpou a mão gordurosa na calça, levantou e só então pegou o aparelho. Em seguida, saiu da sala e esperou para falar apenas quando já não pudéssemos ouvir.

Do seu lugar no chão, Layla disse:

— Esse filme é muito bom, né?

Olhei para ela. Layla estava prestando atenção em mim, não na TV, e sorrindo de orelha a orelha.

— É ótimo. Acho que talvez seja meu preferido.

Ela não respondeu. Apenas virou de novo para a tela. Sentei ao lado dela, aceitei outro YumYum e relaxei.

Durante a hora seguinte, na tela, um casal se apaixonou perdidamente, passou por uma provação terrível e se separou para, no último segundo, redescobrir o amor que sentiam um pelo outro. No mundo real, Ames saiu do telefone, foi fumar e resmungou que já estava tarde quando os créditos começaram a rolar. Quando Layla e eu enfim fomos para o quarto dormir, ofereci minha cama a ela, que recusou, dizendo estar feliz com o colchão de ar. Imaginei que só estava sendo educada, como toda boa hóspede. Então botamos o colchão dela bem ao lado da minha cama.

Depois de apagar as luzes, conversamos um pouco até que caí no sono. Quando acordei de novo, já às duas da manhã, rolei para o lado a fim de ver Layla, mas ela não estava lá. Confusa, ergui o tronco e esfreguei os olhos. Foi então que a vi: ela tinha mudado o colchão de lugar, que agora estava encostado à porta fechada — mas destrancada — do quarto. Ela dormia encolhida ali, de guarda, para me manter segura. Foi a minha melhor noite de sono em meses.

8

Minha mãe e eu não tínhamos conversado mais sobre o Dia da Família na Lincoln desde que ela o mencionara pela primeira vez. Achei que fosse um bom sinal. Quatro dias antes da data, percebi o quão enganada eu estava.

— Então — ela disse do fogão, onde mexia uma panela de sopa que tinha preparado para o jantar —, precisamos combinar certinho como vai ser no final de semana.

Aquele era o seu papo típico — ela gostava de planos e agendas e sempre garantia que ambos estivessem definidos com dias de antecedência. Por isso não percebi do que estava falando.

— Tenho o aniversário de Jenn na sexta. E Layla me convidou para jantar no sábado, se não tiver problema.

Ele provou uma colherada da sopa, ainda de costas para mim, e disse:

— Tudo bem na sexta. Mas sábado temos o Dia da Família. Talvez a gente volte tarde, então é melhor não fazer outros planos.

Fiquei em silêncio por um minuto, ganhando tempo para pensar em como reagir. Por fim, respirei fundo e disse:

— Então Peyton disse que posso ir com vocês?

Pausa. Em seguida:

— Seu pai tem uma conferência, então vamos ser só nós duas. E Peyton chegou a preencher um formulário para você. Acho que isso quer dizer que sim.

Ao contrário da minha mãe, meu pai não visitava Peyton com frequência. Ele a tinha acompanhado nas primeiras vezes; sempre voltava com um ar de exaustão e desaparecia no escritório. Para alguém que ganhava a vida consertando as coisas, não devia ser fácil ver o próprio filho numa situação impossível de consertar. Ele conversava com Peyton e garantia que ele tivesse tudo de que precisasse em termos de produtos de higiene e alguns pequenos luxos

permitidos. Mas eu tinha a sensação de que para o meu pai era mais fácil acreditar que meu irmão só estava fora, sem saber demais sobre o lugar onde vivia de verdade. Ele o mantinha longe dos olhos para fingir que estava longe do coração.

Eu claramente não ia ter essa opção, mesmo se meu irmão e eu a preferíssemos. Era raro minha mãe desistir de algo que já tinha colocado na cabeça. Gostando ou não, eu iria no sábado.

— Uau — Jenn disse depois que contei para ela sobre sábado quando nos encontramos na Frazier depois da escola para estudar. — Nunca fui numa prisão.

— A maioria das pessoas nunca foi — repliquei, melancólica, e tomei um gole do complexo café que Dave! mais uma vez tinha me convencido a comprar. Era uma bebida gelada, pastosa como barro, mal subia pelo canudinho, mas deliciosa. — Só os sortudos como a minha família.

Meredith, numa rara tarde livre, olhou para mim do outro lado da mesa.

— Deve ser estranho, né? Você está com medo? Tipo, medo das outras pessoas que estão lá?

Era uma pergunta que, na verdade, jamais tinha me ocorrido. Conseguia lidar com outros criminosos encarcerados; só meu irmão me deixava desconfortável.

— Eu realmente não queria ir. Queria que fosse possível faltar.

Ambas me encararam com o olhar solidário. E então Jenn pôs a mão sobre a minha.

— Mas a gente vai se divertir muito sexta à noite, certo? Margaret também vai. Você finalmente vai poder conhecê-la.

Jenn tinha comentado algumas semanas antes sobre essa nova amiga, que tinha acabado de chegar de Massachusetts. Desde então, raramente tivemos uma conversa em que o nome dela não fosse mencionado. Ao que parecia, Margaret era incrivelmente engraçada, legal e até mais inteligente que Jenn, o que eu nem sabia que era possível. Mesmo Meredith, que não se impressionava fácil — a não ser com alguém que saltasse melhor do que ela —, veio me contar que Margaret não só falava mandarim como já tinha saído com um cara que era primo de um ator de um dos nossos programas prediletos.

— Ótimo — eu disse. — Não vejo a hora de conhecê-la.

— Você vai *amar* a Margaret — Jenn disse. — Ela é tão engraçada.

— Ai, meu Deus — Meredith interveio. — Outro dia, na aula de educação física, estávamos fazendo uns movimentos de ioga e ela se desequilibrou na posição da árvore e deu com tudo no chão. Foi *hilário*.

Ambas riram ao lembrar disso. Com certeza eu também riria se tivesse estado lá. Mas depois de apenas algumas semanas na Jackson, já não conseguia me imaginar fazendo ioga na educação física. Naquele momento, minha vida na Perkins me pareceu a quilômetros de distância. E o fato de que já não saíamos tanto não ajudava. Com o emprego de monitoria que Jenn tinha arranjando no Kiger Center e a agenda superapertada de treinos de Meredith, tínhamos sorte de conseguir nos ver, mesmo que só de vez em quando. Só percebi o quanto a nossa amizade se baseava na escola quando perdemos esse ponto em comum. A verdade era que eu tinha mudado.

A maior parte dessa mudança — o.k., provavelmente toda essa mudança — se devia a Layla. Desde o fim de semana em que ela dormira em casa mantivemos contato constante. Era como se ela tivesse passado de estranha a melhor amiga do dia para a noite. Parecia impossível que uma completa desconhecida até seis meses antes fosse naquele momento a única pessoa que me compreendia.

Mas esse era o ponto: Layla entendia. Não só meu desconforto com Ames, mas também meus sentimentos em relação a Peyton. Rosie não tinha sido presa, mas os problemas dela respingaram em todos os Chatham de um jeito ou de outro. Eu sabia que Jenn e Meredith me amavam e que sempre estariam dispostas a me ouvir. Mas havia um sentimento de raiva e vergonha envolvido na minha história que elas jamais poderiam compreender. Só quando encontrei alguém que entendia tomei consciência do quanto precisava disso.

— Argh. Essas aqui são de quinta. É evidente que não estou num dia bom. Normalmente nem *consideraria* algo assim.

Olhei para Layla que, apesar dessa declaração, preparava com a meticulosidade de sempre as batatas fritas que comprara na lanchonete da pista de patinação. Uma dupla camada de guardanapos cobria parte da arquibancada entre nós, onde as batatas estavam dispostas numa fileira. Layla tinha misturado dois tipos de ketchup num copo plástico, mas nem se dera o trabalho de pegar o tempero personalizado, que tratava como ouro.

— A questão — ela continuou enquanto pegava uma batatinha do centro e a mergulhava no copo — é que ninguém me decepciona tanto quanto Rosie. Se o esporte dela fosse chatear as pessoas, *com certeza* teria chegado às olimpíadas. Sem dúvida.

Abri um sorriso e, apertando o suéter contra o corpo, peguei uma batatinha quando ela ofereceu. Havia anos que eu não ia à pista de gelo de Lakewood. Minha mãe costumava nos levar lá quando Peyton e eu éramos crianças. Ele chegou a jogar hóquei nessa pista em algumas temporadas durante o ensino fundamental, mas eu nunca consegui sequer evitar que meus tornozelos dobrassem pra dentro enquanto patinava. Aquele era o último lugar aonde imaginava ir quando cheguei na Seaside depois da escola, mas já estava aprendendo que tudo era possível quando se tratava dos Chatham.

Naquele dia, tínhamos acabado de tirar as mochilas das costas e estávamos prestes a pedir nossa fatia de pizza de sempre quando o celular de Layla tocou. Ela viu quem era na tela antes de atender.

— Oi — pausa. — Na pizzaria, onde mais?

Mac, que estudava atrás do balcão com um lápis apoiado na orelha, lançou um olhar para ela. Àquela altura, eu já era quase capaz de não desviar o rosto quando ele prestava atenção em mim. Quase.

— Bom, você devia ter pensado melhor quando falou que iria — Layla disse, para então esperar um momento, soltar um suspiro e olhar para o teto. — Não, o papai não está aqui. Foi com o Camry no mecânico pra saber qual é o problema da caminhonete.

— É o contrário — Mac disse em voz baixa.

— Quê?

— É o Camry que está no conserto — ele disse à irmã. — A caminhonete está funcionando, só falha um pouco pra dar partida.

— Tanto faz — Layla disse. Eu também já tinha me acostumado com isso. Os Chatham tinham dois carros, e ambos sempre quebravam. — A questão — ela retomou ao telefone — é que não temos um carro no momento.

Pelo visto Rosie tinha bastante a dizer sobre isso, porque Layla passou um bom tempo sem falar nada. Por fim, de uma maneira que deixava bem claro que ela precisava interromper, Layla disse:

— Rosie, você pode falar o quanto quiser. Não tenho como ajudar. Ah, vai você!

— Ei — Mac interveio. — O que houve?

— Ela disse que precisa de carona para a pista. Parece que é uma emergência de patinação. — Layla fechou a cara e afastou o telefone do rosto enquanto Rosie respondia aos berros. — Quando Rosie quer alguma coisa, é *sempre* uma emergência — ela disse para mim.

— Podemos levá-la quando o papai chegar — Mac falou. — Daqui a meia hora mais ou menos.

Layla repassou a informação e depois relatou o resultado:

— Não, isso é *inaceitável*. E sim, essas são as palavras exatas que ela usou, caso você esteja se perguntando.

Mac deu de ombros e voltou ao livro. Rosie ainda falava.

— Posso dar uma carona — propus. — Quer dizer, se você quiser.

— Não precisa fazer isso — Layla respondeu, e então disse a Rosie: — Nada. Sydney só está sendo mais legal do que devia com você.

— De verdade, eu não ligo — falei. — Tenho até as seis pra chegar em casa.

Layla me encarou com uma expressão cáustica.

— Não precisa fazer nada pela minha irmã.

— Eu sei. Mas estou oferecendo.

Achava que era o mínimo que podia fazer. Embora tivesse tentado pagar o café da manhã de Layla nos dois dias em que ela dormiu em casa, e também o filme que fomos ver no cinema, ela não deixou.

— Eu é que preciso agradecer por ficar na sua casa em vez de aguentar minha família louca — ela dissera. Como eu não tinha conseguido retribuir o favor, a carona era minha opção mais próxima.

Dez minutos depois, estávamos virando numa ruazinha residencial a poucas quadras da Seaside. Casas pequenas, alguns quintais abarrotados com carros, balanços e mobília de jardim. Bem no fim da rua ficava uma casa térrea de tijolos com garagem anexa. O gramado tinha vários buracos e havia pelo menos quatro carros desmontados, em diferentes estados de deterioração, estacionados na lateral. Uma bandeira decorativa perto da porta dizia BOAS FESTAS, apesar de ainda estarmos em setembro. Atrás de tudo, estava a floresta.

As árvores atrás da casa deles estavam entre as maiores que eu já tinha visto. Arbors contava com uma vegetação variada: carvalhos, arbustos, alguns

cedros altos. Mas ali havia apenas pinheiros altos e largos, um ao lado do outro. Pela primeira vez entendi o que a expressão "floresta densa" queria dizer. Era como se as casas fossem apenas uma trilha de farelo de pão para conduzir as pessoas até a escuridão atrás de tudo.

— Bem-vinda ao paraíso — Layla disse com ironia quando estacionamos no meio-fio. Ao descermos do carro, meus olhos logo se fixaram naquele mar verde diante de nós. — A floresta é demais, não é? — ela comentou. — Quando eu era criança, tinha pesadelos com ela. Ainda hoje durmo com as persianas fechadas.

Ela subiu os poucos degraus que levavam à porta da frente, e eu fui atrás. De perto, notei que a bandeira de BOAS FESTAS estava tão velha e gasta pelo tempo que tinha ficado translúcida e dava para ver o sol brilhar através dela. Layla girou a maçaneta e abriu a porta.

— Sou eu — ela gritou para a escuridão no interior da casa. — E Sydney. Rosie, é melhor você estar pronta!

Layla segurou a porta para mim. Assim que entrei, precisei de um minuto para entender a disposição da casa. Enfim percebi que não estávamos num hall ou numa antessala, mas já na própria sala de estar.

Tudo estava bem limpo, mas amontoado. Fotografias emolduradas cobriam o aparador da lareira. Sobre a mesa de centro havia umas caixinhas de diversos tamanhos e materiais: madeira polida, madrepérola delicada, metal cromado. Uma coleção de canecas de cerveja enfileirava-se sobre uma prateleira, onde também estava um porta-retratos com ases de baralho. Havia ainda um sofá grande, coberto por mantas de crochê de estampas variadas, e uma namoradeira com almofadas bordadas que ficava de frente para a TV de tela plana na parede oposta. Por fim, havia uma poltrona.

Era uma poltrona bem gasta, ladeada por duas mesinhas baixas. Sobre uma delas estava um copo térmico enorme com um canudinho pra fora, uma lata tamanho família de castanhas e uma caixa de lenços de papel. Na outra mesa, havia uma pilha alta de revistas, dois controles remotos, um telefone e uma porção de frascos de remédios e vitaminas. Embora a poltrona em si estivesse vazia, era óbvio que quem sentava ali dominava aquela sala, quer estivesse presente ou não.

Layla caminhou pelo carpete azul-claro até a cozinha. Ao ver que estava vazia, suspirou, voltou para a sala e largou a bolsa no sofá.

— Típico — disse. — Pode sentar. Vou atrás dela.

Assim que ela desapareceu pelo corredor à esquerda, fui até o sofá e puxei uma das mantas para o lado a fim de abrir espaço pra sentar. Ao fazer isso, minha mão entrou em contato não com o tecido, mas com algo pesado e morno. E que tinha dentes.

Soltei um gritinho e recuei. Eu ainda estava parada, apertando a mão contra o peito, quando Layla reapareceu.

— O que houve? — ela perguntou.

— Tem alguma coisa — respondi balançando a cabeça. — Puxei a manta e então…

Ela se aproximou e arrancou a manta com um puxão, como os mágicos

que fazem truques com toalhas de mesa. O gesto revelou três cachorrinhos — bem pequenos e bem feios — que não pareciam nem um pouco felizes em nos ver.

— Desculpe — ela me disse. — Machucou muito?

Baixei os olhos para a mão. Nada de sangue apesar de a ponta do indicador latejar.

— Não — respondi.

— Bichinhos malditos — ela praguejou ao pegar o maior deles no colo. Tratava-se de uma cadela de pelo bem curto, cinzento e arrepiado, cabeça careca e olhos pequenos e brilhantes; com um deles, ela me encarava enquanto Layla coçava sua orelha. Os outros dois cachorros, ainda no sofá, tentavam se enfiar debaixo da outra manta, provavelmente para se esconder à espera da próxima vítima. — Mas, céus, como a gente ama esses três — ela completou.

— De que raça são? — perguntei. Logo em seguida a cachorra no colo de Layla deu um arroto mais apropriado para um animal com o dobro do tamanho.

— Eles não têm raça definida. São só uma mistura bizarra da natureza — ela respondeu depois de beijar a cabeça pelada da cadela. — Esta é Ayre. Os outros dois são Destiny e Russell.

Minha reação foi apenas encará-la e perguntar:

— Como… no *Big Nova York*?

Ela inclinou a cabeça para o lado.

— Não vai me dizer que você assiste esse programa?

— Assisto — confessei. Embora "assistir" fosse um eufemismo. Antes de conhecer Layla, era a única coisa que fazia de tarde. — Para ser sincera, assisto todos da franquia *Big*.

— Eu sabia que tinha um motivo para eu gostar dessa garota! — Virei para trás e vi a sra. Chatham de agasalho vermelho, atravessando o corredor apoiada num andador. Rosie vinha atrás, com uma bolsa de ginástica e sua cara padrão de desgosto que eu já conhecia. — Você torce para Rosalie ou Ayre?

Para minha tristeza, nem precisei pensar para responder:

— Ayre.

— Então pode ficar — ela disse com um sorriso.

Com cara de enfado, Layla observou a mãe se aproximar da poltrona e soltar o corpo no assento. Rosie, por sua vez, pegou uma das mantas do sofá (ouvi os cachorros rosnarem para ela e depois entre si) enquanto Layla levava o copo térmico para a cozinha. Momentos depois, ela o trouxe de volta e o pôs na mesa, não sem antes rosquear bem a tampa.

— Obrigada, querida — a sra. Chatham agradeceu enquanto Rosie a cobria com a manta. — Agora podem parar de me cercar. Eu estou bem. Não é bom deixar Arthur esperando, já que ele encaixou você no último minuto.

— Voltamos mais tarde, assim que Mac puder nos pegar, o.k.? — Layla disse à mãe. — E meu celular está ligado.

— Sou perfeitamente capaz de passar umas horas sozinha. Agora vão, todas vocês.

Com um gesto da mão ela dispensou as filhas. Rosie pegou a bolsa de ginástica e Layla ligou a TV num episódio de *Big Chicago* que eu ainda não tinha

visto. Elena, a socialite, chorava sem borrar a maquiagem. A sra. Chatham sorriu e recostou na cadeira. Enquanto saíamos, ouvi ela aumentar o volume do aparelho.

— Belo carro — Rosie comentou quando chegamos no meu BMW. Assim como Layla fizera antes, ela correu a mão pelo assento de couro, admirada, ergueu os olhos para o teto solar e perguntou: — É a versão esportiva?

— Não — Layla respondeu. — Dá pra ver pelas rodas.

— Com certeza é melhor que os nossos — Rosie emendou ao recostar no banco. — Posso ficar mal acostumada com isso.

— Não fique — Layla disse. — Sydney está fazendo um grande favor pra você.

— E eu agradeço.

— Então talvez devesse dizer isso a ela.

— Não é nada, de verdade — falei. — Odeio ir pra casa depois da escola.

Isso chamou a atenção delas: senti o olhar de ambas pousar sobre mim, apesar de estar de olho na pista.

— É mesmo? — Rosie perguntou. — Por quê?

— Cuide da sua vida — Layla cortou.

— Qual é? Ninguém diz uma coisa dessas se não quer que os outros perguntem.

— E você é psicóloga agora?

Tive a sensação de que aquela troca de farpas logo se tornaria uma briga de verdade, e receava que o pequeno espaço que ocupávamos fosse incapaz de contê-la. Então falei:

— É que é meio… estranho. Desde que meu irmão foi embora. Solitário, acho. Não importa. A verdade é que estou contente de ter algo pra fazer. De verdade.

Pude notar que Rosie, atrás de mim, queria fazer mais perguntas. Layla baixou o quebra-sol como se quisesse olhar-se no espelho, mas o usou para lançar um olhar feio para a irmã. Seguimos caladas pelo resto do caminho, que não era longo.

Assim que chegamos à pista, Rosie foi para o vestiário e Layla partiu direto para a lanchonete e para as batatas abaixo da média. Enquanto a atendente as colocava numa embalagem de papel, Layla suspirou.

— Desculpe por tudo. Minha irmã me deixa louca.

— Está tudo bem, de verdade — eu disse.

— Ela é tão… — Layla fez uma pausa para soltar outro suspiro e revirar o cesto de sachês de ketchup, como se um pudesse ser melhor que o outro. Conhecendo suas obsessões, devia ter um jeito de descobrir. — … folgada. Como se o mundo lhe devesse algo. Sempre foi assim.

— Meu irmão é meio parecido — contei. — Pensei que tinha a ver com o fato de ser o único filho homem. Talvez seja um problema dos mais velhos.

— Acho que no meu caso o problema é a própria Rosie. — Ela escolheu um segundo sachê e depois pegou uns guardanapos. — Pelo menos quando ela era mais jovem podia culpar o estresse da patinação, toda a competitividade.

— Então ela era boa?

— Ela era *excelente*. — Layla deslizou uma nota de cinco pelo balcão. — Claro, isso não era desculpa para ser uma vaca. Mas saber que ela era capaz de algo belo, algo além da sua chatice, tornava mais fácil suportar as coisas.

As palavras dela fizeram um estranho sentido pra mim. Não que meu irmão tivesse algum talento impressionante como a patinação, mas era um mestre do charme. Pelo que eu estava aprendendo, ninguém era cem por cento ruim. Mesmo a pior das pessoas em algum momento teve alguém que a amasse.

Na arquibancada, Layla arrastou outra batatinha pela poça de ketchup apimentado (pimentchup?) e deu uma mordida desanimada. Lá embaixo, no gelo, um homem de meia-idade e cabelo loiro bem penteado, com calça de lycra e casaco azul de veludo, orientava uma garota de uns doze anos a dar alguns saltos. Ela tinha o aspecto típico das patinadoras que eu via nos programas esportivos de sábado à tarde: pequena e ágil, com um rabo de cavalo. Ao finalizar cada salto, o rosto do homem deixava claro se ele estava feliz ou não.

— Aquele é Arthur — Layla comentou quando viu que eu estava prestando atenção nele. — É por causa dele que vou ter dentes tortos pra sempre.

— Seus dentes não são tortos.

— Mas também não são retos. Não como os seus. Você usou aparelho, não usou?

Fiz que sim com a cabeça.

— Odiava usar.

— É, mas ficou bom. — Ela pegou outra batatinha. — Eu precisava usar. O dentista falou. Mas pagar um técnico como Arthur para treinos individuais não é barato, então…

Voltei a encarar a pista de gelo. A garota acabara de dar outro salto e patinava em círculos para tentar de novo.

— Ela queria mesmo chegar às olimpíadas?

— Sim, mas nunca passou das competições regionais. E depois aceitou o emprego para fazer turnês com a companhia Mariposa. Pelo menos ajudava meus pais financeiramente. Fiquei com tanta raiva quando ela foi pega e teve que abandonar o trabalho — Layla admitiu, balançando a cabeça. — Entendo que às vezes temos que relevar as coisas pelo bem de todos. Mas ela foi tão idiota… que machucou. Como se todos aqueles anos, todo aquele dinheiro, não representassem nada.

Quando Layla terminou de falar, outra garota entrou na pista. Levei um tempo até perceber que era Rosie. Talvez fosse por causa da distância ou da roupa de patinação, mas ela estava diferente. Ela começou a deslizar em círculos na beira da pista, aumentando aos poucos a velocidade. Mesmo aqueles movimentos tão básicos já provavam que ela era melhor do que a garota anterior. Havia uma graça pura e simples em seus movimentos, algo totalmente oposto à Rosie habitual, sempre reclamando e torcendo o nariz. Como se ao invés de murchar no frio, como a maioria das pessoas, ela florescesse.

Layla também a viu passar por nós uma vez, depois outra. Na terceira, quando Rosie notou nossa presença, Layla acenou com a cabeça e sorriu. Isso me deixou surpresa, depois de tudo o que tínhamos conversado. Mas então lembrei que muita coisa sobre Layla ainda era um mistério.

— Rosie está bem nervosa — ela me explicou, como se sentisse minha confusão. — Ela estava treinando sozinha; esta é a primeira vez que ele concordou em vê-la depois do que aconteceu. É por isso que ela estava tão estressada. Um dos motivos, pelo menos.

Depois de trocar algumas palavras com Arthur, a garota mais jovem saiu da pista e o treinador chamou Rosie com um gesto. Eles conversaram por um momento e então ele fez um gesto para ela dar outra volta na pista.

— Ah, meu Deus, não consigo assistir. Mesmo no treino fico louca de ansiedade por ela. Costumava ficar tão mal nas competições que minha mãe implorava para eu ir comprar batata frita. — Layla pegou o celular, digitou a senha e abriu a galeria. — Mas quando conseguia ver, sempre saía feliz. Veja.

Ele me entregou o aparelho para me mostrar um vídeo. Tinha sido gravado em outra pista, mais sofisticada, e Rosie girava no centro. Devagar no começo, com os braços bem abertos, mas cada vez mais rápido até tornar-se quase um borrão e colar os braços no corpo. A música de fundo suave e distante então parou de repente, e Rose fez o mesmo, com a cabeça jogada para trás numa posição incrível. O público então explodiu em aplausos e ovações, um som estrondoso, e ela sorria.

— Esse foi no último ano em que ela competiu — Layla disse.

Ela passou para a foto seguinte, em que se via a sra. Chatham, claramente com a saúde melhor, ao lado de Layla, Rosie (que carregava um buquê de rosas) e um troféu enorme. No canto da imagem, meio cortado pela câmera, estava um sujeito gordo com um moletom folgado e calça jeans. No começo, pensei que tivesse saído na foto sem querer. Depois me toquei.

— Esse é… — comecei a falar, mas parei. Peguei o telefone e olhei bem para a tela.

— Mac — Layla completou pra mim. — Sim, é ele.

Ampliei a imagem com o polegar e o indicador até o rosto dele ocupar a tela inteira. Aquele corpo mais robusto e um caso sério de espinhas o deixavam bem diferente; eu mal conseguia acreditar que se tratava da mesma pessoa. Mas os olhos eram idênticos, assim como o cacho que pendia sobre a testa.

— Uau. Como ele…?

— Para começar, perdeu treze quilos. E quando passou a se alimentar melhor, a pele melhorou — ela explicou enquanto pegava outra batatinha. — Loucura, né? Às vezes ainda cruzo com ele no corredor de casa e me pergunto quem é esse cara.

— Não acredito que ele era assim.

— Acreditaria se visse o que ele comia. O cara era *voraz*. Que nem Irv, mas sem a altura, os músculos e o futebol. E só comia porcaria.

— Não consigo nem imaginar isso — disse. Sem tirar os olhos daquele rosto largo e cheio de espinhas, perguntei: — O que o fez querer mudar?

— Você não iria querer? — Layla respondeu, acenando a cabeça na direção da foto e comendo a batatinha. — Mas, pra falar a verdade, acho que ele finalmente cansou de ser "o garoto gordinho". Desde que me entendo por gente, Rosie era a talentosa; eu, a bonitinha; e ele, o gordinho.

Não era novidade pra mim: ter a vida inteira resumida numa só palavra que

não tinha sido escolha sua. Eu sabia melhor do que ninguém. Mas sempre que lembrava disso desejava ainda mais que as coisas não fossem assim.

— E como ele perdeu peso? — perguntei.

— Começou a fazer caminhadas pela floresta. Então passou para a corrida; primeiro mais leve e depois com velocidade. Acordava antes da escola e sumia no meio do mato por horas. Ele ainda faz isso todas as manhãs.

— Nossa.

— Fico cansada só de ouvi-lo sair às cinco e meia da manhã — ela falou. — Além disso, ele nunca mais comeu, tipo, coisas gostosas. Só proteína, legumes e frutas. Eu não aguentaria *um dia* assim. Acho que nem uma hora.

Ouvimos um grito na pista de gelo e voltamos a olhar para Rosie, que tinha acabado de finalizar um salto, aparentemente de um jeito bem estabanado. Arthur balançou a cabeça e vociferou alguma coisa, e Rosie continuou a patinar em círculos, as mãos no quadril, concordando com a cabeça.

— Argh! — Layla exclamou enquanto limpava os dedos no guardanapo. — Não aguento isso, é tenso demais. Daqui a pouco vou ser obrigada a comprar mais dessas batatinhas péssimas só pra me controlar.

Abri um sorriso e olhei para o relógio. Eram cinco e quarenta e cinco; eu tinha quinze minutos para chegar em casa — ou seja, não cumpriria o horário mesmo se saísse naquele instante. Como não estava ansiosa para jantar e conversar mais sobre o Dia da Família na Lincoln, resolvi ficar. Assim, pude ver Rosie dar alguns giros, tropeçar uma vez, e por fim arrancar um minúsculo sorriso de aprovação de Arthur, o que fez Layla soltar um suspiro sonoro de alívio.

— Vejo você amanhã — disse a ela enquanto juntava minhas coisas. — Desculpe não poder levá-las de volta.

— Tudo bem. Mac está sempre por perto. E você já fez mais do que o suficiente.

Abri um sorriso e, acenando em despedida, comecei a descer os degraus até a saída. Antes de abrir a porta que dava para o saguão, olhei para trás bem a tempo de ver Rosie dar seu melhor salto até então, aterrissar bem e continuar deslizando. Me pareceu o melhor momento de ir embora, com tudo perfeito, ao menos por um segundo. Saí antes que pudesse ver mais alguma coisa.

9

— Você veio! — Jenn exclamou agarrando meu pulso e me levando para dentro da casa dela com um puxão. — Estou *tão* feliz em te ver! Faz um *século*!

Quando ela me deu um beijo meio desastrado na bochecha, porém, percebi que alguma coisa estava estranha. Jenn era várias coisas, mas efusiva não era uma delas.

— Ei! O que está acontecendo? — perguntei quando ela começou a me puxar pelo corredor.

— Estamos nos divertindo *tanto*! — ela respondeu. — Vem, você precisa conhecer Margaret.

A julgar pelos puxões com que ela me conduzia, aparentemente eu não tinha opção a não ser deixá-la me levar até a cozinha. Lá, vi Meredith sentada ao balcão com um ar de desconforto enquanto uma garota de cabelo escuro jogava gelo no liquidificador.

— Sydney chegou! — Jenn, que jamais falava alto, gritou. — E precisa de uma bebida.

— Claro que precisa — Margaret disse, voltando-se para mim. Ela tinha cabelo longo caído sobre os ombros, olhos azuis vivos e sardas esparsas. Uma garota bonita, com uma espécie de brilho que logo chamava a atenção. — Este aqui acabou de sair. Para começar.

Só vi a garrafa de rum quando ela se afastou para abrir o armário suspenso. Olhei de novo para Meredith, cujo copo parecia intacto. Havia outros dois copos sobre o balcão, mas ambos não tinham nada além de espuma e gelo derretendo.

— Que bebida é essa? — perguntei.

— Piña colada — Jenn anunciou. — Receita especial de Margaret. E está uma *delícia*.

— O segredo é o gelo — Margaret explicou ao entregar meu copo e

reabastecer os outros dois. — A maioria das pessoas não sabe disso.

Peguei o copo que ela me ofereceu, mas não bebi.

— Então seus pais não estão aqui?

— Não, estão na sala — Jenn respondeu. Apenas a encarei.

— É brincadeira! Claro que não. Eles vão passar a noite fora. Eu disse a eles que a gente ia comer pizza no Antonella's e depois ver um filme no cinema.

— E não vamos? — perguntei.

— É isso que você quer fazer? — Margaret me perguntou.

— Não — respondi. Havia algo no seu tom de voz, no seu jeito de arquear a sobrancelha que me fez dizer isso automaticamente. — É que eu não sabia… Desde quando você bebe, Jenn?

Ela baixou o copo e limpou a boca com a mão.

— O que você quer dizer? Já bebi antes.

— Quando?

— O tempo todo. Você sabe disso, Sydney.

Margaret observava o diálogo com uma leve expressão satisfeita. Enquanto isso, no balcão, Meredith dava um gole em seu copo.

— Certo — eu disse, sem querer jogar na cara de Jenn que a conhecia desde a pré-escola e que jamais a vira ir além do gole de vinho oferecido pelos pais na ceia de Natal. — O que tem aqui? — perguntei depois de cheirar meu copo.

— Ah, apenas beba — Margaret disse, gesticulando para mim. — Vai te ajudar a relaxar.

Olhei bem para ela.

— Não preciso relaxar.

Ela deu um gole generoso na sua bebida.

— O que eu quero dizer é que esta é uma festa de aniversário. Então vamos nos divertir, o.k.?

— Apoiada! — Jenn disse erguendo o copo.

Margaret fez o mesmo e acenou a cabeça para Meredith, que também levantou o dela. E então todas olharam para mim.

Ergui meu copo.

— Para Jenn. Feliz aniversário.

— Feliz aniversário! — todas repetiram. *Tim-tim*. Jenn tomou um bom gole de imediato, mas Margaret não bebeu. Apenas me observou levar o copo à boca e tomar um gole. Aí ela fez o mesmo, mas sem desgrudar os olhos de mim.

— Muito bem — ela disse. — Agora sim é uma festa.

— Manda logo uma mensagem pra ele. Não pense demais. Apenas faça.

Jenn, corando, balançou a cabeça.

— Não consigo! É muito constrangedor.

— Ah, por favor — Margaret reclamou e se esticou no sofá para tomar o celular de Jenn. — Eu mando então.

— Não! — Jenn gritou e voou na mão dela para recuperar o aparelho. — Pelo amor de Deus, Margaret, se você fizer isso eu juro que…

— … vai me agradecer pra sempre por juntar você e o cara por quem é apaixonada? De nada.

Margaret digitou algo no celular com uma mão enquanto usava a outra para manter Jenn longe.

— Pronto — disse. — Já mandei. Agora é só esperar.

— Odeio você — Jenn disse, mas tinha um sorriso malicioso no rosto corado. Pelas minhas contas, ela já tinha tomado duas bebidas desde que cheguei.

— Pode até odiar agora — Margaret falou. — Mas se ele aparecer, você vai me amar para sempre.

O "ele" em questão era Chris McMichaels, por quem minha melhor amiga aparentemente era apaixonada havia tempos, embora jamais tivesse mencionado para mim. Margaret, por sua vez, sabia que ele sentava atrás dela na aula de história, que sempre pedia uma folha ou caneta emprestada, que havia acabado de largar a namorada de anos, Hannah Riggsbee, o que o deixava, nas palavras de Margaret, "pronto para o ataque".

— Ele provavelmente vai me achar uma louca — Jenn choramingou com a cabeça enterrada entre as mãos. — Mandar mensagem sexta à noite…

— Se ele não quisesse saber de você não teria te dado o número — Margaret afirmou enquanto enchia o copo de ambas.

— Ele passou por causa de um trabalho em grupo!

Margaret abanou a mão em desdém.

— Detalhes.

Nesse momento, o celular vibrou. Jenn foi ver, mas Margaret chegou primeiro e examinou a tela.

— Bom, olha só. Ele está por perto e disse que vai passar aqui com uns amigos.

— *O quê?* — Jenn soltou um grito agudo e agarrou o aparelho. Ela leu a mensagem e depois levantou os olhos para Margaret. — Você disse para ele que estávamos bebendo?

— *Você* disse — ela respondeu. — É uma festa, certo?

— Ai meu Deus! — Jenn exclamou, agarrando meu braço. — Chris McMichaels vai vir aqui? Na *minha* casa? Não sei se aguento.

— Claro que aguenta. Vou preparar mais uma rodada — Margaret declarou, para em seguida pegar o jarro vazio, dar meia-volta e rumar para a cozinha. Finalmente nós três estávamos a sós.

— Jenn — comecei; ela tomou outro gole. — Você tem certeza disso?

— Disso o quê?

Olhei para Meredith, que parecia tão hesitante quanto eu.

— Bom, vamos ser sinceras. Você não bebe. E agora chama uns caras pra vir na sua casa?

Ela me encarou, irritada.

— Qual é o seu problema hoje?

— *Meu* problema? — rebati. — É você que está estranha.

— Estou me *divertindo*, Sydney. É meu aniversário.

— Eu sei — eu disse. — Sou sua melhor amiga, lembra?

— Então por que está sendo tão estraga-prazeres? — Ela balançou a cabeça e bufou. — Pra ser sincera, estou chocada. Com o seu histórico, imaginei que seria a última pessoa a julgar os outros.

Na outra ponta do sofá, Meredith arregalou os olhos. Precisei respirar fundo antes de perguntar:

— Meu histórico?

— O seu irmão — ela respondeu em tom seco. Na cozinha, o liquidificador começou a bater. — Quer dizer, eu entendo. Você deve achar que se eu beber também vou parar na cadeia. Não vou. Fica tranquila, o.k.? Toma sua bebida. *Relaxa*.

Não sabia como reagir a isso. Ela parecia outra pessoa, mas com a aparência e o jeito de sempre, que eu conhecia tão bem como se fossem meus. Baixei a voz:

— Não acredito que você enfiou Peyton na conversa.

Ela fez cara de tédio.

— Ah, não se preocupe. Não é como se fosse um grande segredo. A Margaret já sabe.

Margaret entrou na sala com o copo do liquidificador na mão.

— O que "a Margaret já sabe"?

— Nada — respondi olhando séria para Jenn. — Deixa pra lá.

A meia hora seguinte consistiu numa "transformação *express*" que Margaret realizou em Jenn. Envolvia botar uma blusinha decotada, algumas bijuterias e várias camadas de rímel. Margaret também trocou de roupa e pôs um vestido que trouxera na mala. Era evidente que ela tinha previsto uma mudança no visual, ao contrário do resto de nós. Durante todo o processo, as duas continuaram virando um copo atrás do outro e, portanto, ficaram cada vez mais tontas. O lado bom foi que nenhuma das duas notou que Meredith e eu tínhamos passado a beber água. Às nove e meia, quando os rapazes deveriam chegar, Meredith pulou fora.

— Chata! — Margaret gritou da cozinha, onde estava fazendo "um aumento essencial de volume" no cabelo de Jenn, prática que parecia exigir um barril de fixador.

— Estraga-prazeres! — Jenn acrescentou.

— Tenho competição amanhã à tarde — Meredith disse para mim em voz baixa, como se fosse eu que precisasse de explicações. — E isto aqui está… estranho.

— De acordo — eu disse, erguendo o copo d'água.

Ela brindou comigo e depois sorriu.

— Você vai dormir aqui?

— Não quero ir embora e deixar Jenn desse jeito.

Meredith olhou de novo para a cozinha, onde Jenn parecia um pouco enjoada. Oh-oh.

— Você é uma boa amiga, Sydney.

— Você também. — Me aproximei para dar um abraço nela. — Boa sorte amanhã.

— Obrigada.

Ela acenou para as duas na cozinha, mas só Margaret retribuiu o gesto. Assim que Meredith pôs o pé pra fora, fui ver como Jenn estava.

— Como você está? — perguntei a ela. — Você não parece muito bem.

— Ela está ótima. Só precisa comer alguma coisa — Margaret se intrometeu, embora eu tenha notado Jenn estremecer ao ouvir isso. — Vamos pedir pizza. Qual é o número daquele lugar que você gosta, Jenn?

— Eles não entregam — Jenn balbuciou e levantou da banqueta, apoiando-se no balcão para não cair. — Eu… Eu vou ao banheiro.

Ela saiu da cozinha, se escorando pelas paredes. Margaret a observou e depois tomou um gole de bebida.

— Ela vai ficar bem — disse. — Uma vomitadinha rápida e ela fica novinha em folha.

Fiquei observando ela pegar um estojo de pó compacto para se olhar no espelhinho.

— Só pra você saber, ela não bebe — falei finalmente.

— O copo vazio diz outra coisa — Margaret replicou enquanto pegava um pouco de gloss com a ponta do dedo. Ela passou nos lábios e me encarou. — Olha, quando cheguei com o rum ela não reclamou nem um pouco.

— Provavelmente só queria te impressionar.

— Você lê a mente dela agora, é?

— Sou a melhor amiga dela. Nos conhecemos desde a pré-escola.

— Bom, então você sabe que ela é uma garota capaz de tomar as próprias decisões — ela disse ao fechar o estojo de pó. — Por que você não vai ver como ela está, hein? Vou pedir comida pra gente ter o que oferecer aos garotos quando eles chegarem.

Margaret pegou o celular para mostrar que a nossa conversa estava encerrada. Senti o sangue ferver à medida que caminhava pelo corredor até o lavabo, de onde dava para ouvir Jenn vomitando. Bati levemente na porta antes de abrir.

— Ei, sou eu.

Jenn estava debruçada na privada com a cabeça apoiada no braço. Seu rosto estava branco e horrível, e o banheiro exalava um cheiro forte de vômito. Eca.

— Estou morrendo — ela gemeu. — Vou morrer no dia do meu aniversário. É muita simetria, mas uma tragédia.

Abri um sorriso. Aquela era a Jenn que conhecia.

— Você não vai morrer. Só está bêbada.

— Me sinto péssima. — Ela se virou para mim. Havia umas mechas molhadas grudadas na testa. Adeus madeixas volumosas. — Você me odeia?

— Claro que não — respondi, já pegando uma toalha perto da pia e a encharcando com água fria. — Por que odiaria?

— Porque falei de Peyton. E obriguei você a beber.

— Você não me obrigou a nada. — Entreguei a toalha a ela. — Ponha no rosto. Vai ajudar.

Ela obedeceu e sentei encostada na porta, abraçando os joelhos.

— Você não gosta de Margaret — ela disse afinal. Não era uma pergunta.

— Eu nem conheço ela — respondi, tirando o corpo fora mesmo assim.

— Ela é legal, Syd, juro! E *tão* engraçada! E, bom, ela não é daqui. Não me vê como as outras pessoas. Acha que sou capaz de namorar Chris McMichaels, de beber piñas coladas. E… de ser diferente. Você compreende?

Fiz que sim com a cabeça. Compreendia aquilo, à minha maneira. Não a parte sobre o garoto ou a bebedeira, mas o histórico zerado que acompanhava uma nova amizade.

— Sinto saudades suas — eu disse, triste por pensar nisso enquanto estava na presença dela.

— Também sinto saudades. — Ela voltou a olhar pra mim. — Você vai passar a noite aqui? Sei que não estava nos seus planos.

— Claro — eu disse. — Só vou ver se não tem problema.

Minha mãe atendeu no segundo toque, aparentemente irritada. A princípio pensei que podia ser culpa minha. Estava ligando perto da hora em que devia voltar pra casa, e talvez ela achasse que eu ia pedir mais tempo. Mas logo descobri que, mais uma vez, a irritação não tinha a ver comigo.

— Você pode ficar, sim — ela disse quando perguntei se podia dormir na casa de Jenn. — Não vamos mais à Lincoln amanhã.

Arregalei os olhos, surpresa.

— Não?

Silêncio.

— Parece que seu irmão teve o direito a visitas revogado — ela respondeu afinal. — Claro que não consigo descobrir o motivo, apesar das várias tentativas de entrar em contato com o diretor da prisão.

Ela falava como se a prisão fosse um colégio e como se uma conversa com o diretor resolvesse tudo. Não foi a primeira vez que me perguntei se minha mãe realmente compreendia onde Peyton estava.

— Sinto muito, mãe — eu disse. — Sei que você estava ansiosa por esse dia.

— Estava — sua voz soou completamente derrotada. Nunca tinha pensado que algo pudesse ser pior que a tristeza dela, mas aquele período por que estávamos passando me ensinava que sempre podia piorar. Depois de uns instantes, ela se recompôs. — Deseje felicidades a Jenn por mim. Nos vemos amanhã cedo. Te amo.

— Também te amo.

No meu retorno ao banheiro encontrei Jenn um pouco melhor, com uma corzinha nas bochechas. Mas ainda não estava pronta para se afastar muito da privada. Fui informar Margaret da situação. Estava quase na cozinha quando ouvi vozes e percebi que os rapazes tinham chegado. Eles estavam aglomerados ao redor do balcão, e Margaret servia as bebidas. Ela havia tirado os sapatos e passado batom vermelho enquanto estive fora. Ao me ver, sorriu como se fôssemos melhores amigas.

— Sydney! — ela gritou, e todos os garotos olharam pra mim. Eu conhecia todos eles, claro, já que estudávamos na mesma escola desde o jardim de infância. Além de Chris McMichaels, que tinha uma irmã da idade de Peyton, estavam lá Charlie Jernigan, que também morava em Arbors, e Huck Webster, capitão do time de futebol da Perkins Day.

— Como está a aniversariante? — Margaret perguntou.

— Bem — respondi enquanto me aproximava. Chris já estava bebendo; Charlie e Huck olhavam meio desconfiados para os copos. — Ela já vem.

— Fiz mais um drinque pra você — Margaret me disse, estendendo a bebida. — Você precisa botar a conversa em dia.

Calada, peguei a bebida e dei um gole. Pra ser sincera, o cheiro era tão parecido com o do banheiro que minha vontade era largar ali mesmo, mas não queria dar margem para comentários de Margaret.

— Obrigada — agradeci.

— Como está a escola nova, Sydney? — Charlie me perguntou. — Está gostando?

Fiz que sim com a cabeça.

— É boa. Diferente.

— Ouvi falar que você mudou para a Jackson — Margaret disse. — Por quê?

— Estava precisando de uma mudança — expliquei.

— Foi mais uma revolução do que uma mudança. Ela ajeitou o vestido. — Disseram que todo dia tem briga. Entre *garotas*. Minha amiga que estudava lá não ia nem no banheiro.

— Não é verdade — falei.

— De qualquer forma, Sydney é durona — Chris disse, sorrindo pra mim. — Ninguém vai mexer com ela.

— Exato — concordei. — Todo mundo já está morrendo de medo de mim, inclusive.

Os garotos riram. Margaret rodou o anel no dedo e suspirou.

— Estou entediada — ela disse. — Vamos fazer um jogo com a bebida. Quem tem uma moeda?

Com essas palavras, ela pegou o copo do liquidificador e conduziu todos até a mesa da cozinha. Voltei para ver como Jenn estava e logo a encontrei dormindo no chão do banheiro. Fim da linha para a aniversariante.

— Ei — chamei, abaixando e cutucando o braço dela. — Jenn, acorde.

— Ainda não é hora de acordar — ela murmurou e rolou de lado, pressionando a bochecha contra o piso.

Ouvi uma batida seca na porta. Sabia que era um dos garotos — os homens até anunciam sua presença de um jeito diferente.

— Só um minuto — falei.

— Hum… tudo bem — ouvi o garoto dizer e se afastar. Então escutei Margaret rindo na cozinha.

— Jenn — chamei e mais uma vez cutuquei o ombro dela. Minha amiga fechou a cara e me lançou um olhar cortante, como se isso fosse me fazer ir embora. — Você tem que levantar — insisti. — Não vai querer que Chris a veja assim, não é?

Ela soltou um resmungo, mas me deixou botá-la sentada. Então seus olhos se arregalaram.

— Chris está aqui? Você está falando sério?

— Na cozinha. Com Margaret.

Ela baixou a cabeça.

— Meu Deus, não acredito. Não que eu tivesse chance, mas se ele me vir toda vomitada desse jeito…

— Ele não vai ver — interrompi. — Apenas se concentre em levantar. Vou tirar você daqui.

Ela resmungou de novo, mas apoiou as mãos no chão e levantou. Enquanto isso, abri uma fresta da porta e espiei o corredor. O jogo ainda não tinha acabado. Margaret estava numa das pontas da mesa, Chris na outra, e Charlie e Huck nas laterais. Chris acertou a moeda em um dos copos e apontou para Margaret. Ela abriu um sorriso malicioso e pegou o copo.

Olhei de novo para Jenn, que se apoiava na pia.

— Vamos — falei. — É agora ou nunca.

Ela deu um passo à frente e passei o braço em volta de seu ombro. Depois de apagar a luz do banheiro, saímos pelo corredor escuro. Estávamos perto da sala de estar, e dali eu pensava em seguir até as escadas para o quarto de Jenn. Só que, depois de alguns passos, ela apertou minha mão, desesperada. Parei de andar.

— Acho que vou vomitar — ela sussurrou. Esperei com a respiração presa. Por fim, ela soltou o ar. — Tudo bem, vamos.

E assim passamos pelo sofá, pela mesinha de centro e pelo piano, fazendo apenas mais duas paradas. Bem quando estávamos em frente à porta da entrada, a campainha tocou.

— Céus — Jenn gemeu ao apertar de novo a minha mão. — Acho que vou…

Dessa vez, tive a sensação de que era pra valer. Sem pensar, totalmente desesperada, abri a porta com tudo e empurrei Jenn para os degraus. Ela se segurou no corrimão decorado, inclinou-se para a frente e despejou tudo em cima dos arbustos. Nos degraus, um pouco para o lado, com uma bolsa térmica na mão e uma camiseta da Seaside, estava Mac Chatham.

A princípio eu simplesmente não processei a informação. Era como se eu estivesse delirando, exceto pela parte do vômito. Ele se afastou rapidamente quando Jenn vomitou de novo. Em seguida, olhou para mim e ergueu as sobrancelhas.

— Oi — foi o consegui dizer ao som das golfadas de Jenn. — Tudo bem?

Ele olhou bem para mim.

— Você pediu pizza?

— Não — respondi. Então ele ficou confuso. — Quer dizer, elas pediram. Ou esta garota aqui pediu. Eu não sabia que…

— Sydney — Jenn grunhiu antes de soltar o corpo nos degraus aos pés dele. — *Socorro*.

— Um momento — eu disse para Mac com um olhar de desculpas ao fechar a porta atrás de mim e agachar ao lado de Jenn. Corri a mão por seu cabelo opaco e então expliquei: — É aniversário dela.

— Ah — ele limpou a garganta. — Hum… feliz aniversário.

Depois disso, ela desabou em cima de mim. Antes que me desse conta do que estava acontecendo, a cabeça dela já estava no meu colo e suas pernas,

encolhidas contra o corrimão. Fiquei ali, parada, sem saber ao certo o que fazer. Um segundo depois, ela já estava roncando.

Ergui os olhos para Mac.

— Eu… tenho dinheiro no bolso. Quanto ficam as pizzas?

Imaginei que ele ficaria mais do que contente em receber e seguir seu caminho; não conseguia pensar numa situação mais infeliz com que se deparar. Em vez disso, Mac me surpreendeu — o que se tornaria algo comum, mas eu ainda não sabia disso.

— Vamos levar sua amiga pra dentro primeiro — ele falou. — A última coisa que você quer é que os vizinhos vejam isso.

Ele tinha razão. As casas da rua de Jenn eram bem próximas, e do outro lado da rua todas ainda estavam com as luzes acesas.

— Não precisa me ajudar — eu disse. — De verdade.

Ele não respondeu. Em vez disso, entregou a bolsa térmica com as pizzas pra mim. Aceitei, sem entender o que estava acontecendo até ele se curvar e pegar Jenn nos braços. A cabeça dela bateu de leve no ombro de Mac e ela se agitou um pouco, para logo apagar de novo.

— Vai na frente — ele disse.

Fui. Atravessamos a porta — com uma parada para eu deixar a bolsa térmica na mesa lateral —, passamos pelas escadas e pelo corredor, até chegar ao quarto escuro de Jenn. Ao acender a luz, me veio à cabeça que, dentre todos os finais que eu havia imaginado para aquela noite, entrar num quarto com Mac Chatham era o menos provável de todos.

Ele, porém, parecia bem à vontade, como se botasse desconhecidas inconscientes na cama com regularidade. Esperava que não fosse o caso. Assim que encostou no colchão, Jenn resmungou, se encolheu e enfiou a cabeça no travesseiro. Me aproximei para tirar seus sapatos.

— É melhor trazer um copo d'água pra ela — Mac sugeriu. — E uma lixeira, se tiver alguma por perto.

Havia, e eu peguei, junto com a água e a toalha molhada, que pus sobre a testa de Jenn. Quando terminei tudo, voltei para perto de Mac, que estava ao pé da porta.

— Ela nunca bebe — expliquei. — Não sei onde estava com a cabeça.

— Provavelmente nem pensou no que estava fazendo — ele comentou. — Acontece. Especialmente em aniversários.

— Ela vai ficar bem, né?

— Só precisa dormir até passar.

Mordi o lábio, preocupada.

— Sydney, ela está bem — ele acrescentou.

A maneira como ele pronunciou meu nome, tão familiar e reconfortante, foi ainda mais comovente do que tudo o que já tinha feito até então.

— Obrigada — disse a ele. — De verdade. Não sei o que teria feito se você não tivesse aparecido.

— Todos os entregadores de pizza recebem esse tipo de treinamento. Faz parte do trabalho.

Sorri para ele quase sem perceber. Só depois me dei conta de que aquela

era a primeira vez que conversava com ele a sós desde que nos conhecemos. E eu estava *conversando* com ele, sem corar nem gaguejar, pelo menos até o momento. Quem poderia imaginar que aquela noite acabaria de um jeito tão diferente de como começara, mesmo sem sair de casa?

— É melhor não te segurar aqui — eu disse. — Acho que precisam de você para as outras entregas, não?

— Esta é a última da noite, na verdade. — Ele coçou a cabeça. — Mas preciso mesmo ir pra casa. Tenho que levar hambúrguer e fritas do Webster's para Layla e minha mãe. Elas levam a sério quando o assunto é comida.

— É verdade.

Saímos para o corredor, apagamos a luz do quarto e fechamos a porta com cuidado. No meio da escada, trombamos com Margaret e Chris.

— Sydney? — ela disse, arregalando os olhos ao notar Mac atrás de mim. — O que você está *fazendo*?

Considerando que ela estava a sós com um cara por quem Jenn tinha deixado clara sua paixão, seguindo para uma área da casa que só tinha quartos, fiquei com vontade de devolver a pergunta. Em vez disso, respondi:

— Este é Mac. Um amigo meu da escola.

— Um *amigo*, é? — ela repetiu. — E o que vocês dois estavam fazendo aí em cima?

— Vendo como Jenn estava — afirmei com a cara fechada. — Assim como você, certo?

— Certo — ela respondeu sem hesitar. — Claro.

Passei por Margaret e continuei a descer os degraus com Mac logo atrás. Quando ele passou, ela reparou na camiseta.

— Espere — disse, voltando-se para nós. — Esse é o… *entregador de pizza*?

Sua voz saiu num tom de riso, mais aguda no final. Eu já tinha decidido que não gostava dela, mas só então senti um forte acesso de raiva. Eu estava prestes a dizer onde ela podia enfiar a pizza, em detalhes, mas Mac foi mais rápido.

— São dezessete e quarenta e dois — ele informou a Margaret. — Temos preferência por dinheiro trocado.

Margaret apenas lançou um olhar gelado a ele. Mac retribuiu, mostrando que aquilo não o intimidava. Por fim, ela virou pra mim.

— O dinheiro está em cima do balcão, dentro de um envelope. Não dê gorjeta demais.

Ela então voltou a subir a escada. Chris permaneceu onde estava, com um ar de hesitação.

— Ei — ele me disse em voz baixa. — Eu…

— *Vem* — Margaret rugiu lá do alto. Um segundo depois, ele nos deu as costas e desapareceu pelo corredor do andar de cima.

Com o rosto quente de vergonha e raiva ao mesmo tempo, desci até a cozinha.

— Ela é *bacana*… — Mac comentou. — Sua amiga?

— Não — rebati.

Na cozinha, encontramos Huck e Charlie ainda à mesa. Bebiam rum puro e tentavam acertar amendoins na boca um do outro. Estavam bêbados o bastante

para não nos notar, mas vi Mac examiná-los enquanto eu pegava o envelope que a mãe de Jenn havia deixado. “Para seu jantar de aniversário”, diziam as letras rebuscadas na frente. Ah, se ela soubesse… Peguei vinte e cinco dólares e deslizei para Mac, que devolveu a nota de cinco.

— Pega — insisti, empurrando o dinheiro de novo.

Ele devolveu mais uma vez.

— Sydney, não.

Devolvi.

— Mac, é o mínimo que posso fazer.

Ele devolveu.

— Não vou aceitar sua caridade.

Devolvi.

— O dinheiro não é meu.

Ele devolveu.

— Não importa.

Pus a mão na nota para empurrá-la de novo, e Mac fez o mesmo. Nossas mãos acabaram se encontrando bem em cima do rosto de Abraham Lincoln. Nenhum de nós se mexeu. Pude sentir o calor de seus dedos, que mal tocavam os meus. Ficamos assim por um segundo. Dois. E então, do nada, um celular vibrou.

Sem tirar a mão da nota, Mac puxou o celular do bolso de trás e olhou para a tela, que em seguida me mostrou.

LAYLA era o nome indicado no topo. A mensagem dizia apenas:

Cadê a minha batata frita?????????

Achei graça.

— Quantos pontos de interrogação.

— Eu disse: elas levam comida a sério.

Os dedos dele se afastaram levemente dos meus e Mac empurrou a nota para mim pela última vez. Então olhou para Huck e Charlie, que riam feito garotinhas de algo sobre a mesa.

— Você vai ficar bem aqui? — Mac perguntou.

— Vou — respondi. — Conheço esses garotos desde sempre. São gente boa.

Ele assentiu, guardou o celular no bolso e partiu em direção à saída. Fui atrás e abri a porta enquanto ele tirava as pizzas da bolsa térmica para me entregar.

— Obrigada de novo. Por tudo — eu disse assim que ele cruzou a porta.

— Sem problemas. Como eu disse, faz parte do trabalho.

— Parece que sim.

Permaneci ali, com as pizzas na mão. Ele desceu a escada e entrou na caminhonete. No andar de cima, Margaret fazia sabe-se lá o que com Chris McMichaels, e eu tinha mais dois bêbados para cuidar assim que voltasse à cozinha. Mas Jenn estava a salvo, e eu também, e pelo menos tínhamos pizza. Acenei para Mac, que já dava ré no carro. Ele piscou os faróis para mim antes de partir.

De volta à cozinha, os garotos voaram em cima das pizzas sem pestanejar, mas eu fui até o balcão. A nota de cinco ainda estava lá. Ao contrário de certas pessoas, não pegava o que não era meu. Então achei outra nota de cinco na carteira e a guardei no envelope antes de tomar posse da nota original.

Dobrei-a com cuidado. Caminhei até a porta da frente e espiei a rua vazia. *Mac está sempre por perto*, Layla dissera, mas não tinha me dado conta de como aquilo era verdade. Passei aquela noite encolhida ao lado de Jenn na cama; a respiração suave dela preenchia o quarto. Dormi com a mão no bolso, com a nota entre os dedos. Sempre que acordava, verificava se ainda estava lá.

10

"ADOLESCENTE DA REGIÃO ENFRENTA TRAGÉDIA E DÁ A VOLTA POR CIMA", dizia a manchete. Logo abaixo, uma foto de David Ibarra na cadeira de rodas. Sorrindo.

De repente, tudo fez sentido. Era por isso que, quando desci até a cozinha, encontrei meu pai de pé, olhando o jornal aberto sobre a mesa. Ele estava de costas pra mim, mas dava pra ver que havia levado a mão à boca. Seus ombros tremiam.

— Pai?

Ele pôs a mão na mesa e respirou fundo antes de se virar.

— Oi — ele disse. — Pronta para o café da manhã?

Fiz que sim com a cabeça. Ele fechou o jornal e foi para o fogão pegar uma frigideira com ovos mexidos na manteiga. Meu pai era daqueles que não dispensavam uma boa refeição de manhã: começava cada dia com uma quantidade mínima de ovos, bacon ou linguiça, e torradas. Ele acordava supercedo e quase sempre já estava na rua quando eu descia para ir à escola, deixando para trás apenas as sobras e o cheiro de carne de porco. Encontrá-lo ainda na cozinha às sete era uma raridade. Vê-lo chorar beirava o assustador.

Dei uma olhada no jornal enquanto ele preparava um prato enorme pra mim. Queria saber o que estava lendo. Só quando o telefone tocou tive chance de descobrir.

David Ibarra está num dia bom. Não sente dor, acabou de conseguir uma boa pontuação no seu jogo de videogame favorito, e está prestes a se deliciar com uma pizza especial. Para alguns, coisas assim talvez não

representem muito. Mas para David, atropelado por um motorista embriagado sete meses atrás e paraplégico, cada dia é uma vitória.

Senti meu estômago revirar. Meu pai ainda falava ao telefone no corredor. Depressa, continuei a ler.

Dia 15 de fevereiro. David mais uma vez jogava Warworld. A palavra "competitividade" não é suficiente para definir a relação que ele e seu primo Ricardo mantinham quando se tratava desse jogo tão popular. Sempre que possível, os dois passavam horas jogando, muitas vezes até altas horas. Aquela noite, David conta, "foi especialmente incrível, mesmo para os nossos padrões. Jogamos por tanto tempo que eu mal conseguia manter os olhos abertos. No final, acabei dormindo, e acordei com o controle em cima do peito."

Ele sabia que estava encrencado, mas imaginou que acordar na própria cama poderia aliviar a bronca. Afinal, a casa dele ficava a apenas duas quadras dali. Por volta das duas da manhã, ele subiu na bicicleta e seguiu seu caminho pelas ruas escuras. Estava quase em casa quando viu os faróis. "Foi uma loucura", ele recorda. "Não tinha nenhum carro na rua, nada. De repente, surgiu um bem na minha frente. E não parecia que ia parar."

Ele não lembra do acidente em si, o que sua mãe considera uma bênção. Sua primeira lembrança é de acordar na calçada e ver as pernas retorcidas. Então veio a dor.

Ouvi passos no corredor: meu pai estava voltando. Fechei logo o jornal e o afastei de mim bem na hora que ele apareceu na porta.

— Como estão os ovos? — perguntou.

— Bons. Obrigada. Cadê a mamãe?

— Não está se sentindo bem — ele disse ao encher sua caneca novamente na cafeteira. — Voltou para a cama.

Minha mãe costumava acordar ainda mais cedo que meu pai; sempre buscava o jornal e lia do começo ao fim. Até conseguia imaginá-la: debruçada sobre a mesa, com a caneca de café perto do cotovelo como sempre, virando a página e dando de cara com a manchete e a foto. Por toda a cidade, outras pessoas faziam o mesmo.

De repente, no caminho para a escola, passei a notar mais os jornais na porta das casas e à venda nos postos de gasolina e lojas de conveniência. Ao

entrar na escola, tive a sensação de que todos me encaravam, embora não fizesse ideia se eles sabiam que Peyton era meu irmão. Na sala, antes da primeira aula, enquanto todos conversavam e riam ao meu redor sem prestar atenção nos avisos, abri o artigo no celular.

DUAS VIDAS CONVERGEM, era a chamada para a seção seguinte.

> Aos olhos de todos, Peyton Stanford parecia estar reconstruindo a própria vida. Depois de uma série de prisões por invasão de propriedade e porte de drogas (entre outros delitos), concluíra o tratamento numa clínica de reabilitação e estava sóbrio havia um ano. Mas naquela noite de fevereiro, depois de uma festa regada a álcool e drogas, ele sentou atrás do volante do seu BMW esportivo. Como David Ibarra, queria ir para a casa.

O sinal tocou, alto como sempre. Fechei os olhos. Senti um enjoo repentino. À minha volta, as pessoas juntavam as coisas e seguiam para a porta, mas fiquei ali, parada; as palavras do artigo se embaralhavam na minha frente. Só percebi que era a única ainda na sala quando a sra. Sacher, minha professora de inglês, chamou meu nome.

— Sydney?

Levantei a cabeça. Ela era jovem, simpática, tinha um rosto gentil e ria fácil.

— Tudo bem? — ela perguntou.

— Sim — respondi enquanto guardava o celular na mochila. — Desculpa.

Passei o resto do dia aproveitando qualquer oportunidade para continuar a ler o artigo. Nos poucos minutos livres no final da aula de história. No armário no meio do caminho entre a sala de inglês e a de matemática. Quando deu a hora do almoço, só faltava um parágrafo.

> Há momentos em que David sente raiva por tudo o que aconteceu. Momentos em que não consegue deixar de pensar como as coisas poderiam ter sido diferentes. Se ele tivesse ficado na casa do primo… Se tivesse saído dez minutos mais cedo… É difícil não seguir essa linha de raciocínio e afundar na depressão. Mas neste momento ele não pensa nisso. Hoje é um dia bom.

— Aqui está — disse o atendente do trailer do Great Grillers. Levantei a cabeça e o encontrei segurando a sacola com o sanduíche que eu havia pedido dentro. — Algo mais?

Balancei a cabeça. Tinha certeza de que, se abrisse a boca, poderia acabar aos prantos. Então respirei fundo algumas vezes e fui até onde Layla e o resto do

pessoal estavam sentados. O tema da conversa eram nomes de banda, um assunto recorrente nas nossas discussões. O novo conceito adotado pela Hey Dude, Eric argumentava, pedia um novo nome. Mas, claro, tinha que ser perfeito.

— Que tal Logan Oxford Experience? — Irv propôs. — Tipo a do Hendrix, só que não.

Eric o encarou.

— Isso está tão, mas tão distante do que estou falando que não consigo nem dar uma resposta adequada.

Irv deu de ombros, sem se importar.

— Tinha que ser relacionado às *boy bands*, mas com algo a mais — Layla disse.

— Não, não — Eric bufou, como se a nossa ignorância coletiva realmente lhe causasse sofrimento. — Preciso de um nome que dê conta da proposta inteira, e não de um truque de publicidade. Algo capaz de explicar o significado, a *ironia*, porque é evidente que ninguém consegue entender. Não posso deixar que pensem que somos apenas uma banda cover retrô.

— Então talvez fosse melhor vocês pararem de tocar covers de músicas antigas — Layla sugeriu.

— A questão aqui não são os covers — Eric rebateu. — É a experiência universal de consumo em massa de música. Como uma música pode fazer você lembrar de um momento específico da vida, como se pertencesse a você. Mas quão pessoal essa música pode ser *de verdade* se um milhão de pessoas também sentem o mesmo? É um significado falso, em cima de um significado fabricado, dividido por um significado real.

Silêncio. Então Irv disse:

— Cara, você tomou sua ritalina hoje?

Num banco ao lado, estudando feito louco para uma prova de matemática, Mac torceu o nariz e abriu um queijo em palito. Desde sua aparição na casa de Jenn uma semana antes, eu não conseguia esquecer o momento em que ficamos com a mão sobre a nota de cinco. Era, porém, uma lembrança que eu gostava de reviver. Ao contrário daquela que ocupava minha cabeça no momento e anulava mais do que meu apetite.

— Você está bem? — Layla me perguntou. Ela espichou a cabeça na direção do meu almoço, ainda dentro da sacola. — Nem comeu.

— Estou sem fome — falei.

— Qual é a sensação? — Irv perguntou, e todos riram. Layla, por sua vez, manteve o olhar sobre mim por tanto tempo que tirei o sanduíche de dentro da sacola. Em silêncio, entreguei a ela as batatas fritas que acompanhavam.

— Great Grillers? — ela perguntou.

Confirmei com a cabeça.

— Costumam ser finas demais pro meu gosto — ela prosseguiu. — Não gosto de batatinhas magrelas. Mas já que você está oferecendo…

Ela começou seu minucioso ritual de preparação. Dei uma mordida desanimada no sanduíche e logo o deixei de lado. Senti um ímpeto repentino de ligar para a minha mãe. Nunca mais tínhamos falado sobre David Ibarra desde

as minhas primeiras tentativas, rejeitadas por causa de sua filosofia de seguir em frente. Mas estava tão sozinha naquele momento que ansiava por alguém, qualquer pessoa, que pudesse me entender.

— Ei — uma voz disse. Levantei os olhos e vi que era Mac, com o lixo do seu lanche na mão, de pé na minha frente. — Tem certeza de que está bem?

— Sydney? — Layla chamou. — O que houve?

Balancei a cabeça e levantei depressa. A atenção deles, somada à perseguição que passara o dia imaginando, de repente foi demais.

— Eu… eu preciso ir — falei. — Vejo vocês depois.

Ninguém falou nada enquanto eu saía. Ninguém tentou me seguir. Fui para o banheiro e me tranquei numa das cabines. Por fim, estava só, como queria. A sensação era horrível. Como se talvez eu a merecesse mesmo.

*

À noite, as coisas já tinham voltado ao normal em casa. O jornal estava no lixo reciclável, a reportagem já era passado e nós seguiríamos em frente. Mas embora minha mãe circulasse pela cozinha, conversando enquanto preparava o jantar, ainda me sentia estranha. Não só pelo artigo, mas também pelo jeito como fugi de Layla e dos outros. Ela conhecia a história de Peyton; eu poderia ter contado do jornal. Mesmo assim não contei. Ainda não sabia ao certo por quê.

Logo depois do jantar, enquanto ajudava a colocar os pratos na lava-louças, meu celular apitou. Layla.

> Minha mãe quer que você venha jantar amanhã.
>
> S/N/Talvez?

Olhei para a pia, onde minha mãe preparava o café da manhã seguinte, como era costume depois do jantar. Esperei a cafeteira terminar de moer os grãos (orgânicos e de boa procedência, claro) para falar.

— Mãe?

— Sim? — ela perguntou, se aproximando.

— Vou jantar com Layla amanhã, tudo bem?

O primeiro mau sinal foi vê-la deixar a jarra com água pela metade em cima da pia. O segundo foi a expressão em seu rosto.

— Preciso de você aqui. Sawyer e aquela ativista, Michelle, vão vir, lembra?

Eu não lembrava, mas então tudo me voltou à cabeça. Depois de ter fracassado em suas tentativas de descobrir o que Peyton fizera para perder o direito à visita, minha mãe descobriu uma ONG que ajudava famílias de presidiários a navegar pelo sistema legal. Na semana anterior, ela tivera dois encontros com uma mulher de lá chamada Michelle e voltou dizendo que ela era "muito competente, nossa salvação", e "exatamente a pessoa que precisamos no nosso time".

— Mas vocês só vão falar de Peyton — respondi. — Preciso mesmo estar

presente?

O rosto dela ficou tenso, e aquela ruguinha surgiu entre os olhos.

— É importante sempre nos apresentarmos como uma família unida que apoia Peyton. E você faz parte dela.

Ela voltou para a pia. Mordi o lábio e fixei os olhos nos sapatos. Meu pai entrou e foi direto abrir o congelador. Ele ficou parado diante dele por um minuto antes de perguntar:

— Acabou o sorvete de chocolate? Como isso é possível?

— Sydney não quer jantar conosco amanhã — minha mãe respondeu, como se isso tivesse alguma coisa a ver com a pergunta. — Parece que ela prefere comer na casa da nova amiga.

— O que vai acontecer amanhã? — meu pai quis saber enquanto afastava um pote de baunilha para ver o que tinha atrás.

Minha mãe abriu o reservatório de água da cafeteira com tanta força que a tampa acertou o armário atrás.

— Sawyer? A ativista? O jantar? Por acaso *alguém* presta atenção no que eu digo?

Meu pai, que tinha encontrado seu sorvete, virou para ela com a embalagem na mão. Ele parecia tão surpreso que me senti mal por ele.

— Julie? O que houve?

— Só estou cansada de ser a única que se importa com Peyton. — Ela enfiou a jarra térmica bruscamente no lugar. — Não peço para vocês irem comigo nas visitas, não peço para se manterem em dia com as datas e questões importantes. Mas acho que posso pedir para vocês jantarem na casa de vocês, se não for complicado demais.

— Mãe — eu disse —, vou jantar aqui.

— Claro que ela vai. — Meu pai largou o sorvete, se aproximou da minha mãe e pôs a mão nos ombros dela. — Querida, tudo bem. Faremos o que você quiser.

— Não é *por mim* que vocês têm que fazer — a voz dela vacilou. — Essa é a questão.

Mais tarde, escrevi para Layla no meu quarto:

Não vai dar. Coisa de família. Mas eu bem que queria.

Nada por alguns minutos. Então, finalmente um toque:

Certeza de que está bem?

Meu dedo hesitou sobre o teclado. Respondi:

Não, não estou.

Outra pausa, dessa vez menor. E então:

Dorme aqui sábado. S?

Ela não mandou um *Não* ou *Talvez* na mensagem. Às vezes é bom ter poucas opções. Respondi:

Vou tentar.

E acrescentei, depois de um instante:

Obrigada.

Ela respondeu:

Bjs.

E depois, como se eu já tivesse escolhido:

Nos vemos sábado.

Sawyer Ambrose era um cara gordo e forte, com cabelo branco cacheado e bochechas sempre coradas. Era como o Papai Noel, mas de terno e gravata em vez de roupa vermelha. Pontualmente às seis e meia do dia seguinte, quando abri a porta, lá estava ele com uma garrafa de vinho, uma torta e um sorriso.

— Sydney — ele falou. — Como vai?

— Bem — respondi. — Entre.

Quando dei um passo pro lado para deixá-lo entrar, o Lexus vermelho de Ames embicou na frente da garagem. Ele saiu depressa do carro e acenou para mim, o que significava que, a não ser que eu decidisse fechar a porta na cara dele, não tinha escolha senão esperar. Ele abriu os braços e disse:

— Oi! Quanto tempo.

Odiava ter que abraçá-lo. Era uma coisa relativamente nova, instituída depois do fim de semana que ele passou comigo. E não havia como rejeitar um abraço sem parecer uma escrota, e os dele eram especialmente longos e apertados. Deixei-me ser abduzida e tentei não endurecer completamente o corpo quando ele deslizou as mãos sobre mim.

— Semana difícil, hein? — ele comentou. — Tudo bem com você?

— Sim — eu disse quando consegui me desvencilhar. — Minha mãe está lá dentro.

— Ótimo.

Sorrindo, ele passou por mim e seguiu pelo corredor. De lá o ouvi cumprimentar Sawyer e meus pais com a familiaridade barulhenta de costume.

Permaneci no hall de casa, com a sensação de que precisava de um banho. A campainha soou de novo e abri a porta. Uma mulher magra com cabelo trançado, usando um vestido esvoaçante e tamancos de couro, estava na minha frente. Ela parecia bem surpresa ao me ver, como se não tivesse apertado a campainha.

— O-oi — ela gaguejou. — Eu, humm, estou aqui para…

— Michelle, certo? — perguntei. Corando um pouco, ela fez que sim com a cabeça. — Sou Sydney, irmã de Peyton. Entre.

Ela entrou trazendo consigo o doce perfume de algum óleo aromático.

— Que casa linda — ela elogiou enquanto eu a conduzia pelo corredor. — Eu… nunca estive neste bairro antes.

— É um bairro bem gostoso — falei, porque, sério, o que mais poderia dizer? Felizmente, mais dois passos e estávamos na cozinha. — Mãe, Michelle chegou.

— Olá! — minha mãe cumprimentou, já ligada no modo avançado de anfitriã simpática, algo que não via fazia tempo.

Antes dos problemas de Peyton, meus pais recebiam muitos convidados, tanto do trabalho do meu pai quanto do círculo social de ambos. No último ano, porém, os jantares e coquetéis passaram de esporádicos a inexistentes. Ninguém estava em clima de festa.

— Muito obrigada por vir — minha mãe continuou. — É uma honra recebê-la.

— Sua casa é linda — Michelle repetiu.

Havia uma camada de pelos — de gato? Cachorro? Outro bicho de estimação? — nas costas de seu vestido.

— Este é Sawyer Ambrose, advogado da família — minha mãe disse. — E o meu marido, Peyton, e nosso amigo Ames Bentley. Você conheceu Sydney?

Michelle assentiu.

— Sim. Ela… Sim, conheci.

Eu não era nenhuma especialista, mas achava que uma ativista profissional precisava saber conversar pelo menos *um pouco* com as pessoas. Não era o caso de Michelle. Enquanto minha mãe servia um aperitivo de queijos e vinhos, ela parecia nervosa sempre que alguém se dirigia a ela. Sem se abalar, minha mãe não parou de falar com a mulher, inteirando meu pai e Ames das várias conversas que as duas tiveram ao longo da última semana sobre como lidar com o diretor da penitenciária, obter informações difíceis e encontrar formas de ajudar Peyton de fora da cadeia.

— Então — Sawyer me disse no meio de tudo aquilo —, soube que você está na Jackson agora. O que está achando?

— É uma boa escola — eu disse.

— Minha filha Isley estuda lá — ele me contou enquanto se servia de um biscoitinho e uma fatia bem grande de gouda. — Os professores são bons, mas os garotos são encrenqueiros. Talvez seja assim em qualquer lugar, não acha?

— Hum, é — concordei. Minha mãe havia redescoberto suas habilidades sociais, mas eu não encontrava as minhas em lugar nenhum. Aparentemente. — Acho que sim.

— Ela passou o verão namorando um cara — ele prosseguiu. — Um sujeito metido. Andava por aí com um afinador no bolso, tagarelando sobre ironia e nuance.

A descrição soava terrivelmente familiar.

— Como ele chamava?

— Eric — ele suspirou. — Pelo menos ela voltou a si antes que as coisas fossem longe demais. Se dependesse de mim, ela só namoraria na faculdade. Mas não depende, *claro*.

— Sawyer — minha mãe interrompeu, já com a mão no braço dele —, Michelle acabou de falar sobre algumas oportunidades para as famílias se envolverem na Lincoln.

— Estou dentro — Ames disse logo de cara. — Conte mais.

— Não sei… — Sawyer disse e deu um gole no vinho. — É preciso ter cuidado. Talvez fosse melhor para Peyton se existisse uma divisão clara entre a vida lá dentro e a vida aqui fora.

— Bom, claro que o bem-estar de Peyton é nossa maior prioridade — meu pai acrescentou, e Ames concordou com a cabeça.

Michelle limpou a garganta.

— Pela minha experiência, posso dizer que a Lincoln é uma instituição bem mais progressista que as outras. — Pausa. Bem longa. Então, quando minha mãe estava prestes a intervir, a ativista continuou: — O diretor é novo e veio de outro estado, creio que Nova York. Tem fama de ser compassivo com as famílias.

— Bom, espero que seja o caso — minha mãe disse. — Mas primeiro gostaria que ele retornasse minhas ligações.

— Você ligou para o diretor? — Sawyer perguntou, surpreso.

— Bom… — Minha mãe olhou para o meu pai e depois para Michelle. — Sim. Liguei. Não tivemos informações sobre essa última infração. Achei que seria importante…

— Julie — ele interrompeu —, aquilo é uma cadeia, não uma associação de pais e professores.

— Eu *sei* — ela disse, com uma ponta de irritação na voz. Ela própria deve ter ouvido, porque fez uma pausa e se recompôs antes de continuar: — Só queria saber o que estava acontecendo.

— O que é direito seu — Ames disse. — Eles não podem omitir informações.

— Na verdade, podem sim — Sawyer disse enquanto limpava uns farelos da boca. — De verdade, o melhor que você pode fazer para Peyton é deixá-lo cumprir a pena com o mínimo de interferência possível. Ele precisa baixar a cabeça e fazer o que mandam. É o único jeito de reduzirem seu tempo.

— Não estou interferindo — minha mãe disse.

— Claro que não — Ames lhe assegurou. Céus, que puxa-saco!

— É importante que as famílias se sintam envolvidas — Michelle acrescentou. Ela corou quando todos viramos para ela. — É melhor do que ficar frustrado sem poder fazer nada.

— Sem ofensas, senhorita, mas sou advogado há vinte anos. Já vi muitos clientes nessa situação. Algumas coisas complicam tudo, outras facilitam.

— Está na hora de servir o jantar — minha mãe anunciou, levantando. — Apenas me deem um minuto. Sydney, pode me ajudar?

Eu a acompanhei até a cozinha, onde ela abriu o forno com *um pouquinho mais* de força que o necessário.

— Tudo bem? — perguntei.

— Claro. — Ela tirou a luva e pegou uma espátula. — Só acho que devemos explorar todas as opções, tradicionais ou novas. Não há nada de errado nisso.

Sawyer, contudo, discordava, e foi o que fez ao longo do jantar inteiro. Passou o tempo todo confrontando minha mãe, Ames e uma nervosa Michelle. Meu pai, por sua vez, mantinha a cabeça baixa e engolia o maior pedaço de lasanha que eu o vira comer nos últimos tempos.

— A questão pura e simples — Sawyer disse em determinado momento, bem depois de eu ter acabado de comer — é que não importa o que Peyton faça, o motivo para estar ali é indiscutível. São os fatos. Suponho que tenham lido o jornal essa semana?

— Não vamos… — meu pai começou.

— Artigo totalmente tendencioso — Ames interrompeu.

— Tendencioso? — eu disse, e todos olharam para mim. — Como você pode…? Só falava do garoto.

— É, mas a forma como escreveram… — ele abanou a mão, como se o gesto completasse sua frase. — Estou só dizendo.

O que ele estava dizendo? Não importava. Com certeza eu não queria ouvir.

— Claro que nos sentimos muito mal pelo garoto e sua família — minha mãe disse. — Mas Peyton é nosso filho. Nossa responsabilidade. Temos obrigação de cuidar dele.

Aquilo soava familiar.

— Mas não há nada que você possa fazer, Julie — Sawyer disse. — Precisa aceitar isso.

— Bom, eu acho que você está errado — ela disse simplesmente. Meu pai e eu nos entreolhamos. — Quem quer sobremesa?

Numa palavra: a noite foi excruciante. Depois do jantar, Ames saiu pra fumar e meu pai levou Sawyer pro escritório para mostrar o computador novo que acabara de comprar. Minha mãe e Michelle ficaram na mesa da cozinha com suas doses de café.

— Cada uma das partes desse processo tem um ponto de vista diferente — Michelle disse à minha mãe, acariciando seu braço. Ela parecia mais confortável conversando com uma pessoa só. — É por isso que precisamos de muitas vozes. Só assim podemos fazer a discussão avançar.

Minha mãe suspirou e correu o dedo pela borda da caneca.

— É que… É tão difícil. Nunca me senti tão inútil.

— É normal. Você é mãe. Seu trabalho é protegê-lo. Não consegue parar, mesmo que peçam.

Por volta das nove da noite, tanto Sawyer quanto Michelle já tinham ido embora. Ames permaneceu à mesa, conversando com meus pais, embora praticamente só minha mãe falasse. A irritação que ela mal conseguira esconder antes já havia se transformado em ódio total, e o alvo era Sawyer.

— Eu achava que ele fosse nos apoiar mais depois de todo o dinheiro que pagamos — ela disse em determinado momento. Pegou um pedaço do que sobrara da torta direto da bandeja e comeu. — Quer dizer, não se pode parar de defender uma pessoa assim que o julgamento termina.

— Sawyer agiu corretamente conosco — meu pai disse. — É só que ele enxerga as coisas de um jeito diferente.

— Bom, então talvez seja hora de procurar alguém com uma perspectiva nova. Ouvi ótimas referências de Bill Thomas.

Meu pai suspirou, deixando claro que não estava convencido. Já Ames disse:

— O foco principal tem que ser Peyton. Não podemos esquecer disso.

— Exatamente — minha mãe falou, apontando o garfo para ele. — Graças a Deus alguém concorda comigo.

Não pela primeira vez, comecei a pensar se não seria esse o motivo de eu estar tão obcecada com David Ibarra e sua vida pós-acidente. Alguém precisava carregar a culpa. Se meus pais não podiam — ou não queriam —, só restava eu.

— Ainda é cedo — Ames me falou assim que minha mãe levantou pra terminar de limpar a cozinha e meu pai desapareceu no andar de cima. — Quer sair pra tomar um sorvete? Eu pago.

— Ah, que gentil da sua parte, Ames — minha mãe elogiou com um sorriso enquanto secava as mãos no pano de prato. — Sei que não era bem assim que Sydney gostaria de ter passado a noite.

Na verdade, ela sabia muito bem qual teria sido minha escolha.

— Obrigada, mas estou meio cansada.

— Vamos — ele insistiu. — Você vai mesmo recusar um sundae de chocolate com calda quente? Isso sem falar da excelente companhia.

— Querem saber? — minha mãe interveio pegando a bolsa. — Eu pago pra vocês dois.

— Não estou mesmo no clima — disse a ela. — Mas obrigada.

Minha mãe olhou pra mim e ergueu a sobrancelha.

— Você está bem?

— Sim. Foi só… uma semana longa.

Ela e Ames trocaram um olhar de compreensão.

— Foi mesmo — ela concordou, aproximando-se para acariciar meu cabelo. — Isso sem falar na noite interminável. Ames, fica para a próxima, certo?

— Claro — ele disse.

Sentindo que era minha chance de escapar, levantei.

— Acho que vou subir e me preparar pra cama.

Minha mãe olhou para o seu relógio. Nove e meia ainda. Quando virei para sair da cozinha, ela disse:

— Amanhã o dia é todo seu, o.k.? Pra fazer o que quiser.

Tive a sensação de que ir à casa de Layla não era o que minha mãe tinha em mente ao dizer isso. Mas tudo o que eu queria era sair daquela casa, ir para algum lugar onde o fantasma do meu irmão, que nem tinha morrido, não me assombrasse em cada canto.

No meu quarto, vesti o pijama e escovei os dentes. Verifiquei várias vezes se Ames já tinha ido embora. Me perguntava o que mais ele teria a dizer à minha mãe. Meia hora se passou, depois mais meia hora, e o carro dele continuava lá. Por fim, me esgueirei até a metade da escada para escutar.

— Ela está indo bem — dizia ele. — É uma grande adaptação. Imagine o que é estar no ensino médio e ter que lidar com isso.

— Eu só queria que ela tivesse ficado na Perkins. Sinto que estou perdendo contato com ela porque não sei muito da sua rotina.

— Parece que não é a primeira vez que você sente isso — Ames disse, e revirei os olhos.

— Pois é — pausa. — Só queria que eles fossem felizes.

— Pedir que sejam felizes o tempo todo é pedir demais.

— Não precisa ser o tempo todo — ela replicou. — Não mais. Ficaria feliz só com um pouquinho.

Ela soava tão triste, tão cansada. Às vezes era até difícil lembrar como minha mãe já tinha sido uma vez, repleta de energia e projetos. Se nossa família era uma roda, ela sem dúvida era o centro, que nos mantinha unidos para que tudo continuasse girando. Ultimamente, porém, a roda andava frouxa e quase não saía do lugar.

Antes de apagar as luzes do quarto, peguei o celular e fiquei olhando pra última mensagem de Layla. Queria poder contar tudo o que tinha acontecido de uma só vez, para que ela soubesse o que eu estava sentindo naquele momento e talvez me compreendesse. Abri o navegador e acessei o endereço da reportagem, que ainda estava nos favoritos; copiei o link e colei numa mensagem nova para ela. Antes que pensasse duas vezes, apertei ENVIAR. Sem explicações nem comentários. Apenas a matéria tal como era. Fiquei acordada um bom tempo me perguntando se ela responderia. Quando acordei de manhã, não sabia se ficava alegre ou triste por ela não ter respondido.

11

Eu estava certa. Apesar das promessas na noite anterior, minha mãe não ficou muito contente ao descobrir que o que eu queria fazer no sábado era dormir na casa de Layla.

— Ah, querida — ela disse quando levantei o assunto. Eram apenas nove da manhã, mas ela já soava exausta. — Acho que não. A semana já foi longa, e eu nem conheço essa garota.

— Mas ela já até dormiu aqui uma vez — relembrei na esperança de apelar para seu senso de boas maneiras e contratos sociais. — Duas noites, na verdade.

— A situação era diferente — ela rebateu enquanto se servia de mais café. — Você estava aqui, e Ames estava junto.

O que com certeza tornava tudo muito mais seguro, pensei. Mas era claro que ela achava isso mesmo. Me perguntei se ele também era *fisicamente* diferente aos olhos dela, com traços completamente outros, já que o enxergávamos de maneiras tão opostas.

— Fiquei em casa ontem à noite, como você pediu. Você tinha dito que hoje o dia era meu pra fazer o que quisesse.

— Quis dizer um programa como ir ao cinema ou almoçar fora, não sumir a noite inteira na casa de uma estranha.

— Mãe, é do outro lado da cidade, não na Terra do Nunca.

Ela fechou a cara e olhou para o meu pai, que se debruçava sobre seu pratão usual de bacon e ovos enquanto lia o caderno de esportes.

— Peyton? Você pode dar sua opinião?

— Claro — ele disse, recostando na cadeira e limpando a mão num guardanapo. — Sobre o quê?

— Sydney quer passar a noite na casa de sua amiga Layla hoje.

Meu pai olhou para mim, depois para a minha mãe; era evidente que tentava descobrir qual era a questão. Como sempre, me admirava com sua capacidade de estar literalmente no meio de uma conversa e ainda assim não captar nada.

— E o problema é…? — ele quis saber.

— Que não conhecemos essa garota? Nem a família dela?

— E não podemos conhecer?

Minha mãe olhou pra mim, como se essa perspectiva fosse murchar meu entusiasmo.

— Claro que podem — eu disse. — Os pais dela têm uma pizzaria perto da escola. Com certeza vão abrir para o almoço, e o pai dela quase sempre está lá.

Levar minha mãe na Seaside era prova do tamanho do meu desespero. Mas não se tratava apenas de conseguir o que eu queria. As palavras que eu a ouvi dizer a Ames na noite anterior ainda estavam na minha cabeça. Não havia muito que ela pudesse fazer pra conhecer melhor o mundo de Peyton. Então talvez eu pudesse lhe mostrar um pouquinho do meu.

Três horas depois, lá estava eu no assento do passageiro do utilitário esportivo da minha mãe procurando uma vaga para estacionar. Meu pai tinha ido jogar raquetebol, então fomos só nós duas, e eu estava estranhamente nervosa, como se aquilo fosse uma espécie de teste em que eu tinha que passar. Ela desligou o motor e baixou o quebra-sol para conferir o batom.

— Está com fome? — perguntou.

— Demais — respondi. — A pizza daqui é ótima.

Lá dentro, vi Mac atrás do balcão, de camiseta da Seaside e calça jeans, passando molho num disco de massa cru. Pela primeira vez consegui ver sua correntinha de prata inteira e notei que tinha um pingente circular, parecido com uma moeda, embora fosse difícil dizer de longe.

— Oi — ele disse. — Layla falou que você talvez aparecesse.

— Ela está por aí?

— A caminho. Uns cinco minutos.

Olhei para minha mãe, que contemplava em silêncio a decoração escura, as mesas de plástico e as fotografias em preto e branco na parede.

— Mãe, esse é Mac — disse a ela. — Irmão de Layla.

— Prazer em conhecê-la — ele disse depois de limpar a mão num pano próximo e estendê-la. Minha mãe estendeu a dela e eles se cumprimentaram. — Posso servir alguma coisa pra vocês?

Minha mãe examinou o cardápio.

— Como são as saladas?

— Não tão boas quanto as pizzas — Mac respondeu.

Ela achou graça.

— Nunca são, não é?

— Não mesmo.

Lancei a Mac um olhar de gratidão, imaginando o que Layla teria contado a ele. Eu tinha mandado uma mensagem pra ela antes:

Seu pai está na Seaside? Minha mãe quer conhecê-lo antes de eu passar a noite aí.

Ela respondeu:

Meio-dia. Não se preocupe. Somos limpinhos.

Nunca dá pra ter certeza do tom das frases nas mensagens de texto, então quando vi essa resposta fiquei pensando se não a teria ofendido. Porém, quando ela cruzou a porta da pizzaria dez minutos mais tarde, logo de cara tive certeza que não devia ter me preocupado.

— Oi — ela disse ao entrar.

Layla vestia uma saia rodada estampada e uma blusinha branca de manga curta. Cabelo preso num rabo de cavalo, chinelo nos pés e um reluzente pirulito de algodão doce na mão. O pai dela entrou logo atrás, carregando algumas sacolas de compras.

— Enfim nos conhecemos — ela disse à minha mãe, estendendo a mão. — Meu nome é Layla.

— Olá — minha mãe disse ao apertar sua mão. — Ouvi falar muito de você.

— Espero que só coisas boas — Layla falou, e então olhou para mim. — Mas aposto que quase tudo tinha a ver com comida.

— Layla adora batata frita — expliquei à minha mãe. — E pirulitos.

— Todos os ingredientes de uma dieta saudável — Layla brincou.

Quando minha amiga se virou para o pai, percebi que minha mãe a analisava e me perguntei como será que a via. Roupas sem etiqueta de marcas famosas, bolsa gasta que não era daquela estação e talvez nem da anterior. E o pirulito.

— Pai, venha aqui um segundo — Layla chamou.

O sr. Chatham surgiu de trás do balcão amarrando o avental na cintura.

— Você deve ser a mãe de Sydney — ele disse à minha mãe. — Mac Chatham.

— Julie Stanford. Você e o seu filho têm o mesmo nome? — minha mãe disse quando se cumprimentaram.

— Tradição de família — ele explicou. — Meu pai também se chamava Macaulay.

— É o mesmo com meu marido, o pai dele e o irmão de Sydney. Todos chamados Peyton. Quando estão no mesmo lugar, a confusão reina.

— Geralmente consigo distinguir com quem minha mulher está gritando pelo tom de voz — ele disse. — Ela pega mais leve comigo por causa do fator casamento. Mas não muito.

— Você tem outros filhos?

— Mais uma. Rosie. Ela é dois anos mais velha que este aqui — ele disse cutucando Mac.

— Ela compete em torneios de patinação no gelo — acrescentei. — Saiu em turnê com a companhia Mariposa.

— É mesmo? — minha mãe disse. — Que incrível. Você deve estar muito orgulhoso.

— Estava até ela ser pega com drogas — Layla se intrometeu. — Depois nem tanto.

O sr. Chatham apenas encarou a filha, enquanto minha mãe, claramente surpresa, lutava para retomar o controle da expressão do próprio rosto. Fechei os olhos.

— Não importa — Layla prosseguiu. — Vocês já pediram o que queriam? Bebidas? Pão de alho?

— Já — respondi. — Não vejo a hora de minha mãe experimentar a pizza de vocês.

— Vou garantir que você receba uma fatia extragrande — disse o sr. Chatham ao voltar para trás do balcão. — Prazer em conhecê-la, Julie.

— Igualmente! — minha mãe retribuiu. Em seguida voltou a sentar e, quando Layla seguiu o pai, virou para me encarar. Assim que teve certeza que nenhum dos dois escutaria, perguntou em voz baixa: — Drogas?

— Rosie teve uma lesão e acabou com problemas com a polícia por causa das receitas — expliquei, prestando bastante atenção no rosto dela. Antes dos problemas de Peyton, o julgamento teria sido automático, quase um reflexo. Depois, ela já não tinha essa opção, a não ser que quisesse correr o risco de ser chamada de hipócrita. Percebi que Layla tinha sido esperta ao expor nosso denominador comum logo de cara, deixando claro para minha mãe que, apesar de todas as diferenças, tínhamos algo em comum.

— Ela está voltando a patinar agora — acrescentei. — Vi um treino dela outro dia.

— Viu? — minha mãe perguntou.

Fiz que sim com a cabeça.

— Foi bem impressionante.

Mac apareceu ao nosso lado com dois pratos de pizza nas mãos.

— Uma de pepperoni e uma romana — ele disse ao servir. — Algo mais?

— Acho que agora não — respondi. — Obrigada.

Ele assentiu e voltou ao caixa, onde Layla estava apoiada, com o pirulito na boca, nos observando. O pai então lhe disse alguma coisa; ela fez que sim com a cabeça, respondeu e colocou uma mecha de cabelo atrás da orelha.

— Uau — minha mãe disse depois de passar o guardanapo na boca. — É boa *mesmo*.

— Eu disse — falei.

Ela olhou para a fotografia ao nosso lado: um cais repleto de jogos de azar e o mar visível ao fundo.

— Fiquei curiosa com esse nome. Estamos meio longe da praia.

— Acho que veio do norte, de outro restaurante que o avô de Layla tinha — eu disse.

Minha mãe assentiu, parou de mastigar e inclinou a cabeça para o lado.

— É um banjo que estou ouvindo?

— Bluegrass — falei. — É só o que tem na jukebox.

Comemos em silêncio por um tempo. O telefone tocou no balcão. Mac anotou o pedido. O sr. Chatham se enfiou no escritório. Enquanto isso, o sol entrava pelos vidros da frente da loja, e os raios faziam a poeira da mesa ao lado dançar.

— Como foi mesmo que você conheceu Layla? — minha mãe me perguntou afinal.

Engoli o que tinha boca.

— Aqui. Vim comer um pedaço de pizza depois da escola e nós simplesmente começamos a conversar.

Ela olhou mais uma vez para Mac, que retirava uma pizza do forno.

— Você disse que a mãe dela estava doente?

— Ela tem esclerose. Acho que se revezam pra cuidar dela.

— Que horrível. — Ela limpou a boca. — E onde eles moram?

— Há umas duas quadras daqui.

Pude sentir que estava prestes a obter o que queria; estava tão perto que tive medo de deixar escapar. Então permaneci calada e esperei que minha mãe falasse de novo. Mas o próximo som que ouvi saiu do celular dela.

Ela o tirou da bolsa. Ao ver a tela, arregalou os olhos e, ansiosa, tratou logo de apertar o botão para atender.

— Alô?

Ouvi ao longe a voz da gravação.

— Sim — a voz da minha mãe saiu tão nítida e alta que tanto Layla como Mac olharam para nós. — Aceito os encargos.

Era Peyton. Dava para ver pelo rosto dela, pela maneira como seus olhos se encheram de lágrimas quando, depois de um sinal, ele começou a falar. Não consegui ouvir o que dizia, mas não precisava. Eu sempre sabia quando era meu irmão. E, de qualquer forma, só a voz dele tinha mais presença do que a maior parte das pessoas conseguia ter ao vivo.

— Ah, querido — ela disse, levando a outra mão ao rosto. — Alô. Alô! Como você está? Estava tão preocupada!

Enquanto ele falava, minha mãe levantou e foi em direção à porta com o celular grudado na orelha. Uma vez lá fora, começou a andar pra lá e pra cá na calçada, o rosto todo concentrado e o ouvido atento.

— Parece que é uma ligação importante.

Levantei o olhar e dei com Layla de pé ao meu lado.

— É o meu irmão. Ele estava sem acesso ao telefone há um tempo.

Ela ficou observando minha mãe andar de um lado para o outro na frente do restaurante.

— Ela parece bem feliz.

— É, ela está mesmo.

Ambas permanecemos caladas por um momento. Então, em silêncio, ela pôs um pirulito de coca-cola ao lado do meu prato. Compensação? Um gesto de simpatia? Podia ser as duas coisas ou nenhuma delas. Não importava. Fiquei grata.

Quando cheguei à casa de Layla mais tarde, fiquei surpresa ao ver diversos carros parados em frente à garagem e estacionados ao longo da calçada. Aparentemente eu não tinha sido a única convidada.

Mas isso não importava. Estava feliz só por estar lá, mesmo que tivesse precisado do meu irmão para isso acontecer. Depois de falar com ele, minha mãe ficou tão nas nuvens que provavelmente me daria qualquer coisa que eu pedisse. Aquilo, porém, era tudo o que eu queria.

Estacionei atrás de uma minivan que reconheci ser a de Ford, o baixista da banda de Eric e Mac, cujo nome ainda estava por ser decidido. Antes de Hey Dude, eles eram conhecidos como Hot Dog Water, e Eric achava que nenhuma das duas opções "fazia jus à arte deles". Na sexta-feira, esse assunto tinha sido motivo de outra longa discussão, e a opinião de Layla era que Eric devia escolher um nome logo e não mudar mais, para que as pessoas ao menos pudessem reconhecê-los. Já ele argumentava que a identidade da banda não podia ser decidida na pressa: eles seriam importantes dali para a frente. Ao contrário de Hot Dog Water, por exemplo.

A partir daí a conversa seguiu o mesmo rumo de todas as outras: passou de uma discussão mais ou menos civilizada para um monólogo de Eric que ninguém podia interromper. Eu quase sempre voltava do almoço exausta, e naquele dia quase caí no sono na aula de ecologia que veio depois.

A banda podia não ter nome, mas pelo visto isso não os impedia de ensaiar — o barulho que ouvi enquanto caminhava até a casa parecia ser um bom indicativo. A música vinha da lateral da casa, e eu a segui até me deparar com um galpão que ficava entre uma caminhonete apoiada em uns tijolos e um sedã grande com o teto afundado. O espaço era menor que uma garagem, mas maior que um barraco, e suas duas portas de madeira abertas revelavam Mac sentado à bateria, Eric atrás do microfone, e Ford mexendo num amplificador. Diante deles, Layla, de óculos escuros, estava sentada numa cadeira de jardim.

— Meu veredito? — dizia quando me aproximei por trás dela. — Barulhento demais. Não está bom.

Eric apenas a encarou.

— Não precisa pegar leve, Chatham.

— Não se preocupe. Não vou.

— Mas nós temos que ser barulhentos — disse Ford, enquanto plugava e desplugava alguma coisa. — É parte da nossa identidade, certo? Essa música originalmente era supercontrolada, produzida, e até computadorizada. Tocar de um jeito cru é virar isso do avesso.

Mac, com as baquetas na mão, arqueou as sobrancelhas.

— Cara — disse ele —, você tem passado tempo *demais* com Eric.

— Pelo contrário — Eric interveio —, acho que alguém finalmente disse algo racional aqui. Agora só precisamos que o nosso baterista embarque na mensagem que queremos passar e estaremos prontos.

— Esqueçam a mensagem — Layla disse. — Concentrem-se em tocar bem.

— Ninguém te perguntou — Eric disse. — Você não tem nenhum ketchup

especial pra inventar ou algo assim?

— Não — ela respondeu, recostando na cadeira e cruzando as pernas. — No momento tenho *todo* tempo do mundo.

— Que sorte a nossa — Eric resmungou e voltou a olhar para os membros da banda. — O.k., vamos tentar "Rainha do baile" de novo, do começo.

Mac contou até quatro e então eles recomeçaram a tocar. No início soaram um pouco descompassados, até se estabilizarem melhor no final da primeira estrofe. Apesar da reclamação constante de Layla, eu a vi acompanhar a música com o pé quando cheguei ao seu lado.

— Assentos na primeira fileira, hein? — falei.

— Oi! — sua voz soou como se ela estivesse genuinamente alegre em me ver. — Bom, está longe de ser o verdadeiro Logan Oxford, mas pelo menos não precisamos ir muito longe. Espera, vou pegar uma cadeira para você.

— Ah — eu disse. — Não precisa…

Mas ela já tinha entrado no galpão e se espremido para passar por Ford e seu baixo e voltar com uma velha cadeira de praia cor-de-rosa, estampada com palmeiras. Enquanto ela abria a cadeira na minha frente, pude ver duas aranhas mortas caírem. Layla as ignorou e tirou o pó do assento com a mão antes de oferecer pra mim.

— Melhor lugar da casa. Ou pelo menos *desta* casa.

Sentei. A banda ainda tocava, apesar de Eric ter parado de cantar e virado para trás, dando as costas para a gente.

— Então é aqui que eles ensaiam? — perguntei.

— Às vezes — Layla respondeu, já sentada de novo na sua cadeira. — Tem também o porão na casa de Ford, mas é onde fica a lavanderia e Eric diz que cheiro de amaciante dá dor de cabeça.

— Problemas de astro do rock.

— Problemas de *Eric*. — Ela suspirou. — São tipo os problemas do primeiro mundo, só que ainda mais esnobes.

Olhei para o cara em questão, que já tinha parado de tocar e afinava a guitarra com uma expressão frustrada. Quando Mac e Ford cantaram o refrão sozinhos, me dei conta de que ambos soavam melhor sem Eric. Talvez tenha sido por isso que comentei:

— Você pega pesado com ele.

— Com Eric? — Confirmei com a cabeça. — É, acho que sim — ela admitiu. — Mas é por um bom motivo, juro. Antes de ele conhecer Mac e começar a andar com a gente, ele era tão, mas tão babaca. Um típico sabe-tudo metido. Mas a questão é que… na verdade, isso não era culpa dele.

— Não?

Ela balançou a cabeça:

— Os pais dele tentaram ter filhos durante, sei lá, a vida inteira. Um monte de problemas de fertilidade, perderam vários bebês. Basicamente disseram pra eles que não tinha como acontecer. Então quando a mãe dele engravidou sem estar esperando foi como… um milagre. E quando Eric nasceu, foi assim que o trataram.

— Como um milagre?

— Como um presente de Deus. Era o que eles pensavam que Eric era. — Layla se ajeitou na cadeira. — O problema foi quando *ele mesmo* começou a se ver assim, e não havia ninguém para dizer o contrário na cara dele. Então ele conheceu Mac.

— E Mac disse?

— Do jeito dele — ela respondeu. — Meu irmão tem isso: é sutil, sabe? E um cara bacana, um cara que você *quer* que goste de você.

Limpei a garganta com a preocupação de que talvez estivesse corando.

— Então Mac só disse a Eric que ele não precisava se exibir tanto: ganhar todas as discussões, falar mais alto que todo mundo. Esse tipo de coisa. E Eric, verdade seja dita, escutou. Agora ele já não está tão mal, apesar de ter suas recaídas. E quando tem, sinto que é minha obrigação falar. Todos sentimos.

— Pelo bem comum — falei.

— Bom, a união faz a força — ela explicou. — E o caso dele precisa de muita união. Sério. Uma cidade inteira reunida. Com muitos habitantes.

Caí na gargalhada. De repente, ouvimos uma explosão de microfonia no palco seguida dos gritos de Eric. Layla estremeceu com o barulho.

— O.k., preciso de uma pausa. Vamos pegar algo para comer.

Ela levantou e eu a segui. Cruzamos a lama do quintal por uma trilha de paralelepípedos cobertos de musgo que levava à porta dos fundos da casa. As dobradiças rangeram quando Layla abriu, e o som pareceu ter convocado os cachorros, que vieram cercar nossas pernas e latir loucamente à nossa chegada.

— Sydney está aqui — Layla gritou ao fechar a porta.

Levei uns segundos para ajustar a vista à escuridão dentro da casa. Mas quando consegui, estava tudo no mesmo lugar: o sofá, a TV enorme, as duas mesinhas lotadas rodeando a poltrona, onde a sra. Chatham estava sentada vestindo um moletom com a palavra MIAMI e uma calça de sarja. Enquanto eu a olhava, os cachorros, que já tinham perdido todo o interesse em nós, pularam para o colo dela e se enfiaram debaixo da manta.

— Bem-vinda — a sra. Chatham me cumprimentou. — Disseram que você vai passar a noite aqui.

— Sim — confirmei. — Obrigada por deixar.

— Não agradeça ainda — Layla disse. — Talvez você mude de ideia quando a música começar.

— A música? — repeti e olhei para a janela. — Mas eles já estão tocando.

— Não aquela música. A do meu pai. Ele também convidou um bando de gente pra vir aqui esta noite. Não que eu tenha sido avisada.

— Aposto que Sydney vai adorar — a mãe dela disse.

— Vai ser bluegrass — Layla me disse. — E nada além de bluegrass. A noite inteira. Você vai ter problemas se não gostar do som do bandolim.

— Seu quarto tem porta e você é livre para usá-la — a sra. Chatham disse num tom alegre, mas que deixava claro que a discussão estava encerrada. — Agora você poderia fazer um pouco de pipoca, querida, por favor? Queria conversar um segundo com Sydney.

Layla me olhou rapidamente para depois virar e seguir rumo à cozinha. Por um minuto, tive a sensação de ter feito algo errado, embora fosse incapaz de

imaginar o quê. Quando olhei para a sra. Chatham, porém, vi que ela estava sorrindo. Sentei numa cadeira próxima bem no momento em que Layla ligou o micro-ondas.

— Então — ela disse enquanto um dos cachorros trocava de posição em seu colo. — Vi o artigo no jornal.

Ao longo dos últimos meses eu tinha percebido que não existia um jeito ideal para alguém falar comigo sobre Peyton. Se evitavam o assunto, apesar de ser claro o que tinham em mente, o clima ficava esquisito. Só que falar do meu irmão sem rodeios costumava ser pior, como um trem vindo na minha direção sem que eu pudesse parar. Nenhuma abordagem me deixava confortável. Porém, esse comentário delicado foi o mais perto que alguém chegou disso. Ela mencionou o tema com simpatia, mas respeitando os fatos. Aquilo me pegou tão de surpresa que a princípio não consegui falar. Então fiquei feliz quando ela continuou:

— Deve ter sido tão difícil para você e para a sua família — ela comentou. — Não consigo nem imaginar.

— É — consegui falar enfim. — É difícil mesmo. Principalmente para minha mãe. Odeio o que isso fez com ela.

— Ela está sofrendo — a sra. Chatham afirmou.

— Está — concordei, com a cabeça baixa. — Mas… o garoto também. David Ibarra. Quer dizer, ele que está sofrendo de verdade.

— Claro — de novo, o tom na voz dela não era de julgamento. Queria apenas dar uma deixa para eu continuar. Foi o que fiz.

— Acho… — comecei, mas de repente aquilo me pareceu grande demais para ser dito e mesmo para existir fora da minha cabeça. Uma coisa era deixar esses pensamentos assombrarem os cantos escuros da minha mente, mas outra completamente diferente era trazê-los à luz, torná-los reais. Mas a sra. Chatham me olhava com muita atenção, e aquele lugar era completamente novo, sem qualquer semelhança com o mundo de antes além do fato de eu estar ali. — Acho que meus pais enxergam Peyton como vítima em certos aspectos. E eu odeio isso. Dá nojo. É tão… É errado.

— Você se sente culpada.

— Sim — eu disse, e a veemência dessa única palavra me surpreendeu. Como se confirmar aquilo fizesse minha alma evaporar. — Sinto. Muito. Todos os dias.

— Ah, querida. — Ela estendeu a mão e a pôs sobre a minha. Na cozinha, a pipoca estourava, exalando aquele cheiro de manteiga que eu associava com filmes e as tardes solitárias depois da escola. — Por que você acha que precisa carregar a responsabilidade do seu irmão?

— Porque alguém precisa fazer isso — eu disse. Olhei nos olhos dela, que eram verdes-acastanhados como os de Layla. — Por isso.

Em vez de argumentar, ela apertou minha mão. Eu sabia que podia tirá-la e que tudo continuaria bem. Mas quando Layla entrou na sala com a pipoca alguns minutos depois, foi assim que nos encontrou. Eu tinha me desprendido de tanta coisa, finalmente. Fazia sentido querer algo a que me apegar naquele momento.

12

— Falta muito pra chegar?

— Você sempre pergunta isso.

— Porque eu sempre quero saber. — Pausa. — Sério, está muito longe?

À frente, Mac virou e apontou a lanterna para Layla.

— Se você quer que alguém te carregue, é só pedir.

Ela abriu um sorriso.

— Eu não queria abusar…

Em resposta, Irv, que estava caminhando ao lado de Mac, parou um pouco para que o alcançássemos.

— Pode subir — ele disse, abaixando para que Layla montasse de cavalinho. E então continuamos a avançar no escuro.

Eu tinha ficado tão abalada após a conversa com a sra. Chatham que, pra ser sincera, fiquei grata pelo caos que veio em seguida. Depois que acabamos com a pipoca e terminamos de assistir um episódio de *Big Los Angeles* (uma briga de mulher, dois fins de namoro e inúmeras roupas lindas), Mac, Eric e Ford entraram para atacar a geladeira. Aí Rosie chegou com duas amigas da Mariposa que estavam na cidade para uma semana de apresentações no Lakeview Center. A casa já parecia abarrotada de gente antes de o sr. Chatham voltar e os amigos *dele* chegarem com os instrumentos. Depois do silêncio constante na minha casa com a saída de Peyton, pensei que o oposto fosse me deixar agoniada. Em vez disso, descobri que gostava do barulho e do burburinho constantes, da sensação de plenitude produzida pela presença de muita gente e muita energia num espaço pequeno. Eu podia ficar no canto, só observando, e mesmo assim me sentir envolvida. Era bom.

O jantar consistiu numa quantidade enorme de pizza, salada e pão de alho da Seaside, que comemos no galpão enquanto os pais de Layla e seus amigos

lotavam a sala e a cozinha. Já estava começando a escurecer quando ouvi os primeiros acordes saírem da casa pela porta dos fundos. O som era parecido com o da jukebox na Seaside, só que mais real. Vivo.

Na minha cabeça, a gente ia voltar pra dentro e ouvir música, mas todos tinham outros planos. Depois de ver se a sra. Chatham precisava de algo, Mac reapareceu com uma mochila e entrou na garagem. Momentos mais tarde, voltou com a mochila visivelmente mais cheia nas costas. Layla pegou uma lanterna num armário próximo, ao passo que Irv — que tinha chegado no momento pós-pipoca e pré-pizza — agarrou a mochila que trouxera. Eric botou o violão no estojo e todos seguiram para fora num consenso silencioso. Eu, a única a não fazer ideia do destino, fui atrás.

Ao que parecia, íamos para a floresta. Todos seguiram na direção dela, como se entrar numa área vasta e cheia de árvores no meio da noite fizesse total sentido. Acho que para eles fazia.

— Ei — Layla disse, olhando pra mim. — Tudo bem. Pode vir.

Quando Peyton e eu entrávamos no bosque atrás de casa, levávamos uns minutos para deixar nosso quintal e vizinhança pra trás. Ali, porém, era diferente. Mal púnhamos o pé na floresta e já éramos engolidos; as luzes da casa dos Chatham começavam a desvanecer, até sumir completamente. Eu estava grata pela camiseta branca de Mac, que parecia quase brilhar conforme nos conduzia cada vez mais floresta adentro. Tínhamos caminhado por uns vinte minutos quando Layla reclamou pela primeira vez. Depois que ela subiu nas costas de Irv, continuamos por mais vinte com facilidade.

— Sempre esqueço como demora pra caramba — Eric reclamou, com a caixa do violão batendo contra a perna.

— Quer que Irv carregue você também? — Layla perguntou.

Eu já estava meio esbaforida por causa do ritmo acelerado de Mac e da distância. Irv, porém, parecia nem sentir, mesmo com os cinquenta quilos a mais nas costas. Continuamos a caminhada.

E então, quando eu tinha certeza de que mais alguém — talvez até eu mesma — estava prestes a reclamar de novo, avistei uma clareira à frente. As árvores começaram a rarear até desaparecer por completo, e demos de cara com uma grande estrutura de metal, cravada no meio daquela floresta como se Deus em pessoa a tivesse soltado ali.

— Finalmente — Layla disse, como se tivesse caminhado por todo o percurso. Ela deslizou das costas de Irv. — Alguém me dá uma cerveja.

Mac já tinha posto a mochila no chão e aberto o zíper. Observei-o jogar uma lata para a irmã, que a agarrou com uma mão, e passar outra para Eric, que soltava o violão. Depois ofereceu uma pra mim. Olhei para Irv, que estava mais perto e, pelo que eu sabia, era maior de idade. Mas ele balançou a cabeça.

— Irv não bebe — Mac explicou. — Não faz sentido pra ele.

— Ele não fica bêbado — Layla me contou. — É grande demais pra isso.

— É por isso que a gente o chama de PP — Mac disse. — Peso pesado. Em oposição a…

— Não fale — Eric alertou enquanto abria sua latinha.

— PL — Layla completou. — Outro dos vários apelidos de Eric.

— Eu *não sou* peso leve. — Como que para demonstrar, Eric virou boa parte da cerveja e soltou um arroto bem alto. Depois, virou pra mim. — Quer uma?

Eu não era muito de beber, principalmente depois do desastre da piña colada de Jenn. Mas não ia dirigir, e estávamos à luz da lua. Então aceitei. Mac ia me jogar uma lata, mas Eric a pegou antes, abriu e trouxe até mim.

— Obrigada — eu disse, sentindo a lata gelar minha mão.

— É um prazer — ele disse, e então ergueu o braço e propôs: — A você!

Layla fez cara de tédio, mas segurou os comentários e deixou seu dever cívico de lado para sentar na beira da estrutura que eu vira antes. No começo achei que fosse um veículo, talvez um caminhão, abandonado no meio da trilha para transporte de lenha que, pelo que havia notado, serpenteava pela floresta. Ao olhar mais de perto, vi que era algo completamente diferente: um velho carrossel, tão enferrujado que quase se mesclava com a escuridão. Passei um tempo ali, parada, contemplando. Se eu tivesse tomado mais do que um gole de cerveja, ia pensar que estava delirando.

— Legal, né? — Layla falou, empoleirada na base de um dos cavalinhos. — Mac descobriu enquanto passeava por aí pra perder peso.

— Eram treinos de corrida, não passeios.

— Não importa. A questão é que alguém largou isto aqui em algum momento. Mas por quê? E como? Trouxeram de caminhão pra depois voltar pra pegar? Ou montaram aqui mesmo?

Rodeei a frente do carrossel e notei vários outros cavalos e uma carruagem frágil com mato crescendo em um buraco no assento.

— Incrível — eu disse. — Vocês não sabem de quem é?

— As casas mais perto ficam a quilômetros de distância.

— E a trilha? — perguntei, acenando a cabeça na direção dela.

— Se você seguir, vai ver que acaba logo, bem antes do limite da floresta. — Layla tomou um gole da cerveja e balançou as pernas. — É tão sinistro.

Mas eu não achava. Para mim, o carrossel parecia mágico, o tipo de coisa que Peyton e eu sonhávamos descobrir nas nossas explorações. A chance de encontrar algo assim é o que leva alguém a entrar na floresta pra começo de conversa.

Estava com esse pensamento na cabeça quando olhei para Mac. Fiquei surpresa ao descobrir que ele me observava por cima da latinha. Retribuí o olhar, lembrando daquela nota de cinco bem guardada na minha carteira.

— Você devia ver o outro lado — Eric disse, surgindo do nada ao meu lado. Ouvi um estalo: ele estava abrindo a segunda cerveja. — Penduraram um anel lá para os corajosos pegarem. Vem, vou te mostrar.

Segui Eric até o outro lado, passando pela carruagem até nos depararmos com um cavalo grande, empinado, com a cabeça jogada para trás e a boca aberta. Quem quer que tenha feito aquilo levou um bom tempo.

— Você tem que estar no lugar certo pra ver — Eric disse, para em seguida subir ao lado do cavalo e estender a mão. — Eu te ajudo.

Olhei na direção de Layla, que eu mal conseguia enxergar naquela escuridão. Mac tinha saído completamente do meu campo de visão. Apenas Irv

permanecia totalmente visível, mas não era alguém que se camuflava fácil. Dei a mão a Eric e senti seus dedos apertarem os meus à medida que me puxava. O carrossel rangia sob nossos pés.

— Certo — ele disse, com uma mão no meu ombro e a outra apontada para o teto do carrossel. — Está vendo as barras de ferro se juntando ali em cima?

Assenti.

— Estou.

— Então olhe um pouco para a esquerda — ele indicou. — É meio pequeno, mas está lá.

Depois de alguns momentos consegui enxergar: um anel simples pendia sobre nós, perto o bastante para alguém pegar quando o cavalo atingisse o ponto mais alto.

— Estou um pouco surpresa que ninguém tenha arrancado esse anel daí.

— Ah, pode acreditar: a gente tentou. — Ele bebeu mais um pouco. — Está bem preso. Quem fez isso não queria que ninguém arrancasse.

De fato, era bem tentador. Quem não ia querer se arriscar pelo prêmio, já que estava tão perto?

— Mas como vocês conseguem alcançar?

— Quando o carrossel gira.

Virei para ele e só então percebi que estávamos *muito* próximos, praticamente com os rostos colados. Eric, por sua vez, não parecia nem um pouco incomodado. Logo tive a sensação, quando não a *certeza*, de que ele já tinha feito isso — tudo isso — antes.

— O carrossel *gira*?

— Só quando alguém empurra — escutei Mac dizer.

De algum jeito, ele tinha se aproximado sem a gente ouvir e estava parado bem na frente do cavalo. A luz da lua me fez notar mais uma vez a moeda que pendia de sua correntinha. Instintivamente, dei um passo na direção dele e me soltei das mãos de Eric, ainda nos meus ombros.

— Como é possível? — perguntei. — Isso aqui não é, sei lá, pesado para caramba?

— Até que não se não estiver lotado — Mac respondeu. — Já conseguimos girar por um bom tempo. Especialmente quando Irv vem.

A voz de barítono de Irv soou na escuridão:

— Não consigo ficar bêbado, tenho que girar o carrossel. Não sei nem por que ainda ando com vocês.

— Porque você ama a gente! — Layla, que também tinha chegado, gritou pra ele. Em seguida levantou os olhos para Eric: — Só pra você saber, seu celular apitou.

— Ah, deve ser sobre o show no fim de semana que vem. Vou ver. Volto num segundo — ele disse, acariciando meu ombro.

Layla apenas o observou contornar o carrossel até o outro lado. Então, sem qualquer comentário, foi atrás dele, me deixando a sós com Mac. Ficamos em silêncio por um tempo. Pude ouvir Layla conversar com Irv e outra cerveja ser aberta. Finalmente, eu disse:

— Queria ter encontrado uma coisa assim quando caminhava pelo bosque.

Ele olhou pra cima.

— Mesmo?

Confirmei com a cabeça.

— A coisa mais legal que já encontrei foi uma ponta de flecha. Ah, e um crânio de morcego.

— Parece que você ia bastante pra lá.

— Eu e meu irmão, quando a gente era criança. — Olhei novamente para o anel. Sob a luz certa, quando o luar passava por um buraco enferrujado perto dele, era possível enxergar com nitidez. Tomei um gole da cerveja. — Na verdade, ele era o aventureiro. Eu só acompanhava. Queria fazer tudo que ele fazia.

Mais silêncio. Ouvi a risada de Layla. Mac então disse:

— Ouvi falar do que aconteceu com seu irmão. Sinto muito.

— Não aconteceu com ele. Ele fez acontecer. É diferente.

Assim que terminei de falar me dei conta da raiva no meu tom de voz. Mac começou a dizer:

— Eu não quis…

— Não, tudo bem — interrompi rápido. — É só… uma questão delicada pra mim. Acho.

Não fazia ideia do que tinha me dado pra falar de *questões delicadas* com um cara bonito que eu mal conhecia. Tomei um gole bem grande de cerveja, e mais outro em seguida.

— Bom — ele disse depois de um tempo —, cada um tem a sua.

Seus olhos estavam fixos no topo das árvores e o rosto, iluminado pelo luar. Talvez por causa da cerveja ou por eu já ter dito a coisa errada duas vezes, senti que não tinha muito a perder. Então arrisquei:

— Até você?

Ele olhou pra mim.

— Eu era o gordinho espinhento até pouco tempo. Não é fácil esquecer.

Balancei a cabeça.

— Ainda não acredito nisso.

— Está documentado. — Ele deu mais um gole. — Apesar do meu esforço para destruir toda e qualquer prova.

Escutei a risada de Layla ao longe.

— Achei que você ia querer as provas. Talvez elas te deixassem, sei lá, orgulhoso de sair daquela situação.

— Eu ficaria mais orgulhoso se não tivesse chegado naquela situação — ele replicou.

— Não dá pra mudar o passado.

Ele levou a mão até o pescoço e passou o dedo pela correntinha.

— Isso não quer dizer que você precisa se prender a ele.

Eric não era o único peso leve ali: eu sentia a cerveja começar a subir. Terminei a lata e a pus no chão.

— Qual é a dessa moeda?

— Moeda? — Apontei a cabeça pro pingente e ele olhou pra baixo. — Ah! Na verdade é a medalhinha de uma santa. Minha mãe deu uma pra cada um

quando a gente era criança.

— Uma santa?

— É. — Ele puxou a medalhinha pra fora e a expôs à luz da lua. — Batilde, santa padroeira das crianças. Acho que minha mãe pensou que precisaríamos de toda ajuda possível.

Cheguei mais perto e mal pude ver a figura e as palavras minúsculas na medalhinha.

— É bonita.

— Sim, mas também é um lembrete.

— Do quê?

— No auge do peso, isso me sufocava. Sério. Deixava marcas vermelhas. E eu não queria tirar. Jamais. Precisava de toda a ajuda possível.

— Proteção — sugeri.

— Algo assim — ele disse, tirando a mão do pingente. — Agora continuo a usar pra não esquecer o que perdi.

Era estranho ouvir isso. Estava acostumada ao contrário: ausência como sinônimo de dor. De repente me vieram um milhão de perguntas, e com a cerveja e a escuridão, achei que conseguiria fazê-las. Mas então Eric surgiu com o violão na mão.

— Desculpe interromper — ele disse, e percebi que falava enrolado. — Mas vocês estão sendo *um pouco* mal-educados se isolando aqui.

— Quantas cervejas você tomou? — Mac perguntou a ele enquanto eu descia do carrossel levando minha latinha vazia.

— Apenas uma quantia ínfima — Eric respondeu, mas quando começamos a segui-lo notei que seus passos eram tudo menos firmes.

— Eric está falando empolado — Mac informou a Layla e Irv, que estavam sentados um de frente pro outro na carruagem. Ainda havia bastante espaço no assento de Layla, mas Irv mal cabia no dele: a impressão era de que o metal poderia ceder a qualquer momento.

— Acabou a farra — Layla disse. — Sem mais cervejas pra você, Bates.

— Ele fala pelos cotovelos quando está alto — Irv me explicou. — É um dos muitos indícios.

— Estou perfeitamente são de corpo e alma — Eric protestou para em seguida sentar desajeitado na grama e dedilhar o violão. — Vou provar entretendo vocês com um interlúdio musical. Sydney, junte-se a mim em terra firme e me diga o que quer ouvir.

— Ah, pelo amor de Deus — Layla disse, erguendo as mãos. — Por favor, pare antes de passar vergonha.

— Tarde demais — Irv disse.

Eric, sem se abalar, deu uns tapinhas na grama ao seu lado.

— Vem. Desfrute das minhas composições musicais.

Me senti tão mal por ele que fui. Logo que sentei, ele se encostou em mim e começou a tocar:

— Conheci uma garota, Sydney era o nome dela… Me fez perder a cabeça, era incrivelmente bela…

— Posso tomar outra cerveja? — pedi. Irv riu. Mac me jogou uma latinha.

— Ela estava na escola, ali perto do muro… — Eric cantarolava. — Sentei ao seu lado, entreguei meu futuro…

— Ó-timo — Layla disse, descendo da carruagem. — Acho que é hora de voltar. Minha mãe vai ficar preocupada.

— Estou no meio de uma composição original aqui — Eric protestou.

— Você vai me agradecer mais tarde — ela replicou.

Mac pegou a mochila e começou a encher com as latas vazias. Irv desceu do carrossel, que emitiu um som parecido com um suspiro aliviado. Ao meu lado, Eric felizmente tinha parado de cantar, embora ainda tocasse uns acordes toscos.

— Mas antes de ir, podemos dar uma volta no carrossel? — Layla pediu.

— Uma volta — Eric balbuciou —, volta por cima… Vamos nos casar, seguir nossa sina…

Irv olhou para Mac, que deu de ombros.

— Tudo bem — ele concordou. — Subam.

Layla bateu palminhas, subiu de novo no carrossel e se agarrou num dos cavalos.

— Vem — ela me disse. — Você precisa experimentar isso.

Um pouco zonza, sentindo o peso da cerveja e meia, caminhei até o brinquedo e me juntei a ela. Meu cavalo era pequeno. Subi meio desequilibrada e tentei lembrar qual tinha sido a última vez que andei num carrossel.

— Prontas? — Irv perguntou.

— Prontas! — Layla gritou, virou para trás e sorriu pra mim. Sorri de volta automaticamente, apesar de nada ter acontecido ainda.

Mac e Irv foram para lados opostos do carrossel e começaram a empurrar. O brinquedo começou girando devagar, com um rangido considerável, mas depois de um ou dois minutos já nos movíamos num bom ritmo. Quando o cavalinho subiu, senti o vento no cabelo; à frente, Layla jogava o corpo para trás de tanto rir. Girávamos cada vez mais rápido. A noite e a floresta pareciam cada vez maiores à nossa volta. Foi um daqueles momentos que no ato tive certeza de que ficaria na memória pra sempre, mesmo antes de o anel entrar no meu campo de visão e ficar ao meu alcance. Mas nem tentei pegá-lo; não precisava. Já tinha ganhado a noite.

*

Escutamos a música antes de ver a casa. Num instante, o único som vinha das folhas esmagadas pelos nossos passos; no instante seguinte, ouvimos instrumentos e uma única voz, carregada de emoção.

Layla parou para escutar bem no limite da floresta.

— Rosie está cantando. Uau. Queria saber como convenceram ela.

Mais à frente, a casa estava toda acesa, e pela porta dos fundos dava para ver a sala de estar lotada de gente. Enquanto isso, a voz continuava, doce e aguda. Eu não conseguia distinguir as palavras, mas mesmo assim fiquei toda arrepiada.

— O.k. — Mac começou —, qual é o plano agora?

Layla olhou para Irv, que carregava um desacordado Eric nas costas. A

partir da metade do caminho ele tinha começado a tropeçar muito. Então anunciou que precisava descansar e deitou sobre um colchão de ramos de pinheiro. Aparentemente, assim como as palavras empoladas, aquilo era uma ocorrência comum, porque logo Irv o botou nas costas sem dizer nada e seguimos em frente. Com o rosto enterrado no casaco de Irv, Eric parecia quase doce, como o bebê-milagre que um dia fora.

— É só dormir que passa — Layla disse. — Ele virá atrás de nós quando acordar.

Segui Layla até o galpão onde a banda tinha ensaiado antes. Ela tirou uns papéis e um par de baquetas de um sofá gasto, onde Irv depositou Eric. Layla depois o cobriu com um saco de dormir. Sem acordar, ele balbuciou alguma coisa enquanto ela ajeitava a coberta improvisada. Os outros tinham seguido em direção à casa, então fui a única a ver Layla acariciar a testa de Eric por um tempo, como se o ninasse.

A casa não estava apenas cheia: estava abarrotada. Tivemos de nos espremer pra entrar, pedir desculpas e desviar de pés e cotovelos até chegar à cozinha, onde havia mais espaço pra respirar. Assim que chegamos lá, virei o rosto e vi a sra. Chatham na poltrona e o marido dela no sofá, com a cabeça baixa e o banjo apoiado no colo. Ao seu lado, dois outros homens, que também tocavam, e uma ruiva de violino no ombro sentada numa cadeira próxima. Mas todos mantinham os olhos fixos em Rosie.

Ela estava de pé na beira do sofá, de jeans, blusinha sem manga e seu tradicional rabo de cavalo. Ela cantava de olhos fechados. Eu não conhecia aquela música, assim como não conhecia as que tocavam no jukebox da Seaside. Mas era comovente, sobre uma garota, uma montanha e uma lembrança. Só quando Rosie terminou é que fui perceber que estava prendendo a respiração.

— Uau! — exclamei para Layla enquanto todos aplaudiam.

Rosie, com as bochechas vermelhas, abriu um raro sorriso e foi encostar na parede com os braços cruzados.

— Você não estava de brincadeira. Ela é incrível — comentei.

— Eu sei — Layla respondeu. — Não é sempre que ela tem vontade de cantar. Mas quando tem, fico perplexa.

Atrás de nós, os garotos — mais concentrados na comida — reviravam os armários um a um.

— Preciso de alguma coisa gostosa — Irv disse. — Em grande quantidade.

— Cenoura? — Mac propôs. — Carne de soja?

Irv, que olhava para uma série de potes de tempero, virou lentamente a cabeça e encarou Mac.

— Você está falando sério? Eu lá tenho cara de vegetariano?

— E que cara um vegetariano tem?

— Diferente da minha. — Irv fechou um armário e abriu outro, onde encontrou uma caixa de cookies pré-assados. — Agora sim. Era *disto* que eu estava falando.

— Também quero! — Layla gritou. — Vou ver se temos cobertura pra passar neles.

Irv estalou os dedos e apontou pra ela.

— Gosto das suas ideias.

Mac, encostado na pia, suspirou. Observei-o abrir um armário menor, no alto. Um aviso estava colado na parte interna da porta: COMIDA DO MAC. NÃO COMA!

— Como se alguém fosse querer — Layla disse ao se aproximar de mim comendo cobertura de morango direto do pote com uma colher. Irv abriu o forno elétrico e começou a enfileirar os cookies na grade ali dentro. — Nem os *ratos* daqui tocam nesse armário.

Mac, ignorando tudo isso, pegou um pacote de bolacha de água e sal e revirou a geladeira por um momento até encontrar um tipo de patê. Em seguida, sentou à mesa com uma faca bem na hora que a música recomeçou. Aproveitei para tomar o assento de frente pra ele quando Layla levantou para conferir com Irv o ajuste do forno. Mac então virou o pacote de bolacha pra mim.

— Você vai se arrepender — Layla advertiu. — Confie em mim. Espere pra provar nossos cookies com cobertura.

Mas achei que seria grosseria recusar. Estendi a mão e peguei uma bolacha, que tinha formato octogonal e estava repleta de grãos e sementes. Mac observou enquanto eu dava uma mordida. A massa era tão dura que meus dentes quase não a perfuraram. Dura e seca. Muito, muito seca.

— Obrigada — eu disse, conseguindo pronunciar metade da palavra antes de ser tomada por um acesso de tosse. Em resposta a isso, Layla botou um copo d'água ao meu lado na mesa. Aquela garota pensava em tudo.

— Ficam melhores com homus — Mac disse enquanto eu tentava recuperar o fôlego. Era como se aquele pedacinho de biscoito estivesse agarrado com unhas e dentes ao meu esôfago. — Aqui.

Ele deslizou o patê e a faca, equilibrada em cima do pote, na minha direção.

Abri um sorriso e tomei um gole d'água. No outro lado da cozinha, o forno elétrico soou.

— Estamos salvos! — Irv exclamou ao abrir a porta do forno. Ele enfiou a mão dentro para pegar os cookies, mas logo a puxou de volta. — Merda, tá quente.

Layla pegou uma colher de madeira e a usou para tirar os cookies e empilhá-los num prato.

— Você nunca aprende, hein? Pega a cobertura. Hora de atacar.

Eles sentaram à mesa, à minha esquerda e à minha direita. Layla arrancou duas folhas de papel-toalha, pôs um cookie — com uma generosa porção de cobertura — sobre cada uma e serviu. Enquanto ela e Irv brindavam com a comida, olhei para o resto da minha bolacha. Então mergulhei-a no homus, me mantendo fiel ao que já tinha começado.

O gosto melhorou. Não ficou bom. Mas melhorou. Só tossi um pouco.

— Qual é o nome disso mesmo? — perguntei a Mac.

— Kwackers — ele respondeu, virando o pacote para que eu pudesse ler o rótulo. — São bolachas sem açúcar de baixa caloria fortificadas com sementes especiais, que são tipo soja, só que mais saudáveis.

— Nham — Layla caçoou ao me entregar um papel-toalha com um

cookie. — Não se martirize, Sydney. Nem por Mac.

— Esses cookies são os meus?

Levantei os olhos e vi Rosie se espremer pra dentro da cozinha junto com duas garotas do mesmo tamanho e tipo físico; uma loira e outra morena. A morena usava uma *legging* e um moletom da Mariposa com o mascote da equipe estampado — uma borboleta rosa que reconheci dos desenhos de sábado de manhã da minha infância. A loira estava de short e uma blusinha que mostrava o umbigo e um dos abdomens mais perfeitos que já vi na vida.

— Seu nome não estava escrito neles — Layla rebateu. — Mas fique à vontade para se servir.

Rosie se aproximou e pegou um, que ofereceu às amigas. Depois que ambas recusaram, ela quebrou um pedaço do cookie, mergulhou no homus de Mac e mordeu.

— Eca — foi o comentário de Irv.

— Na verdade não é tão ruim — Layla lhe disse.

— Você já experimentou?

— Na hora do desespero.

A morena saiu de trás de Rosie e estendeu a mão para Mac.

— Eu sou a Lucy. Você é?

— Meu irmão — Rosie disse secamente enquanto os dois se cumprimentavam. — Ele tem dezessete anos.

— Dezessete é ótimo — Lucy falou com um sorriso.

— Sou a Layla — Layla se apresentou estendendo a mão. — Tenho dezesseis anos.

— Oi — Lucy a cumprimentou, com um entusiasmo evidentemente menor.

A garota com o tanquinho por algum motivo não se apresentou, assim como o resto de nós. Estendi a mão em direção ao pacote de Kwackers de Mac pra pegar outra bolacha, e ele o empurrou pra perto de mim. Dessa vez, tinha plena consciência de que os olhos de Layla, e os das outras pessoas, estavam sobre mim.

— Então, só pra você saber, vamos ficar com seu quarto esta noite — Rosie informou a Layla enquanto mergulhava a outra metade do cookie na cobertura.

— O quê? — Layla perguntou.

— A mamãe disse que tudo bem — Rosie respondeu.

Aos poucos, a música parou na sala de estar, e foi seguida por uma explosão de gargalhadas misturada com aplausos esparsos.

— O quarto não é dela. E a Sydney vai dormir aqui hoje.

— Você sabe muito bem que eu durmo num cubículo. Não tem espaço pra nós três.

— E onde Sydney e eu vamos dormir?

— No sofá? Sei lá.

— Mas esse pessoal vai ficar aqui a noite inteira.

— Rosie! — o sr. Chatham chamou da sala. — Volta aqui, menina. Vem cantar outra pra nós. Pelo seu velho pai.

Mac soltou um suspiro.

— Quantas cervejas ele tomou? — Irv perguntou.

— Menos do que ainda vai tomar. — Mac levantou e me ofereceu uma última bolacha, que neguei com a cabeça.

Rosie deu meia-volta e saiu em direção à sala. A loira a seguiu, mas Lucy fez uma pausa na porta para observar Mac se esticar pra guardar a bolacha. A camiseta dele subiu um pouco, expondo seu cinto e parte de sua barriga.

— Vocês podem ficar com o meu quarto — ele ofereceu. — Durmo no sofá.

— E ainda por cima é cavalheiro — Lucy comentou.

— Menos, garota — Layla disparou. Lucy ou não escutou ou ignorou, mas finalmente foi embora, caminhando devagar demais para o meu gosto.

— Argh — Layla resmungou quando Rosie recomeçou a cantar. — Essas garotas da Mariposa são *tão* nojentas. Sério. Se as menininhas que compram os ingressos soubessem…

— Nem todas são de se jogar fora — Mac disse ao fechar o armário.

Layla revirou os olhos, mas permaneceu calada. A voz de Rosie, que começara baixa, foi aos poucos subindo, a ponto de preencher toda a sala e nossos ouvidos. A canção dessa vez tinha um ritmo mais acelerado que dava pra dançar. Na poltrona, a sra. Chatham sorria e batia os pés empolgada, ao passo que a violinista, de olhos fechados, corria o arco pelas cordas. Para mim, era incrível que uma única noite pudesse conter tantas coisas: desde um carrossel, passando por cookies com cobertura até a voz mais linda que já ouvi. Pensei na minha casa, do outro lado da cidade. No alto de um morro, apenas as luzes em uso acesas, as restantes todas apagadas, apenas três moradores circulando naquele espaço enorme.

A voz de Rosie ficou mais alta; o violino acelerou; alguém batia os pés; e até minhas bochechas esquentaram. Era incrível como eu podia me sentir tão em casa num lugar que tinha acabado de conhecer. A noite ainda não estava nem perto de acabar. Ainda assim, só conseguia pensar no quanto desejava que não acabasse.

— Queria que você soubesse que não era isso que eu tinha em mente quando convidei você pra dormir aqui — Layla disse enquanto estendia o lençol na cama.

Já haviam se passado umas duas horas e estávamos no quarto de Mac. Depois de escutar música por mais um tempo, tínhamos ido para a garagem, onde Layla acordou Eric e o fez andar um pouco pra ficar sóbrio antes que Irv o levasse pra casa.

— Foi ótimo — eu disse a ela.

— Não tenho tanta certeza. — Ela botou uma fronha limpa no travesseiro e o afofou. — É muito típico de Rosie simplesmente tomar o meu quarto. Ela sempre faz o que quer.

— De verdade, não me importo de dormir no sofá.

— Sem chance. Você é visita. Mac vai ficar bem lá. — Layla virou pra pegar um dos sacos de dormir que tínhamos trazido da garagem e o chacoalhou pra tirar a capa.

Sentei na cama — *a cama de Mac*, me dei conta, o que de alguma forma a tornou diferente. Enquanto ela forrava o saco de dormir com um lençol, corri os olhos pelo quarto. Era pequeno, com uma cama de solteiro e uma mesinha, ambas feitas da mesma madeira amarela e gasta. Dois pôsteres de carro — um Audi e um BMW — estavam colados na parede, bem como um mapa que parecia ser de Lakeview, cheio de marcações feitas a lápis. Numa escrivaninha de metal meio amassada, ficavam computador, alto-falantes e uma fileira de livros, quase todos sobre corrida e exercícios. Na ponta havia diversos despertadores em diferentes graus de precariedade: uns sem botões, outro sem o vidro do mostrador e até um com as molas pra fora, como se tivesse explodido.

— Ele é meio cientista maluco — Layla disse. Me virei pra ela, que apontou a escrivaninha com o queixo. — Ou talvez não seja maluco, apenas curioso. Ele gosta de ver como as coisas funcionam.

— Onde ele conseguiu todos esses rádios?

— Brechós — ela respondeu, afofando o próprio travesseiro. — Lojas de segunda mão. Os mesmos lugares onde minha mãe compra as coisas que coleciona. Se você for junto, logo vai descobrir algo por que se interessar. É inevitável. Mac, por exemplo, gosta dessas Frankentralhas.

— Hein?

— É o nome que eu dei — ela explicou. — Já ele diz que está "aprimorando objetos". Tipo pegar alguma coisa e a fazer funcionar melhor. Só precisa descobrir o que falta e acrescentar. Está vendo aquele relógio?

Olhei na direção que ela apontou, para o criado-mudo ao meu lado. Ali ficava um despertador que, à primeira vista, me pareceu completamente normal. Quando olhei melhor, porém, vi que tinham acrescentado uma grande lente circular apontada para o teto e um tecladinho na parte de trás.

— Sim — confirmei.

— Era ótimo, só que zerava sozinho o tempo todo, e Mac queria que ele projetasse as horas no teto. Ele tinha um outro que fazia exatamente isso, mas era tão fraco que ninguém conseguia enxergar. Por isso juntou os dois, acrescentou um dispositivo para ajuste de hora personalizado…

— Um o quê? — interrompi.

— São palavras dele — Layla explicou. — De qualquer forma, esse é o resultado final. A hora sempre está certa e brilhante pra caramba no teto. Eu falei pra você que meu irmão era estranho.

Olhei de novo para o relógio, reparei bem no teclado que havia sido preso ao resto com cuidado, nas lentes, que pareciam ter feito parte do relógio desde sempre.

— Mas ele é bom nisso — falei.

— Pois é. Com certeza devia ser engenheiro e construir aviões ou algo assim — ela afirmou. — É uma pena que seu futuro vá acabar em pizza.

— Como assim? — perguntei, surpresa.

— A Seaside. — Ela ajeitou o cobertor um pouco mais para a direita. — Se depender do meu pai, Mac vai assumir o restaurante assim como meu pai o herdou do meu avô. E ninguém precisa ir pra faculdade pra aprender a fazer pizza.

— Então ele não vai?

— Duvido muito. Ela lançou mais um olhar para a escrivaninha cheia de aparelhos quebrados. — É uma droga, né? Por isso vivo dizendo pro meu pai que *eu* é que devia assumir os negócios. Sou a escolha lógica, não sou? Rosie, assim esperamos, vai voltar pra patinação, e eu vou ficar *radiante* quando terminar a escola. Mas Mac é diferente. Ele sempre foi o inteligente.

Pensei em Mac, sempre com um livro ao lado no almoço ou mesmo enquanto preparava a massa na pizzaria. Parecia loucura pra mim que um cara tão curioso e motivado, capaz de melhorar muito um despertador simples, não tivesse chance de entrar na faculdade e aprender a fazer isso em outro nível. Desde o começo eu havia percebido que os Chatham eram diferentes da minha família — e cada vez mais me convencia disso.

Fora do quarto, na sala, tudo estava calmo: a maioria dos convidados já tinha ido embora. A mãe de Layla fora pra cama ainda mais cedo, mais ou menos na mesma hora que Rosie e suas amigas da Mariposa desapareceram. Só um banjo soava, distante e melancólico.

— Por falar em irmão… li o artigo que você mandou — Layla disse de repente. — Sobre aquele garoto. Mostrei pro Mac também.

Baixei os olhos e disse:

— Fiquei com receio de mandar.

— Ficou?

Confirmei com a cabeça.

— Pensei que me julgariam.

— Por quê?

— Não sei — respondi, dando de ombros. — É o que todo mundo faz.

— Sydney. — Layla disse meu nome de um jeito que deixava claro que eu deveria olhar para ela. Foi o que fiz. — Não somos como todo mundo. Você ainda não percebeu?

— Estou começando a entender — respondi com um sorriso.

— Se fosse comigo — ela disse, se ajeitando no saco de dormir —, ia querer conversar com o garoto, pedir desculpas.

— É o que eu quero — falei, surpresa por ela ter acertado na mosca tão rápido. — Mas me parece egoísmo. Tipo: que bem isso vai fazer pra ele? O meu "sinto muito" não vai trazer as pernas dele de volta.

— Se fosse um filme — Layla imaginou, com os olhos no teto —, vocês dois virariam grandes amigos por causa de um passatempo em comum, tipo um concurso de quem come mais. Depois você o ajudaria a aprender a andar de novo. Corta para o final feliz.

Olhei para ela.

— Concurso de quem come mais?

— Acabei de pensar nesse filme! — ela protestou, o que me fez rir. — Dá um desconto.

Mantivemos silêncio por um tempo. O banjo ainda soava na sala.

— Só que não é um filme — retomei a conversa. — E não tem final feliz. Apenas… um final, acho.

Layla colocou o cabelo atrás da orelha.

— Odeio quando isso acontece — ela disse em tom suave. — Você não odeia?

Antes que eu pudesse responder, alguém bateu levemente na porta, e a cabeça de Mac apareceu na fresta.

— A mamãe está te chamando — ele avisou Layla.

Ela levantou imediatamente:

— Está tudo bem?

Em vez de responder, Mac abriu a porta toda para Layla passar e seguir pelo corredor. Dava pra ver o sr. Chatham na sala, de pé, com o banjo pendurado no pescoço. Seu rosto estava vermelho e, quando me viu, demorou um pouco pra lembrar quem eu era.

— Quer água? — Mac perguntou para ele, que desviou o olhar de mim.

— Eu mesmo pego — ele respondeu. Em seguida, pôs o banjo devagar no sofá e então deu um passo pra trás. Mac me lançou um olhar antes de fechar a porta com cuidado.

Minha sensação foi de ter esperado sozinha por um bom tempo. Mas o despertador ao meu lado marcou apenas dois minutos até o retorno de Layla.

— Apenas tonturas. Nada com que se preocupar.

— Tonturas?

Ela assentiu e sentou com as pernas cruzadas.

— Minha mãe toma um monte de remédios. E, tipo, todos nós precisamos ficar de olho pra saber quando ela toma cada um. Às vezes, quando fica cansada ou acordada até tarde, ela sente tonturas e acorda confusa. De vez em quando chama Rosie, mas hoje me chamou.

Layla tinha deixado a porta aberta; a sala estava vazia, e a mesinha de centro, lotada de latas de cerveja e embalagens de comida.

— Há quanto tempo ela está doente? — perguntei.

— Desde que eu estava no sexto ano. — Ela cruzou as mãos e conferiu as unhas. — Não era tão grave no começo. Ela ainda conseguia andar normalmente e continuava mandona como de costume, visitando todas as lojas de segunda mão possíveis aos sábados de manhã. Mas a doença é progressiva. O ano passado foi bem difícil, e só vai piorar.

— Não tem cura?

— Não. — Ela deixou as mãos caírem sobre o colo. — Os remédios ajudam bastante, mas eventualmente a doença vai enfraquecer minha mãe até o corpo dela parar de funcionar. Espero que demore bastante pra chegar a esse ponto.

Fazia pouco tempo que eu conhecia aquela família, mas uma prova do tamanho da importância da sra. Chatham era o fato de eu ser incapaz de imaginá-los sem ela. Assim como a minha mãe, ela era o centro da roda daquela família, a que todos estavam conectados e de onde todos tiravam energia. Ela precisava de um santo para si mesma.

— Sinto muito — lamentei.

— Pois é — Layla disse, com o triste tom de voz de quem aceita um mal inevitável. Era possível entrever os milhões de pensamentos não ditos que vinham junto com as suas palavras. — Eu também sinto.

A casa aos poucos ficava em silêncio. Layla foi até o próprio quarto para botar o pijama e escovar os dentes e indicou o pequeno banheiro onde eu poderia fazer o mesmo. Quando saí, não havia ninguém por perto além de Mac, com um saco de lixo na mão para jogar fora a bagunça em cima da mesinha.

— Quer ajuda? — perguntei.

— Não precisa — ele respondeu.

Mesmo assim, fui até outra mesa, juntei uns guardanapos amassados e uns copos de plástico usados e joguei tudo no saco.

— Foi uma festa e tanto — comentei.

— Isso aqui vai estar fedendo amanhã de manhã se eu deixar assim — ele comentou com um punhado de tampinhas de garrafa na mão. — E vai parecer que eu dormi numa lixeira.

— Está grudento.

— E fedorento.

Ele levantou uma pilha de cobertores, revelando um dos cachorros da casa. O animal rosnava, mas Mac, sem se abalar, o tomou nos braços e o pôs no chão. O bicho logo se esgueirou para debaixo do sofá, de onde nos lançava olhares ameaçadores.

— Desculpe por tomar seu quarto — falei pra ele.

— Não é culpa sua. — Mac recolheu um punhado de guardanapos molhados e fez uma careta de nojo. — Rosie sempre foi meio folgada. Engraçado: *ela* nunca dorme no sofá.

— Eu falei pra Layla que posso dormir aqui — contei. — Não me importo, de verdade.

— Os cachorros comeriam você viva.

— Quê?!

Ele achou graça da expressão que fiz. E abriu um sorriso, um sorriso lindo. Ver isso era o mesmo que ganhar um prêmio, já que seus sorrisos eram tão escassos.

— Falo em sentido metafórico — ele explicou em seguida. — Embora eles soltem uns gases mortais.

— Quem solta gases? — Layla perguntou ao voltar do banheiro.

— Os cachorros — respondi.

— Meu Deus, não é brincadeira. — Ela até estremeceu a essas palavras. — Jamais os deixe entrar debaixo das suas cobertas. Você vai sonhar que está sendo sufocada. De verdade. Precisa de outro saco de lixo?

Mac fez que sim, e Layla foi até a cozinha buscar mais. Eu e ele continuamos a limpeza num silêncio companheiro até ela voltar. Então todos terminamos a faxina juntos. Já era mais de uma da manhã quando Mac levou o saco de dormir e o travesseiro para o sofá e apagamos a luz.

Layla insistiu para eu dormir na cama, apesar de eu ter dito que ficaria bem no chão. Eu sabia que ela só estava sendo uma boa anfitriã. Ainda assim, saber que Mac dormia ali era ao mesmo tempo estranho e emocionante. Meu Deus, como eu era boba.

Assim que as luzes apagaram, ela começou a se mexer pra encontrar uma posição confortável.

— Eu demoro pra sossegar — ela tinha me explicado quando dormiu em casa, durante esses mesmos ajustes —, mas quando caio no sono, *desmaio*. Se precisar de mim pra alguma coisa, me chuta. Forte. O.k?

— Pode deixar — eu disse.

Em contrapartida, naquele momento na casa dos Chatham eu estava deitada imóvel, com as mãos cruzadas sobre o peito. Tentei imaginar Mac naquele mesmo lugar todas as noites, olhando para o mesmo teto, onde seu despertador projetava o horário intensamente acima das nossas cabeças: 1h22.

— Céus, como eu *odeio* esse troço — Layla reclamou. Pela voz, percebi que já estava sonolenta. — A última coisa que quero é ser lembrada toda vez que abro os olhos quanto tempo falta para a hora de levantar.

— Mas amanhã é domingo — recordei.

— É, mas eu tomo conta da minha mãe de manhã — ela disse com um bocejo. — Então tenho que acordar junto com ela, às seis.

— Ah. Entendi.

Silêncio. Então ela disse com a voz monótona:

— Uma e vinte e três da manhã. Hora de dormir, perdedora. Você já vai se sentir péssima de manhã.

Comecei a rir, e ela se mexeu um pouco mais antes de me dar boa-noite. Momentos depois — na verdade, precisamente três minutos depois, à 1h26 — ouvi sua respiração ficar longa e constante.

Eu, por outro lado, ainda me sentia bem acordada. Então, à 1h45, ouvi claramente quando alguém começou a falar na sala.

Era a voz de uma garota no começo. Dava para saber pelo tom, mas não consegui distinguir as palavras. Então, depois de uma pausa, uma voz mais grave respondeu. Virei de lado e olhei para Layla, que dormia profundamente com os joelhos contra o peito.

À 1h50, depois que tudo voltou a ficar em silêncio, senti uma vontade repentina de fazer xixi. Era sempre estranho circular pela casa dos outros, principalmente tarde da noite. À 1h59, porém, percebi que não tinha escolha. Saí da cama, passei por Layla com cuidado e girei o mais silenciosamente possível a maçaneta da porta.

A primeira coisa que vi foi Lucy, a amiga de Rosie da Mariposa, sentada no sofá, de regata e short de pijama, com o cabelo solto por cima dos ombros. Mac estava ao seu lado, com os olhos pregados na TV, que passava um comercial que eu já tinha visto, de um produto que cortava frutas em formatos divertidos. Mac prestava tanta atenção que parecia assistir um plantão de notícias.

Ambos olharam na minha direção quando apareci no corredor.

— Tudo certo? — Mac perguntou.

— Sim. Só, hum… — e apontei para o banheiro. Apertei o passo, me sentido superconstrangida.

Assim que fechei a porta, ouvi Lucy dizer alguma coisa e rir. Não tinha como saber se falava de mim, mas mesmo assim senti o rosto corar.

Fiz o que tinha que fazer, lavei as mãos e conferi o cabelo. Ainda que eu não tivesse dormido, já estava bem bagunçado. Abri a porta fazendo o máximo de barulho possível para deixar claro que estava me aproximando.

O comercial ainda passava na TV — "E NÃO É SÓ ISSO!" — e Mac continuava totalmente concentrado. Lucy, por sua vez, tinha se aproximado mais do garoto e estava com a cabeça apoiada no ombro dele. Dessa vez, ela não olhou pra mim.

— Boa noite — me despedi de Mac antes de abrir a porta do quarto.

Eu já estava prestes a entrar quando ele disse:

— Aquilo está te incomodando?

Dei meia-volta.

— O quê?

— O despertador — ele disse, apontando na direção do quarto. — É meio brilhante. Posso desligar se você quiser.

Lucy se mexeu e apertou o corpo ainda mais contra o dele. Na TV, a mulher estava empolgada demais com a perspectiva de cortar melancias em formato de estrela. Voltei o rosto para Mac, que me encarava de tal maneira que eu soube, de algum jeito, que devia dizer que sim.

— Pra ser sincera — respondi —, eu estava me perguntado como…

Antes de eu terminar a frase ele já estava de pé, o que assustou Lucy; dessa vez ela me olhou, claramente irritada. Recuei para deixar Mac entrar no quarto e, ainda sob o olhar dela, fechei a porta devagar atrás de nós.

O ambiente estava bem escuro e fiquei imóvel por um tempo até minha visão se adaptar. Mac, porém, foi direto até a cama, sentou e pegou o relógio. Bastou apertar um botão para desligar a projeção do horário.

— Obrigado — ele disse. — Por me salvar.

— Ela é bem… — comecei, mas me segurei para não usar o adjetivo errado. — Incisiva.

— É um modo de dizer. — Ele recolocou o relógio ao lado da cama e levantou. — Precisa de algo mais?

— Não — respondi. — Obrigada.

Ele acenou com a cabeça e passou cuidadosamente por Layla, que roncava um pouco. Quando pôs a mão na maçaneta, deixei escapar:

— Você pode ficar se quiser. Até ela ir dormir. O quarto é seu, afinal. Fico bem no chão.

Percebi, tarde demais, como minhas palavras poderiam soar: agora era eu a garota partindo pra cima. Mas Mac virou pra mim aliviado.

— Pode deixar que eu fico no chão.

Enquanto ele pegava um cobertor no armário pra estender sobre o carpete, voltei até a cama e me cobri. Com Layla desmaiada no meio do quarto, ele não tinha outra opção senão se acomodar paralelo à cama. Ainda assim, deixou o maior espaço possível entre nós, o que o obrigava a ficar com a cabeça apoiada na escrivaninha.

— Você quer o travesseiro? — ofereci enquanto ele se mexia em busca de um pouco de espaço para a cabeça.

— Não, pode ficar.

— Não preciso. E você está no chão.

— Estou bem. — Ele se mexeu de novo e, dessa vez, ouvi uma batida. — Ai!

Não consegui segurar a risada.

— Ah, que bonito — ele brincou. — Caçoando da minha dor.

— Eu tentei te dar o travesseiro.

— Não precisa — ele disse. Então ouvi outra batida. — Droga!

Sentei na cama e joguei o travesseiro pra ele. Acertei bem no rosto. Ops.

— Foi mal — eu disse. — Não queria…

Antes que eu pudesse concluir, o travesseiro voltou na minha direção, duas vezes mais rápido do que eu tinha jogado. Desviei, e o travesseiro quicou na parede e acertou o despertador, que no ato voltou a projetar o horário no teto com uma luz clara como o dia.

— Viu o que você fez? — ele disse.

— São duas e quinze da manhã — rebati, retribuindo o golpe. — Hora de pegar seu travesseiro.

De repente, uma batida suave na porta. Ambos ficamos em silêncio. Um instante depois, ela se abriu o suficiente para deixar um feixe de luz entrar.

— Mac? — uma voz disse. Lucy. — Oi?

Fechei os olhos. Por uns instantes, a única coisa que ouvi foi a respiração de Layla. Então a porta fechou com um clique.

Mesmo depois, permanecemos em silêncio por dois minutos inteiros, de acordo com o relógio. Eu começava a achar que talvez Mac tivesse dormido quando o travesseiro me acertou bem no meio da cara.

— Não vou jogar de volta — sussurrei. — Você acaba de abrir mão dele oficialmente.

— Nem queria mesmo.

— Dorme logo antes que ela volte — sugeri.

— É você que não para de falar — ele brincou.

Senti meu rosto abrir um sorriso enorme no escuro. Eram 2h22.

— Boa noite, Mac.

— Boa noite, Sydney. Durma bem.

Mas pra mim isso era impossível naquele momento, com ele a apenas um braço ou menos de distância. Então fiquei surpresa quando acordei sobressaltada às 4h32 de um sonho profundo e pesado cujos detalhes desapareceram assim que despertei. Esfreguei os olhos e virei para conferir como estavam Layla, ainda abraçada aos joelhos, e Mac, que tinha se afastado da escrivaninha e dormido de lado — com uma das mãos estendida na minha direção. Ele dormia profundamente e, claro, não fazia ideia de nada disso. Não dá para escolher o que fazemos nos sonhos. Mas fiquei feliz mesmo assim.

13

Pensei que tinha escapado do Dia da Família na Lincoln. Duas semanas depois, porém, outro problema apareceu. Como sou sortuda.

— Tenho ótimas notícias — minha mãe anunciou um dia durante o jantar. De repente, tudo fez sentido: a maneira como ela cantarolava ao pôr a mesa, o jeito superalegre como perguntou sobre meu dia na escola. — Vamos conseguir ver Peyton. Todos nós, juntos.

— Sério? — meu pai perguntou.

Ela confirmou com a cabeça. Estava tão feliz que queria fazer suspense.

— Recebi uma ligação hoje. Ele completou o primeiro curso lá e vão fazer uma cerimônia de formatura. Todos os parentes estão convidados.

Do jeito que minha mãe falava parecia que Peyton ia receber um diploma de Harvard, não o certificado de um curso na prisão que, para ser honesta, era obrigatório. Mas minha mãe era assim. Quando o assunto era Peyton, qualquer coisinha boba já virava um feito sensacional.

— É o curso de cidadania? — meu pai quis saber enquanto pegava mais pão.

— Cidadania e leis. — Ela tomou um gole de vinho. — É tão bom. Ele aprendeu muito e agora que concluiu o curso pode fazer outros. Há várias opções na verdade. Michelle diz que a Lincoln é ótima nesse sentido. O diretor acredita muito na importância da educação.

— Quando vai ser isso? — outra pergunta do meu pai.

— Final de novembro — ela respondeu. — Acho que podemos ir de carro na noite anterior e ficar num hotel ali perto. Assim não precisamos sair daqui de madrugada.

— Mas eu tenho aula — comentei automaticamente.

Pela primeira vez naquele dia, a animação da minha mãe murchou.

— Você pode faltar um dia, Sydney. É importante.

Fim da discussão. Meu pai me lançou um olhar, como se estivesse prestes a dizer algo, mas então voltou a comer. E assim começou a contagem regressiva.

Tudo foi planejado e dois quartos de hotel foram reservados. Um para mim e minha mãe, outro para meu pai e Ames, que logicamente nos acompanharia. Minha mãe ativou o modo "fazer contatos" e falou com algumas famílias de "formandos" da Lincoln (ela insistia em chamá-los assim) para que levassem bolos e doces para um café da manhã especial depois da cerimônia. Bastou isso para minha mãe voltar à zona de conforto. De fato, estava tão ocupada que mal percebia que eu passava quase todas as tardes na Seaside. Por mim, tudo bem.

— Então ele fez um curso? — Layla me perguntou um dia enquanto fazíamos lição de casa. — Não sabia que tinha escola dentro da prisão. Pensei que ficar trancafiado já fosse punição suficiente.

Ao contrário de Jenn e Meredith, com quem sempre compartilhei a vontade de ir bem na escola, Layla basicamente passava as aulas contando os minutos para o sinal tocar. Até a lição de casa a deixava de mau humor, e ela precisava de uma média de três pirulitos para terminá-la.

— É um curso que todo mundo lá precisa fazer, sobre leis. — Virei a página do livro de matemática. — Acho que pra lembrar os presos de não quebrá-las.

— Eu achava que toda essa história de ficar atrás das grades já servia pra isso. — Ela pôs o pirulito na boca e tirou em seguida. — — Mas acho que consigo entender o propósito deles. Se ter aula fosse a única atividade que eu pudesse fazer, com certeza ia amar.

Ergui uma sobrancelha e olhei bem pra ela. Já fazia mais de uma hora que estávamos ali sentadas e Layla só tinha rabiscado o próprio nome e uns coraçõezinhos no papel.

— O.k., talvez não — ela suspirou. — Acho que é hora de uma pausa. Quer ir na SuperThrift?

— Layla.

— Quinze minutos.

— Não.

— Dez. Juro que vou embora quando você mandar. — Olhei pra ela, cética. — É sério! Vamos! — ela garantiu.

Ainda contrariada, guardei o material e deixei a mochila atrás do balcão, onde Mac preparava legumes com o livro de química ao lado.

— Aonde vocês vão? — ele perguntou.

— Lugar nenhum — Layla respondeu.

— SuperThrift — eu disse ao mesmo tempo.

Mac balançou a cabeça e me encarou.

— Ela pode até prometer uma visita rápida, mas depois que entrar não vai querer sair.

— Vamos voltar em dez minutos — Layla disse ao mesmo tempo, animada. Suspirei e fui atrás dela.

A SuperThrift ficava num predinho sem graça a uma quadra da Seaside. Já tinha passado na frente de carro um milhão de vezes sem nem reparar; minha família não costumava comprar artigos de segunda mão. Doávamos bastante

coisa — minha mãe sempre revirava meu guarda-roupa com uma sacola perguntando se eu tinha usado as peças no último ano —, mas só para instituições de caridade. E a SuperThrift era uma empresa.

O primeiro cheiro que dava pra sentir ao entrar na loja era o do aromatizador de amora. Um cheiro forte e irritante, que formava uma espécie de barreira na entrada. Contudo, ao atravessá-la, o motivo de sua existência passava a fazer sentido: o próximo cheiro era de mofo e pó.

— Adoro o cheiro de pechinchas pela tarde — Layla disse. A transição de aromas sempre fazia meu nariz coçar, mas aparentemente deixava Layla elétrica: eu precisava apertar o passo para acompanhá-la. — Ah, olha só isso!

Quando vi as araras cheias de roupas estendendo-se até os fundos da loja pela primeira vez, já me senti cansada. Tinha peças demais, dispostas de um jeito que tornava trabalhoso encontrar qualquer coisa, já que não havia categorias nem seções: um casaco grosso de inverno estava ao lado de uma camisa vagabunda com ombreiras, espremida entre dois vestidos de festa horríveis. E isso era só uma amostra do que havia lá.

Layla, porém, tinha um dom: de algum jeito era capaz de achar as coisas boas, por mais mal apresentadas que estivessem. Antes que eu conseguisse me livrar de uma calça masculina de tweed dos anos 50, ela já tinha encontrado uma jaqueta de couro curtinha e uma camisa social branca que só precisava de uma boa passada para ficar igual a algo que qualquer amiga minha da Perkins usaria.

— É só prática — ela me explicou na primeira vez que comentei isso. — Minha mãe é uma caçadora de pechinchas profissional. A gente costumava passar por aqui, por outros brechós *e* por vendas de garagem todos os finais de semana. Ela sempre disse que o importante era olhar e agir rápido. Basta fazer com frequência e isso se torna natural. Tipo Mac com os relógios.

Quando conheci Layla, não tinha percebido quantas coisas dela eram de segunda mão. Foi apenas na manhã seguinte à noite que passei na casa dos Chatham, quando Rosie e as amigas finalmente desocuparam o quarto de Layla, que pude dar uma olhada no guarda-roupa dela. Embora fosse pequeno, estava abarrotado de roupas, todas meticulosamente organizadas. Quando ela viu que eu tinha reparado, deixou bem claro que era um motivo de orgulho.

— Esta aqui — ela disse na apresentação que se seguiu, ao pegar uma calça jeans dobrada com esmero num cabide — encontrei na Thrift World. É da Courtney Amanda! Mal foi usada, e só precisei fazer a barra. Foi um dia de sorte.

Logo me dei conta de que todas as roupas de Layla tinham uma origem similar. Eu era incapaz de lembrar onde havia comprado a blusa que usava naquele momento, mas ela conhecia a história de cada uma de suas peças. Fiquei envergonhada, ainda mais por sempre ter comprado apenas roupas novas. Layla, porém, não parecia se incomodar com as nossas diferenças. Simplesmente… a vida era assim. Mais um motivo para eu querer ser como ela.

Sempre que íamos à SuperThrift Layla também procurava coisas pra mim. Enquanto eu segurava o espirro em meio a um amontoado de roupões com estampas sortidas, ela surgia ao meu lado com um vestido vintage, botas do meu número quase novas e um suéter de caxemira "da minha cor", e desaparecia em

seguida. Depois das primeiras idas, simplesmente parei de procurar coisas pra mim e passei a matar o tempo zanzando pela loja: sabia que, se houvesse peças boas pra mim ali, Layla encontraria.

Naquela visita de dez minutos, ela trouxe pra mim uma calça capri preta e uma bolsa de juta, ambas descobertas logo que chegamos.

— Seis minutos — lembrei a ela. Layla fingiu que não ouviu.

Àquela altura, meu nariz já estava escorrendo. Depois de procurar um lenço, segui para os fundos da loja. Os calçados, ao contrário das roupas, estavam organizados por sexo e tamanho, embora eu não tivesse ideia de quem havia feito isso. Nunca vi ninguém trabalhando na SuperThrift além das mulheres que surgiam de uma saleta de vidro — onde assistiam TV — quando tocávamos a campainha perto do caixa. Ainda assim, parecia que o verdadeiro emprego das duas era demonstrar o quanto odiavam ajudar os clientes.

Os calçados femininos e infantis ficavam à esquerda; os masculinos, à direita (eram poucos e, por algum motivo, a maioria de boliche). Por fim, havia uma seção chamada apenas "etc.". Naquele dia, estava cheia de galochas.

Esse era o negócio da SuperThrift. Layla me explicara uma vez que o estoque deles consistia em doações, sobras de vendas de garagem e peças que outros brechós não conseguiam despachar. Mas às vezes recebiam coleções inteiras de estabelecimentos prestes a fechar ou dos herdeiros de algum falecido. Isso explicava por quê, numa das primeiras visitas, eu tinha encontrado uma arara inteira cheia de ternos grandes e compridos em diversos estilos e cores. Também era a explicação mais provável para o surgimento de uma caixa de macacões de frentista outro dia.

A presença das galochas, entretanto, era mais difícil de entender. Eram modelos infantis bem coloridos: verdes, amarelos, vermelhos, com bolinhas. Estava na cara que as botas eram usadas — notei uns riscos e manchas —, mas quem tinha *tantos* filhos? Já havia contado pelo menos dez pares quando ouvi uma voz dizer:

— Cara, quanta bota, hein?

Se alguém me perguntasse quem eu esperava encontrar na seção de calçados da SuperThrift ao olhar pra trás, a última pessoa a me passar pela cabeça seria David Ibarra. E, no entanto, lá estava ele, de calça jeans, moletom vermelho e cadeira de rodas. Sorrindo pra mim.

Por um segundo saí fora do ar. Depois, fiquei imóvel, encarando o garoto boquiaberta. Tantos meses analisando seu rosto, absorvendo cada detalhe que descobria, e lá estava ele: em carne e osso. Tive a sensação de que David sabia quem eu era, quem era meu irmão, como se eu emitisse algum odor que o alertasse.

— Cara, quanta bota!

Era Layla, vindo na minha direção com os braços carregados de roupas. Ela espiou as botas e depois olhou para David Ibarra. Seus olhos se arregalaram na hora. Ela tinha lido o artigo e nunca esquecia um rosto.

— Era o que eu estava dizendo — ele falou ao mexer no controle da cadeira para se aproximar das galochas. — Acho que isso significa que um bando de crianças vai ficar de pé molhado na próxima chuva.

— Quando encontro coisas assim por aqui — Layla disse devagar, com o olhar fixo em mim —, fico com vontade de comprar só pela história.

— Eu não — ele respondeu, recuando a cadeira mais uma vez. — Não é porque alguém se livrou daquele monte de roupões ali atrás que eu quero saber o motivo.

— Irmão? — ouvi uma voz chamar de trás de uma arara repleta de vestidos. — Onde você está?

— Estou indo — ele respondeu e deu meia-volta.

Eu ainda não tinha dito uma palavra. Não conseguia. Mas talvez ele estivesse acostumado com os olhares das pessoas, porque acenou para nós duas com simpatia e se retirou.

— Ei — Layla disse, jogando as roupas no chão e vindo ao meu encontro. — Sydney. Você está pálida.

— Aquele… era…

Ela pôs a mão no meu ombro.

— Eu sei. Mas respira fundo. Você está me assustando.

Fiz o que ela mandou e inspirei aquele cheiro horrível. Ao longe, escutei um som motorizado conforme David Ibarra e quem o acompanhava seguiam até a entrada da loja. Depois de um tempo, Layla se afastou e se debruçou no balcão para ver se os dois ainda estavam lá. Antes de sair do lugar, fiz ela jurar duas vezes pela mãe que eles já tinham deixado não só a loja mas também o estacionamento.

Quando finalmente saímos, fiquei escorada na vitrine de olhos fechados enquanto Layla pagava suas compras. Caminhamos de volta à pizzaria e sentamos para continuar a lição de casa. Dessa vez, porém, Layla foi a única que conseguiu fazer alguma coisa. Eu só fiquei ali, parada, com o livro aberto na frente. Sempre que tentava me concentrar, via não as palavras ou o rosto de David Ibarra, mas aquele arco-íris de galochas deslocadas e destoantes.

Só na hora de ir embora, quando Layla me entregou uma sacola, percebi não só que eu havia largado no chão as coisas que ela separara pra mim na SuperThrift, mas também que ela tinha recolhido tudo e juntado com as próprias compras. Não queria ser grossa, então aceitei as coisas e as enfiei no fundo do guarda-roupa quando cheguei em casa. Sabia que minha mãe encontraria aquelas peças na época das doações e perguntaria se eram importantes. Eu teria que dizer que sim. Como tantas outras coisas, ficariam comigo pra sempre, mesmo se quisesse me livrar delas.

Por motivos óbvios, eu não estava no clima pra fazer compras na semana seguinte. Layla, porém, estava de olho em algumas peças no seu brechó favorito. Então elaborou um plano.

— Uma dupla de entregadoras de pizza — ela anunciou ao pai certa tarde. Layla tinha pedido para ele sentar e ouvir a apresentação daquilo que chamava de "uma importante proposta de negócios". — Imagine só: um nicho de mercado. Criaremos uma marca visual específica de atendimento ao consumidor.

Arregalei os olhos. Uns dias antes ela tinha encontrado um guia para pequenas empresas num sebo. Apesar de não gostar da escola, Layla era capaz de devorar qualquer manual de instruções ou romance açucarado em questão de horas.

— Não é uma boa ideia — foi o comentário de Mac, que não tinha sido convidado a sentar mas escutava tudo como sempre.

— Ninguém pediu sua opinião — Layla disparou.

— Não importa. Não é seguro — ele emendou. — Você vai para a casa dos outros, para apartamentos de gente estranha…

— Mas Sydney vai estar comigo — ela disse. Arregalei ainda mais os olhos; não tinha percebido que estava envolvida. — E a gente vai deixar as entregas nos bairros perigosos pra você.

— E se *todas* as ligações forem de bairros perigosos?

— Então vamos precisar repensar nossa estratégia de mercado, não acha? — Ela se voltou para o pai. — Você mesmo disse que os pedidos não param de crescer, principalmente em fim de semana de jogo. A gente pode ajudar. Assim mantemos as coisas na família e eu aproveito pra ganhar mais experiência aqui na pizzaria. Vou precisar, já que passarei o dia inteiro aqui depois que me formar.

Ao ouvir isso, Mac levantou os olhos para a irmã.

— Pelo que sei, ninguém discutiu essa possibilidade.

— É exatamente por isso que precisamos discutir — Layla emendou no ato. — É um pouco machista simplesmente partir do pressuposto que uma garota não pode assumir um cargo de liderança, não acha?

— Liderança? — perguntou o sr. Chatham. — Pensei que estivéssemos falando de entregar pizza.

— Estamos falando de negócios — Layla suspirou. — O fato é: você precisa de ajuda com as entregas, e eu de experiência. Todo mundo ganha.

O sr. Chatham passou a mão no rosto. Ainda não tinha negado, mas era óbvio que estava a quilômetros de concordar.

— Se eu fosse pensar nessa ideia de vocês fazerem as entregas…

— Não pense — Mac interveio.

— … precisaria haver algumas regras, com certeza.

Layla, sentindo a vitória se aproximar, abriu um sorriso sagaz pra mim.

— Conforme eu disse, estaríamos sempre juntas. E nós duas iríamos até a porta, sempre.

Enquanto o pai de Layla ruminava a ideia, Mac balançava a cabeça e continuava a espalhar molho sobre a massa.

— Talvez escritórios — o sr. Chatham disse finalmente. — E quem sabe *algumas* áreas residenciais aos finais de semana, de dia. Mas não à noite nem em condomínios.

— Ah, pai, que ótimo! Obrigada!

— *Mas* — ele disse em voz alta, erguendo a mão —, Mac vai treinar as duas primeiro e faremos um teste no sábado durante o jogo, sem compromisso nenhum. Entendido?

— Entendido — Layla respondeu confiante e me cutucou por baixo da mesa para que eu dissesse o mesmo.

E então ficou decidido. Nosso treinamento aconteceu dois dias depois, na tarde de quinta-feira. Falei pra minha mãe que ia na casa de Jenn, imaginando que ela não ficaria muito feliz se soubesse que eu ia trabalhar, ainda mais naquele tipo de serviço. Na verdade, eu só tinha concordado por Layla, então fiquei surpresa ao descobrir o quanto gostava daquilo.

Não sabia dizer exatamente o motivo. Passávamos bastante tempo com Mac, o que eu achava ótimo. Desde a noite que passei na casa dele, ficamos bem mais próximos, embora eu notasse que ele mantinha certa distância quando Layla estava por perto. E eu ainda não tinha esquecido como ela ficava brava ao falar de Kimmie Crandall, que havia namorado Mac e depois terminado tudo. Eu não queria quebrar nenhuma regra, embora isso fosse difícil já que não sabia direito *quais* eram essas regras.

Mas não foi só a companhia de Mac que me fez gostar das entregas. Layla — apesar de suas aspirações de liderança — logo se entediou com as explicações detalhadas do irmão sobre os procedimentos do negócio. Eu, porém, fiquei intrigada com aquilo. Havia algo que me fascinava na ideia de ir na casa de gente estranha, de espiar outros lugares e as pessoas que moravam ali. Talvez porque sentia que minha família era observada o tempo todo por pessoas de fora. Era legal poder estar do outro lado.

Na nossa primeira parada, um cara de roupão atendeu a porta. A sala estava escura; a única luz vinha dos dois televisores sintonizados no mesmo canal e de uma fileira de notebooks em cima da mesa de centro. Ele apertava os olhos como uma toupeira, como se a luz o ferisse. Pagou sem falar nada e fechou a porta na nossa cara.

Na próxima entrega, interrompemos uma sessão de estudo bíblico para adolescentes. Uma garota radiante de aparelho atendeu e nos convidou para comer um pedaço de pizza e ouvir alguns testemunhos. Apesar da nossa recusa, ela nos deu uma boa gorjeta. Jesus com certeza aprovaria.

Em seguida fomos até o hotel Walker, onde esperamos no lobby com três caixas até o hóspede descer para pegá-las. (Mac explicou que o hotel não gostava que os entregadores subissem, já que eles tinham serviço de quarto.) Enquanto esperávamos, ele ficou papeando com os valetes de uniforme vermelho ao redor do claviculário.

Em apenas uma hora, tínhamos visto pedacinhos de várias vidas, formando uma espécie de colagem da própria cidade de Lakeview. Layla, ainda entediada, passou a maior parte do tempo no celular — só se animou no hotel, por causa dos funcionários bonitos. Mas quando deram oito horas e ela precisou voltar para ficar com a mãe, tive vontade de continuar.

Mac deve ter falado bem da nossa experiência, porque fomos autorizadas a fazer o teste no fim de semana. Na manhã de sábado, um pouco depois das onze e meia, lá estávamos Layla e eu no estacionamento à espera de que ele trouxesse do escritório uma placa magnética para o meu carro. Passaram-se dez minutos e nada de Mac aparecer.

— Parece que ele está fazendo de tudo pra evitar que eu leve uma parte das gorjetas — Layla reclamou enquanto ajustava a roupa pela enésima vez: uma camiseta da Seaside, jeans e botas pretas de motoqueira.

Por causa do seu guia para pequenas empresas, Layla tinha enfatizado muito a importância da nossa "identidade visual". Como eu não tinha bota de motoqueira, usei as de Rosie, que eram pelo menos um número menor que o meu. Aparentemente minha identidade visual envolvia mancar.

— Estou tentando ajudar o Mac — ela retomou. — Pra ele poder fazer faculdade no futuro. Ele devia ficar feliz em dividir sua fortuna.

— Acho que é mais uma questão de proteção — comentei. — Ele se preocupa com você.

— Bom, mas não deveria. Vou entregar pizza, não partir para a guerra.

Aquilo me fez rir, mas quando Mac apareceu comecei a me perguntar se Layla não tinha um pouco de razão. Primeiro, ele repetiu mais uma vez o que nos ensinara sobre como lidar com o dinheiro e a importância de travar as portas do carro sempre, mesmo se só fôssemos ficar fora um minuto. Em seguida, disse que depois de tocar a campainha devíamos nos afastar da porta para que ninguém pudesse nos alcançar ao abrir. Ele estava prestes a ilustrar esses conselhos com alguns episódios da própria experiência para enfatizar esses pontos quando Layla olhou para o pulso e disse:

— Já podemos começar?

Ele fez uma careta.

— Você está sem relógio.

— Verdade, mas se estivesse ele me diria que você já falou demais. — Layla deu as costas ao irmão e partiu em direção à pizzaria. — Sydney, vou buscar nosso primeiro pedido. Pode ir ligando o carro!

Mac e eu apenas a observamos. Ela avançava com passos leves, mais empolgada do que durante todo o treinamento.

— Não a deixe ir sozinha mesmo se ela insistir que está tudo bem — ele me disse quando Layla entrou na Seaside. — E se ela começar a conversar demais com os clientes, corte. Pegue o dinheiro, entregue a pizza e vá embora. Nunca deve levar mais do que cinco minutos.

— Certo — afirmei, de novo com a sensação de que estava sendo preparada para cruzar as linhas inimigas.

— E só leve até a porta o dinheiro necessário. Se precisar contar o troco, vire de costas.

— Entendi.

— E se em algum momento você se sentir insegura ou achar o ambiente estranho, deixe a pizza e vá embora. Não vale a pena se arriscar.

Fiz que sim com a cabeça. Bem naquele momento Layla reapareceu na porta da Seaside com uma caixa na mão. Ela se aproximou radiante.

— É a nossa primeira entrega! E no seu bairro, Sydney.

— Mesmo?

Ela me entregou a ficha com o endereço; com certeza ficava em Arbors, embora eu não conhecesse.

— Precisamos ter cuidado — ela disse com os olhos sérios, cravados em Mac. — Você sabe como essa gente rica pode ser perigosa.

— Ha-ha — foi a reação dele.

Layla então abriu a porta de trás do carro e pôs a pizza no assoalho, como

Mac tinha ensinado. (Diminuía o risco de o queijo cair pra fora, um pecado mortal das entregas.)

— Dirija com cuidado — ele me disse.

— Pode deixar.

O trajeto até a casa foi tranquilo, marcado apenas pelos grandes planos que Layla fazia para as gorjetas que receberíamos. Quando paramos diante da casa enorme em estilo colonial no meu bairro, Layla já tinha gastado mais dinheiro do que imaginava que ganharíamos. A não ser que fizéssemos entregas até os trinta anos. Mal sabia eu que quando aquela porta abrisse, nosso novo empreendimento acabaria antes de começar.

— A pizza chegou! — uma voz gritou acompanhada de passos e, depois, do som da chave na fechadura. Ambas demos um passo para trás (Mac teria ficado orgulhoso) quando a porta abriu para revelar um rapaz mais ou menos da nossa idade, loiro, de olhos azuis e ombros largos com uma camisa de futebol. Ele sorriu ao nos ver.

— Você quer que eu vá pagar? — uma voz de mulher, mais velha, gritou do corredor da casa.

— Não, pode deixar — ele respondeu, deu um passo à frente e fechou a porta atrás de si. Dei outro passo para trás, mas Layla permaneceu onde estava.

— Extragrande, meia queijo, meia presunto e abacaxi — falei. — São quinze e nove com impostos.

("Sempre informe o pedido e o preço, mesmo se a pizza já estiver paga. É como um contrato verbal que eles não podem desfazer. Além disso, fica mais fácil para eles saberem o valor da gorjeta.")

Eu que tinha falado, mas ele olhava para Layla ao tirar as notas da carteira.

— Quanto pela entrega?

— Pra você é de graça — ela respondeu.

— Então é meu dia de sorte — ele disse ao separar uma nota de vinte e entregar pra ela. — Pode ficar com o troco.

— Obrigada! — ela disse, animada, guardando a nota. Quando entreguei a pizza ao garoto, ela completou: — Aproveite o almoço.

— Eu aproveitaria se você não fosse embora — ele disse.

— O dever me chama — ela respondeu, mas eu tinha quase certeza de que a vira corar. — Tenho entregas a fazer e dinheiro pra ganhar.

Virei de costas, na esperança de sinalizar que ela devia fazer o mesmo. Mas, claro, ela enrolou um pouco e desceu apenas um degrau comigo.

— Se eu fizesse outro pedido — ele disse com a mão na maçaneta —, você viria entregar de novo?

— Talvez — ela falou, com a mão no cabelo. — Poder ser que meu irmão mais velho venha.

Ele sorriu.

— Cinquenta por cento de chance? Aceito o risco.

Layla não respondeu nada, apenas me seguiu de volta até o carro. Assim que estávamos sãs e salvas, com o motor ligado, comentei:

— Você tem consciência de que quebrou, tipo, todas as regras do Mac?

— Você conhece esse cara? — ela perguntou. — Aqui da vizinhança?

— Não — respondi secamente. Ele ainda nos observava dos degraus, como se pensasse que talvez Layla fosse voltar. Manobrei rápido e saí. — Nunca vi na vida.

Quando voltamos à pizzaria, havia outro pedido do mesmo endereço. Então atravessamos a cidade de novo, e dessa vez Layla passou todo o trajeto se maquiando. Mais paquera, uma nota de cinco de gorjeta, e novamente fiquei de lado, constrangida para dizer o mínimo. Dessa vez, quando retornamos, Mac nos esperava com uma caixa na mão.

— De novo o mesmo endereço? — ele perguntou. — Três pizzas?

— Eles estão com *muita* fome — Layla disse, estendendo o braço pra pegar a embalagem.

Mac a puxou para longe da irmã.

— Isto aqui é um restaurante, não uma agência de encontros.

— Sou uma profissional e o pedido precisa ser entregue!

Ele a encarou.

— Então eu levo. Seu turno já acabou.

— Mac! — ela reclamou, mas vi que ele não ia ceder. — Vamos ver o que o papai acha.

Ela seguiu para o escritório. Mac então virou pra mim.

— Pelo menos diga que ele é da idade dela.

— É sim — falei e, olhando para o relógio, emendei: — Posso entregar a pizza no caminho pra casa e poupo uma viagem sua.

— Não.

— É no meu bairro — argumentei. — E ele já teve duas chances de matar a gente, se fosse essa a intenção.

Mac arqueou as sobrancelhas.

— É assim que você quer me convencer? Mesmo?

— Me dá logo a pizza.

Depois de hesitar alguns instantes, ele tirou uma caneta do bolso de trás e anotou algo no verso da ficha.

— Este é o meu número. Manda uma mensagem depois que fizer a entrega. Combinado?

— Combinado.

Ele me deu a caixa e me observou colocá-la no assoalho do banco de trás. Em seguida, entrei para me despedir de Layla, que estava sentada de cara amarrada com um pirulito de morango na boca. Ela se animou um pouco quando entreguei sua metade das gorjetas.

— Vamos arrebentar na próxima — eu disse. — Conseguir mais gorjetas.

— É, é — ela disse, acenando com o pirulito. — Que seja.

De volta a Arbors, toquei a campainha e esperei. O mesmo cara abriu a porta, mas tinha trocado o visual despojado por uma camisa de abotoar e sapatos. Nem se esforçou para esconder a frustração ao me ver sozinha.

— São quinze e nove com impostos — eu disse com a voz animada mesmo assim. — Obrigada.

Ele olhou para mim e então tirou mais uma nota de vinte do bolso.

— Qual o nome da sua amiga?

Balancei a cabeça.

— Não posso dizer.

Ele pensou um pouco.

— Tudo bem. Mas se ela quiser saber se eu perguntei… — Ele anotou algo na aba da caixa de pizza e arrancou. — Entregue isso pra ela.

Eu não disse sim nem não. Apenas peguei o papel, voltei para o carro e escrevi para Mac:

Saindo agora. Sã e salva.

Já estava entrando na garagem de casa quando ele respondeu:

Ela quer saber se ele pediu o número dela.

Pensei um pouco sobre a quem deveria ser leal naquele momento. Então digitei:

Não.

Não era mentira. Depois de um tempo de espera, meu celular apitou de novo. Dessa vez era Layla.

Ele deixou o número dele pra mim?

Sorri. Não importava o quão esperta eu me achasse, ela estava sempre um passo à frente. Mas se era para estar atrás de alguém, não havia ninguém melhor que Layla pra seguir.

Sim.

Outro toque. Duas fileiras de carinhas felizes. Mas minha atenção estava toda na mensagem de Mac quando desliguei o motor do carro. "ADICIONAR AOS CONTATOS?" meu celular perguntou, como sempre fazia quando eu recebia mensagem ou ligação de números desconhecidos. Talvez eu estivesse apostando demais. Mesmo assim, apertei SALVAR, olhei de novo para as carinhas felizes e também sorri.

14

O nome dele era Mason Albert Spencer, mas todos o chamavam de Spence. Ele tinha acabado de mudar para Lakeview e estudava na Academia W. Hunt, o colégio militar nos arredores da cidade. Quando se tornou oficialmente o namorado de Layla, tudo começou a mudar.

Bem, nem tudo. Ainda almoçávamos juntas todos os dias e íamos pra Seaside depois da escola. Spence tinha uma agenda apertada de atividades extracurriculares, então só podia ver Layla aos fins de semana, e mesmo assim por pouquíssimo tempo. No começo, achei que ele fosse como tantos garotos de Arbors cujo número de atividades refletia o dinheiro disponível para participar delas. E o padrasto de Spence, um cirurgião plástico, era capaz de bancar praticamente qualquer coisa. Logo, porém, comecei a sacar algumas coisas sobre Spence que me deixaram hesitante. Só que não queria comentar com Layla. Ela estava tão feliz.

— Ele é *o mais fofo* de todos — ela me disse num dia em que sentávamos à nossa mesa habitual com apenas a borda das fatias de pizza entre nós.

O celular, que ela sempre deixava à mão, tinha virado parte do seu corpo. Ela não tirava os olhos dele, sempre à espera de qualquer mensagem.

— Quer dizer — Layla continuou —, ele é um cavalheiro, sabe? Quem é assim hoje em dia? E já contei pra você o jeito como ele come batata frita?

Já: Spence comia batata frita com mostarda usando garfo e faca. Só por isso dava pra dizer que eles tinham nascido um pro outro. Infelizmente, porém, havia outras questões em jogo.

Uma delas: W. Hunt era seu terceiro colégio em três anos. Ele acabou ali depois de passar por dois internatos diferentes. Ele disse a Layla que as coisas "não tinham dado certo", mas isso soava muito como as histórias de Peyton pro meu gosto. Além disso, ele fazia várias horas de trabalho voluntário por semana

— em asilos, abrigos de animais —, até mais que Jenn, a pessoa mais altruísta que eu conhecia. Claro, talvez tivesse um coração grande e quisesse ajudar. Mas eu sabia reconhecer quando alguém estava prestando serviço comunitário obrigatório.

Por último, o charme. Eu tinha captado um pouco disso naquele primeiro dia à porta da casa dele, mas na segunda vez que encontramos com ele, na Frazier, estava com força total. Qualquer uma que o visse chegar com aquele sorriso enorme e flores provavelmente ficaria tão feliz quanto Layla. Mas eu conhecia bem aquela mistura de confiança e folga.

— Você — Layla disse quando ele sentou ao seu lado e entregou as flores com um gesto teatral — é louco.

— Louco por você — ele respondeu, aproximando o rosto para beijá-la.

Quando se largaram — dois segundos além do meu limite de constrangimento — ele finalmente prestou atenção em mim:

— Sydney, oi!

— Oi — cumprimentei.

Depois dessa formalidade, ele voltou a focar em Layla, que logo se encheu de alegria. Tinha sido ideia dela escolher a Frazier e não a Seaside; ela argumentava que tanto o pai como Mac odiavam todos os namorados dela à primeira vista. Eu lembrava de ouvir Mac comentar que não tinha sido o caso com o último namorado dela, apesar de o sr. Chatham não querer admitir. Isso era só um detalhe. Mas todo aquele segredo só aumentava minha desconfiança.

Logo ficou claro que Spence nutria a mesma falta de entusiasmo por mim. No começo, parecia não se importar com a minha presença nos encontros dos dois. Depois de umas semanas, porém, comecei a notar que os dois queriam ficar sozinhos durante o pouco tempo que arranjavam entre a agenda apertada dele e o trabalho constante de Layla. Talvez eu devesse ter me tocado e dado mais espaço para os dois ficarem à vontade. Em vez disso, tive que ouvir Layla me dizer isso com todas as letras.

— É só que — ela começou durante um almoço, enquanto Eric, Mac e Irv discutiam mais uma vez os possíveis nomes para a banda — Spence gosta muito de você. Quer dizer, ele acha você engraçada e inteligente. Porque você é mesmo.

Franzi a testa. Esse tipo de elogio sempre acabava com um puxão de tapete.

— Mas — ela continuou, olhando para as próprias mãos —, nós dois queríamos, hum, ter uma chance de nos conhecer melhor. A sós.

Lancei um olhar para Mac, mas ele estava ocupado comendo um punhado de sementes de girassol e ouvindo Eric defender o nome Cro-Magnon como referência à natureza "evolutiva" do rumo da banda.

— E como você pretende fazer isso? — perguntei a Layla.

Ela limpou a garganta antes de responder.

— Bem, se eu fosse pra sua casa de vez em quando…

— Você quer ficar com seu namorado na minha casa?

— Não! — ela disse. Em seguida, olhou para os garotos e baixou ainda mais o tom de voz: — Ele podia me buscar lá. E eu voltaria depois. Mais tarde.

— Você quer que eu minta para Mac também?

— Sydney, não é mentir. — Lancei um olhar zangado pra ela. — Não mesmo! Eu vou estar na sua casa. Só não… o tempo todo.

Eu sabia que devia negar: esse tipo de coisa nunca acabava bem. Mas era Layla quem estava pedindo, e ela tinha feito tanto por mim. Então concordei.

Na primeira vez, tudo saiu conforme o plano. Fomos para a minha casa depois da escola e minha mãe entrou imediatamente no modo "servir um lanche e perguntar da escola". Quando ela subiu para a Sala de Guerra para cuidar de alguma coisa relacionada à formatura na Lincoln, Layla e eu saímos para dar uma volta. Em tese, íamos até uma loja de conveniência no bairro vizinho tomar raspadinhas. Spencer estava à nossa espera a dois quarteirões de casa.

— Nos encontramos daqui a uma hora — eu disse a Layla quando ela subiu toda contente no banco do passageiro do Chevrolet Suburban enorme do namorado. — Bem aqui, certo?

— Certo! — ela concordou. A mão de Spence já estava no joelho dela. — Obrigada!

E eles voltaram bem na hora, despedindo-se com um beijo tão longo que precisei me distrair examinando o jardim de um quintal próximo. Caminhamos juntas as duas quadras de volta até a minha casa, e eu nunca tinha visto Layla tão feliz. Isso bastou para me convencer de que, fosse lá o que estivéssemos fazendo, não podia ser de todo mau.

Tentamos de novo na outra semana seguindo os mesmos passos. Dessa vez, porém, duas coisas aconteceram: Layla se atrasou e Mac apareceu do nada.

Eu estava sentada no meio-fio quando o vi se aproximar. A princípio, senti o misto de nervosismo e alegria que sempre surgia em mim com a presença dele. A alegria, porém, logo começou a diminuir até desaparecer por completo quando me dei conta de duas coisas: a irmã dele não estava à vista e eu nem fazia ideia de onde ela estava.

Era tarde demais para tentar escapar dele. Então permaneci sentada quando ele estacionou perto de mim. Mac vestia uma camisa de manga comprida azul. Quando enfiou a cabeça pela janela para olhar pra mim, a medalhinha da Santa Batilde ficou visível. Sempre que eu a via tentava imaginar Mac com um pescoço tão gordo que a correntinha ficasse apertada. Ainda não conseguia visualizar.

— Ei — ele disse. — O que você está fazendo?

Era uma pergunta justa. Infelizmente, eu não tinha uma boa resposta.

— Err, só estou sentada. Esperando.

— O quê?

Seu tom de voz não era acusador nem ríspido. Mas mesmo assim me rendi completamente no ato:

— Layla voltar.

Por algum motivo ele não pareceu surpreso ao ouvir isso. Apenas desligou o motor e voltou a recostar no assento.

— Ela está com aquele cara, não é? O comedor de três pizzas?

Eu é que me surpreendi com a pergunta.

— Como você sabe?

Ele me encarou.

— Sydney, por favor. Vocês duas não são muito discretas.
— Ei! — reclamei.
— O quê? Por acaso você queria ser uma pessoa dissimulada?
Ele tinha um ponto.
— Parece que ela gosta dele de verdade — comentei.
— Deve gostar mesmo, pra deixar você aqui sentada sozinha.
Baixei os olhos, sem saber direito o que falar.
— Preciso fazer uma entrega — ele disse finalmente. — Quer vir junto?
— Sério?
Em resposta ele deu a partida e tirou umas coisas do banco do passageiro. Dei a volta no carro, abri a porta e entrei.

Mac apareceu.

Foi essa a mensagem que enviei para Layla assim que ele fez o retorno e pegamos o caminho para sair do bairro. Ela respondeu depois de uns instantes:

Merda.

Digitei:

Vamos fazer uma entrega. Mesmo lugar em 20 min?

O.k.

Logo depois, quando estava prestes a guardar o celular, outra mensagem:

Sinto muito.

Eu não. Na verdade, quando Mac e eu saímos de Arbors, percebi que fazia tempo que não me sentia tão feliz. E, por mais estranho que fosse, não estava nervosa. Era como se aquele lugar — ao lado dele numa caminhonete empoeirada com o rádio tocando baixinho — não fosse novo, mas familiar. Um lugar a que eu voltava depois de muito tempo longe.

Uma prova de como a presença de Mac me fazia esquecer do resto foi a demora para eu perceber o estado da ignição do carro. Mas bastou entrarmos no acesso para uma pista lateral que alguma coisa bateu na minha perna. Quando olhei para baixo, fiquei surpresa ao ver um alicate pendendo do painel, preso em alguns fios enrolados.

— Erm — comecei, na esperança que minha voz não demonstrasse o pânico que começava a sentir —, acho que o carro está se desfazendo…

Mac olhou para mim e para o alicate.

— Nada — ele falou. — Esse é o motor de arranque.

Tudo bem, eu não era perita em carros. Mas me sentia relativamente confiante para dizer:

— Pensei que fosse a ignição.

— Seria, no mundo ideal — ele explicou enquanto dava seta e desacelerava. — Mas a caminhonete é velha. Às vezes precisa de uma modificação para poder andar, sabe?

Aqueles despertadores na escrivaninha dele com as engrenagens aparecendo me vieram à mente.

— Layla disse que você gosta de fuçar nas coisas.

— Eu não *fuço* — ele disparou com um tom de voz ofendido. — Fuçar é coisa de velhos de avental.

Ops.

— Foi mal — eu disse.

Ele me olhou de novo.

— Tudo bem. É uma questão delicada.

— Cada um tem a sua — comentei com um sorriso.

— É o que ouvi dizer. — Ele voltou a recostar no banco. — Layla tem a tendência de fazer todas as minhas atividades parecerem infantis. Eu "passeio pela floresta", "fuço nas coisas". É como se eu fosse o gnomo particular dela.

Essa imagem estava tão distante da que eu fazia dele que quase caí na gargalhada. Graças a Deus consegui me segurar e dizer apenas:

— Se isso serve de elogio, fiquei impressionada com seu despertador. E se meu motor de arranque pifasse, eu teria que andar a pé e ponto final.

— Serve, obrigado. — Ele reduziu a velocidade para fazer outra curva. — Eu acho que não tem nada de vergonhoso em tentar consertar as coisas. É melhor do que simplesmente aceitar o estrago.

Queria dizer que ele tinha sorte por ter essa alternativa. Que, para a maioria das pessoas, quando uma coisa quebrava já era. Eu adoraria sentir pelo menos uma vez a sensação de me deparar com uma coisa quebrada e enxergar uma saída em vez de um final.

O pedido havia sido feito por uma escola de ginástica e era bem grande: sete pizzas, quatro saladas e pães de alho suficientes para que o cheiro atravessasse a embalagem de plástico. Eu levei as saladas e uma pizza, Mac pegou o resto e assim entramos no prédio. Lá dentro, havia uma janela que dava para o ginásio enorme da escola, coberto de colchonetes, com uma trave olímpica, barras paralelas assimétricas e uma mesa para salto. Garotas de todas as idades circulavam com collants coloridos e rabos de cavalo, como um exército de Merediths.

— Pode deixar aqui — Mac disse ao botar a bolsa térmica em cima do balcão na entrada.

Coloquei a pizza lá, depois as outras embalagens. Mac tinha quase terminado de descarregar a parte dele quando ouvi o primeiro berro.

Foi um grito agudo, que me deixou surpresa. Quando olhei na direção do som, vi que atrás da janela enorme se encontravam quatro garotas, duas bem pequenas, duas mais altas, todas muito magras, olhando para nós. Uma delas — provavelmente a que tinha gritado — tinha as bochechas bem vermelhas.

— Oi, Mac — duas delas cumprimentaram ao mesmo tempo através do vidro antes de se desfazerem em risinhos. Mac, que ainda empilhava as pizzas, acenou para elas com a cabeça.

— Treinadora Washington! — uma das menores chamou. — Mac está aqui!

Mais risinhos. Algumas outras ginastas apareceram também, enquanto a corada ficou tão vermelha que comecei a me perguntar se eles teriam um desfibrilador para o caso de ela ter um treco.

— Muito bem, garotas, abram caminho, por favor — ouvi uma voz dizer, e as garotas hipnotizadas se dispersaram para dar passagem a uma mulher baixa, de cabelo arrepiado, calça de moletom e regata. Um apito pendia do seu pescoço, mas mesmo sem ele dava pra saber que era ela quem mandava ali. A mulher abriu a porta do ginásio e veio na nossa direção, enquanto algumas garotas se esgueiravam atrás dela.

— Ora se não é nosso entregador favorito mais uma vez disparando os hormônios das meninas.

Mac, claramente sem graça, botou a última pizza sobre o balcão.

— Pedido grande hoje.

— Amistoso contra o Beam Dreams — a mulher explicou parando diante de nós. Ela levou as mãos à cintura, numa postura perfeita. Até endireitei o corpo. — E quem é essa?

— Você tem *namorada*? — perguntou uma das garotas. Mais risinhos.

— Funcionária em treinamento, na verdade — respondi à treinadora. — Acabei de começar.

— Já era hora de você ter ajuda — ela comentou. — Vou pegar o dinheiro de vocês.

Ela entrou no escritório da recepção, mas as garotas permaneceram na janela e, claro, conversavam sobre nós. Dei as costas para elas e perguntei a Mac:

— É sempre assim?

— Não — ele respondeu de uma maneira tão seca que logo entendi que sim, era sempre daquele jeito.

A treinadora reapareceu, entregou a gorjeta a Mac e agradeceu. Nos dirigimos para a saída e, no instante em que ele abriu a porta pra mim, um coro de vozes veio de trás de nós:

— *Tchau, Mac!*

Dessa vez, os risinhos foram descontrolados.

Tentei não rir no caminho até a caminhonete. Eu lembrava muito bem da minha pré-adolescência, quando bastava estar perto de um rapaz mais velho e bonito para ter a sensação de que iria explodir. Se um famoso na TV, como Logan Oxford, já era o suficiente para me deixar louca, encontrar seu equivalente na vida real era demais para aguentar.

Mac deu a partida e manobrou ainda em silêncio. Enfim, falou:

— O único momento em que desejo que realmente tivéssemos outro entregador é quando recebo um pedido daqui.

— Você é bem popular — comentei. Pela cara que ele fez, vi que não teria

escolhido aquele adjetivo. — Que foi? Algumas pessoas se sentiriam lisonjeadas com tanta admiração.

— Você se sentiria?

Pensei um pouco antes de responder.

— Provavelmente não.

Ele concordou com a cabeça, como se esperasse aquela resposta.

— Mas já estou acostumada a ser invisível — continuei. — Então qualquer atenção já me deixa nervosa.

Sempre tinha pensado nisso, mas nunca dissera em voz alta. Foi a primeira vez — longe de ser a última — que compreendi que a companhia de Mac tinha esse efeito sobre mim. Antes que eu conseguisse me recompor, ele falou:

— Você? Invisível? — Ele me lançou um olhar e ligou a seta do carro. — Sério?

— Por quê?

— É só que… nunca te enxerguei desse jeito.

A essas palavras, olhei brevemente meu reflexo no retrovisor e imaginei como ele me enxergava.

— Bom, é que você não conhece meu irmão.

Estávamos num semáforo, já quase parados.

— Ele tem personalidade forte?

Olhei pela janela, dessa vez fazendo questão de não ver o reflexo do meu rosto.

— Ele… Quando ele está por perto, atrai toda a atenção. Não dá pra enxergar mais nada. Eu também sinto isso perto dele.

— Mas às vezes é melhor não ser visto — ele confessou. — Antes de eu emagrecer, as pessoas ou me encaravam ou faziam um esforço enorme para *não* me encarar. Eu preferia a segunda opção. Ainda prefiro.

Pensei em todas aquelas garotas no ginásio o observando pela janela. Como devia ser estranho passar de uma aparência para outra completamente diferente. Chamar atenção por um motivo diferente e mesmo assim não se sentir confortável. Talvez a invisibilidade não fosse sempre ruim.

— Acho que o ideal seria um meio-termo. Quer dizer, ser reconhecido sem ser o foco das atenções — falei.

— É — ele disse quando o semáforo abriu. — Seria bom.

De repente tomamos uma fechada de outro carro, e Mac meteu a mão na buzina. A senhora atrás do volante nos mostrou o dedo. Que ótimo.

— Ainda não acredito que era você nas fotos que vi — comentei. — Você perdeu mesmo todo aquele peso só com dieta e exercício?

— Uma dieta *rígida* — ele respondeu. — Sabe aquela bolacha que você experimentou? Era a minha *sobremesa*. E montes de exercício.

— Como passear na floresta?

Ele me lançou um olhar severo, mas logo abriu um sorriso.

— Um lugar para se exercitar de graça nos fundos de casa — ele explicou, esticando os dedos no volante. — Não tinha desculpa. Sempre que sobrava tempo, ia pra floresta. Levava o GPS e marcava o trajeto, então sabia a distância percorrida.

Pensei no mapa cheio de marcações a lápis na parede do quarto dele. Eram os caminhos por onde passava.

— E você ainda encontrou o carrossel.

— Foi um dia *incrível*. Fiz uma curva e lá estava ele. Por muito tempo não contei pra ninguém, nem pra Layla. Mas depois acabei cedendo. Era um segredo muito bom para deixar guardado.

Bons segredos, pensei. *Que ideia interessante*.

— Sinto falta de andar no meio do mato — falei. — Meu irmão e eu costumávamos fazer isso direto.

— As árvores continuam no mesmo lugar — ele destacou.

— Verdade.

Pensei em Peyton caminhando à minha frente, no ruído das folhas que eu esmagava com os passos.

— Mas agora é diferente — retomei. — Mais assustador.

— Sério?

Concordei com a cabeça e vislumbrei a medalhinha em seu pescoço.

— Talvez eu esteja precisando de um santo protetor. O padroeiro dos andarilhos. Ou das florestas.

— Com certeza existem — ele afirmou. — Tem santo pra tudo: ferreiros, contadores. Divórcio. Qualquer coisa.

— Você é especialista, hein?

— Minha mãe é. — Ele recostou no assento quando paramos em outro semáforo. — Ela sempre gostou da ideia de proteção, principalmente depois que ficou doente. Não acredito tanto nisso, mas acho que mal não faz, sabe?

Às vezes isso é o melhor que se pode esperar. Nem vantagem nem punição. Apenas algo no meio.

— Sei — concordei.

Voltamos ao lugar onde tínhamos nos encontrado. Como Layla ainda não tinha aparecido, estacionamos perto da calçada para esperar e Mac tirou o alicate da fiação para desligar o motor.

— Ah, obrigada — eu agradeci a ele depois de um minuto. — Por me levar junto.

— Você gosta de fazer entregas?

Voltei o rosto para ele.

— Para ser sincera, gosto.

— Mesmo?

— Mesmo. — Fiz uma pausa e baixei os olhos. — Dá pra ver todas essas pessoas em lugares diferentes. São como pequenos retratos em tempo real do mundo inteiro. É estranho pensar assim?

— Sim — ele respondeu com seriedade. — Muito.

— Que bom — ironizei.

— Brincadeira, brincadeira. — Ele estendeu a mão e tocou meu pulso levemente. — Entendo o que você quer dizer.

— Mas você acha maluquice enxergar um simbolismo profundo nas entregas?

— Um pouco — ele reconheceu. Fechei a cara. — Mas até gosto. Faz o

trabalho parecer mais nobre, importante, ou algo assim.

— Eu sou tão idiota — falei, mais uma vez dando voz a um pensamento guardado por tanto tempo que já fazia parte permanente do meu cérebro.

— É nada — ele disse, apertando os seus dedos no meu pulso.

Passamos um instante apenas olhando um para o outro. Era o fim de uma tarde de outono, o céu num tom de rosa que só aparece antes do pôr do sol, como se o dia se curvasse para receber nossos aplausos. Eu estava num lugar novo, com alguém que não conhecia muito bem, e mesmo assim parecia a coisa mais natural do mundo me inclinar para a frente junto com Mac até ficarmos face a face, os dedos dele ainda no meu braço. Então Spence e Layla estacionaram do nosso lado.

Nos afastamos rápido assim que ela baixou o vidro da janela. Me senti culpada na hora, sem saber o que ela tinha visto. Mas foi Layla que disse:

— Ei, desculpem.

Spence sorriu.

— Você deve ser Mac.

— Isso.

Silêncio. Com exceção do meu coração, que latejava no peito e nos meus ouvidos. Mas ninguém ouvia. Pelo menos eu esperava que não.

— Não é demais este carro? Igual aquele em que você estava de olho — Layla disse a Mac com pressa demais. Como ele não respondeu, ela suspirou. — Olha, não é culpa dele eu não ter contado pra você. Só estava preocupada com a reação do papai.

— Reação aos seus segredos e mentiras? — Mac perguntou. — Acho que não vai ser boa.

— Ótimo — ela disse erguendo as mãos, derrotada. — Levo Spence na Seaside amanhã, o.k.? Vai te deixar feliz?

— Não sou eu que tenho que ficar feliz — Mac respondeu. E acrescentou: — Precisamos ir. A mamãe está esperando.

Layla voltou a olhar para Spence e depois, para nós.

— Vou só me despedir, tá?

Antes que Mac pudesse responder, eles arrancaram com o carro e estacionaram à nossa frente. À medida que o tempo passava, comecei a imaginar o que acontecia atrás daqueles vidros escuros. Mac, aparentando o mesmo desconforto que eu, cutucava um pedacinho solto do volante. Será que tínhamos mesmo quase nos beijado? Parecia tão surreal, como se eu tivesse sonhado. Ou, se não, era o melhor segredo de todos.

— Bem — eu disse afinal —, acho que também preciso ir pra casa.

— Quer carona?

— Não precisa. Não dá nem duas quadras.

Abri a porta.

— Obrigada por me levar. Foi legal. De verdade.

— Disponha — ele disse. Abri um sorriso e desci do carro. Quando fechei a porta e comecei a andar, ouvi Mac chamar: — Ei, Sydney.

— Sim?

— Você vestia uma camiseta com estampa de cogumelos; seu cabelo

estava preso. Brincos prateados. Pizza de pepperoni. Não quis pirulito.

Olhei para ele, confusa. Layla vinha na nossa direção.

— A primeira vez que você entrou na Seaside — ele esclareceu. — Você não era invisível, não pra mim. Só pra você saber.

Não sabia o que dizer. Fiquei ali, imóvel. Spence saiu com o carro buzinando e Layla subiu onde eu estivera sentada.

— Vamos — ela disse para Mac, e depois olhou pra mim. — Nos vemos amanhã?

Mac deu a partida no motor e nossos olhos se encontraram de novo. Layla tinha enfiado a cabeça dentro da bolsa, já distraída à procura de alguma coisa. Por isso, não notou que foi para ele, e apenas para ele, que respondi:

— Sim. Até amanhã.

15

Tentei manter distância de Mac. Juro que tentei. Mas era difícil com Layla sempre nos empurrando um para o outro.

— Eu me sinto tão *mal* — ela disse na Seaside, mais ou menos uma semana depois de levar Spence para conhecer o pai e oficializar a relação.

Ele já não fazia mais trabalho voluntário à tarde como antes — Layla alegava que ele tinha se sobrecarregado e que decidiu maneirar, mas eu imaginei que já devia ter cumprido as horas obrigatórias —, então eu só encontrava minha amiga nos dias em que ele tinha outros compromissos.

— Nunca quis ser a garota que troca a melhor amiga pelo namorado — ela lamentou.

— Você não me trocou — eu disse. — Estamos aqui agora, não estamos?

Ela fez que sim e pegou a borda da pizza, olhou para ela por um momento e a jogou de volta no prato.

— Mas quando eu não estiver, você pode fazer entregas com Mac. Ele disse que você gostou.

— Layla — eu falei, pondo o lápis de lado —, você não precisa me arranjar uma babá. Estou bem.

— Eu sei, eu sei — ela disse, erguendo as mãos na defensiva. — É que…

O celular dela apitou e a tela acendeu. Ela conferiu a mensagem e, com um sorriso, digitou uma resposta. Era engraçado como poucas palavras eram capazes de alegrar uma pessoa. Eu entendia isso muito bem, especialmente nos últimos dias.

Desde que Mac me dissera que lembrava da primeira vez que me viu, alguma coisa mudou. Antes, a ideia de que poderíamos ficar juntos era uma fantasia distante, o mais ridículo dos devaneios. Mas naquele momento, com Layla obcecada por Spence e nós dois passando mais tempo juntos, sem falar no

que quase tinha acontecido na caminhonete… havia algo de inevitável no ar. Já não era mais uma questão de "se", mas apenas de "quando".

— São vinte e seis e quarenta e dois descontados no seu cartão de crédito — informei à senhora com cara de acabada, vestida com calça de moletom e um cardigã amarrotado. Atrás dela, do outro lado da porta, várias crianças pulavam num sofá diante da TV, que exibia desenhos animados.

Em silêncio, ela pegou as duas pizzas das minhas mãos. Assim que me deu a gorjeta, uma das crianças se desequilibrou do sofá e caiu no tapete com um baque. Pausa. Quando o choro começou, ela fechou a porta.

— Cinco dólares — falei para Mac ao subir na caminhonete. — E eu estava certa: pizzas só de queijo são sinal de crianças, várias crianças. E você perdeu uma delas caindo de cara no tapete.

— Droga — ele falou e engatou a ré. Quando fui colocar a nota no copo plástico que ficava no painel, ele disse: — É sua. Você que trabalhou.

Olhei bem para ele.

— Eu só fui até a porta.

— Já conta — ele insistiu. Guardei a nota com as outras mesmo assim.

Depois de uns dias de entregas juntos, tínhamos desenvolvido um sistema: Mac dirigia e controlava os pedidos à espera na Seaside; eu corria de um lado para o outro, para pegar a comida e a levar até os fregueses. Ele achava que era eficiente, que gastava melhor o tempo programando a próxima parada e as nossas viagens de volta para pegar mais pedidos. Mas eu tinha certeza de que ele só queria que eu realizasse minha vontade de ver o que havia atrás das portas.

— Universitárias — relatei depois de voltar da parada seguinte, uma casa grande e amarela bem em frente à faculdade. — Eu devia ter adivinhado com todas aquelas saladas.

— Veja só você: a adivinhadora das entregas.

— Mas há ciência por trás disso — eu disse ao botar a gorjeta no copo. Quando sentei no banco, reparei que ele estava me olhando. — Que foi?

— Nada — ele respondeu, balançando a cabeça.

Eram apenas algumas horas, mais ou menos a cada dois dias, mas não importava: aqueles momentos logo se tornaram a melhor parte da minha semana. Layla talvez tenha sentido a necessidade de se desculpar por ter se apaixonado tão rápido. Ela não percebia que eu estava fazendo o mesmo.

Foi então que meu celular apitou. Mais uma mensagem de Jenn, uma das várias que trocamos na tentativa de arranjar um horário para nos encontrarmos. Com o trabalho dela de monitoria, suas várias atividades e minha nova rotina com Mac, tínhamos passado de pelo menos um encontro semanal para quase nenhum.

Ela escreveu:

> Frazier, às 5? Saio às 4h30. Mer pode chegar um pouco depois.

Olhei para o relógio: quatro da tarde, o que ainda me dava duas horas com Mac antes de ter que voltar para casa.

Pensei em Layla, em todas as suas desculpas, e me senti culpada de pôr as amigas em segundo plano por causa de um garoto, ainda mais um que nem era meu de verdade. Mesmo assim, escrevi:

Não posso. Amanhã?

Ela respondeu:

Fico fora até segunda. Semana que vem com certeza.

Isso me deixava com mais duas tardes inteiras sem outros compromissos. Jenn era uma boa amiga, mesmo que não tivesse consciência disso. Digitei:

Combinado. Bjs

A última entrega do dia era em Arbors, logo na entrada principal do bairro. Eram duas pizzas tamanho família de pepperoni com queijo extra, e eu apostava que os clientes eram homens que provavelmente estavam bebendo cerveja. Em vez disso, quem abriu a porta foi uma mulher pequena e bronzeada com roupas de ginástica. Ela me chamou de "querida" e deu dez dólares de gorjeta. Eu estava achando que tinha perdido o jeito da coisa quando vi o adesivo na caminhonete parada em frente à nossa: CARPINTARIA BASSET. ESPECIALISTA EM DEQUES. Lancei um olhar para o quintal dos fundos e vi vários caras abrindo as pizzas. E bebendo cerveja.

— Você é igual a Layla com aquela coisa dos rostos — Mac me disse quando lhe contei. — Apenas garanta que vai usar seus poderes para o bem, não para o mal.

— Vou tentar — respondi ao sairmos com o carro. Tínhamos avançado apenas alguns metros quando vi uma coisa. — Ei, pare um pouquinho.

Ele parou. E eu baixei a janela para ver melhor. Logo do outro lado da rua, depois da calçada, havia um pequeno buraco entre os arbustos.

— Que foi? — Mac perguntou.

— Está vendo aquela abertura? Entre a árvore fina e o toco?

Ele esticou o corpo por cima do meu para enxergar.

— Estou.

— Costumava ser a melhor trilha do bosque. Dava para entrar bem aqui, onde as casas começam, e seguir o caminho todo até a parte de trás, onde fica a minha casa. Quilômetros e quilômetros. Sempre nos perguntávamos quem teria aberto a trilha.

— Provavelmente crianças como vocês.

— Tinha um trecho — continuei; um carro reduziu e nos passou — com

uma vala enorme. Gigante. Alguém tinha dado um jeito de derrubar uma árvore por cima, e a gente costumava desafiar uns aos outros a atravessar o buraco se equilibrando no tronco.

— Você atravessou?

— Sem chance — disse, aos calafrios. — Mas Peyton sim. Ele foi o único que vi fazer isso.

Contar essa história bastou para que eu visse a cena nítida na cabeça. As árvores sem folhas do final do outono. O céu amplo e azul. E eu e aqueles garotos mais velhos que encontramos no bosque naquele dia, assistindo meu irmão enquanto ele punha um pé na frente do outro, devagar e com firmeza, até chegar do outro lado.

— Podemos ir lá se você quiser — Mac disse. Distraída, me virei para ele. — Temos tempo. Você pode me mostrar.

Olhei mais uma vez para a trilha. Mal dava para enxergá-la. Quem ia saber como ela estava, o que havia por lá depois de tanto tempo? Parte de mim queria ver, especialmente por ter companhia. Mas outra parte, que falou mais alto, não estava pronta. Ainda não.

— Talvez outro dia — respondi.

Às seis da tarde, como sempre, voltamos à Seaside para eu poder ir pra casa. Mac, por sua vez, continuava com as entregas até o fim do expediente. Eu geralmente passava o resto da noite imaginando o que ele estava fazendo. Nunca me ocorreu que ele talvez fizesse o mesmo em relação a mim. Mas naquela noite, quando eu estava sentada na cama com o livro de inglês, meu celular apitou:

> 3 especiais, 2 pepperoni e champignon. 6 porções de pão de alho. Valendo.

Com um sorriso, respondi:

> Deve ser um time. Só homens.

Pausa. Tentei voltar para o livro. Enfim, a resposta: uma foto da placa na frente do Boliche 7-10. E o comentário de Mac:

> Impressionante.

Respondi:

> Faço o que posso.

Ele escreveu:

Um dia eu te pego.

Ri alto na minha cama.

Vamos ver.

Foi assim que começou a troca de mensagens. Layla já não era a única a manter o celular à mão o tempo todo. À noite, enquanto eu jantava ou fazia a lição de casa e Mac rodava pela cidade, mantínhamos contato. Era a melhor coisa que eu podia fazer quando não estava com ele nas entregas. Ou talvez a melhor coisa e ponto.

— Esta é uma chamada a cobrar de um interno da penitenciária de Lincoln. Você aceita a cobrança?

Dava para ouvir a porta da garagem abrir para o carro da minha mãe entrar. Em apenas cinco minutos, ela estaria dentro de casa. Mas Peyton ligou bem naquele momento.

— Sim — respondi.

Depois de um clique na linha, ouvi a voz do meu irmão:

— Alô?

— Oi. É a Sydney.

— Ah, oi — ele limpou a garganta. — Como você está?

— Bem — respondi. — A mamãe acabou de chegar. Daqui a pouquinho estará aqui.

— O.k.

Permanecemos em silêncio por uns instantes ouvindo o ruído de fundo da linha. Por fim, ele perguntou:

— E como está a escola? Disseram que você está na Jackson agora.

— Tudo bem — respondi. — É diferente. Mas fiz alguns amigos.

— É mais ou menos isso que posso falar daqui também — ele comentou, rindo baixo. — Mas escolheria fácil ir para a escola em vez de ficar aqui. E eu odiava a escola.

— Odiava? — Estava realmente surpresa. Apesar de tudo o que aconteceu, jamais duvidei que Peyton se divertisse, pelo menos quando não arrumava confusão.

— Ah, sem dúvida — ele disse. — Talvez por isso eu fosse tão imbecil. A tristeza faz as pessoas agirem como idiotas.

Era tão estranho ouvir ele falar daquele jeito. Era como se eu não o conhecesse nem um pouco.

— Por que era tão ruim?

Ele ficou quieto por uns instantes antes de responder:

— Não sei. O de sempre. Notas baixas, pressão do pai e da mãe. Você sabe.

Só que eu não sabia. Não mesmo. Pra mim, ser o primogênito só implicava receber todos os privilégios. Nunca tinha pensado no outro lado da moeda, na

responsabilidade, no fato de ser o primeiro a passar por todas as situações.

Com isso em mente, falei:

— Eu vi aquela trilha ontem. A que a gente pegava para o bosque. Lembra?

Ele ficou quieto por um momento.

— Lembro. Onde tinha a vala.

— Isso — confirmei. — Você até atravessou daquela vez que te desafiaram — ao dizer isso, tomei consciência do quanto queria que ele lembrasse.

Outra pausa. E então:

— Não foi um dos meus melhores momentos.

Mais uma vez fiquei surpresa. O que mais enxergávamos de maneiras diferentes?

— Mas você conseguiu — insisti.

— É. — Ele suspirou. — Como disse, já fiz muita idiotice.

Nenhum de nós falou pelo que pareceu um longo tempo. Foi tão constrangedor que finalmente disse:

— Então, estou ansiosa para a visita. Todos estamos.

— Que visita? — ele perguntou.

— A formatura. Do seu curso — expliquei. — A mamãe só fala disso faz um tempão.

— Você vai vir? — sua voz soava surpresa.

— Vou.

— Ah. — Pausa. — Você sabe que não precisa.

— Não tem problema. A mamãe disse que você preencheu um formulário pra mim — contei.

— Preenchi. Mas só para… — Ele hesitou. — Na verdade, não vai ser grande coisa. Duvido que a família de alguém mais vá vir.

— Mas a mamãe está planejando tudo.

— Está?

— Sim. — Finalmente ouvi minha mãe pôr a chave na porta. — Eu, hum… Vai ser bom ver você. Finalmente.

Silêncio. Só que um silêncio diferente. Daqueles que indicam não só que ninguém está falando, mas que uma coisa bem específica não está sendo dita. Minha mãe entrou com duas sacolas de compras do mercado e a bolsa pendurada no ombro.

— Sydney, você já chegou.

— É a mamãe?

— É.

— Posso falar com ela?

— Claro. — Caminhei até ela, que começava a descarregar as coisas. — Mãe. É o Peyton.

— Ah! — Ela virou para mim com um sorriso e pegou o telefone. — Oi, querido. Que surpresa agradável. Como você está?

Voltei para a mesa da cozinha e tirei o prato, agora vazio, em que havia comido uma fatia de pizza da Seaside. Só tinha dado uma passada rápida, pois Layla estava com Spence, e Mac, no ensaio da banda. Minha pizza depois da escola já tinha se tornado um hábito forte demais para abandonar, mesmo

quando eu era abandonada por eles.

— Bom, eu já te disse. Foi a Michelle que me contou — minha mãe falou ao telefone enquanto guardava uma lata de sopa no armário. — A ativista com quem estou conversando. Ela me ajuda a lidar melhor com o diretor daí.

Fui botar o prato na lava-louças. Algo na voz da minha mãe, um tom defensivo, me fez fechar a porta da máquina devagar, sem fazer barulho.

— Sim, fiz isso, Peyton — ela continuava. — Várias vezes, na verdade. — Ela pegou outra lata, mas não guardou. — Não, eu lembro bem dessa conversa. Mas você disse que estaria pronto em algum momento. Foi por isso que preencheu o formulário. E pensei que essa seria uma grande oportunidade…

Dava para ouvir meu irmão falando do outro lado da linha. Muito.

— Tenho plena consciência disso — ela disse depois de um tempo, de maneira tão abrupta que estava claro que teve de interromper. — Porque não concordo que por isso devemos abandonar você ou não reconhecer suas conquistas. E…

Peguei a mochila, certa de que era hora de sair de fininho.

— Bom, não é isso que a Michelle acha. E nem eu. — Ela soltou a lata no balcão, com raiva. — Bom, espero que sim. Acho que se você tirar um tempo pra refletir melhor…

Outra interrupção de Peyton. Mais alta dessa vez.

— Acho que é melhor não falarmos sobre isso agora. Você está claramente irritado e… — Eu apenas a observei levar a mão ao rosto. — Tudo bem. Sim. Ótimo. Falamos depois.

Minha mãe desligou o telefone e suspirou. Sem saber o que fazer, virei para a janela, ajeitei a mochila nas costas e olhei para a rua. Um minuto se passou. Depois outro. Então ela saiu da cozinha e ouvi seus passos na escada.

Pelo que eu sabia, era assim que muitas das conversas entre os dois terminavam, então eu geralmente não ficava por perto durante as ligações. Mas fazia tempo que não via minha mãe tão chateada e comecei a pensar se não era o caso de ir falar com ela. Eu não tinha as palavras certas, nem fazia ideia de quais poderiam ser. Então resolvi apenas guardar as compras. Assim, quando ela voltasse à cozinha, pelo menos uma coisa estaria do jeito que ela queria.

— Ouçam — Eric anunciou. — Tenho *grandes* notícias.

Eu fui a única a olhar para ele. Eric era fã tanto de anúncios quanto de pronunciamentos: não bastava informar, tinha que ser uma entrevista coletiva. Os outros tinham convivido com ele por tempo suficiente para não entrar em sua onda de falatórios.

— É sobre a *señorita*? — Irv perguntou.

Eric olhou para ele.

— Quem?

Mac, que comia suas bolachas enquanto fazia a lição de história, engoliu o que tinha na boca e falou:

— A garota da sua sala de espanhol. Aquela que você tinha certeza que estava obcecada por você.

— Ah, não — Eric fez um gesto com a mão: a *señorita* tinha sido esquecida. — É mais importante que isso. É sobre a *banda*.

Com isso, ele ganhou a atenção de Mac e talvez dos outros.

— A banda?

Eric, sorrindo, sentou na ponta do banco em que eu estava.

— Bom, é meio sobre Layla. Mas também sobre a banda.

— Hein? — Layla perguntou da outra ponta do banco. Como sempre, ela estava com o celular na mão, decidida a não perder a chance de trocar mensagens com Spence no intervalo do almoço. Celulares eram proibidos na W. Hunt, mas mesmo assim quase todos os dias Spence conseguia escrever pra ela. — O que eu tenho a ver com isso?

Agora que Eric havia prendido nossa atenção, estava determinado a demorar o máximo possível para revelar o que tinha em mente. Assim, só nos restou observá-lo tirar um panfleto do bolso, desdobrá-lo cuidadosamente e enfim mostrar para nós.

— Vamos nos inscrever nisto. E você vai nos ajudar.

O panfleto anunciava em letras pretas e grandes:

FESTIVAL DOS CAIPIRAS

CINCO BANDAS, UM PRÊMIO. INSCRIÇÕES ABERTAS.

INFORMAÇÕES EM: BENDO.COM/CAIPIRAS

— Essa é a grande notícia? — Mac perguntou. — Já participamos de festivais antes.

— Este não é só mais um festival — Eric respondeu. — É uma competição, e quem vencer pode gravar um álbum demo.

— E o que isso tem a ver comigo? — Layla perguntou.

— É o que vou dizer. — Silêncio. Mac olhou para mim e soltou um suspiro enquanto esperávamos a boa vontade do nosso amigo. Por fim, Eric contou a Layla: — Você é nossa arma secreta.

— Desde quando? — ela perguntou.

— Desde que eu fiz uma pesquisa e descobri que poucas bandas por aí têm mulheres no vocal, ou em qualquer função, aliás. Todas são como nós, centradas em caras. Com você na frente, vamos nos destacar. Aumentar nossas chances.

— Espera aí — Layla pôs o celular de lado, o que significava que ia falar sério. — Você está dizendo que vai me deixar ser a *vocalista*? Porque isso definitivamente não é do seu feitio. A não ser que você tenha levado uma pancada na cabeça e eu não esteja sabendo.

— Essa insinuação me ofende — Eric protestou. — Sempre botei o grupo em primeiro lugar.

Irv caiu na gargalhada ao ouvir isso. Mac, por sua vez, perguntou:

— Qual é a pegadinha?

— Não tem pegadinha. Só quero ganhar — Eric disse. — Em todo caso, Layla não ia ser a vocalista principal. Só cantaria uma música sozinha, a nova, e

as outras duas seriam do repertório de sempre.

— Então sou uma vocalista convidada?

— Você é integrante da banda! Como todos os outros!

— Só que não — ela rebateu.

— Mas eles — Eric reagiu, agitando o papel na frente dela — não sabem disso. Nem precisam saber. A gente ganha o concurso, leva o prêmio e gravamos o que quisermos.

— Não sei — ela disse, voltando a pegar o celular. — Não tenho estado muito a fim de cantar ultimamente.

Eric olhou bem para ela e suplicou:

— Você precisa nos ajudar.

— Na verdade, não preciso — ela disse enquanto mexia no celular. — Peça para Rosie. É ela que tem a melhor voz mesmo.

— Não quero Rosie. Quero *você*.

Aí ele ganhou toda a nossa atenção. Não importava que ele estivesse, em teoria, falando da banda. O fato de que Eric ainda pensava em Layla meses depois do fim do curto relacionamento entre os dois era tão conhecido entre nós quanto seu ego gigante e sua tendência a se exibir. Contudo, aquela foi a primeira vez que o testemunhei fazendo uma referência a isso em voz alta. Ele também percebeu o próprio escorregão, e seu rosto começou a corar.

— Você parte do princípio de que estaremos preparados — Mac falou para quebrar o estranho silêncio que se seguiu. — Acontece que faz pouco tempo que voltamos a ensaiar. E nem temos um nome.

— São apenas três músicas — Eric disse. — E só uma nova.

— Quando é a eliminatória?

— Não tem eliminatória. A inscrição é feita com uma demo.

— O quê? — Mac balançou a cabeça. — Então nem adianta discutir.

— Por quê?

— Porque não temos uma demo? Nem dinheiro para produzir uma?

— Não deve ser tão caro.

— Mas também não é barato.

— Bom, eu ganhei um dinheiro de aniversário. Você trabalha. Acho que os pais do Ford poderiam entrar na vaquinha…

Ele parou por aí. Claro que ainda não tinha pensado nessa parte do plano. Layla, que voltara ao celular, o encarou com piedade.

O sinal da escola tocou e todos começamos a juntar as coisas. Eric ficou no banco, deprimido, enquanto o resto de nós levantou e saiu em direções diferentes.

— Vai haver outro festival — Irv disse dando-lhe um tapinha no ombro. — Com audições. Prometo.

— Tá bom, tá bom. — Eric deu de ombros.

Peguei a mochila e segui — devagar — em direção ao prédio de artes, onde teria a próxima aula. A sexta aula de Mac era na mesma direção, então subimos a escada juntos. Eric, que tinha aquele horário livre, permaneceu no banco, com o violão aos pés.

— Coitado — comentei. — Parece um garotinho que derrubou o sorvete no chão.

— Ele vai sobreviver — Mac disse. — E talvez isso o motive a arrumar um emprego. Aí teríamos dinheiro para uma demo.

— É tão caro assim?

Ele ajeitou a mochila no ombro.

— A demo em si, não. O tempo de estúdio que encarece tudo.

Não pensei mais nesse assunto durante a aula de ecologia e a prova de matemática que vieram depois. Foi na última aula, quando a professora de inglês, a sra. Feldman, falava de metáforas, que uma ideia me veio à cabeça. Talvez houvesse um jeito de *eu* ajudar meus amigos, pra variar um pouco.

Naquela tarde, ao chegar na Seaside depois da escola, era eu quem tinha um plano.

— Espere — Mac disse. — Você tem um estúdio de gravação *em casa*?

— Inacabado — falei. — Meus pais estavam construindo para o meu irmão.

— Meu Deus, é *verdade*! — Layla desviou a atenção da janela da frente, onde sempre esperava para ver Spence chegar. — E eu fui lá! Como esqueci disso?

— Bem — eu falei —, foi uma noite meio estranha.

Ela pensou por um segundo.

— Ah, é. Verdade. Fiz questão de apagar da memória.

Mac olhou para mim.

— O quê? O estúdio é assombrado ou coisa assim?

— Não exatamente — Layla disse. — Aquele cara estava lá, o amigo do irmão da Sydney. Lembra?

— Ah. — Ele me olhou. — Verdade. O cara sinistro.

Eu achava que era impossível gostar mais de Mac. Estava enganada.

— Com certeza não vai ter problema — eu disse. — Ninguém usa mesmo.

— Ainda assim precisaríamos de alguém para editar a demo — Mac disse.

— Mas não foi isso que Eric aprendeu a fazer ano passado durante o verão inteiro, num acampamento? — Layla falou. — Ele voltou contando vantagem.

— Estamos falando de Eric. Ele age como se soubesse fazer qualquer coisa.

— Manda uma mensagem pra ele perguntando.

Mac pegou o celular e olhou para mim.

— Você tem certeza que não vai ter problema? Porque se eu contar pra ele, Eric vai fazer que nem um cachorro com o osso. Ele não sabe abrir mão das coisas, mesmo quando deveria.

Bem nessa hora, um jipe grande e preto estacionou na frente da pizzaria.

— Spence chegou! — Layla gritou para nós e para o pai, que estava na cozinha. — Estou indo!

— De volta às cinco e meia — O sr. Chatham disse.

— Seis no máximo! — ela respondeu e voou para fora antes que o pai pudesse reagir.

Mac a observou subir no banco do passageiro com uma expressão de desconfiança. Segundo Layla, ele era assim com *todos* os namorados dela, superprotetor e receoso demais. Isso eu notava. Mas desde que Spence começou a aparecer mais depois da escola, Layla andava forçando os limites. Voltava

cada vez mais tarde. Era evasiva até comigo sobre aonde iam e o que faziam. Se eu tinha reparado nisso, com certeza Mac também tinha.

— Vou pedir para os meus pais, mas tenho certeza que não tem problema — eu disse a ele quando os dois partiram. — E quero ajudar vocês.

— Não precisa — ele disse.

— Eu sei — falei. E depois, olhando para o celular dele, completei: — Manda a mensagem pro Eric. Pode dar o osso pro cachorro.

Claro que Eric garantiu que poderia cuidar de tudo se tivesse um estúdio e sugeriu que tentássemos no dia seguinte ou, se não fosse possível, no próximo fim de semana. Só faltava a autorização oficial. E não seria difícil conseguir.

Entrei na cozinha duas horas depois. Geralmente às seis minha mãe já estava com a sua tradicional taça de vinho servida, o jantar quase pronto e as típicas perguntas sobre o dia na manga. Naquele dia, porém, nem sinal dela. Deixei a mochila na mesa e subi para a Sala de Guerra. A porta estava entreaberta, e pude ouvir sua conversa.

— Só estou com a sensação de que tem mais alguma coisa acontecendo — ela dizia. — Ele tem se irritado com tanta facilidade nas nossas últimas conversas. Não quer falar sobre nada. E aí vai ter a formatura…

Ela se calou para que a pessoa na outra ponta da linha falasse. Lá embaixo, meu pai acabava de entrar.

— Cheguei a ler que o fim dos primeiros três meses marca uma transição. A sensação de novidade desaparece e ainda falta muito para a pena acabar. — Outra pausa. — Bom, isso faz bastante sentido. Peyton nunca gostou de conversar sobre o que sentia. Na verdade, acho que essa incapacidade é a culpada de boa parte dos problemas dele. Se ao menos conseguisse ser sincero sobre a dor que sente…

— Julie? — a voz do meu pai soou ao pé da escada. — Você está aí em cima?

Apareci no corredor e avisei:

— Está no telefone.

— Ah — ele olhou para a cozinha, claramente se perguntando sobre o jantar também. — Tudo bem.

— Nossa, já é essa hora? — minha mãe disse ao sair da sala. Ao me ver, abriu um sorriso cansado. — Não sei onde a tarde foi parar. Acho que é melhor a gente ver o que dá pra preparar pro jantar, né?

Fiz que sim com a cabeça e a segui até a cozinha, onde meu pai abria uma cerveja.

— Dia longo? — ele perguntou.

— Demais — ela respondeu ao abrir a geladeira. — Vejamos. Eu estava prestes a fazer carne de porco quando fui interrompida. Acho que ainda temos um pouco de frango aqui…

— Ou podemos pedir comida — sugeriu meu pai, que gostava de praticamente tudo.

— Podemos — minha mãe concordou.

Ela fechou a porta da geladeira e virou para mim.

— Que tal pizza? Sydney me levou num lugar delicioso. Eles entregam, não

entregam?

— Sim — confirmei, surpresa. — Claro.

— Perfeito. O que você acha, Peyton? Uma grande, meia especial, meia romana?

— Que tal uma especial grande e uma romana grande? — meu pai sugeriu de novo. — Eu levo as sobras para almoçar amanhã.

Essa ideia estava longe de me surpreender. Meu pai era capaz de comer pizza a qualquer hora do dia ou da noite com seu apetite aparentemente infinito. As sobras nunca duravam na nossa geladeira, mesmo quando alguém tentava separar um pouco *escrevendo o nome* na embalagem. Eu sabia isso por experiência própria.

— Ótimo — minha mãe disse. — Pode ligar.

Eu liguei e o sr. Chatham atendeu.

— Sydney! Há quanto tempo. Se você está atrás de Layla, ela não está. Meia hora de atraso já. De novo.

Oh-oh, pensei.

— Na verdade eu queria fazer um pedido.

— É? — ele soou contente. — Ótimo. O que vai ser?

Falei o que queríamos. Ele pegou o número do cartão da minha mãe, disse que ia incluir uns pães de alho — apesar de eu insistir que não precisava — e que Mac estaria na minha casa em vinte minutos.

Depois de desligar, fui escovar o cabelo, trocar de camiseta e passar um pouco de gloss. Quando desci a escada, meu pai me encarou.

— Onde é a festa?

— Não tem festa — respondi, também sob o olhar da minha mãe. — Só achei que tinha voltado muito acabada da escola.

— Está bem arrumada para uma pizza — ele observou e começou a folhear o jornal daquela manhã.

— Eu acho que está bonita — minha mãe falou, abrindo um sorriso para mim.

Revirei os olhos. Era um momento simples, mas parecia tão maravilhosamente *normal* que tive vontade de guardá-lo. Meus pais e eu, pizza num dia de semana: a típica cena familiar. Pelo menos por alguns minutos.

Talvez por isso decidi, naquela hora, mencionar o assunto do estúdio.

— Então, mãe, queria pedir um favor.

— O que é?

— Bom, sabe o irmão da Layla, Mac? Você o conheceu na pizzaria.

— Sim, eu lembro.

— Ele tem uma banda. E eles precisam gravar uma demo para um festival de que querem participar. Será que eles podiam usar o estúdio lá de baixo?

Ela olhou para o meu pai, que corria os olhos pelo caderno de esportes.

— Não vejo por que não.

— Sério? — perguntei.

— Depois de todo o trabalho que tivemos, bem que alguém podia usar, não acha, Peyton?

— Com certeza — meu pai respondeu, de um jeito que deixou bem claro

que não tinha ouvido nada.

— Que demais! — exclamei. — Obrigada. De verdade.

Ela me olhou surpresa e sorriu.

— De nada.

Foi então que o telefone tocou. Pensando que podia ser a Seaside com alguma pergunta sobre o pedido, atendi no ato:

— Alô?

— Esta é uma chamada a cobrar de um interno da penitenciária de Lincoln. Você aceita a cobrança?

— Sim — eu disse, e então esperei pelo ruído e pelo clique. — Peyton?

Ao ouvir o nome do meu irmão, minha mãe cravou os olhos em mim, alerta, preocupada.

— Oi — Peyton disse. — Quais são as novidades?

— Não muitas. Vamos jantar — respondi.

— A mamãe está por aí?

— Está. Um segundo.

Ela já estava ao meu lado, com a mão pronta para pegar o telefone. Quando lhe entreguei, ela acariciou minha cabeça antes de levar o aparelho ao ouvido.

— Oi! Como você está? Empolgado com a formatura?

Quando minha mãe foi para o outro lado da cozinha, meu pai abriu a geladeira, deu uma olhada no que tinha dentro e tomou um gole de cerveja. Olhei no relógio: passaram-se dez minutos. Logo Mac chegaria e eu poderia não só contar a boa notícia sobre o estúdio como também apresentá-lo ao meu pai. Depois de tanto tempo com a sensação de que a vida estava de ponta-cabeça, as coisas finalmente pareciam voltar ao lugar. Antigamente eu não dava valor à normalidade. Mas depois de tudo o que acontecera, eu tinha aprendido não só a notar esses momentos como também a saboreá-los. O que provavelmente era um erro.

— Para ser sincera, não sei de onde você tirou isso — minha mãe disse ao telefone. Não fazia muito tempo desde que ouvira sua voz, mas em poucos segundos tinha passado de relaxada para tensa e aguda. Meu pai, que também ouviu, olhou para ela. — Pensei que já tivéssemos conversado sobre isso.

Pausa para Peyton falar.

— Porque é uma conquista que deve ser comemorada. E todos os meus contatos e leituras dizem que…

Ela parou no meio da frase, interrompida.

— Bom, eu discordo. E acho que as outras famílias também — minha mãe continuou.

— Julie — meu pai chamou. — O que está acontecendo?

Ela gesticulou para que ele ficasse quieto.

— Simplesmente não entendo por que você faz isso com a gente. O quê? Eu discordo. Sou uma mãe participativa, Peyton. E só quero…

Pelo canto do olho, percebi o movimento do lado de fora. Olhei pela janela e vi Mac estacionar.

— Não dá para conversar com você desse jeito — minha mãe disse,

balançando a cabeça. — Nem me deixa…

Meu pai se aproximou e estendeu a mão.

— Me dá o telefone.

Ela negou com a cabeça. Lá fora, Mac descia da caminhonete.

— Julie — meu pai pôs uma mão no ombro dela. Em seguida, delicadamente, estendeu a outra e tomou o aparelho: — Peyton, sou eu. Por que essa discussão toda?

Com lágrimas nos olhos, minha mãe encostou no balcão e observou a conversa dos dois. Quando a campainha tocou logo em seguida, tive certeza absoluta de que fui a única a escutar.

Poucos minutos antes eu só queria convidar Mac para entrar e apresentá-lo. Naquele momento, porém, ao vê-lo com as pizzas numa mão e uma sacola de papel na outra, desejei sair pela porta e ir embora com ele.

— Oi — ele disse ao entregar a sacola. — Espero que esteja a fim de pão de alho. Meu pai mandou, tipo, uma fornada inteira.

Antes que eu conseguisse responder, os olhos dele desviaram do meu rosto e seguiram algo atrás de mim. Virei bem a tempo de ver minha mãe subir a escada de dois em dois degraus.

— Ótimo — eu disse com um passo para trás. — Entra.

Ele entrou e me acompanhou até a cozinha, onde meu pai acabava de desligar o telefone. De costas para mim, ele disse:

— Sua mãe está, hum, nervosa. Ela…

— A pizza chegou — eu cortei rápido.

Meu pai virou e nos viu.

— Ah, certo.

— Pai, este é o Mac — eu disse. — Ele é um amigo da escola.

— Prazer em conhecer — Mac lhe disse botando as pizzas na mesa e estendendo a mão.

— O prazer é meu — meu pai falou e apertou a mão dele. — Ouvi dizer que essa pizza é ótima.

— É mesmo — eu falei. — Você vai adorar.

Ouvimos uma porta fechar no andar de cima. Não foi *bem* uma batida, mas deu para ouvir.

— Então — meu pai disse ao sacar a carteira —, quando devo?

— Eu pus no cartão — avisei. — O total foi vinte e três e quarenta e dois.

Ele então tirou uma nota de cinco e duas de um e entregou a Mac.

— Pra você.

— Obrigado.

— Então, meus pais disseram que tudo bem — falei, lançando um olhar ao meu pai — vocês usarem o estúdio.

— Sério? — Mac disse. — Uau. Que demais. Eric vai pirar.

— Eric é o vocalista — expliquei ao meu pai. — Mac toca bateria.

— Legal — foi o comentário do meu pai, que estava claramente distraído. — Eu, hum, vou ver como sua mãe está. Ponha a mesa, o.k.? Prazer em conhecê-lo, Mac.

— Igualmente.

Meu pai subiu a escada e eu abri o armário para pegar os pratos, embora estivesse certa de que não teríamos mais a típica refeição em família.

— Meu irmão acabou de ligar — expliquei para Mac. — Está irritado com alguma coisa. É por isso que minha mãe está chateada.

— Ah — ele disse. — Sinto muito.

— Não é que seja um grande problema. Mas estávamos tendo uma noite boa, sabe? Pra variar.

Mac não comentou nada. Pus os pratos no balcão e, lá em cima, ouvimos outra porta fechando.

— Pedi para vocês usarem o estúdio, e eles foram superlegais, e você estava chegando… — Engoli em seco enquanto abria a gaveta dos guardanapos. — Estou tão cansada disso. De meu irmão significar absolutamente tudo.

Mac apenas observou enquanto eu pegava os talheres. Contei três garfos e senti que estava prestes a chorar. Logo estava chorando mesmo.

Não foram aquelas lágrimas que brotam nos olhos devagar, ou aquele leve nó na garganta que dá tempo de respirar fundo e, talvez, controlar a situação. Em vez disso, comecei a soluçar de repente: peito apertado, nariz escorrendo, sons quase animais. Agarrei a borda do balcão, baixei a cabeça e tentei inspirar um pouco de ar para me acalmar. Quando me veio à cabeça que devia me envergonhar daquela cena, senti as mãos de Mac no meu ombro.

— Ei — ele disse. As palmas da mão dele estavam quentes. — Está tudo bem. Tudo bem, Sydney.

Mas não estava. Nada estava bem havia muito tempo. E sempre que eu achava que as coisas estavam perto de se ajeitar, como tinha pensado momentos antes, algo acontecia para lembrar o universo que eu não merecia, não ainda.

O que eu merecia, então? Apenas uns pouquíssimos segundos em que as coisas pareciam bem, o suficiente para me fazer desejar mais? Era isso? Comecei a achar que sim, que simplesmente não conseguia o que queria, e talvez nem fizesse ideia do que era. Mas quando Mac me fez virar para ele e nossos olhares se encontraram, percebi que estava errada. Então dei um único passo à frente: primeiro um pé, depois o outro, e os braços dele me envolveram e me puxaram para si.

16

Peyton não queria que eu fosse na formatura. Na verdade, não queria que nenhum de nós fosse. Mas minha mãe só estava disposta a abrir mão de mim.

— Não é que ele não queira ver você ou que não sinta saudades — ela explicou na manhã seguinte. — Ele só prefere que vocês não entrem em contato naquele ambiente por enquanto. Achei que mudaria de ideia a essa altura, mas não mudou. Na verdade, esse sentimento dos presos em relação à família é bem comum, principalmente quando se trata de crianças.

Ela falava devagar e escolhia as palavras com cuidado. Que diferença doze horas faziam. Na última vez em que eu a vira, ela tinha corrido escada acima aos prantos. Na manhã seguinte, ela surgiu calma, descansada e sã diante da cafeteira. Estava preocupada com a maneira como eu receberia a notícia. Parecia ter esquecido que eu nem queria ir, pra começo de conversa.

— Eu entendo — falei. — Tudo bem.

Ela não tirou os olhos de mim durante o café. De repente, parecia se importar com meu bem-estar, o que seria bem legal se eu não soubesse o real motivo de todo aquele interesse. Ao se concentrar no fato de que Peyton não queria minha presença lá, ela podia mascarar a verdade mais abrangente sobre como ele se sentia em relação à presença *dela*. Minha mãe sempre fora boa em diminuir os problemas.

— Como eu já disse — ela prosseguiu —, o tempo de Peyton na Lincoln será marcado por uma série de transições. É bem possível que a carência emocional dele em relação a nós se manifeste como uma vontade de se afastar. Por isso é importante permitir que ele faça o que julga necessário, demonstrando ao mesmo tempo que estamos ao lado dele e não vamos abandoná-lo.

Meu pai, numa das raras vezes em que podia entrar mais tarde no escritório, entrou na cozinha ajeitando a gravata. Ele já tinha comido, mas

mesmo assim parou diante do fogão e beliscou os ovos mexidos.

— Então você ainda vai? — perguntei. — Para a formatura?

— Seu pai e eu vamos. Vamos pedir para Ames e Marla ficarem aqui com você. Acho que é o melhor plano.

— Não preciso de ninguém aqui comigo — disparei. — Quer dizer, é só uma noite.

— Já está tudo certo — ela me disse com os olhos no meu pai. — Não está?

— Comentei com ele ontem — meu pai respondeu enquanto limpava a boca no pano de prato. — Parece que a relação com Marla… esfriou. Mas ele vai ficar feliz em ajudar.

— É mesmo? — Minha mãe arregalou os olhos para o meu pai. — Eu não fazia ideia! Ele não me contou nada sobre o fim do namoro.

Com o tanto que ele e a minha mãe conversavam, era até que surpreendente. Mas eu tinha aprendido a esperar tudo de Ames.

— Ele não pareceu chateado — meu pai disse com mais um pouco de ovos mexidos na boca. — Em todo caso, ele vai trabalhar à noite nesse dia, mas vai tentar sair mais cedo.

— Não precisa — falei, talvez com um tom de voz firme demais, porque os dois me encararam. — Vou ficar bem.

— Sydney, já conversamos sobre isso. Não quero você sozinha — minha mãe disse. — Ames ficou com você da última vez e deu certo, não deu?

— Eu fico na casa da Layla — propus, em vez de responder.

— Com escola no dia seguinte? Não. — Ela recostou na cadeira. — Para ser sincera, considerando o tempo que você passa lá e na pizzaria deles, estou preocupada que já estamos abusando.

— Então eu a convido para dormir aqui. — Depois de pensar um pouco, emendei: — Na verdade, podíamos usar o estúdio nesse dia. Assim não incomodaríamos vocês.

Ela arregalou os olhos.

— O estúdio? O estúdio de Peyton?

— É — eu disse enquanto ela olhava para o meu pai, que deu de ombros. — Você disse que a banda de Mac podia usar, para a gravação.

— Mac? — ela repetiu como se tentasse resgatar uma lembrança distante e obscura. — Eu não…

— O irmão da Layla. Meu amigo. — Virei para o meu pai. — Você o conheceu ontem à noite. Eu perguntei se a banda dele podia usar o estúdio para gravar uma demo e vocês disseram que sim.

— Ah, Sydney, não sei — minha mãe disse. — Mesmo se Peyton concordasse, e nós teríamos que perguntar pra ele antes, não daria para ser sem a nossa presença.

— Mas você falou…

— Então falei sem pensar — ela me interrompeu, de novo com os olhos no meu pai. — Ou nós falamos. O fato é que enquanto essa história de formatura não acabar não vou conseguir me concentrar no resto.

— Não é o resto — rebati. — É a *minha* vida. Os meus amigos.

Pude notar que os dois ficaram surpresos. Eu sempre aceitara o segundo

lugar na lista de prioridades. Era minha posição na hierarquia. Mas quando se tratava disso — de Mac —, estava disposta a lutar. Como se finalmente tivesse um motivo real para isso. Teria sido melhor lutar por mim mesma. Mas aquilo contava mesmo assim.

— Você nem *conhecia* essas pessoas três meses atrás — minha mãe disse. — É difícil acreditar que de repente eles são mais importantes que a sua família.

— Mãe…

— Chega desse assunto — ela me cortou, levantou e ajeitou a cadeira. — Vamos apoiar seu irmão porque ele precisa da gente, mesmo que não queira reconhecer isso agora. Depois, podemos falar de qualquer outra coisa.

Ela caminhou até a cafeteira e me deu as costas para encher a caneca. Meu pai a observou e depois me lançou um olhar de compaixão. Mas, de novo, não faria nada. Como se a decisão fosse apenas dela e ele não pudesse passar por cima, por mais que eu quisesse.

Apesar de as coisas serem sempre assim, senti um ímpeto de raiva inédito e repentino surgir dentro de mim. Primeiro ela me classificou como "resto"; depois, como "qualquer outra coisa". Eu sempre tinha sido a outra, a que não era Peyton. Já tinha até aceitado. Mas então finalmente conheci pessoas que me enxergavam de um jeito diferente. Agora que eu era real e estava em primeiro plano para alguém, nunca mais queria ser invisível.

— A minha ideia — Eric começou — é começarmos com força com uma do Logan Oxford e terminar de um jeito grandioso com aquela "Seis por meia dúzia" com meu solo. Botamos Layla no vocal na música do meio para agitar as coisas.

— Certo, mas qual vai ser a música? — Mac perguntou enquanto descascava outra tangerina. O celular de Irv estava desmontado na frente de Mac para que ele trocasse a tela quebrada, consequência de um acidente em que o dono havia sentado em cima. Eu ficava com dor de cabeça só de ver aqueles parafusos minúsculos. — A gente não ensaiou com ela.

— Não é complicado, é música pop — Eric argumentou. — Ela já conhece as letras. É só escolher uma com o significado perfeito.

— Mas você acabou de dizer que música pop é simples — Irv comentou ao terminar de comer o que parecia uma coxa de frango, a terceira pelas minhas contas. — Como pode ter significado?

— É aí que entra a ironia. — Eric suspirou. Mais uma vez nenhum de nós acompanhava seu raciocínio. — Vou escolher uma escrita claramente do ponto de vista de um homem, virar o arranjo original de ponta-cabeça, talvez fazer uma versão acústica, e pôr uma garota para cantar.

— *Nós* — Mac disse baixo enquanto apertava outro parafuso. — *Nós* vamos escolher uma música.

— Certo, certo — Eric disse, gesticulando. — O consenso é bom. Mas sejamos sinceros: eu sou o único que trabalha para transmitir a profundidade da nossa mensagem.

— Profundidade da mensagem? — Irv repetiu para depois cair na

gargalhada. — Cara, você está se superando agora.

Ao meu lado, Mac também riu, e forcei um sorriso para não ficar deslocada. Eu ainda não tinha pensado em como dar a notícia de que meus pais já não estavam confortáveis com a ideia de a banda usar o estúdio. Então não contei, e em vez disso sentei com eles para ficar cada vez mais nervosa à medida que eles faziam planos justamente para usar o estúdio.

Eu não era a única com a cabeça longe. Apesar de ser parte do assunto da conversa, Layla não estava prestando atenção. Em vez disso, concentrava-se no celular. Pela sua cara, era óbvio que não estava feliz, mas o fato de não ter tocado no almoço era a prova cabal.

— Tudo bem? — perguntei pela segunda vez naquele dia.

Nós tínhamos nos cruzado no corredor depois da primeira aula, bem a tempo de eu a ver desligar o celular, irritada. Ambas estávamos atrasadas e íamos para direções opostas, então quando ela disse que estava tudo bem, acreditei.

— Tudo — ela disse sem olhar para mim. — É só… Coisa do Spence. Besteira.

Hesitei, sem saber direito o quanto poderia insistir no assunto. Desde que os dois começaram a passar mais tempos juntos, eu só sabia de uma coisa ou outra do relacionamento deles. Tinha reparado que a fase mágica do "Ele é tão fofo e incrível!" passara. Aparentemente, eu não tinha me enganado ao achar que o namorado perfeito dela tinha uma história complicada. Depois de pressioná-la um pouco, ela confessou não só que o trabalho voluntário era serviço comunitário obrigatório, mas que ele tinha sido expulso de *três* escolas antes de entrar na W. Hunt. Quando os dois se conheceram, ele estava se mantendo na linha e melhorando. Mas com pessoas assim sempre havia a chance de uma recaída.

— Então estou inclinado — Eric continuava — a ir de Paulie Prescott na música de Layla.

— Paulie Prescott? Era o cara do cabelo? — Irv perguntou.

— Você precisa ser mais específico — Mac aconselhou.

— *O* cabelo — Irv afirmou, agitando a mão sobre a cabeça. — Lembram? O cara sempre parecia ter saído de uma ventania.

— Não, esse é outro — Eric disse. — O cara com a voz bem aguda.

— Abe Rabe — Layla e eu dissemos ao mesmo tempo. Ela nem levantou o olhar.

Mac, com a tela nova na mão, arregalou os olhos.

— Uau. Isso não foi nem um pouco estranho.

Sorri para ele, mais uma vez pensando no que tinha acontecido na outra noite. Apesar do meu nervosismo inicial perto dele, tive uma sensação de familiaridade quando Mac me abraçou, como se já tivéssemos feito aquilo um milhão de vezes. Sem constrangimentos, sem precisar fazer ajustes. Apenas me encolhi contra seu peito — a medalhinha contra a bochecha — e senti seu cheiro. Eu tinha certeza de poucas coisas, mas uma delas era que teríamos nos beijado se meu pai não tivesse descido a escada momentos depois. Tanta certeza que naquele momento — sentada perto dele mas nem tanto, ele sorrindo para mim — minha sensação era de que tínhamos mesmo nos beijado.

— Paulie Prescott era o metido a gângster — Eric disse. — Um riquinho de condomínio que cantava sobre o passado nas ruas. Ele tinha todo um ar de *bad boy* tentando se regenerar. As garotas se derretiam.

— Ah, é — Irv disse, torcendo o nariz. — Eu *odiava* esse cara.

— Todo mundo odiava. — Eric não via problemas em falar pelo mundo. — Mas é por isso que seria interessante Layla cantar uma música dele. Tire a produção, a fachada e bote o palavrório na boca de uma mulher. Vai ser profundo. Épico.

— Por acaso você disse *palavrório*? — Mac perguntou. — Você está bêbado?

Layla de repente levantou, pegou a bolsa e partiu a passos rápidos na direção do prédio principal. Nós apenas assistimos à cena em silêncio. Então Irv disse:

— Céus, o que você fez, Eric?

— Eu?

Levantei também.

— Você sabe o que houve? — Mac perguntou.

— Não — respondi pegando a mochila —, mas tenho um palpite.

Fui primeiro no banheiro feminino, o lugar aonde eu sempre ia em busca de refúgio, mas as únicas pessoas lá eram um grupo de dançarinas ocupadas com um tutorial de maquiagem. Voltei ao corredor, pensei por um instante, e parti rumo ao armário de Layla, minha segunda melhor aposta. No caminho até lá, a encontrei sentada nas escadas. Ao me ver, ela mordeu o lábio.

— O.k. — eu disse, sentando ao lado dela —, o que está acontecendo?

Ela suspirou, esticou as pernas e começou:

— Spence andou fazendo… coisas. Coisas que não devia fazer, com o histórico que tem. Basicamente é isso.

— Drogas?

Ela confirmou levemente com a cabeça.

— Só maconha. E uns comprimidos. Deixam ele diferente. Só que quando reclamo, ele fica bravo e não responde minhas mensagens. Então fico sem saber o que ele está fazendo, o que é ainda pior.

— Você não vai conseguir mudá-lo — afirmei.

— Eu sei, eu sei — ela apertou os joelhos contra o peito. — É um saco, porque se falo alguma coisa, ele desaparece. Se não falo, tenho que assistir enquanto ele sabota a própria vida. É como se eu não tivesse como ganhar.

Dois caras carregando instrumentos abriram caminho entre nós para subir as escadas.

— Odeio essa sensação — falei.

Não foram palavras sábias ou esclarecedoras; pelo menos não me soaram assim. Mas ao ouvi-las, Layla soltou um suspiro, encostou a cabeça no meu ombro e fechou os olhos. Sempre me esforcei tanto para dizer a coisa certa, e sempre fracassava. Fiquei feliz de acertar ao menos uma vez, mesmo que sem querer.

— Muito bem — Mac disse quando subi na caminhonete. — Hora de fazer sua mágica.

Olhei para o pedido que tinha na mão: quatro porções de fettuccine ao molho alfredo, quatro saladas.

— Alguém vai fingir que cozinhou — previ. — Aposto cinco dólares que os pratos já estão na mesa e que vão jogar a comida pronta dentro deles.

— Vamos ver — ele disse ao ligar o motor.

Normalmente eu tinha tanta confiança nas minhas previsões que as estendia um pouco mais. Naquele dia, porém, não estava no clima. Sabendo que teria de contar a Mac (que teria de contar a Eric, que ficaria péssimo) sobre a proibição do estúdio e depois de ter ouvido a confissão de Layla (que me fez jurar que eu guardaria segredo), eu tinha muitos motivos para ficar calada. E esconder tudo isso de Mac só piorava as coisas.

Quando a porta da casa se abriu e uma jovem apareceu — de vestido, colar de pérolas, maquiagem pesada, anel de brilhantes e uma aliança dourada que parecia nova — eu mal tinha disposição para me dar os parabéns mentalmente, embora tivesse sido bem legal acertar.

— Ah, que alívio — ela disse ao tirar o avental que usava, onde se lia COZINHEIRA (e que ainda tinha os vincos de dobra; talvez fosse a primeira vez que ela o usava). — Meus sogros vão chegar em vinte minutos.

— Bom apetite — eu lhe disse ao entregar a comida. Ela me olhou agradecida e deu uma gorjeta generosa antes de fechar a porta.

Mac, que assistiu a tudo da caminhonete, me olhava impressionado à medida que eu me aproximava.

— Tudo bem, eu costumava achar isso incrível. Agora está meio assustador.

Consegui abrir um sorriso ao subir no banco.

— Não corte o meu barato. Tenho poucos talentos.

— Ah, não acho que isso seja verdade — ele replicou ao engatar a ré. — Você consegue fazer Layla se abrir.

Eu sabia que ele esperava que eu contasse o que tinha deixado Layla tão chateada no almoço. Por causa da minha promessa, porém, disse apenas:

— Coisas de relacionamento. Toda garota leva jeito pra isso. Está na nossa genética.

— É mesmo?

— É.

Era óbvio que eu estava desviando do assunto, mas felizmente ele não insistiu. Em vez disso, me entregou o próximo pedido.

— Boa sorte com este aqui. É bem bizarro.

Peguei o papel e dei uma olhada:

— Duas pizzas grandes de queijo, quatro pães de alho. O que tem de complicado nisso?

— Leia o que está embaixo.

— *SCP?* — perguntei. A sigla estava sublinhada duas vezes. — O que isso quer dizer?

Ele deu seta e mudou de faixa quando nos aproximamos do semáforo.

— Só cupons. Significa que eles têm cupons de desconto suficientes para o

pedido sair de graça.

— De graça? — olhei para o pedido de novo. — Como isso é possível?

— Não era para acontecer — ele explicou. — A gente faz uma promoção às quintas. A propaganda *devia* dizer que se você compra uma pizza de queijo e uma porção de pão de alho, você ganha outra pizza de queijo e outra porção de graça. Mas há um ano atrás mais ou menos, as cópias do panfleto de propaganda saíram erradas. Bem erradas.

— E?

— E — ele continuou depois de entrar numa pista lateral — ficaram sem a primeira parte da oferta. Só imprimiram a segunda.

Precisei pensar um pouco.

— Então o panfleto dava uma pizza e uma porção de pão de alho de graça? Sem a pessoa precisar comprar nada?

— Isso.

Agora eles tinham que colocar a mão na massa — literalmente.

— Quantos panfletos vocês distribuíram?

— Mandamos por correio — Mac respondeu. — Para todos os endereços da cidade.

— Meu Deus! — exclamei. — Seu pai deve ter ficado desesperado.

— Ele ficou. — Mac recostou no banco e correu a mão pelo volante. — A maioria das pessoas simplesmente admitiria o erro e não aceitaria os pedidos. Mas meu pai não é assim. Então ele aceita os pedidos, apesar de ficar bem contrariado.

Isso explicava por que o sublinhado da sigla *SCP* estava bem mais escuro do que as letras.

— E tem sido assim há um ano?

— Já não recebemos tantos. Mas algumas pessoas, depois de perceberem o erro, fizeram questão de juntar o maior número de panfletos que conseguissem.

— E são todas do mesmo tipo — falei, finalmente compreendendo.

Ele concordou com a cabeça e esperou.

Pensei por um momento.

— São pessoas espertas. Que sabem se virar. Além disso, tiveram tempo de juntar e organizar os cupons. Só que isso é *muito* trabalho só para conseguir uma pizza grátis. Então são pessoas sem dinheiro ou jovens. Provavelmente as duas coisas.

Estávamos chegando perto de um complexo de apartamentos.

— Algo mais? — Mac perguntou.

— São garotos — respondi.

— Por quê?

— Não sei. É só um palpite.

Era o segundo palpite do dia até o momento, mas tinha me sentido mais segura quando tentara adivinhar o motivo da irritação de Layla. Mac sempre me acompanhava quando a entrega era em um apartamento, mas quando ele desceu do carro comigo daquela vez, imaginei que também quisesse me ver errar pela primeira vez.

Subimos dois lances de escada até uma porta que vibrava com a música lá

dentro. Mac bateu na porta e, alguns instantes depois, um magrelo, provavelmente universitário, de camisa xadrez, calça jeans e fone de ouvido abriu.

— Seaside Pizza — Mac anunciou secamente. — Você fez um pedido?

— Nós fizemos — o cara disse. Ele olhou para trás, onde dava para ver outros dois caras, também com fones, num sofá jogando videogame. — Quanto ficou?

— Você tem cupons?

O sorriso do cara aumentou.

— Você precisa ver?

— Sim — Mac respondeu. — Preciso.

Ele nos deu as costas e foi até uma mesa onde havia uma pilha de livros, várias embalagens de comida vazias e uma série de carregadores na tomada que não estavam ligados a nenhum aparelho. Depois de procurar um pouco, ele voltou.

— Aqui está — ele disse sorrindo. — Como você pode ver, esses dois cupons nos dão direito a duas pizzas e duas porções de pão de alho gratuitas do seu respeitado estabelecimento.

— *Pizza!* — um dos outros caras, focado na TV, disse com a voz robótica.

— Pizza *grátis* — o rapaz diante de nós disse, e então virou para mim: — Até o gosto é melhor, sabia?

Fiquei calada enquanto Mac examinava os cupons — frente e verso — e depois os guardava no bolso. Quando ele fez que sim com a cabeça, entreguei a comida.

— O preço normal é vinte e quatro e setenta e dois — informei, na esperança de que ele pelo menos desse gorjeta.

— Pois é! — ele disse radiante. — É ótimo. Obrigado.

E fechou a porta. Fiquei tão surpresa que permaneci imóvel por um tempo, olhando para o 2B na porta. Mac, por sua vez, já descia as escadas. Quando o alcancei, disse:

— Quero corrigir minha previsão. Esqueci de dizer que eles são uns babacas.

— Concordo. — Mac parecia tão incomodado que achei melhor ficar em silêncio no trajeto até a caminhonete. Quando estávamos chegando, ele pegou o celular e olhou para a tela. — Não chegaram outros pedidos. Preciso de uma pausa. Vamos fazer alguma coisa.

— O que você tem em mente? — perguntei ao abrir a porta.

— Estamos perto do seu bairro — ele respondeu. — Quer me mostrar aquela vala?

Pensei no meu irmão ao telefone, em como sua reação quando mencionei esse assunto tinha me surpreendido. Como o fato de ele ver a história de outro jeito — uma idiotice, não uma façanha — dava a impressão de que nada daquilo tinha acontecido.

— Claro — afirmei. — Vamos lá.

A trilha era mais estreita do que eu lembrava, e o mato já tinha crescido tanto em alguns trechos que precisei parar e afastar alguns ramos de árvore para

passar. Era estranho caminhar à frente, já que eu sempre seguia Peyton. Depois de quase um quilômetro, as árvores espacejaram mais e Mac pôde andar ao meu lado. Enquanto subíamos uma pedra, um falcão alçou voo sobre nós e Mac me deu a mão.

A mão dele era quente, e a minha parecia pequena dentro dela. Protegida. Não conversamos no caminho. O único som vinha das folhas que esmagávamos no chão e o assovio das árvores à passagem do vento. Pensei em todas as tardes em que caminhara por aquela trilha, e como daquela vez era diferente, por vários motivos.

— Deve estar em algum lugar aqui em cima — falei para Mac quando subimos outro morro. — Eu lembro dessa clareira.

— Parece que eles vão construir alguma coisa aqui.

— Talvez. Ou só cortaram as árvores pra fazer lenha.

Passamos entre um punhado de tocos de árvore cobertos de fungos e líquen. Duas garrafas de cerveja, meio cheias com água da chuva, estavam apoiadas contra um deles. E então, quando comecei a me perguntar se não tinha imaginado aquilo tudo, avistei a vala: um lugar onde o chão se abria feito uma boca. Caminhamos até a borda.

Não era tão grande quanto eu lembrava, e não havia mais tronco passando por cima. Mas havia algo familiar naquelas raízes expostas, na camada de barro vermelho que descia rumo ao fundo, em sua aparição inesperada.

— Acho que não é tão impressionante — falei para Mac. — Não tanto quanto o carrossel.

— Mesmo assim eu não me arriscaria a atravessar.

Sorri.

— Quando Peyton atravessou, senti o coração na boca. Eu tinha certeza que ele ia cair e eu ia ter que voltar pra casa e contar tudo pra minha mãe.

Mac se aproximou ainda mais da vala e se curvou para ver o fundo.

— Mas ele não caiu.

— Não. — Olhei para o céu azul sobre nós. — Acho que ele tinha um santo protetor na época. Existe algum para idiotas que se arriscam no meio do mato?

— Acho que não. Mas tem uns com várias aplicações. Como o santo dos nômades, viajantes e perdidos. Ou algo assim. — Ele puxou a medalhinha e deu uma olhada. — O favorito da minha mãe é o São Longuinho, que encontra objetos perdidos. Ela até recita os versinhos quando perde alguma coisa: "São Longuinho, São Longuinho, se achar tal coisa dou três pulinhos".

— Funciona? — perguntei.

— Às vezes — ele respondeu, guardando o pingente debaixo da camiseta. Como sempre, notei a folga na correntinha, o espaço vazio que tinha surgido. — Mal não faz.

Permanecemos imóveis por uns instantes, tudo em silêncio com exceção da brisa que soprava acima de nós. Ao olhar para o outro lado da vala, me veio à cabeça a imagem de Peyton, com os ombros tensos, caminhando em cima da árvore. Pela primeira vez estava concentrado não em descobrir um lugar invisível, mas em atrair a atenção de todos. Era apenas o começo.

Lembra?, eu havia perguntado a ele no telefone na noite em que mencionei

o assunto.

Não foi um dos meus melhores momentos.

Eu tinha passado todo aquele tempo achando que Peyton enxergava a si mesmo como eu e como todos nós o enxergávamos. Invencível. Fora de série. Mas ele descobriu a própria humanidade bem antes de mim. Ou talvez sempre soube.

Mac virou para mim.

— O que houve?

Eu sabia que ele estava perguntando porque eu devia ter feito algum barulho ou careta ao pensar naquilo. Ou talvez porque tivesse ficado paralisada. Mas encarei aquela pergunta de maneira mais ampla, incluindo tudo o que tinha mudado desde o primeiro dia que fui até a Seaside. Tudo o que tinha mudado em mim.

O que houve? Talvez as vidas que eu tinha espiado nas últimas entregas: os estudantes pilantras saboreando a própria esperteza, a recém-casada servindo massa comprada nas louças que ganhara de presente. Ou talvez aquele lugar, tão forte na minha memória, embora eu estivesse construindo outra lembrança naquele exato momento. Só consegui pensar que ali, finalmente, pela primeira vez, eu não estava apenas vendo e registrando as mudanças. Eu também fazia parte daquele mundo em transformação.

Soltei a mão de Mac e toquei sua bochecha. Quando fiz isso, ele levou a mão à minha cintura e me puxou para perto. Foi tudo fluido, fácil, como sempre, desde que nos conhecemos. Fiquei na ponta dos pés e finalmente, finalmente nos beijamos. Ali, no bosque, numa quinta-feira de final de outono. Foi perfeito. Claro, eu não tinha como saber que seria assim antes de acontecer. Foi apenas um palpite.

17

— Espera. Quer dizer que *não* podemos usar o estúdio?

— Não, vocês podem — respondi. — Só vai ser mais complicado do que eu tinha pensado.

Eu estava encostada no peito de Mac na caminhonete, envolta em seus braços. Quando virei, ele me olhou de um jeito que já era familiar: alerta, atento. O Mac de sempre.

— Complicado — ele repetiu. — Que promissor.

— Vai dar certo — respondi, voltando a olhar para a frente. — Apenas confie em mim. Certo?

Ele ficou em silêncio. Voltei a encostar a cabeça no peito dele e abracei os joelhos. A cabine da caminhonete estava lotada de coisas e cheirava a alho. Estava longe de ser o lugar ideal para ficarmos juntos. Mas eu tinha aprendido a não esperar a perfeição. E, na verdade, aquilo estava bem próximo dela.

Fazia menos de uma semana desde a tarde no bosque. A partir de então, uma coisa inacreditável tinha acontecido atrás da outra. Nos despedimos meia hora mais tarde e ainda assim ficamos enrolando, coisa que eu só vira acontecer com os outros, até que finalmente tomei o caminho de casa. Troca de mensagens a noite inteira e um telefonema final, de modo que a voz dele foi a última coisa que ouvi antes de dormir. Então veio o dia seguinte, o primeiro na escola. Tudo foi tão diferente, pelo menos para nós. De novo, eu era uma garota com um segredo. Dessa vez, porém, um bom segredo.

Eu me sentia mal em esconder qualquer coisa de Layla, especialmente algo tão grande como aquilo: eu me apaixonando pela primeira vez. Mas era complicado. Kimmie Crandall, o caso exemplar, estava sempre na minha cabeça. Por mais que Layla gostasse de mim, Mac era seu irmão. Melhor ser discreta, pelo menos por enquanto.

Então nos esforçamos para agir normalmente. Na escola, durante o almoço, sentávamos nos nossos bancos separados. Na Seaside, ele se mantinha atrás do balcão com os livros enquanto Layla e eu íamos para nossa mesa de costume fazer lição de casa. Nada tinha mudado, a não ser quando ficávamos a sós.

Como naquele momento, estacionados num parquinho de bairro. Sem entregas a fazer, sem lugares aonde ir. O motor estava desligado, mas a cabine continuava quente quando me encolhi contra ele. Do lado de fora, a brisa levantava folhas vermelhas e amarelas que serpenteavam pelo para-brisa do carro. Numa transformação que eu jamais esperaria, aquelas horas entre a escola e o jantar que antes eu tanto lamentava tinham se tornado as mais esperadas do dia.

Eu também aprendia coisas novas sobre ele o tempo todo. Não só que ele beijava bem (muito bem, na verdade) e que tinha o abdome mais rígido que eu já vira ou tocara (talvez por causa dos Kwackers?). Também notei como sua franja precisava sempre ser posta para o lado, o que ele fazia jogando levemente a cabeça para trás, gesto que eu considerava sua marca registrada. Havia ainda o jeito que falava de um assunto que o preocupava — o desejo do pai que ele assumisse a pizzaria, por exemplo. Mac baixava automaticamente a voz, fazendo com que me aproximasse, prestasse mais atenção.

— Para meu pai, as coisas são assim e pronto — ele me contou uns dias antes quando o assunto veio à tona. — A pizzaria é a família, e vice-versa. Nada passa por cima disso.

— Você na faculdade seria *bom* para a família — enfatizei. — Mais estudo, potencial para ganhar mais. E Layla quer assumir a Seaside.

— Layla *diz* que quer assumir — ele corrigiu. — Há uma diferença.

— E ainda tem Rosie — eu disse. — Não devia ficar nas suas costas só por você ser homem.

— Não é assim que ele enxerga a situação — ele disse, e tirou o cabelo do olho de novo. — Mas mesmo assim pretendo me inscrever em algumas universidades. Não posso deixar de tentar. Seria desistir.

Pensei na nossa conversa de antes sobre coisas quebradas e como ele não aceitava que não houvesse um jeito de consertar. Ele não se referia apenas a despertadores e motores de arranque. Mac se importava muito com várias coisas. Me sentia muito feliz de estar entre elas.

Desde que me entendia por gente, os outros ou me ofuscavam ou me largavam sozinha. Mas Mac, como Layla tinha dito semanas antes, estava sempre por perto. Ele me dava espaço suficiente para ficar sozinha, mas permanecia a postos quando eu precisava. Era o ponto ideal, descobri. Como se ele fosse o *meu* santo protetor, aquele que eu estava esperando.

Nada deixou isso mais claro do que a vez em que conversamos sobre Ames. Um dia, fazíamos entregas quando um Lexus vermelho apareceu do nosso lado. Gelei, ele percebeu, e quando me dei conta já estava contando tudo.

— Não acredito que seus pais não têm consciência disso — ele comentou quando finalmente terminei de falar. — Aquele cara tem um ar sinistro.

— Não para eles — eu disse.

— Eles deviam pelo menos notar quando *você* age de um jeito estranho.

Dei de ombros.

— Já falei, eles não prestam muita atenção em mim.

— Então faça com que prestem. Se você contasse a eles o que acabou de me contar, eles prestariam atenção.

Eu sabia que ele estava certo. Mas só a ideia de levantar o assunto com a minha mãe já me deixava nervosa, insegura.

— Apenas pense nisso — ele insistiu, notando minha hesitação. — Tudo bem?

— Sim — respondi. — Tudo bem.

Em resposta, ele virou para mim. Quando se aproximou para me beijar — primeiro na boca, depois na testa —, me senti segura o bastante para fechar os olhos.

Em casa, por outro lado, as coisas ficavam cada vez mais tensas. Na quinta meus pais viajariam até um hotel em Lincoln para poder participar da formatura de Peyton na manhã seguinte. Minha mãe estava obcecada, dando um telefonema atrás do outro e enviando e-mails como uma louca para organizar a recepção que ela e outros parentes dos presos iam oferecer.

— Pensei que talvez pudéssemos jantar com os Biscoe na véspera — ela nos disse certa noite. — Os pais de Rogerson, sabe? Falei sobre ele com vocês, está no mesmo corredor que Peyton. Talvez seja bom compartilhar nossas histórias, conhecer outros pais. Descobri um lugar que aceita reservas.

— Julie — a voz do meu pai era suave, apesar de ele claramente estar interrompendo. — Talvez fosse melhor deixar isso para outra ocasião.

Ele pôs o garfo na mesa.

— Por quê?

Meu pai parecia tão desconfortável que até me remexi na cadeira em solidariedade, como se fosse eu que tivesse entrado na linha de fogo da minha mãe.

— Vamos para um evento numa prisão — ele disse finalmente —, não num jardim de infância.

O sorriso da minha mãe desapareceu no ato.

— Você acha mesmo que precisa me lembrar disso?

— Achava que não. Mas do jeito que você fala…

— Eu — ela disse com a voz trêmula e mais alta — estou tentando enxergar o lado positivo de uma situação ruim. Quando só há escuridão, temos que celebrar qualquer luz. Essa é a minha luz. Me deixa aproveitar.

Prova de que a situação estava bem sombria era o fato de *aquele* evento significar claridade. Sempre tive consciência de como as coisas haviam mudado. Mas momentos como esse sempre me surpreendiam.

Eu não podia conversar com ela sobre isso, claro, nem com meu pai. Mas havia alguém que compreendia ou, pelo menos, escutava. Ainda bem.

— Então, Sydney — a sra. Chatham disse. — Como vão as coisas em casa?

Estávamos na sala da casa dela. A sra. Chatham em sua poltrona, eu no sofá, mantendo distância dos cachorros. Mac tinha feito uma pausa entre as entregas para tentar consertar o motor de arranque teimoso da caminhonete. E

eu aproveitei para passar um tempo com a mãe dele até Mac terminar ou algum pedido chegar.

— Como sempre — respondi enquanto o ronco do motor parecia voltar à vida lá fora, para logo depois morrer. — Meus pais vão em uma formatura na prisão, e minha mãe está completamente obcecada por isso. Pelo jeito que ela age, parece até que meu irmão vai receber um diploma de Harvard.

Ela achou graça.

— Tive a mesma sensação quando Rosie terminou o tratamento. Acho que a gente se alegra com o que dá.

Ambas ficamos em silêncio por uns instantes. Tive quase certeza de ouvir Mac soltar um palavrão lá fora.

— Layla me disse que você trombou com aquele garoto na SuperThrift — ela comentou.

Só de ouvir, já lembrei das galochas.

— É. Foi a primeira vez que o vi ao vivo.

— E?

— Entrei em pânico. — Na outra ponta do sofá, um dos cachorros bocejou. — Não consegui nem falar.

— Ah, querida — ela começou, mas logo fez uma pausa. — As palavras não iam vir fácil mesmo, se é que algum dia virão. Você tem consciência disso, não tem?

— Simplesmente não sei o que poderia dizer a ele que fizesse diferença. Um pedido de desculpas não mudaria nada.

— Talvez você não devesse esperar que mudasse. Não para ele, pelo menos. — Ela me encarou do jeito gentil de sempre. — Mas isso não quer dizer que não te ajudaria de alguma forma. Talvez aliviasse um pouco o peso.

De novo, ela tinha acertado na mosca. Sentia o peso da culpa sobre mim como se fossem dez daqueles aventais de chumbo que temos que usar no dentista antes de tirar uma radiografia. Mais que suficiente para conter alguém, por mais força que se faça para levantar.

— Não sei — eu disse.

— Não precisa saber agora — ela me disse. — Você está indo bem.

Eu não tinha tanta certeza disso. Mas era sempre um consolo ouvir que sim. Bem como ouvir o som da caminhonete dando a partida, o motor ganhando vida. Fazendo as coisas funcionarem. De algum jeito.

Naquela tarde, encontrei a casa vazia e o telefone tocando quando cheguei. Faltavam quinze minutos para as cinco, horário em que Peyton sempre ligava. Dessa vez, porém, não lamentei como de costume ao ouvir a gravação da penitenciária.

— E aí? — eu disse quando ele entrou na linha. — Como vão as coisas?

— Bem — ele respondeu e depois fez uma pausa. — E você, como está?

Então foi a minha vez de parar um pouco para pensar no que dizer. Parecia estranho falar de Mac ou dos Chatham, um mundo do qual ele não fazia parte, que era só meu. Mas então lembrei daquele dia no bosque.

— Fui naquela vala com um amigo — eu disse. — Está diferente.

— É?

Fiz que sim com cabeça, embora ele não pudesse me ver.

— Quer dizer, está igual, acho. Mas a perspectiva foi outra. Lembrava que era tão grande. Enorme.

— Parece ainda maior quando você está no meio dela — ele disse.

— Aposto que sim.

Ambos ficamos em silêncio por um tempo. Então ele disse:

— Engraçado. Sabe aquele programa que você adora, com aquelas mulheres loucas? Eu… andei assistindo.

Arregalei os olhos de surpresa.

— Você está vendo *Big Nova York*?

Ele riu:

— E *Los Angeles*. Nem acredito que estou admitindo isso.

— Pensei que você odiasse esses programas — falei, ainda chocada.

— Eu odiava — ele suspirou. — Mas tem um amigo meu aqui… que é fã. Ele é médico, psiquiatra. Alega que assiste por causa dos transtornos de personalidade, de todo aquele narcisismo. Mas eu acho que ele gosta mesmo é do drama.

— Ele é seu médico?

Outra risada.

— Não. Ele é um dos presos, viciado. Foi preso por vender receitas. Chamamos ele de doutor. É um cara legal. Apesar do mau gosto para TV.

— Ei! — protestei. — Lembre-se com quem está falando.

— Como se eu pudesse esquecer — ele disse. Nesse momento ouvimos a gravação avisando que o tempo ia acabar. Pela primeira vez desejei que não acabasse.

Não comentei nada disso com a minha mãe, apesar de ter contado do telefonema. Depois de toda aquela insistência para que eu conversasse com meu irmão, resolvi guardar aquilo para mim. Peyton também não comentou. Mais um segredo, só nosso.

A verdade era que a minha mãe estava tão imersa nos planos que nem prestava atenção nas coisas. O lado bom era que ela não tinha comentado mais nada sobre Ames vir ficar comigo. Eu sabia que era besteira achar que tinha escapado dessa armadilha que, afinal, nem tinha sido montada ainda. Mas todo o resto corria tão bem. Eu devia ter sido mais esperta.

— Então — ela começou a dizer naquela manhã quando desci para o café —, seu pai e eu saímos amanhã às três. Ames vai chegar no mais tardar às dez. Não é ideal, mas com Marla fora de cena e o emprego dele no hotel, é o melhor que podemos fazer.

Ela falava de costas pra mim, enquanto conferia os itens de mais uma lista. Empilhados sobre o balcão, estavam todos os doces que ela tinha comprado no Big Club, o atacadista, para a formatura: cookies, cupcakes, bolos. A cozinha inteira cheirava a açúcar.

— Eu realmente acho que posso ficar sozinha — falei. — Quando ele chegar, já vou até estar na cama.

Ela pegou uma caixa de cupcakes e a botou no topo de outra pilha.

— Já está tudo combinado. Agora termine de comer ou vai se atrasar.

Fim de papo. Mais uma vez, eu era apenas um item numa lista, riscado e arquivado. Ao sair, vinte minutos mais tarde, não consegui me segurar e bati a porta.

Mais tarde, na caminhonete, o celular de Mac vibrou. Ele se mexeu atrás de mim para alcançar o bolso.

— Outra entrega. Preciso voltar ao trabalho.

Olhei para o relógio. Eram cinco e quinze, e eu tinha dito à minha mãe que estaria em casa antes das seis, mas tudo o que queria era continuar naquele lugar seguro e confortável, com os braços de Mac ao redor de mim. Ele já se endireitava no banco quando pedi:

— Mais cinco minutos?

— Dois. — Ele beijou minha cabeça e se recostou no banco de novo. Depois de uns instantes, falou: — Sabe, a gente não precisa gravar na sua casa se isso for te atrapalhar. Eric pode dar um jeito. Ele sempre dá.

— Não vai me atrapalhar — garanti. — Vai ser perfeito.

Eu não costumava usar muito essa palavra. Mas nos últimos tempos tinha me dado o direito de pensar que as coisas podiam realmente dar certo de vez em quando. Afinal, eu estava ali com ele, e quem teria esperado que *isso* fosse acontecer?

Ele me deixou na Seaside e parou ao lado do meu carro antes de ir buscar o pedido. Nos despedimos com o cuidado de sempre e desci da caminhonete. Assim que comecei a me afastar, olhei para o sol poente, o céu azul manchado de rosa. *Perfeito*, ousei pensar de novo, pelo menos por um instante. Dei meia-volta e fui até a janela de Mac, ainda aberta.

— Esqueceu alguma coisa? — ele perguntou.

— Esqueci — respondi. — Disso.

Fiquei na ponta dos pés, inclinei a cabeça e o beijei. Pude sentir sua surpresa, que logo se tornou hesitação, até enfim relaxar. Era arriscado fazer isso em público daquele jeito, mas eu já estava cansada de me esconder. E Layla estava com Spence, afinal. Não me passou pela cabeça que outra pessoa poderia nos ver. Pelo menos não naquele momento.

— Uau! — Eric exclamou quando abri a porta. — Belas instalações.

— Você disse "instalações"? — Irv perguntou atrás dele, onde tapava toda a porta. — Sério mesmo?

— Que que tem? É uma palavra bem comum.

— E isso aqui está bem pesado. Então poderia adentrar as instalações, por obséquio?

Eric revirou os olhos, e dei um passo para o lado para abrir caminho. Ele estava com a guitarra e a mochila no ombro. Logo atrás, carregando todo o resto do equipamento, estavam Irv, Ford e, por último, Mac.

Devo ter deixado evidente minha surpresa com aquela disparidade, pois Mac explicou:

— Eric tem problema nas costas.

— Eric — Irv acrescentou, resfolegando um pouco ao levantar uma caixa

que tinha metade do meu tamanho — *diz* que tem problema nas costas. Nunca vi qualquer prova disso, exceto quando temos que carregar peso.

— São as vértebras L3 e L4 — Eric rebateu com a voz cansada. — O peso provoca dor.

— E *você* provoca minha paciência — Irv reclamou. — Essa merda pesa. — Ele pôs a caixa no chão, o que fez tremer a mesa de vidro sob o retrato do meu irmão. — Para onde levamos?

— Lá pra baixo — eu disse. — Venham.

Eu os conduzi pela cozinha, pelas escadas sinuosas (mais reclamações e comentários sobre as costas de Eric) e pela sala de ginástica até chegar ao estúdio. Quando acendi a luz, Eric deu um passo para trás para apreciar o lugar enquanto os outros carregavam as coisas.

— Uau. Tudo isso é do seu irmão?

— Era pra ser — respondi. — Ele andou ocupado antes de poder usar de fato.

— É assim que chamamos a prisão agora? — Irv perguntou. — Uma ocupação?

Mac lhe deu um cutucão forte.

— Ei, cuidado com o que fala.

— O quê? — Irv olhou para ele, depois pra mim. — Foi mal, Sydney. Falei sem pensar.

— Tudo bem — eu disse com um sorriso.

Mesmo assim, Mac se aproximou quando Ford e Eric começaram a desembalar os instrumentos.

— Sinto muito pelo que ele disse. Irv é sincero demais, especialmente com certas coisas.

— Ele tem razão — falei. — Meu irmão está na prisão. Na verdade, ouvir alguém dizer com todas as letras é até bom.

— É?

Fiz que sim com a cabeça. Então Ford chamou Mac e lhe pediu alguma coisa. Quando ele foi até lá e abaixou para abrir uma das caixas, pude ver a medalhinha de Santa Batilde por uns instantes até ele a guardar dentro da gola. Um dia antes, eu a tinha segurado na mão, entre os dedos, e girado contra a luz tênue do parque. Fiquei vermelha só de lembrar.

— Então, Sydney — Eric disse, me trazendo de volta à realidade —, parece que estamos apertados de tempo aqui. Quantas horas temos exatamente?

Olhei para o relógio. Eram seis e meia.

— Umas três horas.

— Não é muito para repassarmos todas a músicas.

Ele botou a guitarra e a mochila no sofá ali perto — um movimento que parecia não afetar sua coluna — e esfregou as mãos.

— Quando você disse que Layla ia chegar?

— Às sete no mais tardar — Mac respondeu.

— Certo. Então é melhor eu me familiarizar com esse equipamento.

Eric foi até a mesa com os controles e botões e sentou na cadeira de rodinhas do estúdio.

— Cara — falou —, é melhor do que a que tínhamos no VAMP.

— VAMP?

Ele reclinou a cadeira e girou um botão.

— O acampamento de música onde passei o verão. Aulas de música e de produção de dia, ensaios pra valer à noite.

— Uau. Parece incrível.

— Mudou minha vida — ele afirmou. — Passar oito semanas com gente que realmente gosta de música tanto quanto eu… Foi um verdadeiro oásis no deserto criativo que é a minha vida aqui.

Umas batidas soaram no vidro que nos separava da cabine. Quando ergui os olhos, vi Mac ali parado.

— A gente consegue ouvir, sabia?

Eric deu de ombros, nem um pouco incomodado. Mas notei que ele desativou o único botão cuja função eu conhecia — comunicação com a cabine — antes de dizer:

— Olha, não me leve a mal. Esses caras gostam de tocar. Mas não são *apaixonados*. Assim que a escola acabar, vão contar histórias de quando tinham uma banda. Mas eu quero mais que isso, sabe?

Fiz que sim com a cabeça enquanto Irv e Ford punham um amplificador em cima do outro. Mac estava ao fundo, prendendo os pratos na bateria. Eu observava seu rosto concentrado quando Eric disse:

— Então, hum, tem uma coisa que eu queria te perguntar faz um tempo.

— Perguntar pra mim?

— É, pra você — ele confirmou com um sorriso. — Não é segredo que te acho legal, Sydney. Queria sair com você. O que acha?

Sinceramente, não sabia o que dizer. Era uma pergunta tão direta que não havia como contornar ou desviar. Ainda assim, tentava pensar num jeito de fugir quando ouvi a campainha. Estava salva.

— Poxa — eu disse, como se não estivesse imensamente grata pela interrupção. — Já volto, o.k?

Embora tivesse todo o caminho — desde a sala de ginástica, passando pela escada e pela cozinha até chegar ao hall — para pensar no que dizer quando voltasse, não consegui avançar muito nesse sentido. Quando abri a porta e dei com Layla segurando um Spence molhado, com o nariz vermelho e roupa suja de lama, todos os pensamentos sobre Eric desapareceram.

— Uma ajudinha? — ela disse, arrastando o namorado pra dentro. Quando eles passaram por mim, senti um odor forte de álcool. E, por mais estranho que parecesse, um cheiro de fertilizante misturado.

— Você tem uma toalha ou algo assim? — ela perguntou.

— Oi, Sydney — Spence balbuciou para mim, contente. — Como está?

— Você pode parar de se mexer, por favor? — Layla disse. — Não sai daqui. E tira o tênis.

Ela disparou rumo ao lavabo e nos deixou a sós. Respirando com dificuldade, Spence tirou o tênis da Nike, um pé de cada vez, dando chutes no ar. Em seguida enfiou a mão no bolso de trás e puxou uma garrafinha de vidro. Ele a abriu, tomou um bom gole e me ofereceu:

— Vodca?

— Não, obrigada — disse. — Está chovendo?

Ele fez que não com a cabeça e tomou outro gole.

— Irrigadores. Dispararam quando eu estava cruzando o quintal do seu vizinho. Alta pressão de água. Parece. Certeza que não quer um gole?

— Ela não quer — Layla respondeu ao sair do banheiro. Ela estava com uma toalha de rosto na mão e a mostrou para mim, hesitante. Fiz que sim com a cabeça e ela a atirou no namorado.

— Se seca e guarda a garrafinha. Eles já não vão gostar de eu ter trazido você para começo de conversa.

— Besteira. — Spence guardou a garrafa no bolso, aproximou-se de Layla e passou os braços pela cintura dela. — Eu já disse, amor. Ninguém nem vai notar a minha presença.

Embora Layla obviamente duvidasse daquilo, aceitou um beijo dele. Para a surpresa dela, sem falar na minha, o selinho logo virou um beijo com bastante língua. Por sorte, o telefone tocou bem naquele momento.

Corri para a cozinha e agarrei o aparelho.

— Alô?

— Esta é uma chamada a cobrar de um interno da penitenciária de Lincoln — anunciou a conhecida voz automática. — Você aceita…

— Sim — eu disse, indo em direção à janela da frente.

— Eles estão lá em baixo? — Layla perguntou atrás de mim. Quando virei para ela, vi Spence roçando o nariz em seu pescoço. Fiz que sim com a cabeça. — Eles já começaram?

Depois do ruído e do clique, Peyton falou:

— Sydney?

— Sou eu. Só um segundo — respondi ao meu irmão. E para Layla: — Não sei. Desço daqui a pouco, o.k.?

Ela fez que sim com a cabeça e seguiu pelo corredor. Spence foi atrás, mais uma vez puxando a garrafa do bolso. Ótimo.

— Desculpa — eu disse para Peyton. — Uns amigos estão aqui. Como vão as coisas?

— Bem — ele disse. — Já tenho uma favorita naquele programa besta que você tanto adora.

— Deixe-me adivinhar. Ayre?

— Não — ele respondeu. — O doutor torce pra ela. Mas eu sou Rosalie até o fim.

— Como assim? — eu disse. — É loucura. Ela é doente.

— Ah, e a Ayre não? Você não viu aquele jantar em que ela empurrou Delilah na piscina?

— Ela foi *provocada* — defendi.

— Aham, foi — ele desdenhou. — Bom, não quero segurar você com seus amigos aí. A mamãe está?

Arregalei os olhos de surpresa.

— Não. Ela já foi praí.

— Quê?

— Ela e o pai saíram de tarde. Para a cerimônia.

— Mas só vai acontecer amanhã — ele disse.

— É, mas acho que ela tinha um monte de coisas para preparar ou algo assim. — Ele ficou calado. — Vão ficar num hotel. Para conhecer outras famílias, acho.

Havia uma diferença entre um silêncio normal e um silêncio zangado. Um é leve e o outro, pesado. Naquele momento, senti a conexão entre nós pesar uma tonelada.

— Não acredito — ele disse enfim. Ao fundo, o barulho típico que eu já tinha escutado nas outras conversas: vozes altas, batidas, campainhas. A cadeia era mais barulhenta que a Jackson. — Falei que não queria que ela fizesse nada disso. Nem queria que eles viessem, na verdade. Estou na *cadeia*. Não na escola. Não sei por que ela não consegue entender isso.

Uau, pensei. Eu tinha esperado muito tempo para que alguém mais sentisse isso. Só não esperava que fosse Peyton. Enquanto pensava em algo para comentar, ouvi uma batida lá embaixo, no estúdio.

— Acho… — comecei, hesitante; a linha emitiu um ruído. — Ela quer se agarrar a qualquer coisa que traga um pouco de normalidade.

— Mas isto aqui não é normal — ele disparou. — Eu ferrei com tudo, machuquei uma pessoa e estou cumprindo pena por isso. Quando ela tenta fazer as coisas parecerem normais… me deixa *louco*. Tem que ser diferente, sabe? Duro. Todo mundo entende isso. Só ela que não.

Mesmo com as conversas recentes, aquelas palavras eram mais do que meu irmão jamais me dissera em meses, se não anos. Foi tão inesperado, para não dizer dramático, que me segurei para não chorar. Eu tinha passado tanto tempo considerando Peyton e meus pais uma coisa só, com a mesma linha de ação. Mas ele me mostrou que tinha personalidade e que carregava seu próprio fardo. Como eu não tinha sido capaz de compreender isso?

— Sinto muito — eu disse. Foram apenas duas palavras, mas também pareciam pesadas.

— Pois é. — Uma pausa. A voz dele soava tensa. Pensei nele cruzando aquela vala: enxerguei valentia, mas ele viu outra coisa. — Vou, hum, tentar o celular dela.

— Certo. Se cuida, Peyton.

— Tchau, Syd.

Outro clique e a ligação foi encerrada. Botei o fone no gancho, sentindo uma pontada ao lembrar da minha mãe organizando os doces de manhã, sem falar em todo o resto. Ela podia dizer para nós e para os outros que tudo aquilo era para Peyton. Talvez até ela acreditasse nisso. Eu já não tinha tanta certeza. Jamais havia pensado que poderia sentir ainda mais vergonha de toda aquela situação. Estava errada. De novo.

18

— Esperem — Eric disse. — Não gostei desse começo. Vamos tentar de novo.

Ford resmungou. Mac relaxou o corpo no banco da bateria, revirando os olhos.

— Cara — Irv disse ao meu lado —, é uma gravação para um festival, não para o seu primeiro álbum.

— Nem por isso precisa ser uma droga — Eric replicou.

— Não vai nem *existir* se você não maneirar — Irv emendou. — Estamos aqui já faz… Quanto tempo, Sydney?

— Uma hora e meia — informei.

— *Uma hora e meia* — ele repetiu, dando destaque às palavras —, e vocês não gravaram nada. É melhor começar a levar a sério.

— Eu *estou* levando a sério — Eric disse.

— Então leve menos a sério — Mac interveio. — Vamos acabar logo com isso.

Eric, com uma expressão sombria, deu as costas para o vidro que nos separava e começou a ajustar alguma coisa na guitarra. Olhei para o relógio: Ames apareceria às dez, quando meus amigos e todo o equipamento deveriam estar bem longe de casa. No começo da tarde, aquilo parecia bem factível. Naquele momento, porém, começava a ter minhas dúvidas.

O perfeccionismo de Eric era um dos problemas. Outro era Spence, que, depois de chegar e logo derrubar dois amplificadores (foi essa a batida que ouvira mais cedo), recebeu de Layla a ordem de ficar no sofá e não atrapalhar. Lá, porém, ele passou a beber quase toda a vodca e fazer os comentários mais inúteis (“Tem certeza de que isso está afinado? Mais alto, por favor!”). Eu não fazia ideia de por que ela o havia trazido.

— Eu não trouxe — ela me disse quando demos uma escapada para a sala

de ginástica durante outra disputa acirrada sobre as transições das estrofes na música. — Eu disse a ele que ia vir aqui e que seus pais não estavam. Para Spence, foi como se eu dissesse "festa", então pegou uma garrafa e veio pra cá. Quando Rosie me deixou aqui, ele já estava à espera na frente da sua casa.

Lembrei de quando abri a porta e o vi apoiado nela.

— Ele bebe assim sempre?

— Não — ela disse com a voz seca. Depois acrescentou: — Quer dizer, ele bebe de vez em quando, mas geralmente não desse jeito. Em todo caso, não é culpa dele que a banda não esteja conseguindo gravar. É culpa do Eric.

Lancei um olhar para o estúdio, onde encontrei Irv sentado na mesa de som com a mão no rosto. Eu o compreendia.

— *Lay-la* — Spence chamou, se esticando no sofá na nossa direção. — Vem cá. Tô com saudade.

— Um segundo — ela disse ao tirar o celular do bolso e olhar para a tela. — Merda.

— Que foi? — perguntei.

— Minha mãe. — Ela voltou para o estúdio e passou o braço por cima de Irv para apertar o botão de comunicação. — Mac. Rosie mandou uma mensagem. Ela acha que a mamãe talvez precise ir para o hospital.

Mac levantou na hora e foi até a porta.

— O que houve?

— Não sei. Vou ligar pra ela.

Layla pôs o telefone no ouvido e foi encostar na parede. Spence, do sofá, lhe ofereceu a garrafa quase vazia de vodca, que ela afastou com um gesto.

— Oi, sou eu — ela disse à irmã. — O que houve?

Fizemos silêncio enquanto ela ouvia a resposta de Rosie. Olhei para Mac, mas ele tinha os olhos fixos em Layla.

— O.k. — ela disse enfim. — É. Mande notícias. Se você decidir levar, encontramos vocês lá. O quê? Planejávamos chegar às dez e meia, mas podemos ir agora se ela quiser.

Alguém soltou um suspiro de frustração. Eric, provavelmente.

— Tudo bem. Sim, faça isso. Obrigada, Rô.

Layla desligou e então se dirigiu a Mac:

— Só o de sempre. Tontura, falta de ar. Ela começou a delirar e Rosie entrou em pânico, mas a mamãe disse que está melhor agora. Rosie vai ficar de olho.

— Podem ser os remédios novos — ele disse, como se não houvesse mais ninguém lá. — Estava escrito que os efeitos colaterais talvez fossem mais fortes, mesmo com a dose menor.

— O que é uma droga, porque eles estão funcionando — Layla disse ao guardar o celular no bolso. — Em todo caso, vamos terminar logo? Quero ir pra casa.

— Apoiado — Mac disse e então voltou para a cabine de gravação. Assim que entrou, disse a Eric: — Última tentativa para essa música. Depois passamos para a próxima.

Eric não parecia feliz, mas concordou com a cabeça mesmo assim. Ele

ajustou a faixa da guitarra, Irv preparou a mesa de som de novo e Mac contou até quarto. Começaram a tocar. Prendi a respiração quando eles passaram da primeira estrofe e do refrão, o mais longe que tinham chegado até então.

— Senta e relaxa. Toma um gole — Spence disse a Layla puxando-a para si. Ela suspirou e, para minha surpresa, pegou a garrafa e deu um gole. — Essa é a minha garota. Melhor agora, não?

Ela engoliu a bebida tremendo e passou a mão na boca.

— Juro que não sei como essa noite poderia ficar pior.

Eu sabia. Porque bem naquele momento Ames apareceu na porta. Fiquei tão apavorada com a presença dele que, por um minuto, pensei que fosse fruto da minha imaginação. Quando ele falou, porém, tive certeza de que era real.

— Ora, vejam se não é uma festa — ele disse.

Abri a boca para responder, mas infelizmente Spence foi mais rápido:

— Agora sim! — Ele virou para Ames e lhe estendeu a garrafa. — Bem-vindo, colega. Bebida?

— Não — respondi por ele. Ainda me recompondo, ou ao menos tentando, disse: — Não é uma festa. Eles só estão gravando.

Ames fez questão de olhar para a garrafa, e para Spence caído sobre Layla, antes de me encarar.

— Sua mãe não falou nada disso.

— Ela anda distraída — repliquei. — De qualquer forma, eles já estão quase terminando.

— Quem dera — Irv disse. Os garotos estavam no final da música; pela primeira vez, conseguiram terminar. — Mas pelo menos chegamos mais longe.

Não gostei do jeito como Ames inspecionava o ambiente: Layla no sofá, os garotos do outro lado do vidro, Irv à mesa de som. E então, por último, eu.

— Vamos conversar ali fora — ele falou. — Pode ser?

Layla me observou caminhar atrás dele até a sala de ginástica, onde Ames fez um gesto para que eu sentasse em um dos aparelhos do meu pai.

— Então — ele perguntou cruzando os braços —, quer me dizer o que está acontecendo aqui?

— Já disse. Eles estão gravando uma demo.

— E bebendo — ele acrescentou.

— Spence está bebendo — corrigi. — Eu nem o conheço direito.

— E mesmo assim ele está aqui, na sua casa, com Peyton e Julie fora. — Ele inclinou a cabeça para o lado antes de continuar. — Preciso dizer, Sydney, que estou surpreso. Isso não é do seu feitio.

— Eles são meus amigos e precisavam de um estúdio. Não é nada de mais.

— E o cara da bateria? Quem é?

Pisquei, pega desprevenida.

— Por quê?

Ele deu de ombros e então encostou na parede para examinar meu rosto.

— Só estou curioso. Vi você com ele outro dia, no estacionamento daquele centro comercial em Mason. Vocês pareciam próximos. *Muito* próximos, na verdade.

Levei um tempo para me recompor. Ele aproveitou para me observar, com

um leve sorriso no rosto.

— Você vai contar pra minha mãe?

Em vez de responder, ele lançou um olhar para o estúdio, onde Spence estava estirado no sofá, de olhos fechados, com a garrafa ao lado, no chão. Layla tinha sumido, o que me fez supor que enfim tinham passado para a música dela.

— Não sei — Ames disse, enfim. — Conversamos depois.

Eu queria saber naquele instante. Assim poderia aceitar minha sentença e a realidade das repercussões. Mas eu conhecia Ames. Ele finalmente tinha uma vantagem sobre mim e não ia abrir mão dela tão cedo.

— Sydney.

Virei o rosto na direção do estúdio. Irv tapava toda a porta e olhava para nós.

— Sim?

— Precisamos de você.

Olhei para Ames.

— Vá em frente — ele disse. — Estou logo atrás.

Acompanhei Irv e deparei com Layla do outro lado do vidro, com fones na cabeça, diante de um microfone. Eric estava na mesa ajeitando as coisas para que Irv pudesse gravar. Atrás de mim, o som do ronco de Spence.

— Que houve? — perguntei.

— Precisamos de um vocal de apoio — Eric me informou, ainda revirando botões e controles. — Não dá tempo de sobrepor as faixas. Então é a sua chance.

— Eu? — reagi, surpresa. — Eu não sei cantar.

— Qualquer pessoa sabe cantar.

— Deixe-me reformular a frase: eu não canto bem.

— Não se trata de uma ópera — ele rebateu. — Só precisamos de um som de fundo. Você conhece a música, não conhece? Paulie Prescott, "Quatro da manhã"?

Claro que eu conhecia. Depois que superei minha fixação pelo bom-moço Logan Oxford, Paulie Prescott foi o primeiro *bad boy* por quem me derreti, ainda que sua rebeldia se resumisse a passar sombra no olho e tocar em shoppings. "Quatro da manhã" foi seu maior sucesso, com uma pegada meio rap, sobre o retorno pra casa depois de uma noitada e a vontade de ligar para uma garota, concluindo no final que ela merecia coisa melhor. Era bem o tipo de letra que uma menina de treze anos queria ouvir de um rebelde apaixonado. Passei semanas escutando sem parar.

— Acho que lembro — respondi para Eric.

— Ótimo! — Ele levantou e olhou pra mim. — Vamos fazer uma versão acústica, bem tranquila, o oposto do original. Lembra de todas aquelas guitarras? Era tudo superproduzido, de um jeito bem forçado. Por isso nós vamos seguir o caminho inverso e tocar num estilo mais leve, de balada romântica. Como uma canção de amor, em vez da declaração egocêntrica de vários atos de bravura que podem ter acontecido ou não.

Ao meu lado, Ames piscou, atordoado.

— Uau.

— Exato! — Eric lhe disse. — Então você só precisa entrar no refrão, num

tom abaixo de Layla, para transmitir o aspecto de *rotina* disso, a ideia de que não é só uma garota que sente isso, mas várias. Só precisa cantar dois versos: "Sei que está dormindo perto daqui/ Mas me sinto longe, em outro lugar". Os dois versos seguintes…

— "Quero te ver, te tocar, te sentir/ Mas só nos sonhos você pode ficar"? — emendei, decidindo parar de fingir que não sabia a letra de cor.

— Isso. Quero que Layla cante esses dois sozinha, pra criar um contraste. Veja bem, seus versos são sobre a verdade da situação: o desejo. Os outros são sobre o ideal: o que as garotas *queriam* que os caras sentissem por elas. O.k?

O raciocínio me pareceu lógico, o que era prova de como eu já estava acostumada com Eric e suas discussões musicais. Ames, porém, soltou um suspiro quando Eric voltou para a cabine de gravação e, em seguida, comentou:

— Cara, já ouvi essa música milhões de vezes. Nunca pensei nela desse jeito.

— Ninguém pensa — Irv disse a ele enquanto ajustava alguma coisa na mesa.

Virei mais uma vez na direção do vidro e olhei para Layla, que assentia enquanto Eric lhe dizia alguma coisa. Mac tinha voltado à bateria e conversava com Ford. Foi então que senti Ames se aproximar e pôr as mãos nos meus ombros. Ele apertou de leve e manteve as mãos ali, dizendo:

— Então você vai cantar? Não vejo a hora de testemunhar isso. Nervosa?

— Não — respondi, apesar de estar. Me mexi um pouco na tentativa de escapar daquelas mãos, mas Ames estava perto demais, e apertou meus ombros de novo.

— Vai ser ótimo. Apenas relaxe.

Engoli em seco e fiz exatamente o contrário: enrijeci os músculos na esperança de que ele percebesse a deixa e se afastasse. Mas não. Ele permaneceu ali, com os dedos apoiados de leve nos meus ombros, até que Mac ergueu os olhos e nos viu.

Ao ver seu rosto, me veio à cabeça a imagem de Layla no tribunal, meses antes. A pergunta no olhar dela, que na época ainda era uma estranha pra mim, tinha sido "Está tudo bem?". Agora, a mensagem no rosto de Mac era outra. Ele sabia que eu não estava bem e, por isso, também não estava. Mac parecia prestes a levantar quando Eric falou:

— Sydney, você está pronta?

Logo me desvencilhei de Ames e entrei na cabine de gravação, onde Eric me preparava um microfone. Quando me chamou para assumir minha posição ali, Layla cochichou no meu ouvido:

— O que ele está fazendo aqui?

— Vai passar a noite. Mas só ia aparecer depois das dez.

— Argh. — Ela ajustou os fones de ouvido. — Que azar. Ele vai contar pra sua mãe?

— Ele diz que vamos conversar sobre isso.

Ela me lançou um olhar preocupado enquanto Ames nos mandava um joinha.

— Juro que ficaria se pudesse — ela falou. — Mas preciso ir pra casa ficar

com a minha mãe.

— Tudo bem — eu disse. Em seguida, me virei e lancei um olhar para Mac, que, como esperado, me observava. Eu tinha apenas um segundo para convencê-lo de que não devia se preocupar, que eu estava bem. Para garantir, porém, disse em voz alta: — Vai dar tudo certo.

Naquele momento, apesar de tudo, eu ainda acreditava nisso. Essa confiança permaneceu comigo enquanto fazíamos aquele rápido ensaio e, em seguida, durante a gravação. Quase consegui esquecer de Ames do outro lado do vidro e do que poderia acontecer depois. Naquele instante, só a música existia pra mim. O violão de Eric, e o de Ford atrás dele. A doçura espantosa da voz de Layla percorrendo as palavras que eu conhecia tão bem, assim como minha própria voz entrando na mistura, ainda que só por um instante. Em meio a tudo aquilo, Mac permanecia atrás de mim, marcando o ritmo, mantendo todas as peças juntas. Mais tarde, eu consideraria aquele momento a última vez que as coisas me pareceram perfeitas. E ficaria grata. Algumas pessoas jamais têm algo assim.

— Está pronto?

Todos esperávamos em silêncio enquanto Eric, de testa franzida, pressionava alguns botões. Então, disse finalmente:

— É. Está.

— *Aleluia* — Irv disse, falando por todos. — Podemos ir comer agora?

— Você passou o tempo todo comendo — Layla lembrou.

— Eu passei o tempo todo *beliscando* — ele a corrigiu. — Agora é hora da refeição.

— Na verdade, é hora de ir embora — ela disse. — Rosie está esperando. Vamos guardar as coisas?

Mac concordou com a cabeça e voltou para a cabine de gravação, onde ele, Irv e Ford começaram a desmontar os instrumentos e o equipamento. No andar de cima, dava para ouvir Ames circular pela casa enquanto Layla focava em Spence, ainda capotado no sofá. Ele não tinha se mexido nem um milímetro depois que caíra no sono.

— Ainda bem que ele fica sóbrio rápido — ela me disse ao se aproximar do namorado e balançar o ombro dele. — Spence. Acorda. Hora de ir.

— Só mais cinco minutos — ele balbuciou com o rosto enterrado nas almofadas.

Layla balançou a cabeça e pegou a garrafa de vodca do chão. Começou a fechar a tampa, mas mudou de ideia, abriu e deu um gole. Depois, me ofereceu.

Eu repassaria esse momento na minha cabeça várias vezes nas próximas semanas. Foi uma besteira tão grande, uma questão de segundos. Entretanto, foi um divisor de águas na minha vida. Não sei por que peguei a garrafa e levei à boca. Talvez por causa da noite longa. Ou por causa do que ainda viria pela frente, com a companhia de Ames. Não importava o motivo: eu tomei um bom gole e engoli a vodca apertando os olhos. Quando os abri de novo, minha mãe estava na porta.

Assim como Ames, ela simplesmente apareceu. Quando olhei para seu rosto, o mundo parou: o vidro liso da garrafa na minha mão; o pé de Spence pendendo do sofá; os rapazes passando pela sala, conversando entre si; Layla ao meu lado, igualmente surpresa. Mais uma vez a garrafa na minha mão.

— Sydney? — minha mãe perguntou, como se não tivesse certeza de que era eu ali. A ruga entre as sobrancelhas dela nunca foi tão profunda. — O que está acontecendo?

— Mãe — eu falei rápido, soltando a garrafa; me pareceu importante fazer isso, embora eu soubesse que não mudaria nada. — Não é… Eles estão só usando o estúdio.

— Você está bebendo — a afirmação soou tão incrédula que poderia muito bem ter sido uma pergunta.

— Na verdade, não.

Ela dirigiu o olhar para a vodca e depois para Spence, que roncava de leve no sofá.

— Quer dizer — retomei —, só tomei um gole. Agora.

— Você está bebendo — ela repetiu. E depois, olhando para a cabine de gravação: — Quem são essas pessoas no estúdio de Peyton?

— A banda do meu irmão — Layla interveio. Minha mãe olhou pra ela. — Mac. Você o conheceu na pizzaria, lembra? Eles precisavam gravar uma demo, e Sydney…

— Eu comentei com você, lembra? — atropelei.

— E eu disse que não — a voz dela saiu cortante, as sílabas afiadas. Ela me encarou. — Você me desobedeceu deliberadamente, Sydney. E trouxe álcool para dentro de casa, sem falar nessas pessoas que não conheço.

— Mãe…

Ela ergueu a mão.

— Pode parar. Não quero ouvir. Tive uma noite longa e péssima. Quero que se livre dessa gente. Agora.

Layla logo se mexeu e sacudiu Spence com força suficiente para enfim acordá-lo.

— Quê? — ele balbuciou.

— *Vamos* — ela disse. Em seguida, foi até a mesa e apertou o botão de comunicação. — Acelerem, pessoal. Hora de ir embora.

Eric, de costas para nós, suspirou.

— Estamos indo o mais rápido possível. O equipamento é delicado.

— Vá mais rápido — ela disparou e bateu a mão na mesa.

Ao ouvir isso, todos pararam de se mexer e olharam para nós e, finalmente, viram minha mãe. Mac arregalou os olhos. Era estranho vê-lo surpreso. Quando me dei conta, ele já estava vindo na nossa direção.

Ai, Meu Deus, pensei, ao mesmo tempo grata e apavorada de vê-lo atravessar a porta. Layla ocupava-se com Spence, então eu estava sozinha com a minha mãe quando ele se aproximou.

— Sra. Stanford — ele disse —, não é… Sydney só estava me fazendo um favor. Eu não a devia ter posto nessa situação. A culpa é toda minha. Sinto muito.

As palavras soaram tão verdadeiras, tão genuínas, que aqueceram meu

coração. Sempre que achava que já sentia tudo o que era possível por Mac, descobria que o sentimento ainda podia aumentar.

Deslizei a mão pelo braço dele e enlacei os dedos nos seus.

— Você não precisava dizer isso — falei.

— Mas eu queria — ele replicou.

— Desculpa, mas *quem é você*? — minha mãe disparou.

— *Mac* — eu disse. — Irmão da Layla. Meu amigo.

— Namorado — outra voz disse, vinda do lado de fora. Ames. — Ou namorado ou um cara que ela beija em estacionamentos por aí.

— *Como é?*

Me virei devagar e encontrei Layla imóvel atrás de mim. Ela encarava nossas mãos ainda unidas do mesmo jeito que minha mãe tinha olhado para a garrafa, como se não pudesse acreditar nos próprios olhos.

— Eu vi os dois — Ames contou para a minha mãe. — Eu não ia contar, pensei que Sydney diria. Agora você já sabe.

— Agora eu sei — minha mãe repetiu. Em seguida, perguntou a Mac: — Essa bebida é sua?

— Não — ele respondeu. — Não é.

— Quero essa gente fora daqui, Sydney — ela me disse por fim. — Entendeu?

— Sra. Stanford… — Mac começou.

— *Não me dirija a palavra!* — Ela manteve os olhos firmes, sombrios e furiosos cravados nos meus. — Apenas saia da minha casa e leve seus amigos junto. *Agora*.

Mac continuou segurando minha mão por mais um instante até abrir os dedos e soltar.

A chegada deles para montar o equipamento tinha sido recheada de conversas: instruções de posicionamento, discussões sobre a vértebra de Eric, toda a agitação normal de um grupo de pessoas tentando fazer algo em conjunto. Já na hora de ir embora, ninguém abria a boca. Permaneci ali, parada, retribuindo o olhar da minha mãe, ainda cravado em mim. Depois de passar tanto tempo invisível, agora eu era o foco das atenções dela. Só que não como gostaria.

Tinha consciência de tudo ao meu redor: Layla passando por mim sem dizer nada, arrastando um trôpego e sonolento Spence atrás de si. A expressão cautelosa nos rostos de Eric e Ford. E, por fim, Mac, o último a nos deixar. Só então minha mãe desviou o olhar de mim para focar nele, coisa que não consegui fazer. Eu ainda não tinha recebido meu castigo, nem sabia o que aconteceria depois. Mas todo o espaço que se abrira no meu coração depois de tanto tempo já começava a se retrair. Quando eles cruzaram a porta e foram embora, senti meu coração fechar.

19

Não estávamos no tribunal e ninguém me pediu para levantar. Mesmo assim, sabia reconhecer uma condenação quando via uma.

Minha mãe, sentada do outro lado da mesa, limpou a garganta e depois olhou para o meu pai. Eram sete da manhã do dia seguinte; meia hora antes, ele tinha me pedido para levantar, tomar banho e descer. A primeira parte foi fácil, já que eu não tinha dormido a noite toda. O que estava por vir é que seria difícil.

— Sydney — ele começou; tensa, cruzei as pernas debaixo da mesa —, acho que nem precisamos dizer que estamos muito, *muito* decepcionados com você.

Fiquei calada. Sabia que não era hora de falar ainda.

— Sua mãe disse claramente que seus amigos não podiam usar o estúdio — ele prosseguiu. — Ainda assim, você os chamou. Você é menor de idade e conhece as regras desta casa. Mesmo assim, havia álcool, e você bebeu.

Não consegui segurar:

— Eu só…

Ele ergueu a mão, mas foi o olhar cortante da minha mãe que me fez interromper a frase.

— Você sabe o quanto nós nos preocupamos com seu irmão e a situação dele. Sinceramente, é inacreditável que você tenha decidido aumentar nosso fardo, do fardo *desta família*, com esse tipo de comportamento.

— Não queria aumentar o fardo de ninguém — eu disse em voz baixa com os olhos fixos no tampo da mesa. — Só quis ajudar um amigo.

— Esse tal de *Mac*? — minha mãe perguntou, pronunciando o nome dele como se fosse uma doença. — Ames disse que é seu namorado.

Senti meu rosto corar, de raiva dessa vez.

— Ames não sabe nada sobre mim.

— Claro. Ele veio na expectativa de assistir um filme com você e encontrou uma festa.

— Não era uma festa!

— Sydney! Havia um rapaz bêbado aqui!

— Era o namorado de Layla, e eu não o convidei. Eu mal o conheço!

— Ah, que ótimo. Fico mais aliviada — minha mãe disse.

— Não foi isso que… — Fiz uma pausa e me obriguei a respirar fundo. — Mac e Layla são meus amigos. A banda de Mac tinha a chance de participar de um festival, mas para isso precisava gravar uma demo. E nós temos um estúdio.

— Um estúdio — minha mãe acrescentou — que eu disse que você não podia usar.

— Mas no começo você deixou! — relembrei. — Naquela noite em que pedimos pizza. Você estava aberta à ideia. E então Peyton telefonou, ficou bravo com você e, do nada, você mudou de ideia.

— Não estamos falando do seu irmão — meu pai disse.

— Pra variar um pouco! — eu disse. Ambos ficaram surpresos: minha voz saiu mais aguda, mais alta do que eu esperava. — Tudo gira em torno de Peyton. O tempo todo. O.k., eu entendo. Mas isso era só *uma coisinha* pra mim, que eu queria.

— Você queria chamar os amigos pra beber sem supervisão em casa — minha mãe disse. — Bom, que ótimo. Simplesmente maravilhoso.

— Não — eu falei, num tom alto o suficiente para ganhar um olhar duro do meu pai. Baixei a voz: — Queria fazer algo para agradecer meus amigos. Para pagar um pouco da dívida que tenho com eles por me acolherem. Só isso.

Minha mãe bufou e tomou um gole de café, ao passo que meu pai se inclinou na minha direção.

— Acho que você entende — ele disse — que é uma surpresa para nós ver você tão próxima de pessoas que mal conhecemos, a ponto de quebrar as regras e a nossa confiança desse jeito.

— Eu *queria* que vocês conhecessem meus amigos — eu disse. — Ainda quero. Convidei Mac pra entrar naquela noite, quando conversamos sobre o estúdio pela primeira vez. Você o conheceu, pai. Não era segredo.

— Ah, que bom — minha mãe disse. — Porque eu já estava achando que tinha mentido a respeito de tudo.

— Por que vocês estão agindo assim? — perguntei a ela. — Não sou uma má filha, e vocês sabem disso. Foi *uma* noite, *um* erro. E sinto muito, mas vocês não podem…

— Seu irmão também começou com um erro — ela rebateu. — Que levou a outro. E depois outro.

— Eu não sou Peyton — falei. Parecia loucura ter que dizer isso, já que ao longo de toda a minha vida eles fizeram questão de deixar isso bem claro.

— Você está certíssima: não é. E não vai ficar daquele jeito enquanto eu estiver por perto. — Ela afastou a cadeira e levantou antes de continuar: — A primeira coisa que faremos na segunda-feira será ir até a Perkins Day acertar sua transferência. Enquanto isso, você vai da escola para casa e só. Quero vê-la aqui todo dia às três e meia até resolvermos tudo.

— Resolvermos tudo? — minha voz e meu pânico cresceram. — Você não pode me obrigar a trocar de escola.

De repente, ela voou para a frente, por cima da mesa, e bateu as duas mãos na mesa.

— Eu — ela disse, com os olhos cravados no meu rosto; levei um susto e tentei recuar — posso fazer o que quiser. Sou sua mãe, *eu* dito as regras. E de agora em diante você vai segui-las. E ponto final.

Ela se afastou e endireitou o corpo, mas eu fiquei onde estava. Ainda agarrava os braços da cadeira quando ela saiu.

Meu pai permaneceu ali por uns instantes, calado. Ambos sabíamos que ele a seguiria, como sempre. Mais tarde, porém, me recordaria apenas desse silêncio. Como se aquela fosse a chance de fazer meus pais inverterem seus respectivos papéis. Talvez ele teria escutado se eu dissesse alguma coisa. Não custava nada tentar. Mas eu jamais saberia, porque logo ele estava levantando e ajeitando a cadeira. Fim do julgamento.

Eu tinha que agradecer a Peyton por tudo o que acontecera naquela noite. Depois da nossa conversa, ele de fato tinha conseguido falar com a minha mãe no celular, bem na hora que meus pais chegavam ao hotel. Dava para visualizar a cena: ela atendendo com o rosto radiante, como sempre acontecia quando escutava a voz dele; o sorriso murchando quando ele dissesse que definitivamente *não* a queria lá. Imaginei-a resistindo, explicando, falando com a voz embargada e os olhos marejados. E então silêncio para ouvir Peyton dizer que não participaria da cerimônia, mesmo que ela fosse, e enfim desligar.

Era muito fácil imaginar tudo isso, bem como a viagem de volta e o momento em que ela entrou em casa e Ames lhe contou o que estava acontecendo lá embaixo. O estranho era que, apesar de eu ter *visto* as cenas seguintes com os próprios olhos, essa era a única parte que ainda pareceria surreal.

Na manhã de domingo, minha mãe estava descansada e pronta para se concentrar num novo projeto: eu. Isso ficou claro no momento em que desci para o café e a encontrei à mesa com uma pasta nova em folha e uma caneca de café.

— Entrei em contato com a diretora Florence — ela disse sem me cumprimentar — e ela acha que mudar no meio do semestre não seria bom pra você.

Parei onde estava para oferecer à sra. Florence — uma mulher alta com cara de pássaro que nunca gostara muito de mim — minha gratidão eterna.

— Então vou poder ficar na Jackson?

Minha mãe pegou o café e deu um gole.

— Até o final do ano letivo, sim. Depois vamos rever a situação. Enquanto isso, faremos algumas modificações.

Aquilo não me parecia nada animador. Fui até a geladeira e peguei leite para o cereal. Tinha certeza que minha mãe estava esperando que eu perguntasse o que ela tinha em mente, mas meu único poder naquele momento

era me recusar a fazer isso. Então fiquei quieta.

— Fiz sua matrícula no Kiger Center — ela disse. — Amanhã começam suas aulas de reforço para os exames de admissão das faculdades. De segunda a sexta, das três às cinco.

O Kiger Center era onde Jenn trabalhava, no centro comercial em frente à portaria de Arbors.

— Mas eu tenho boas notas. E vou bem nos simulados.

— Sempre há o que melhorar — ela disse. — Além disso, há um grupo de estudo do Kiger que se reúne na Jackson na hora do almoço. Também inscrevi você nele.

— Vou ter que estudar no almoço?

Ela ergueu os olhos pra mim.

— Você está no segundo ano agora. A preparação para os exames é crucial. Precisa de todo estudo possível.

— Mas — comecei, percebendo no ato que qualquer argumentação seria inútil — eu praticamente *só vou estudar*.

Ela abriu a pasta e escreveu alguma coisa numa folha de papel.

— Bom, assim você vai estar mais do que preparada para voltar à Perkins depois das férias ou para frequentar alguma das outras escolas que estou analisando.

— Outras escolas?

A coisa só piorava.

— Na verdade, apareceram várias opções desde a última vez que fiz esse tipo de pesquisa — ela disse, pegando uma folha e pondo diante de mim. — Kiffney-Brown é a primeira da minha lista, mas você vai ter que dar duro para passar no exame de admissão. Também acabaram de abrir uma escola vocacional focada em matemática e ciências. Parece interessante, mas ainda não li muito sobre ela.

Eu achava que toda a tristeza que vinha sentindo desde a quinta anterior já havia atingido o ápice. A planilha impressa com informações das escolas — a média de resultados nos exames, a mensalidade (quando havia) e os requisitos de matrícula — provou que eu estava errada. Eu sabia o que acontecia quando minha mãe se dedicava a um novo projeto. Peyton finalmente conseguira fazer com que ela parasse de organizar a vida dele. Agora ela podia focar todo o seu arsenal de recursos — e todo o seu tempo disponível — apenas em mim.

— Ela está apenas reagindo — Mac me disse quando lhe contei tudo.

Tirar meu celular ainda não era parte do castigo planejado pelos meus pais. Por isso eu mandava mensagens e ligava pra ele sempre que possível.

— Ela ficou assustada — ele continuou — quando viu você com aquela garrafa e todos nós ali. Lembrou demais o seu irmão.

— Ela quer me mandar para a Kiffney-Brown — falei. — É, tipo, uma escola para superdotados. Ela está delirando. Nem com todo o tempo de estudo que ela me arranjou eu teria chance.

— Ainda assim seria melhor do que a escola vocacional. Irv tem uns amigos lá e diz que parece uma faculdade.

Mais tristeza. Não por causa dos estudos, embora isso estivesse longe de ser

um alívio. O pior era ficar longe de Mac, de Layla, daquele mundo em que eu tinha encontrado um lugar. Isso se eles ainda me quisessem.

— Ela comentou alguma coisa? — perguntei de novo pra ele.

Desde o ocorrido, mandei inúmeras mensagens para Layla e cheguei até a gravar uma na caixa postal, mas não tive qualquer retorno. Para ser justa, ela tinha deixado bem clara a regra sobre namorar Mac. Mas eu queria seu perdão ou, se não fosse possível, pelo menos uma chance de me explicar.

— Ela está enrolada com Spence — ele respondeu. — Drama total. Você sabe como eles são.

Foi gentil da parte dele desviar o assunto, mas só me deixou pior. Pra mim, os Chatham eram como aquele carrossel no meio da floresta. Depois de muito tempo sem saber de sua existência, por pura sorte trombei com eles. Agora eu era incapaz de esquecer e voltar a ser como antes. Só saber que eles existiam já mudava tudo. Principalmente a mim mesma.

Na manhã de segunda, minha mãe me mandou para a escola com uma pasta contendo as informações sobre o grupo de estudos do Kiger na hora do almoço (*Frequência diária*, ela tinha destacado em amarelo-fluorescente), bem como um envelope com todos os detalhes das atividades pós-escola. Quando cheguei no meu armário antes do primeiro sinal, Mac estava à minha espera. O único lado bom de tudo aquilo — e era *muito* bom — foi não precisarmos mais nos esconder.

— Ei — ele disse —, quanto tempo.

Sorri, ou pelo menos tentei, e logo ele me abraçou forte. Apesar de toda a barulheira típica da Jackson ao nosso redor, tudo pareceu ficar em silêncio quando pressionei o rosto contra a camiseta dele e senti a medalhinha contra a minha testa. Ele cheirava a sabonete e café, e a minha vontade era de ficar ali, respirando somente aquele ar, pelo maior tempo possível. Mas o sinal tocou. Ele me acompanhou até a sala, me deu um beijo e sumiu na multidão.

Entre as aulas, eu procurava por ele o tempo todo, e também por Layla. Aquela escola, tão vasta e infinita no meu primeiro dia, tinha se tornado navegável, familiar até, depois que fizera amigos lá. Sem contato no almoço, minhas chances de ver qualquer um deles dependiam do acaso. Entre a segunda e a quarta aulas, consegui avistar Eric no meio das pessoas. Desviava todos os meus caminhos sempre que possível para passar na frente do armário de Layla; ela nunca estava lá. No almoço, correndo para ir ao grupo de estudos, estiquei o pescoço numa janela na tentativa de ver os bancos onde eles sentavam, mas em vão. O plano da minha mãe estava funcionando. Eu estava sozinha de novo. E era muito mais difícil dessa vez.

— Vai ficar tudo bem — Mac me disse naquela tarde durante uns pouquíssimos minutos que conseguimos passar juntos na caminhonete antes de eu ir para o Kiger. Minha mãe já tinha enviado duas mensagens para lembrar que eu devia estar lá às três e meia em ponto para uma apresentação do programa.
— É só o primeiro dia. Vamos dar um jeito, prometo.

Eu queria acreditar nisso, mas conhecia minha mãe. Quando ela tinha um projeto nas mãos, agarrava-o cada vez mais forte. Mas não disse isso quando ele se inclinou e seus lábios encontraram os meus. Quando finalmente nos

afastamos, abri os olhos e vi Layla do outro lado do estacionamento. Ela estava com a jaqueta do exército e o cabelo solto sobre os ombros. Quando nos viu, parou de andar. Olhamos uma para a outra por um momento, Mac no meio, sem perceber. Ela então deu as costas e voltou pelo caminho de onde tinha vindo.

— Certo — Jenn me disse naquela tarde, depois que minha mãe finalmente foi embora do Kiger depois de ter exaurido todo mundo com suas perguntas e preocupações. Faltavam quinze para as cinco, então não dava tempo de começar nada, mas minha mãe insistiu que eu ficasse lá até o final mesmo assim. — *O que aconteceu?*

Estávamos na recepção. Os alunos dela, quase todos garotos de Arbors no ensino fundamental, faziam um simulado no fim do corredor.

— A versão curta é que chamei meus amigos para irem em casa quando minha mãe estava fora. Ela voltou antes e me pegou bebendo.

Jenn arregalou os olhos. Sempre podia contar com alguma reação dela.

— Sério?

Confirmei com a cabeça.

— A versão longa tem a ver com a minha tentativa de ajudar meus amigos, Ames sendo sinistro como sempre e a chegada da minha mãe no exato momento em que tomei meu único gole de álcool.

— A versão longa parece mais complicada.

— Por isso que é longa. — Recostei na cadeira desconfortável que havia escolhido; ela claramente tinha sido feita para as pessoas sentarem por pouco tempo, não para ficarem confortáveis. — Meus pais iam para Lincoln participar de um evento de Peyton. Mas ele falou que não queria que minha mãe fosse. Ela voltou pra casa, me pegou no flagra e estou basicamente presa em casa desde então.

— Com exceção das aulas diárias aqui — Jenn disse. Ela olhou para os lados, baixou a voz e acrescentou: — Aulas que ninguém frequenta, aliás. Nem quem precisa. E você não precisa.

— Ela me inscreveu no grupo de estudos do Kiger na hora do almoço também.

— Quê? — Olhos ainda mais arregalados. Céus, como eu amava Jenn. — O que ela quer? Que você adiante um ano ou coisa assim?

— O objetivo dela é a Kiffney-Brown. Ou a nova escola vocacional.

— Nossa, você não vai querer nenhuma das duas. Os alunos da Kiffney são tão competitivos que chegam a ser sanguinários. E é tão difícil entrar na Marks Charter que sei de gente que teve que tomar diazepam de tanto estudar pra passar na prova. — Essa era mesmo a especialidade de Jenn. — De qualquer forma, todo mundo sabe que a continuidade dos estudos é algo que as faculdades levam em conta na seleção. Sua mãe realmente quer que você tenha de explicar por que frequentou três escolas em dois anos?

— Acho que no momento ela só quer me manter longe de Mac e Layla. O resto é secundário, apesar de ela se esforçar para fingir que não.

Risinhos soaram no fim do corredor.

— Eu estou ouvindo tudo! — Jenn gritou, e logo o silêncio voltou. Ela soltou um suspiro, balançou a cabeça e perguntou: — Eu sei quem é Layla. Mas e Mac?

— Irmão dela — respondi. — O entregador da sua festa? Você lembra?

— Tento apagar as poucas lembranças que sobraram. — Jenn limpou a garganta. — Qual o problema da sua mãe com ele?

Baixei a cabeça, tentando pensar num jeito de explicar o que havia entre mim e Mac. Foi então que ouvi Jenn dar risada. Para amigas de longa data, o silêncio já diz tudo.

— Sydney! — ela falou, me dando um tapinha na perna. — Meu Deus! Por que você não me contou?!

— É que…

— Você está vermelha! — ela exclamou. — Então é por isso que não estava querendo sair nos últimos dias…

Levantei o olhar para ela.

— Desculpa. Tenho sido uma péssima amiga. Acho que… estava muito envolvida.

Ela ficou em silêncio por uns instantes, digerindo minha explicação e o pedido de desculpas. Mas depois sorriu.

— Tudo bem. Mas você precisa me contar tudo. E quero ver uma foto. Você tem?

Eu tinha. Várias. Algumas daquela noite no carrossel, outras poucas tiradas do banco do passageiro enquanto circulávamos pela cidade na caminhonete. Mas apenas uma de nós dois juntos, que eu tinha tirado na cabine do carro naquela tarde no parque. Eu havia estendido o braço com o celular na mão e encostado nele, que apoiara o queixo na minha cabeça. Dava pra ver as folhas caindo lá fora atrás de nós. *Clique*.

— Uau — Jenn disse ao chegar nessa. — Eu devia estar muito bêbada mesmo, porque *desse cara* eu lembraria.

Abri um sorriso e também olhei pra foto.

— Ele é muito legal. E tudo isso só aconteceu faz, tipo, muito pouco tempo. E agora tem o rolo com a minha mãe, e Layla descobriu que a gente estava junto…

— Descobriu? — ela repetiu. — Por quê? Era segredo?

— Era. Mais ou menos. — Guardei o celular. — A última amiga dela que namorou Mac o deixou arrasado.

— Mas você não faria isso — ela disse, com tanta certeza que parecia enunciar um teorema ou um fato histórico. — Ela sabe disso, não sabe?

— Espero que sim — falei. — No momento, não está falando comigo.

Jenn recostou na cadeira e cruzou a perna.

— Uau. Não nos falamos por uma ou duas semanas e tudo na sua vida já mudou. A única mudança na minha foi o toque do celular.

— Para com isso — eu disse com um sorriso.

— É verdade! — Ela olhou para os carros passando na rua lá fora. — Talvez *eu* devesse me transferir para a Jackson.

— *Sim!* Aí você pode ir no grupo de estudos comigo.

Jenn riu e olhou para o relógio.

— Melhor voltar para os meus burrinhos.

— Jenn! — exclamei, surpresa.

— Ah, por favor. Não é segredo nenhum, acredite. A maioria deles está fazendo essa aula pela terceira vez.

Ela se inclinou para a frente e me deu um abraço rápido.

— Odeio que você tenha vindo parar aqui, mas estou feliz por nos vermos. Isso é ruim? — ela perguntou.

Balancei a cabeça.

— Não. Só não enjoe de mim. Vou aparecer bastante se depender da minha mãe.

— Jamais vou enjoar — ela me confortou, levantando em seguida. — A gente se vê amanhã?

— Isso.

Ela seguiu pelo corredor e entrou numa porta à esquerda. Continuei sentada até o relógio da recepção bater as cinco em ponto, então fui para o carro. Eu tinha acabado de entrar quando meu celular apitou. Era a minha mãe.

Já está voltando pra casa?

Cheguei até a olhar pros lados, desconfiada de que talvez ela estivesse me observando de algum lugar por ali. Não me surpreenderia. Respondi:

Estou

Fiz uma pausa antes de dar a partida e engatar a ré. No Kiger Center, alguns dos "burrinhos" de Jenn começavam a sair, conversando entre si.

Nos vemos em 5 min

Foi a resposta da minha mãe. Para algumas pessoas, tratava-se de uma figura de linguagem comum. Mas eu sabia que ela estava literalmente de olho no relógio. Dirigi o mais devagar possível, como se isso pudesse mudar o que estava à minha espera. Quando parei na garagem, pude vislumbrar todas as tardes seguintes enfileiradas diante de mim, como quadradinhos perfeitos no calendário. Tive vontade de acelerar para longe dali e não olhar pra trás. Mas eu era uma boa filha, apesar do que meus pais pensavam. Entrei.

20

2 vegetarianas extragrandes, 2 margueritas extragrandes. Salada grega. Anéis de cebola. Valendo.

Peguei o celular ao lado do livro de cálculo. Sorrindo, escrevi a resposta:

Garotas. Vegetarianas mas não saudáveis. A que pediu salada também pediu os anéis.

Apertei ENVIAR e esperei. Era uma noite de quinta-feira, e fazia duas semanas que eu estava seguindo a nova rotina. Parecia mais tempo — anos, pra ser sincera —, apesar de eu ter arranjado um jeito de ver Mac alguns minutos antes da escola, um pouquinho depois e no caminho para o grupo de estudos no almoço. À noite, no quarto, enquanto fazia ainda mais lição de casa, deixava o celular à mão para mantermos contato o tempo todo. Não era o mesmo que o acompanhar nas entregas, mas servia.

Logo que comecei a nova rotina, tínhamos nos encontrado no meu armário antes do primeiro sinal. Mac então me pediu para fechar os olhos e estender a mão. Foi o que fiz, e algo caiu nela.

— O.k. Pode olhar agora.

Abri os olhos e vi uma correntinha de prata, igual à dele só que mais fina e longa, com uma medalhinha de santo. Não era a mesma santa que a dele; era o perfil de um homem olhando para cima.

— Quem é? — perguntei.

— Não faço ideia. Encontrei num pote da minha mãe cheio de medalhinhas

— ele respondeu. — Primeiro procurei uma igual à minha, depois algum santo que reconhecesse. Então pensei que talvez fosse mais legal ter um santo misterioso, sabe? Que não serve para uma coisa específica, mas qualquer coisa. Assim ele pode ser o padroeiro do que você quiser.

Girei a medalhinha na mão. O verso, assim como a imagem da frente, estava bem gasto, e as poucas palavras ali eram ilegíveis.

— Santo Qualquer. — Ergui os olhos para Mac. — Amei. Obrigada.

— De nada.

Ele pegou a correntinha e abriu o fecho. Eu virei de costas e levantei o cabelo. Ele a passou pelo meu pescoço e prendeu. A medalha ficou baixa, na altura do meu coração. Parecia o lugar certo, já que era ali que eu mantinha Mac também. Daquele momento em diante, ela se tornou um lembrete diário e concreto de que, apesar de passar muito tempo sozinha, eu já não estava só. Não mais.

Embora eu continuasse a fazer tudo o que minha mãe queria, ela não recuava nem um milímetro. Continuei com o horário apertado; meus dias consistiam apenas em escola e estudo. Me tornei uma presença tão constante no Kiger que até me ofereceram um emprego na recepção. E só recebi autorização para aceitar porque era perto de casa e cairia bem nos formulários de inscrição para as universidades. Então, no lugar das aulas que Jenn garantiu à minha mãe que eu não precisava, eu atendia o telefone, tirava dúvidas e ajudava a aplicar os simulados. Estava bem longe de ser tão divertido quanto entregar pizza. Mas pelo menos era fora de casa.

De volta ao meu quarto e às mensagens, Mac me mandou outra uns minutos depois:

Acertou de novo. Apartamento cheio de estrogênio.

Você duvidou de mim?

Pausa. E então:

Não.

Essas mensagens — somadas às conversas breves entre as entregas e as mais longas quando ele chegava em casa e fazia a lição antes de dormir — eram o que me fazia suportar aquela situação. O celular, que antes eu já considerava necessário, passara a ser o único vestígio da minha vida antes da noite no estúdio. A escola e a minha casa estavam diferentes, mas as minhas fotos, minhas mensagens e o toque que tinha programado só para Mac (sinos, como num carrossel) eram a prova de que eu já vivera outra vida. Mesmo que ela estivesse suspensa por enquanto.

— De verdade, você não está perdendo muita coisa — ele me contou certa noite. — Irv ainda come tudo o que vê pela frente. Eric está obcecado com a

ideia de arranjar o nome perfeito para a banda antes do festival. Tudo na mesma.

— E a sua mãe?

A sra. Chatham precisara ir ao pronto-socorro duas vezes nos últimos dias por causa de um problema de pressão causado por mais um remédio novo que vinha tomando. Em ambas foi liberada relativamente rápido, mas dava pra notar a inquietação de Mac; a cautela natural de sua voz passava para uma preocupação escancarada.

— Está melhor — ele respondeu. — Vou dizer que você perguntou.

Ficamos em silêncio por um tempo. Então finalmente soltei:

— E Layla?

— Ela está superando — ele me disse. — Dê mais um tempo.

Isso eu podia fazer: tempo era *a única* coisa que eu tinha, mesmo que não pudesse escolher como empregá-lo. À tarde, quando sentava na recepção do Kiger ou na mesa da cozinha de casa pra fazer lição, sentia muita saudade de Layla. Não a saudade aguda e dolorida que nutria por Mac, mas um sentimento mais amplo. Eu pensava nos nossos momentos na Seaside, a mesa cheia de bordas de pizza, ela batucando com o lápis enquanto olhava pela janela ao som do bluegrass da jukebox. A complicada preparação das batatas fritas no almoço. Sua voz, cantando em alto e bom som, ou rindo ao tirar sarro de Eric. Me sentia como a Dorothy do *Mágico de Oz*: passara do preto e branco para o colorido e depois voltara ao preto e branco de novo. Era preciso primeiro ter algo — uma mudança, uma luz, uma amizade — para sentir sua perda. E eu definitivamente sentia.

Eu também tinha percebido que Peyton já não estava mais telefonando. Um ou dois meses antes, talvez nem tivesse notado — e se tivesse, ficaria aliviada. Mas agora, nos dias que estava em casa, eu sintonizava no *Big Nova York* ou *Los Angeles* e tentava me concentrar, pensando que talvez ele e os amigos estivessem fazendo o mesmo. Só que em vez de me sentir melhor, isso me fazia sentir uma falta inexplicável dele. Tudo tinha mudado tanto.

No sábado seguinte, eu estava no trabalho ajudando uma menina do nono ano com uniforme de hóquei a baixar o nosso aplicativo. Como não conseguia descobrir se o problema era no celular dela ou na nossa internet, abaixei atrás do balcão para reiniciar o modem. Quando levantei, dei com Spence na minha frente.

— Ei — ele disse, exibindo aquele sorriso charmoso que eu lembrava do Dia das Três Pizzas. — Olha só quem está aqui.

— Pois é — eu disse enquanto gesticulava para a garota tentar baixar de novo. — O que você faz aqui?

— Aula de reforço — ele respondeu, enfiando as mãos nos bolsos. — Preciso melhorar as notas. Ouvi dizer que as monitoras daqui são supergatas. É verdade?

A menina do nono ano deu um passo para o lado para aumentar sua distância de Spence. Garota esperta.

— Como está Layla? — perguntei.

Ele deu de ombros.

— Bem. Não tenho conseguido encontrar muito com ela ultimamente. A merda bateu no ventilador lá em casa.

— Não me diga.

— É. — Ele abanou a mão e com esse gesto resumiu a história toda. — Fazer o quê? Se eu der as caras aqui por um tempo, limpo a minha barra.

Nesse momento Jenn apareceu no corredor para acompanhar seus alunos das duas horas até a saída. Enquanto eles se espremiam pela porta, ela soltou o corpo na cadeira ao lado da minha.

— Já são cinco horas? — perguntou.

— Em algum lugar, sim — Spence respondeu, apoiando os cotovelos no balcão. — É o que sempre digo.

Jenn abriu um sorriso educado. Puxei a agenda da Kiger no computador e disse a ela:

— Este é Spence. Seu aluno das três horas.

— Caramba, não acredito — ele disse, com um sorriso malicioso pra mim e depois pra ela. — Meu dia acabou de ficar melhor.

E o seu pior, escrevi num papelzinho que deslizei para Jenn por baixo do balcão. Ela arqueou as sobrancelhas. *É o namorado da Layla*, acrescentei. Àquela altura, já lhe contara o suficiente da versão longa da história para que ela dispensasse mais detalhes.

— *Certo* — ela disse ao levantar. Então perguntou para Spence: — Você trouxe o material de estudo?

— Material do quê?

— A lista que enviamos por e-mail? Com o que precisamos para cada aula?

Spence olhou para mim.

— Minha mãe que me arrumou isso. Nem sei que lista é essa. Foi mal.

Jenn suspirou e contornou o balcão.

— Venha.

Ele foi, e assim começou a primeira de muitas aulas de reforço "excruciantes e dolorosas", nas palavras de Jenn.

— O problema não é só ele se achar o máximo — ela me contou depois, quando nos preparávamos para sair. — Embora ele se ache mesmo. É que ele também é muito, mas muito burro. Não é uma combinação muito boa. Não consigo entender como Layla o suporta.

— Ela seria a primeira a admitir que não tem bom gosto para namorados — comentei. — E nem sei se os dois ainda estão juntos, aliás.

— Pelo bem dela, espero que não — ela falou ao fechar a bolsa. — Nem conheço essa garota, mas tenho certeza que merece coisa melhor.

Ao que parecia, Layla ainda não tinha se dado conta disso. No sábado seguinte, olhei pela janela e vi Rosie estacionar na frente do Kiger. A sra. Chatham estava no banco do passageiro. Quando ela virou para o assento de trás, vi Layla, ajeitando a bolsa no colo. Seu cabelo estava caído no olho, então ela não me viu ao responder a mãe e sair do carro. Foi só quando o carro saiu que ela olhou pra dentro e nossos olhares se cruzaram.

Nunca esqueço um rosto, ela me dissera tantas semanas antes. Porém, me perguntei o que estaria pensando naquele momento, encarando o meu. Ela estava

de casaco preto, calça jeans, bota de motoqueira e a bolsa a tiracolo. Como em todas as outras vezes que a vira de passagem desde aquela noite fatídica, percebi o quanto sentia sua falta. Na minha frente, meu celular acendeu ao receber uma mensagem: a foto de Mac apareceu na tela. Pela primeira vez, porém, não abri de imediato. E então, como se fosse uma recompensa, Layla entrou.

A porta apitou — *bip!* —, mas nenhuma de nós disse oi. Ela também não se aproximou do balcão; em vez disso, parou perto de uma das nossas cadeiras desconfortáveis. Ainda assim, já era um avanço, então fiz a minha parte e falei primeiro:

— Oi. Veio encontrar Spence?

Ela olhou pra mim.

— Sim. Ele contou que você estava trabalhando aqui.

Então ela sabia e foi mesmo assim. Outro bom sinal.

— Faz pouco tempo que comecei.

— Está gostando?

— Não — eu disse. Isso me rendeu um leve sorriso, estímulo suficiente para acrescentar: — Minha mãe me mandou vir aqui todos os dias. Pelo menos assim sou paga.

Layla sentou no braço da cadeira e apoiou a bolsa no colo.

— Mac disse que ela botou você na coleira.

— Está mais para um enforcador. — O nervosismo fazia minha respiração vacilar. Mas ela tinha mencionado Mac. Também era um bom sinal, certo? Meu Deus, como eu esperava que sim. — E você, como está?

Ela deu de ombros e passou a brincar com a franja da bolsa.

— Bem. Ocupada. Minha mãe andou doente. Mas acho que você já sabe.

Até aquele ponto, toda a conversa parecia um castelo de cartas, prestes a desmoronar. Mas era Layla. Eu sempre fora direta com ela. Me sentiria mal se não agisse assim agora, mesmo que não fosse seguro.

— Olha — comecei —, eu devia ter te contado sobre Mac, sobre o que eu sentia. Desculpa.

Ela mordeu o lábio, ainda brincando com a bolsa. Então olhou pra mim.

— Eu não conseguia acreditar que você guardou segredo. Pensei que a gente contava tudo uma pra outra.

— A gente contava — confirmei. Ela ergueu uma sobrancelha. — Tudo bem, tudo bem. É que você tinha sido tão clara sobre não querer que suas amigas gostassem dele. E eu gostava… Eu gosto. Não queria ter que escolher entre vocês dois. Mas aí tudo aquilo aconteceu, e você me odeia mesmo assim.

— Sydney. — Ela inclinou a cabeça pro lado. — Eu não te odeio.

— Você está chateada.

— Porque vocês dois aprontaram nas minhas costas!

— E como eu ia contar pra você? Você disse que nunca mais queria que uma amiga namorasse com ele.

— Não, eu *disse* — ela me corrigiu — que nunca mais queria ser responsável por colocar na vida dele alguém que o magoasse. Não é esse seu plano, é?

Balancei a cabeça.

— Não.

— Ótimo. Então não tem problema. Só que vocês dois me fizeram de idiota. E eu *odeio* fazer papel de idiota. Você sabe disso.

— Sinto muito — eu disse, de coração.

— Tudo bem. — Ela respirou fundo. — Mas se você magoá-lo, não importa que seja minha melhor amiga, vou quebrar a sua cara do mesmo jeito. Estamos entendidas?

— Estamos — respondi.

Nesse momento ganhei um sorriso de verdade, e logo em seguida ela veio até o balcão.

— Então, me conta da tutora de Spence. Ele disse que ela tem uma queda por ele. É verdade?

Pelos dez minutos que se seguiram até Jenn e Spence surgirem da sala de estudos, conversamos sem parar. Sobre as visitas da sra. Chatham ao pronto-socorro e mais um remédio novo que ela estava tomando. Sobre como iam os treinos de Rosie e as esperanças que ela tinha de voltar à Mariposa. Sobre a entrega da demo para o festival — nenhuma resposta ainda, mas Eric estava confiante como sempre — e o debate contínuo sobre o nome da banda. Por último, finalmente falamos sobre o castigo de Spence depois que foi pego arrombando a adega do padrasto e como isso tinha tornado os encontros com Layla quase impossíveis.

— Mas você está aqui — comentei.

— Só depois de muito esforço, e só por uma hora — ela disse. — Ele falou para a mãe que ia ter uma aula a mais, então só precisa chegar às cinco em casa. Mas tiraram o carro dele, e como eu nunca fico com um dos nossos, dependo da boa vontade de Rosie.

— Ou de Mac — acrescentei.

Ela balançou a cabeça.

— Ele nunca foi fã de Spence. Depois do que aconteceu aquela noite na sua casa, depois do que aconteceu *com você*… Ele não faz mais *nada* para ajudá-lo. Mesmo se fosse me ajudar também.

Ao ouvir isso, me senti tocada e culpada ao mesmo tempo.

— Sinto muito.

— Tudo bem. Eu entendo. — Ela passou uma mecha de cabelo para trás da orelha. — Mas é como você disse: quando a gente gosta mesmo de alguém, não consegue simplesmente parar de gostar. Mesmo se tem um bom motivo, sabe?

Fiz que sim com a cabeça, e logo em seguida Jenn despontou no corredor, com cara de cansada. Atrás dela, a voz de Spence dizia:

— Calma! Não quis ofender. Só disse que você seria bonita se sorrisse mais.

— Apenas pare de falar — Jenn pediu. — Por favor.

— *Mais* bonita! Eu quis dizer *mais* bonita! — ele emendou bem quando dobrou a esquina do corredor. — Ah! Oi! Querida! Você está aqui.

Layla apenas o encarou, com uma expressão gelada. Eu falei:

— Hum… Jenn, esta é Layla. Layla, esta é a minha amiga Jenn, da Perkins Day.

Jenn, sempre simpática, estendeu a mão.

— É ótimo finalmente conhecê-la. Ouvi muito de você.

— Eu também — Layla retribuiu. As duas se cumprimentaram. — E então? Ele já é um gênio?

— Ainda não — Jenn respondeu ao sentar atrás do balcão. — Mas avançamos um pouco no vocabulário.

— *Absconder* — Spence disse a Layla, passando o braço pela cintura dela — significa "ocultar". Impressionada?

— Não — ela disse, recuando.

— E se eu comprar batata frita? — ele perguntou.

— Já é um começo. — Ela suspirou, pendurou a bolsa no ombro e me disse: — Nos vemos na segunda?

Fiz que sim com a cabeça.

— Até mais.

Jenn e eu observamos eles saírem pela porta, que apitou quando passaram. Eles atravessaram o estacionamento rumo ao CrashBurger, cujas fritas Layla avaliava em sete na sua escala de dez pontos. Sorte de Spence. Ele estava precisando.

Às cinco da tarde, Jenn e eu desligamos os computadores, trancamos o prédio e nos despedimos. Quando eu estava parada à porta do carro procurando a chave na bolsa, ouvi uma buzina. Olhei para o lado e lá estava Rosie, estacionando numa vaga próxima. Quando acenei, a sra. Chatham fez sinal para que eu me aproximasse.

— Oi — eu disse quando ela baixou o vidro e sorriu pra mim.

— Oi! — ela respondeu assim que Rosie parou o carro. — O que faz aqui?

— Estou trabalhando no Kiger — respondi.

— Mãe, vou à farmácia. Precisa de alguma coisa? — Rosie perguntou.

— Não. Vou ficar aqui e botar a conversa em dia com Sydney.

Rosie desceu do carro e bateu a porta.

— E então? Como vão as coisas em casa?

Eu não sabia ao certo o quanto haviam lhe contado. Meu palpite era que tinham contado o suficiente para que a minha resposta fizesse sentido:

— Complicadas.

— Sei — ela disse, acenando com a cabeça. — Como está seu irmão?

— Ele… — minha voz vacilou. Pela primeira vez não soube que palavra usar para descrever Peyton. — Nós tínhamos começado a conversar um pouco, sobre a minha mãe, sobre o que tinha acontecido e também outras coisas. Não muito, mas um pouco.

— Que bom ouvir isso — ela disse sorrindo. — Já é um avanço.

— Eu percebi que… — comecei, para logo parar e respirar fundo. — Talvez eu não soubesse direito como ele se sentia. Eu supunha muita coisa. Me sinto um pouco mal por isso.

— Não deveria — ela disse. — As relações evoluem, como as pessoas. Conhecer alguém não significa conhecer tudo sobre esse alguém. Mesmo que seja seu irmão.

— É que é estranho. Tipo, eu me acostumei a falar com ele, mas ele brigou com a minha mãe e parou de ligar. — Baixei os olhos para a chave do carro. —

Ele ficou irritado com todo o envolvimento dela na vida dele, mesmo na cadeia. Então agora sou o novo projeto dela.

— Ouvi dizer que você tem andado bem ocupada — a sra. Chatham comentou.

Lancei um olhar para o CrashBurger: nem sinal de Layla. De acordo com o relógio na porta de um banco, já eram 5h04 da tarde. Minha mãe estava à espera. Mas eu não queria ir, ainda não.

— A questão é que reconheço que fiz algo que não devia. Quebrei a confiança dela. Mas foi a única vez na vida, a única vez que fiz *qualquer coisa* errada. Pelo castigo que ela me deu, parece até que fui eu que quase matei alguém.

Um carro passou pela rua, com a música quase estourando os alto-falantes. A sra. Chatham esperou o carro ir embora pra dizer:

— Ela tem medo, Sydney. Não quer perder você também.

— Mas não é justo. Estou pagando pelo que Peyton fez. De novo. Não aguento mais.

Ela me olhou com carinho.

— Lembra que você me contou o quanto pensava naquele garoto? Aquele que seu irmão machucou?

— David Ibarra — eu disse.

Ela fez que sim com a cabeça.

— Se você já se sente assim, tão culpada, será que é capaz de imaginar como é para ela? Você viu tudo de fora. Mas seu irmão é *filho* dela. Responsabilidade dela. Tudo o que ele fizer faz parte da sua mãe. Sempre.

Pensei em Rosie, na sua prisão, que só tinha feito mal a ela mesma. Ou pelo menos era o que eu achava.

— O que quero dizer é que ela não pode desfazer o que ele fez, nem mesmo consertar — a sra. Chatham prosseguiu. — Mas ela pode tentar garantir que não aconteça a mesma coisa com você, pelo menos enquanto ela estiver de olho. É uma questão de como lidar com o arrependimento. Talvez você devesse falar com ela sobre isso.

— Minha mãe nunca fala sobre David Ibarra — falei. — No que diz respeito a ela, o problema é apenas Peyton.

— O fato de uma pessoa não falar sobre algo não significa que não pense nisso. Na verdade, em geral é justamente esse o motivo para a pessoa não falar.

Fiquei em silêncio por um momento, pensando em como Peyton tinha me surpreendido. Então disse:

— Porque falar torna a coisa real.

— Exatamente.

Uma brisa soprou atrás de mim e levantou algumas folhas no ar. Naquela hora, desejei estar no parque com Mac, sem pensar em nada disso. Era mais fácil simplesmente sentir raiva da minha mãe; simpatia e empatia são coisas complicadas. Mas nada era simples havia um bom tempo. Olhei para o relógio: cinco e dez.

— Tenho que ir — falei ao mesmo tempo que Rosie saiu da farmácia com uma sacola na mão. Ainda nenhum sinal de Layla. — Minha mãe fica louca se

não dou satisfação de onde estou.

A sra. Chatham acenou com a cabeça e estendeu a mão pela janela com a palma virada para cima. Dei a minha mão, que ela apertou com força.

— Só pense no que eu disse, sim? Sobre conversar com ela.

— Vou pensar — respondi. — E obrigada.

Ela deu uma piscadinha pra mim e soltou a minha mão. Rosie entrou no carro e se ajeitou atrás do volante. Depois, do meu carro, olhei para as duas sentadas juntas. Conversando. Rosie tomava um refrigerante enquanto a sra. Chatham comia um salgadinho. Eu a vi botar um na boca e estender a embalagem para a filha. Rosie pegou um e depois passou o refrigerante para a mãe dar um gole. Tudo sem palavras, tão natural, uma harmonia construída havia muito tempo. Uma cena simples, sem importância, mas que me acompanhou até em casa.

— Bom, mas isso é ridículo. Nunca ouvi falar de algo assim.

Cheguei em casa com a sra. Chatham ainda na cabeça. Quando estacionei e vi o Lexus de Ames na frente da garagem, porém, sabia que qualquer chance de mencionar David Ibarra tinha ido por água abaixo. Ao entrar, deparei com ele na mesa da cozinha enquanto minha mãe estava de pé ao fogão mexendo um risoto.

— Eu só tinha atrasado um mês antes disso — Ames dizia. — Um! Acho que só queriam mesmo me enxotar pra subir o aluguel pra algum outro otário.

— Você precisa dar uma olhada no contrato — minha mãe disse, me observando pôr a mochila sobre o balcão pelo canto do olho. — Para saber se eles podem mesmo fazer isso. Posso ligar para Sawyer se você quiser.

— Não, não quero dar trabalho — Ames disse a ela. Então virou para mim. — Sydney! Estava me perguntando quando você ia aparecer.

— Trabalhou até mais tarde? — minha mãe perguntou. É claro que ela tinha notado.

— Só um pouco — respondi. — Quer ajuda?

— Pode pôr a mesa. Coloque um prato para Ames; ele vai jantar conosco.

— Ah, Julie! — ele disse, como se não soubesse que aparecer àquela hora significava um convite automático para comer. — Não precisa ficar com pena de mim. Já sou grandinho.

— Você é praticamente um sem-teto — minha mãe rebateu. — O mínimo que posso fazer é oferecer comida.

Fui até a gaveta dos talheres, atrás da mesa da cozinha, fazendo um esforço proposital de não olhar para Ames.

— O maldito dono do apartamento me despejou hoje — ele explicou mesmo sem eu ter perguntado. — Somando isso à minha demissão semana passada, estou numa ótima fase.

— É ridículo — minha mãe disse de novo. — Má notícia nunca chega sozinha.

— No meu caso vieram de caravana — Ames comentou. Ele continuava a se dirigir a mim: — Mas tenho duas indicações de trabalho e alguns amigos que

podem me abrigar. Vou ficar bem.

Meu pai embicou o carro na garagem e ficou à espera de que o portão subisse.

— Você não precisa apelar pra isso se temos um quarto vago bem aqui — minha mãe disse. — Pode ficar conosco até encontrar um lugar novo.

Congelei onde estava, com a mão cheia de garfos.

— Julie, não precisa — Ames protestou fingindo estar determinado. — Não posso abusar de vocês assim.

— Não é abuso nenhum — ela respondeu. — Depois de tudo o que você fez por Peyton e por nós, é o mínimo que podemos fazer.

Não sei como, mas consegui terminar de pôr a mesa e aturar o jantar. Ames tinha tomado o assento que tradicionalmente era do meu irmão, à direita do meu pai e na minha frente. Logo ele também assumiria o quarto de Peyton. Ele continuou a fingir que resistia à ideia enquanto minha mãe lhe assegurava que era apenas até ele "se reerguer". Depois do jantar, gastei o maior tempo possível botando a louça na máquina e arrumando tudo antes de subir para fazer a lição. Mesmo assim, assisti de camarote enquanto Ames aos poucos levava suas coisas — *que coincidência*, por acaso estava tudo no carro — para o quarto ao lado do meu. Toda vez que passava, olhava pra mim. Não aguentei e fechei a porta.

21

— Estamos dentro!

Nunca tinha visto Eric correr antes, mas nos segundos que precederam esse anúncio, ele atravessou o estacionamento da escola num piscar de olhos. Então, resfolegando, parou diante de nós com os olhos arregalados.

— Estamos dentro…? — Mac repetiu para que ele completasse.

— Do festival! Conseguimos! — Ele se curvou, apoiando as mãos no joelho, respirou fundo e finalmente se endireitou. — Acabei de receber a mensagem.

— Sério? — Layla perguntou.

Eric confirmou com a cabeça, ainda respirando forte.

— Daqui a três sextas-feiras, no Bendo. Cinco bandas, todas as idades. Caramba, acho que vou ter um enfarte.

— Cara — disse Irv, que estava encostado na caminhonete comendo um pacote de pretzels —, você precisa se exercitar mais. Sério.

— Três semanas — Mac disse. — Não temos muito tempo pra ensaiar.

— E é por isso — Eric emendou — que precisamos dar o máximo. Liberar a agenda, partir pra cima. É a nossa prioridade número um a partir de agora.

— Alguns de nós têm empregos — Mac lembrou.

— E vidas — Layla acrescentou.

Eric olhou bem para os dois.

— Vocês estão falando sério? É a nossa chance. Nossa grande chance! O vencedor grava um álbum demo na Hambone Records. Foi lá que o Truth Squad e o Spinnerbait começaram.

— Odeio o Spinnerbait — Mac disse.

— Verdade. Mas o fato é que nada é mais importante do que isso agora.

— Exceto a minha refeição depois da escola — Irv disse. — Então, se

quiser carona, você paga a conta no DoubleBurger.

— Não acredito que você vai lá — Layla disse, balançando a cabeça. — As batatinhas são gordurosas. E moles.

— Do jeito que eu gosto — Irv emendou, e Layla revirou os olhos. — Venha, Bates. Meu estômago está roncando.

Ele disse isso enquanto ainda mastigava os pretzels. O apetite de Irv sempre me surpreendia, mas em momentos assim chegava a me assustar.

— Ensaio — Eric disse. — Amanhã, depois da escola. Certo? Falo com Ford.

— Vou ver o que posso fazer — Mac disse.

— Faça o possível. Isso é sério. Não tem meio-termo. É ganhar ou perder. Triunfo ou desastre. Sucesso ou…

— Por que nunca existe meio-termo com você? — Irv interrompeu. — Tudo é ou maravilhoso ou catastrófico.

— Porque os verdadeiros artistas são assim — Eric respondeu.

— *Esse* devia ser o nome da banda de vocês — Layla disse sem tirar os olhos do celular.

— Verdadeiros Artistas? — Irv perguntou.

— Não. Maravilhoso ou Catastrófico.

Silêncio. Pela minha experiência, esperava a rejeição imediata da ideia por alguém (provavelmente Eric), seguida pelo recomeço da discussão interminável. Mas então Mac disse:

— Eu gosto.

— De fato, é instigante — Eric concordou. Ele pensou por uns instantes antes de retomar: — Além disso, combina com a nossa abordagem irônica das músicas e também com o que elas fizeram com a comunidade musical como um todo. Tão populares, grudam no ouvido: é preciso reconhecer o mérito dos compositores. Mas também devemos reconhecer os danos que causaram não só à integridade da indústria musical, mas à sociedade como um todo.

— À sociedade? — perguntei.

— Eu gosto de como o nome soa — Irv disse, já começando a se retirar.

— Vou pensar um pouco. Depois digo o que acho — Eric falou e foi atrás de Irv.

Ao vê-los se afastar, só consegui pensar que formavam a dupla mais estranha do mundo.

— Montanha e Homem-Hipster — Layla comentou, de novo lendo a minha mente. — São como super-heróis. Sem os superpoderes.

Dei risada e olhei o relógio. Vinha fazendo muito isso nos últimos dias.

— Está ficando tarde. Melhor eu ir.

— Já? — Mac perguntou.

Os cerca de quinze minutos que eu tinha no estacionamento antes de ir para o Kiger sempre passavam rápido demais.

— Deixei o carregador do notebook em casa, minha mãe vai levar pra mim. Preciso chegar na hora hoje.

— Tudo bem — ele disse. Mas seus braços continuaram ao meu redor e não me mexi. Sempre precisávamos de várias tentativas antes de nos

separarmos.

Eu estava pensando nisso quando senti o celular dele, no bolso, vibrar contra a minha perna. Recuei um pouco para que ele pudesse pegar.

— Merda — ele disse ao olhar a tela.

— O que foi? — perguntei.

— Minha mãe.

Layla, que encarava o próprio celular, ergueu a cabeça.

— O que aconteceu?

Mac já tinha começado a digitar alguma coisa.

— Falta de ar, desmaios. Ligaram para o médico. Vão encontrá-lo no hospital.

— Merda — Layla disse. — Vamos.

Ela abriu a porta do passageiro da caminhonete e jogou a bolsa lá dentro. Mac, porém, permaneceu onde estava, mais uma vez com os olhos na tela.

— Temos que ir para a Seaside e ficar lá.

— O quê? Quero ir pro hospital.

— O papai disse que não. Precisa de gente na pizzaria — Mac foi falando enquanto dava a volta na caminhonete. — Rosie vai dar notícias.

— Você sabe que ela é péssima nisso — Layla disse. — Temos sorte de ela ter avisado que estão indo pro hospital. Eu preciso ir também.

— Você não está me ouvindo? Não posso te levar. Agora entra, precisamos ir pra pizzaria.

— Eu te levo — disse sem pensar. Só no instante seguinte lembrei que já estava atrasada para ir ao Kiger.

— Tem certeza? — Mac perguntou ao entrar no carro. — E a sua mãe?

— É uma emergência. Ela vai entender.

Era a minha esperança.

— Manda notícias?

— Claro — Layla disse ao pegar a bolsa. Mac deu partida. — Obrigada, Sydney.

— Imagina.

Ele deu ré, levantando uma nuvem de poeira ao nosso redor, e arrancou em direção à saída do estacionamento, desviando dos buracos familiares. Mal parou na portaria, o que lhe rendeu um grito do segurança. E sumiu.

— Que hospital que é? — perguntei a Layla enquanto também saíamos.

— Universitário.

Era do outro lado da cidade.

— Tem certeza?

— É o único que aceita nosso convênio — ela respondeu. — Desculpa.

— Não, tudo bem — assegurei. Olhei para o relógio no painel. Já eram três e meia e nem tínhamos saído.

Tentei não pensar no horário, apesar de encontrar todos os semáforos pelo caminho vermelhos. Eu nunca havia ido ao Hospital Universitário — todo mundo em Arbors ia no Metodista, que era novo e ficava a apenas um quilômetro do bairro — e era difícil seguir as placas, principalmente numa parte da cidade que eu não conhecia bem.

Por fim, depois de contornarmos um canteiro de obras e passarmos mais dois semáforos, embicamos na entrada do pronto-socorro.

— Certo — Layla disse, juntando as coisas, enquanto eu parava atrás de uma ambulância com as portas escancaradas. Não havia ninguém dentro.

— Você quer que eu entre com você? — perguntei.

— Não, estou bem. Obrigada. Eu telefono, o.k.?

Ela desceu, fechou a porta, botou a bolsa no ombro e cruzou rapidamente as portas automáticas do hospital. Me senti culpada por não acompanhá-la, mas também um certo alívio de finalmente partir na direção certa. Ao chegar na rotatória, passei em frente a um ponto de ônibus, lotado de gente. Um garotinho com o braço numa tipoia e expressão séria olhou pra mim.

Àquela altura, já estava meia hora atrasada para o meu turno no Kiger. Havia mandado uma mensagem a Jenn avisando que tivera uma emergência e que chegaria o mais rápido possível. Mas eu sabia que ela não seria a única a ficar preocupada. Durante todo o trajeto de ida e volta do hospital, no meio do trânsito e de tantos semáforos, esperei meu telefone vibrar. "Onde você está?" — minha mãe perguntaria, e eu nem sabia como responder em uma simples mensagem. Tinha esperança de que ela fosse mais compassiva quando nos encontrássemos ao vivo. Quando estacionei no Kiger, porém, deparei com Ames.

— Sydney, Sydney — ele disse quando caminhei até ele.

Ele estava com o meu carregador na mão, enrolado com esmero — trabalho da minha mãe.

— Era pra você ter chegado há quarenta e cinco minutos.

— Precisei resolver uma coisa — eu disse, tentando pegar o carregador.

Ele afastou a mão e o tirou do meu alcance.

— Engraçado. Julie não comentou nada sobre você ter outros planos. Ela sabia?

Senti o maxilar ficar tenso. Dentro do Kiger, Jenn nos observava de trás do balcão.

— Precisei levar uma amiga até o hospital.

— Oh! — Ele continuou segurando o carregador. — Está tudo bem?

— Espero que sim. Pode me dar isso agora?

Por fim, devagar, ele me entregou.

— Você sabe — ele começou — que me pôs numa posição difícil de novo. Sua mãe fez muito por mim. Não acho certo mentir pra ela.

— Não estou pedindo pra você mentir — retruquei.

— Mas se eu contar isso a ela — ele continuou, como se eu não tivesse falado nada —, suspeito que ela vai tirar ainda mais a sua liberdade. E não quero ser responsável por isso.

Dessa vez, fiquei calada. Queria ver aonde ele queria chegar.

— Vamos manter isso entre nós, então — ele concluiu. — Mas você me deve uma.

— Pode contar pra ela — falei. — Não me importo.

— Nada disso — ele falou, erguendo os braços. — Não quero fazer o papel de chato. É o nosso segredo. Combinado?

Aquilo não me soava bem. Mas antes que eu pudesse dizer qualquer coisa, meu telefone vibrou. Era uma mensagem de Mac:

Só um susto. Tudo bem.

— Preciso entrar — eu disse a Ames antes de abrir a porta. — Estão me esperando.

— Claro — ele disse animado e começou a se afastar. — Vejo você no jantar.

Atravessei a recepção e fui até o balcão. Quando parei, joguei a bolsa no chão. Jenn, na outra cadeira, observava Ames entrar no carro.

— O que foi isso? — perguntou.

— Nada — respondi. — Só Ames sendo sinistro como sempre.

Ela pegou uma pasta e disse:

— Vou ver como estão os burrinhos. Você tem certeza que está bem?

Fiz que sim com a cabeça e ela se enfiou pelo corredor. Peguei o celular para responder a Mac:

Feliz em saber. Estava preocupada.

Não fique. Tudo certo.

Olhei para fora; começava a escurecer. O inverno estava chegando. Aquelas palavras permaneceram na tela do meu celular, à espera de uma resposta. Ou talvez não. "Tudo certo" era uma boa conclusão, que eu seguraria enquanto pudesse. Se eu esticasse aquele momento, talvez ele não acabasse. Se eu não enviasse uma mensagem, não haveria mais conversa, boa ou ruim. Permaneci ali por uma hora. Não cheguei a escrever nada.

Passei uns bons cinco minutos com a impressão de ouvir alguém mastigar. Por fim, tive certeza:

— Você está comendo alguma coisa?

Silêncio. Então, um segundo depois:

— Salgadinho.

Fiquei chocada. Desde que o conhecera, jamais tinha visto Mac consumir algo que não fosse saudável. Ele costumava almoçar rolinhos de peito de peru com queijo light, um punhado de amêndoas e duas tangerinas. Era difícil imaginá-lo comendo qualquer coisa com gordura trans. Não consegui nem falar.

— Seja lá o que você esteja pensando — ele disse enfim —, também já pensei. Com um sentimento de culpa massacrante.

— Desde quando você come salgadinho?

— Desde que nasci, para ser sincero — outra mordida. — Até março do ano passado. Depois disso, me livrei deles como um viciado se livra da droga.

— Até…

— Ontem — mais mastigação. — Acho que estou sentindo o peso das coisas.

De novo, não sabia direito o que falar. Mac era naturalmente reservado; não saía por aí em rompantes de otimismo nem em seus melhores dias. Por egoísmo, porém — e então foi minha vez de me sentir culpada —, me preocupei que aquilo pudesse ter a ver comigo.

— Que tipo de coisas? — quis saber.

— Minha mãe — ele respondeu. Suspiro. E depois o som de um pacote de salgadinho vazio sendo amassado. Nossa. — O festival. E, você sabe, nós dois.

Lá fora, alguém caminhava pelo corredor, diminuindo os passos ao se aproximar da minha porta. Instintivamente, olhei para o lugar exato onde estaria a fechadura, se eu tivesse uma. Baixei a voz:

— Nós dois?

— É — ele respondeu num tom casual. — Não me entenda mal, quero ver você de qualquer jeito, mesmo que seja pouco. Mas essa situação… está longe do ideal.

Sorri quase sem perceber.

— Eu sei. Sinto muito.

— Não é culpa sua. É de Spence. — Mac mudou de posição e a linha ficou abafada por uns segundos. — Quer dizer, seria ruim se sua mãe entrasse e nos encontrasse lá, com certeza. Mas não tão ruim assim.

— Layla comentou que você ainda estava com raiva.

— Ela tem razão.

Ficamos em silêncio por um momento. Não dava para saber se a pessoa no corredor tinha ido embora ou se ainda estava lá, do outro lado da porta. Em uma semana morando conosco, Ames já tinha feito as duas coisas.

Eu pensava que antes era ruim, quando ele visitava o tempo todo. Mas os olhares longos e esquisitos, o jeito que seus olhos me seguiam pela casa: nada se comparava a morar com ele. Embora ele tivesse trazido apenas uma mala, uma mochila, algumas caixas e um computador, já havia ocupado boa parte do nosso espaço comum. O que começou com um maço de cigarros perto da porta da garagem tornou-se uma toalha de basquete encharcada pela qual eu precisava passar para usar o banheiro que dividíamos. Mais tarde, essa toalha transformou-se no som constante de programas de rádio saindo dos alto-falantes de Peyton, bem na minha parede. Vozes dia e noite. Eu sonhava com palestras e mesas-redondas. Isso quando não tinha pesadelos.

E havia as visitas constantes: *Você tem pasta de dente pra emprestar? Onde estão guardadas as lâmpadas? Você também está passando calor aqui em cima?* E isso só nas primeiras trinta e seis horas. Ele parecia estar sempre passando pela minha porta, me espiando, parando para conversar encostado no batente. Depois que comecei a fechar a porta com mais frequência, ele passou a bater: três batidas leves, uma devagar, duas rápidas. Se eu abrisse, ele sempre entrava.

— Estudo sério, hein? — ele me dissera na noite anterior enquanto eu terminava um trabalho de inglês sobre *O morro dos ventos uivantes*.

Eu estava na escrivaninha, e ele na cama, folheando uma revista que eu

tinha deixado aberta. Geralmente, àquela altura eu já teria vestido o pijama, mas passara a fazer isso sempre no último minuto.

— Eu deveria ter sido mais como você na escola. Poderia ter evitado muitos problemas — ele continuou.

Como de costume, respondi acenando uma vez a cabeça, fingindo estar mergulhada no meu parágrafo de conclusão.

— Peyton costumava dizer a mesma coisa — ele insistia em falar enquanto folheava outra página. — Como você era diferente dele, e como isso o alegrava.

Eu sempre me sentia desconfortável quando ele falava do meu irmão pra mim. Já para minha mãe, esse era o principal motivo para manter Ames por perto, principalmente com o silêncio de Peyton nos últimos tempos.

Ela vinha tentando entrar em contato com meu irmão de todos os jeitos possíveis desde o fracasso da cerimônia. Como não dava pra telefonar, ela escrevia cartas todos os dias, e mobilizou todos os contatos que fizera — a ativista, a assistente social — para transmitir suas súplicas. A única resposta que conseguiu veio de Ames, com quem meu irmão ainda conversava.

— Ele só precisa de um pouco de espaço — eu o ouvira comentar em mais um diálogo regado a café na mesa da cozinha. — Vai entrar em contato quando estiver pronto.

— Só acho que se ele me ouvisse, entenderia — minha mãe disse. — Se ao menos ligasse pra você quando eu estivesse por perto, eu poderia falar com ele.

— Também quero que isso aconteça — Ames assegurou. — E pode ser que sim. Mas por enquanto é melhor respeitar a vontade dele, sabe?

Ao ouvir isso, minha mãe apenas se entristeceu. Eu achava estranho: Ames passava o dia inteiro em casa (ele dizia estar "no mercado de trabalho", apesar de não vê-lo fazer nada a respeito), mas *nenhuma* dessas ligações de Peyton que ele informava tinham acontecido com minha mãe por perto. Aparentemente, eu era a única a achar esquisito.

De volta à conversa com Mac pelo telefone, levantei, fui até a porta e abri. O corredor estava vazio, mas a porta do quarto do meu irmão estava escancarada, luz e som jorrando dali. Ao olhar para o outro lado, pude ver minha mãe usando o computador da Sala de Guerra.

— Espero — eu disse, ao fechar a porta de novo — que meu bom comportamento faça minha mãe aliviar um pouco. Queria muito ir no festival.

— Se eu fosse você, baixaria as expectativas — Mac disse. — Começaria, sei lá, pelo direito de escolher onde almoçar de vez em quando.

— Esse dia também vai chegar — falei, com a voz mais confiante do que me sentia. — Mas o festival é uma data especial, única. O show é cedo, e estou fazendo o máximo que posso para acumular pontos.

— Só não quero que você fique frustrada se não der. Quero você lá, você sabe. Mas isso não é tudo.

Era bem essa a questão. Eu tinha aprendido a não esperar tudo; afinal, eu nunca tive tudo. Só queria *aquilo*. Mesmo que fosse mirar alto demais, pelo menos me dava um objetivo para suportar as longas tardes de trabalho no Kiger ou as noites no meu quarto, observando a porta sem fechadura, apenas com a companhia do meu Santo Qualquer.

— Mas pense positivo por mim, o.k.? — pedi. — E mantenha distância dos salgadinhos.

Ele respirou forte; eu o fizera sorrir.

— Farei o possível.

Quando desligamos, observei o calendário na escrivaninha. Ele só marcava as obrigações do trabalho e da escola — assuntos pessoais ficavam no celular —, e corri os olhos pelos vários itens: simulado, pagamento, palestra sobre faculdades. Então peguei uma caneta, fui até a data do festival e tracei um círculo ao redor, e depois outro. Não escrevi nada; seria excesso de confiança. Mas só o fato de marcar o dia fazia parecer possível. E, de qualquer forma, eu sabia do que se tratava.

22

Meu pai limpou a garganta. Por experiência própria, sabia que isso indicava uma mudança de assunto, um anúncio ou um comentário importante, então prestei total atenção. Assim como minha mãe. Ames, porém, continuava a comer.

— Então. Quais são as novidades no quesito emprego?

Minha mãe tomou um gole de vinho. Pelo modo como olhava meu pai, estava claro que aquela pergunta não era espontânea. Ela havia sido precedida de um debate. Tudo aquilo fora planejado.

Ames engoliu a comida e respondeu:

— Tenho algumas ideias. Um amigo meu no Walker falou de uma vaga de recepcionista no novo Hotel Valley. É bem concorrida, então não sei se tenho muita chance.

— Tenho certeza de que existem outras oportunidades fora do setor de hotelaria — meu pai comentou. — Tenho visto muitas placas de ESTAMOS CONTRATANDO ultimamente.

— Talvez — Ames disse ao pegar o copo d'água. — Mas prefiro esperar uma vaga no meu ramo.

Meus pais se entreolharam. Então meu pai disse:

— Mas salário é salário.

— Verdade — Ames concordou. — Mas tenho a sensação de que essa vaga no Valley vai dar certo.

O silêncio que se seguiu a esse diálogo foi tão constrangedor que senti até um desconforto no estômago. Enfim, alguma coisa estava mudando. Eu só não sabia o que era ainda.

Depois do jantar, subi para o quarto e sentei à escrivaninha, com o celular por perto, caso Mac tivesse alguns minutos entre as entregas para conversar. Eu estava no começo da lição de ecologia quando ouvi alguém subir a escada. Um

instante depois: *toc, toc-toc*.

Levantei e abri a porta.

— Que foi?

— Uma pergunta — Ames disse, já dando um passo à frente, de modo que não tive escolha senão abrir passagem e deixá-lo entrar. — Você tem um carregador de celular pra me emprestar? Não consigo achar o meu.

Logo ele já estava sentado na cama pegando uma das minhas revistas do criado-mudo. Abri a gaveta da escrivaninha, peguei o carregador e o entreguei a ele.

— Toma.

Ele virou uma página e olhou pra mim, mas sem pegar o carregador.

— Ótimo. Obrigado.

Soltei a fonte em cima da cama, ao lado dele, e voltei à escrivaninha. Ele nem se mexeu, mesmo depois de eu retomar a lição. A cada minuto eu o ouvia virar uma página.

Meu celular apitou e fui conferir. Era uma mensagem de Mac:

> 6 porções de pão de alho. Nada mais. Ideias?

Abri um sorriso.

> Espaguete de janta? Encontro dos viciados em carboidratos?
>
> Já digo.

— Então — Ames disse —, está fazendo lição de quê?

Soltei o aparelho.

— Ecologia.

— Argh. — Ele fez uma careta. — Só a palavra já soa difícil.

Não respondi o comentário. Apenas voltei ao trabalho na espera de que ele aproveitasse a deixa. Não dei sorte. Comecei a me perguntar se devia pedir para ele sair do quarto quando minha mãe apareceu na porta.

— Sydney, esqueci de dizer que… — Ela parou de falar de repente ao dar com Ames na minha cama. — Ah. Pensei que você estivesse estudando.

— Eu estou — afirmei.

— E eu estou atrapalhando — Ames disse de bom humor e então fechou a revista.

À medida que a ruga entre os olhos da minha mãe crescia, tive certeza que não me enganara durante o jantar: o encanto que Ames exercia sobre ela estava se desfazendo, isso se já não tivesse acabado. E ele nem percebia.

— Melhor deixá-la voltar ao trabalho — ela disse com uma voz cortante. — Certo?

Ames levantou a cabeça.

— Ah. Claro.

Minha mãe se afastou da porta para dar passagem a ele. Um segundo se passou, e mais outro, até que ele finalmente entendeu o recado e levantou.

— Obrigado pelo carregador — ele me disse, apertando meu ombro ao passar. — Você é demais.

Permaneci calada, com os olhos na minha mãe, que o observava enrolar para sair do quarto. Ao passar por ela, Ames ainda disse:

— Quer café? Acho que vou fazer um pouco.

— Não, estou bem — ela respondeu. — Tenho que trabalhar.

— Certo — ele disse, partindo em direção ao quarto de Peyton. — Se mudar de ideia, é só dizer.

Minha mãe o observou se afastar. Quando virou para mim, voltei os olhos para o livro.

— Você prefere aberta ou fechada? — ela perguntou apontando para a porta.

Nos entreolhamos por um bom tempo. *Ela entendeu*, pensei. Não tudo, mas pelo menos uma parte. *Finalmente*.

— Fechada — eu disse. Ela acenou com a cabeça e fechou a porta.

Na tarde seguinte, eu estava sentada atrás do balcão do Kiger ouvindo Jenn ensinar equação de segundo grau aos burrinhos quando a caminhonete de Mac parou bem em frente à porta. Esfreguei os olhos, não acreditando no que via. Mas quando Layla desceu e entrou, tive certeza de que era real.

— Ele está aqui? — ela perguntou. Seu rosto estava vermelho, os olhos inchados.

— Spence? — perguntei, embora soubesse. Ela confirmou. — Não.

Ela mordeu o lábio e me entregou o celular. A tela exibia uma troca de mensagens. Na primeira, Layla perguntava se eles podiam ao menos se encontrar pra conversar. E então a resposta dele:

Monitoria. Desculpa.

— Ele me deu o fora — ela disse. Ergui os olhos: ela chorava de verdade. — *Pelo maldito telefone*.

— Ai, Layla — eu disse. Do lado de fora, Mac ainda estava atrás do volante. Por mais que quisesse vê-lo (e sempre queria), entendi o motivo de manter distância. O foco deveria ser ela, não a gente. — Sinto muito. Que merda.

— Ele é um babaca. — Fungando, ela secou os olhos com as costas da mão. — Eu *sabia* que alguma coisa estava acontecendo. Do nada ele ficou superocupado, não respondia minhas mensagens… Então liguei pra ele e perguntei de cara. Ele nem tentou negar. — Ela limpou a garganta e guardou o celular de volta no bolso. Lancei outro olhar para Mac: ele ainda nos observava. — Não sei por que essas coisas sempre acontecem comigo. Sou uma boa pessoa, quer dizer, pelo menos tento e…

— Você é ótima — eu disse, dando a volta no balcão.

— Só quero alguém decente. — Ela fungou de novo, e os olhos voltaram a encher de lágrimas. — Você sabe, alguém gentil, bacana. Como em todas as histórias de amor em que sou especialista. Não pode ser só ficção, não pode. Esses caras estão em algum lugar por aí. Eu *sei* que estão. Só não consigo encontrar.

Logo sua voz se desfez. Eu a abracei e ela enterrou a cabeça no meu ombro. Eu sabia que Layla não ouviria nada do que eu dissesse naquele momento; esse tipo de dor vem sempre acompanhado de uma surdez. Porém, se ela fosse capaz de ouvir, eu teria dito que ela tem razão: esses caras estão mesmo por aí. Na verdade, um deles nos observava naquele exato momento, ali perto. Mantendo distância, consciente de que ela precisava mais de mim. Ainda assim, estava ali, logo atrás da porta.

— Não estou entendendo por que vocês precisam de mim — Layla disse, triste. Estávamos sentadas no capô do meu carro dois dias depois. — Pensei que só fosse ajudar na demo.

Faltavam menos de duas semanas para o festival e Mac claramente não era o único tenso por causa disso. Eric, que já era agitado normalmente, estava obcecado com os preparativos e exigia ensaios e concentração constantes. Embora Mac precisasse trabalhar, Ford estivesse mais interessado em ficar chapado e Layla sofresse com o coração partido, Eric não se deteve.

— Esse era o plano — Eric disse a ela enquanto andava de um lado para o outro no curto espaço que separava meu carro do próximo. — Mas o retorno que me deram dizia que eles tinham gostado especialmente daquela música. Não podemos deixá-la de fora agora.

— Mas eu não queria participar de nada público. Não estou conseguindo lidar nem com meu próprio rosto no espelho.

Olhei para Mac, que estava sentado no para-choque ao meu lado. Embora Layla tivesse acabado de levar um fora quando a conheci na Seaside, aquela foi a primeira vez que presenciei aquela perda total de autoestima. Antes uma garota tão ousada, agora ela parecia ter murchado. Apenas o tempo, Mac dissera, a traria de volta pra nós, embora batata frita ajudasse um pouco.

Eric então se aproximou e apoiou as mãos nos ombros dela. Eu achava que Layla ficaria desconfortável e tentaria se desvencilhar. Em vez disso, porém, ela apenas desviou o olhar quando ele disse:

— Você vai se sair bem. Talvez seja exatamente disso que você precisa.

— Cantar uma música sobre um relacionamento fracassado para uma multidão? — Ela suspirou. — Acho que não.

— Cantar uma música sobre *força* e *coragem* diante da *desilusão amorosa* para uma multidão — ele a corrigiu. — Confie em mim, certo?

Ela não pareceu convencida. Mas também não enxotou Eric. E quando ele se inclinou para dar um beijo na testa dela, Layla fechou os olhos.

Olhei para Mac e cochichei em seu ouvido:

— *O que foi isso?*

— Insanidade temporária — ele respondeu, também baixinho. — Eu disse, ela não está normal.

— O que vocês dois estão cochichando aí? — Layla quis saber.

— Nada — Mac respondeu.

— Minha ida ao festival — respondi ao mesmo tempo. Ops. Ela me encarou, séria. — Vou pedir para a minha mãe hoje à noite. Me deseja boa sorte?

— Boa sorte. — Ela apertou os joelhos contra o peito e virou o rosto para o sol. — Todo mundo está precisando.

Quando saí do Kiger no fim daquela tarde e fui pra casa jantar, estava pronta: tinha decorado minha proposta e ensaiado as respostas para todas as objeções possíveis. Mesmo que ela dissesse não — e eu torcia muito para que ela não dissesse —, ao menos ficaria impressionada com a minha preparação.

Quando entrei em casa, minha mãe estava na cozinha, mexendo no fogão.

— O que você está fazendo? — perguntei ao pôr a bolsa na cadeira.

— Refogado de *tempeh* com pimenta — ela respondeu, acrescentando um ingrediente que fez a frigideira chiar. Havia um livro de culinária aberto à sua esquerda. — Achei que era hora de experimentar novas receitas, variar um pouco as coisas.

— Nossa — eu disse. — Algum motivo especial?

— Não — ela respondeu, jogando mais um punhado de temperos na frigideira; momentos depois, senti cheiro de cebola. — Só estou a fim de fazer algumas mudanças.

Aquele poderia ser o melhor ou o pior momento. Como me sentia otimista, comecei:

— Na verdade, eu estava querendo conversar com você sobre algo relacionado a isso.

Ela mexia a frigideira e o vapor subia.

— Relacionado a…?

— Mudanças.

Uma pausa. Mais vapor. Então:

— Estou ouvindo.

Certo. Respirei fundo.

— Bom, sei que fiz mal em chamar meus amigos naquela noite. E o namorado de Layla beber…

— Você também bebeu, pelo que me lembro.

Um gole, pensei, e então me forcei a manter a concentração:

— Verdade. O que fiz foi errado. Mas desde então, acho que tenho cumprido tudo que você e o pai pediram. O grupo de estudos no almoço, Kiger sempre que não estou na escola e a lição de casa no fim do dia. Não saí para nenhum outro lugar nem pedi pra fazer isso.

Ela ainda estava de costas para mim, então não conseguia ver sua reação. Mas considerei um bom sinal quando ela disse:

— Estou acompanhando.

Vi luzes de farol na janela, o que indicava que meu pai ou Ames logo entrariam. Falar a sós era melhor. Precisava continuar avançando.

— A banda dos meus amigos conseguiu entrar num festival. O vencedor vai gravar uma demo de verdade numa gravadora de verdade. O show começa cedo, às sete, sexta que vem. Para todas as idades. E eu quero muito ir.

Ela baixou o fogo e pôs a colher de lado. Em seguida, virou pra mim e perguntou:

— São os mesmos amigos que estiveram aqui?

Confirmei com a cabeça.

— São.

— Ah, Sydney… — Ela suspirou, passando a mão na cabeça. — Queria que você tivesse pedido qualquer outra coisa.

Senti meu estômago afundar.

— Mas é só isso que eu quero.

— Ir numa casa de shows? Com pessoas que eu sei que bebem?

— Só o namorado de Layla bebe. E eles não estão mais juntos.

— Essa não é a questão — ela rebateu. — Você está exigindo um passo muito grande de nós. Seu pai e eu queremos devolver seus privilégios aos poucos, com base no andamento das coisas.

O que era exatamente o que Mac dissera.

— É só uma noite — insisti. Ainda não estava pronta para ceder. — Depois voltamos para a mesma rotina que temos agora.

— Você fala como se fosse ruim. Você tem se saído tão bem nos últimos tempos — ela disse, voltando ao fogão. — Pra ser sincera, estou até com receio de mudar.

— Mas você acabou de dizer que estava a fim de mudanças.

Ela riu.

— Eu estava falando do *jantar*.

A porta da garagem começou a abrir. Eu tinha um minuto, talvez dois, antes de os reforços dela chegarem.

— Por favor, pense com carinho. É só o que eu peço. Não quero um "não", pelo menos por enquanto. Por favor?

Eu tinha feito o pedido e exposto meus argumentos. Não podia fazer mais nada além de torcer para que a sorte de que Layla falava finalmente me encontrasse.

— Tudo bem — ela disse quando o portão da garagem terminou de abrir. — Vou pensar. Agora você pode pegar o curry e o cominho no armário, por favor? O molho está engrossando.

Me afastei para pegar os frascos e os levei até ela. O conteúdo daquela frigideira grande não se parecia com nada que ela já tivesse cozinhado antes. Eu nem sabia o que era *tempeh*, e não parecia muito apetitoso. Guardei essa impressão para mim ao entregar os temperos. Ela apertou os olhos para consultar o livro aberto e desrosqueou o frasco de cominho.

— Lá vai — ela disse ao jogar um pouco do pó sobre a comida. Outra nuvem de vapor subiu, e mais outra quando foi a vez do curry. Ela enfiou a colher na mistura e virou os legumes duas vezes.

— O que acha? — perguntou.

— É uma mudança.

— Com certeza.

Ela jogou mais um pouco de cominho e então se inclinou sobre a frigideira para sentir melhor o cheiro. Depois, gesticulou para que eu fizesse o mesmo. Fiz, hesitando um pouco. Não cheirava mal nem bem. Só novo. Diferente.

23

Era sábado de manhã e eu tinha acabado de sair do chuveiro. A primeira voz que ouvi quando abri a porta do banheiro foi a de Ames.

— Julie? Você tem um minuto?

Ele despontou no corredor com o celular na mão. Por instinto, apertei ainda mais a toalha contra o corpo.

— Na verdade, não — minha mãe avisou da Sala de Guerra. — Estou meio ocupada.

— Suspeito que você não vai se importar com essa interrupção.

Ele sorriu pra mim, de orelha a orelha, enquanto seguia rumo à porta aberta da Sala de Guerra. Quando chegou, parou sob o batente e entregou o celular à minha mãe.

Era preciso reconhecer o mérito do garoto: diante da perspectiva de ser expulso da nossa casa e do nosso dia a dia, ele operou o único milagre de que era capaz. Tive certeza assim que minha mãe disse "alô".

— Peyton — ele mexeu os lábios para me dizer, sem desmanchar o sorriso.

De repente, minha mãe perdeu o fôlego, começou a rir e a despejar um monte de palavras. Mesmo de outro cômodo, senti seu humor melhorar e visualizei seu rosto corado e feliz. E apenas isso bastou para tudo mudar.

Mas não completamente. Apesar de os dois terem conversado por uma hora inteira — durante a qual minha mãe não pôs os pés pra fora da Sala de Guerra, como se isso fosse quebrar a magia daquele telefonema —, Peyton queria ir devagar. Quando ela perguntou se podia visitá-lo, respondeu que não, ainda não, que só estava preparado para telefonemas. Mais tarde, me perguntei como Ames o teria feito mudar de ideia, o que teria dito para resolver o impasse. Se havia mães capazes de arrancar carros de cima de seus bebês, fazia sentido que uma pessoa fosse ainda mais além para preservar a si mesma.

Eu estava tão acostumada com a falta de ligações de Peyton que fiquei surpresa de verdade quando o telefone tocou uns dias depois, à tarde. Quando a mensagem gravada terminou, respirei fundo.

— Oi — eu disse. — Quanto tempo.

Silêncio. Pude ouvir vozes ao fundo.

— É, as coisas ficaram meio… tensas. Não tinha nada a ver com você.

Dessa vez foi a minha vez de fazer silêncio.

— Por aqui também — falei por fim. — A mamãe me pegou com meus amigos em casa, e eu estava bebendo. Ela surtou e me trancou em casa desde então.

— O quê? Você *bebeu*?

Sua voz soava tão surpresa, pura e simplesmente chocada, que cheguei a me perguntar se ele tinha esquecido de onde me ligava.

— Foi só um gole — eu disse. — E…

— Sydney, não se meta com essas coisas. Você é inteligente demais pra isso.

— *Foi só um gole* — repeti. — E ela basicamente tirou tudo o que eu tinha. Não é justo.

Durante o silêncio que se seguiu, percebi que essas palavras foram o mais perto que eu cheguei de dizer a Peyton como me sentia pelo que ele fizera e como isso tinha afetado a todos nós. Na hora, fiquei com vontade de voltar atrás, de retirar o que disse. Como se tivesse falado demais, cedo demais. Ao mesmo tempo, porém, pensei que ele estava precisando ouvir isso fazia muito tempo. Abri a boca, mas ele falou primeiro:

— Você tem razão — ele disse. — Não é justo. É uma droga. Sinto muito mesmo.

Não estava preparada para o que sentiria ao ouvir essas três palavras. Tinha passado tanto tempo à espera de que Peyton as pronunciasse. E no momento que chegaram, doeram no meu coração.

— Tudo bem — eu disse. E paramos por aí. *Tudo bem*, ou o mais perto disso que conseguimos. Ainda assim, eu repassaria essa conversa na cabeça várias vezes, na tentativa de me acostumar à sensação que provocava. Como o Santo Qualquer, era um conforto que eu não sabia que precisava até finalmente obtê-lo.

À medida que os dias passavam e o humor da minha mãe não parava de melhorar, me permiti sentir um pouco de esperança. O festival estava muito perto, e o fato de ela estar distraída com Peyton de novo só podia me favorecer. Não tive pressa para retomar o assunto. Em vez disso, continuei a ir pra escola, pro Kiger e pro quarto, na expectativa de que ela notasse meu comportamento. Os momentos que conseguia passar com Mac e a promessa de mais me davam forças para continuar. Desde o minuto em que o via antes da primeira aula até o último beijo quando entrava no carro para ir ao Kiger, o dia só melhorava.

Ele me ligou algumas vezes enquanto a banda se reunia no galpão atrás da casa dele para que eu pudesse ouvir o ensaio da Maravilhoso ou Catastrófico, o nome oficial, pelo menos por enquanto. Eu ligava o viva-voz do celular e o punha perto de mim no Kiger ou na escrivaninha do quarto. Ao ouvir, imaginava a

cena: Eric fazendo pose no microfone, Ford em seu estado de transe, Mac ao fundo mantendo o ritmo. Aconteciam algumas interrupções e recomeços repentinos, explosões de microfonia e as discussões de sempre. Contudo, sempre que Layla cantava, eu ficava arrepiada. Mal podia imaginar como seria ouvi-la ao vivo no Bendo. Se eu conseguisse ir.

Quando não estava ensaiando, Mac trabalhava. Quando tinha entregas no meu bairro, fazia uma parada rápida no Kiger para dar um oi e nos vermos um pouco. O mais comum, porém, era trocarmos mensagens. Naquela terça, eu estava desligando o computador no trabalho quando ele escreveu:

Acabei de fazer uma entrega esquisita.

Estranhei. Ele costumava começar pelo pedido para me desafiar a adivinhar como o cliente era. Perguntei:

Qual o pedido?

Ele respondeu:

Pepperoni grande. Pão de alho.

Até eu sabia que aquele era o pedido mais genérico possível; podia ser qualquer um. Ou todo mundo. Estava prestes a escrever pedindo mais detalhes quando o celular apitou de novo:

Acho que era aquele garoto.

Franzi a testa, confusa.

Que garoto?

Pausa. Jenn saiu da sala de reuniões e apagou a luz do corredor.
— Pronta para ir embora?
— Sim — respondi. — Um segundo.
Então veio a mensagem de Mac:

Ibarra?

Fixei os olhos naquela palavra. No começo, as letras não se juntavam. Como quando você olha tanto para uma coisa que ela começa a parecer outra língua. Jenn já estava na porta, com a mochila no ombro. Saí de trás do balcão, passei pela porta com ela e esperei, imóvel, enquanto ela digitava o código de segurança para travar a fechadura.

— Vejo você amanhã? — ela me perguntou.

Fiz que sim com a cabeça, e ela seguiu pelo estacionamento até o carro. No caminho até o meu, selecionei o nome de Mac, o primeiro dos Favoritos, e apertei LIGAR.

— Como você sabia que era ele? — perguntei logo que ele atendeu.

— Não reconheci de cara — ele respondeu, nem um pouco surpreso por eu ter pulado o "alô". — Na verdade, já fiz entregas lá antes. É uma casa de tijolinhos, na…

— Avenida Pike. — Claro que eu sabia onde era.

— Isso.

Ele estava dirigindo; dava pra ouvir o barulho da seta ligada.

— Não sei por quê — ele continuou —, mas só liguei os pontos hoje. Ele é um garoto simpático.

Claro que era. E então, embora eu já tivesse visto David Ibarra com os próprios olhos na SuperThrift não muito tempo antes, naquele momento ele se tornou mais real do que nunca. É isso que um encontro ao acaso pode fazer — unir de repente coisas distintas. Como se o destino nos cutucasse nas costas pedindo mais atenção.

— Preciso ir — falei. — A última coisa que preciso agora é me atrasar.

Pausa.

— Você está bem, Sydney? — ele perguntou.

Estava? Não sabia dizer. Depois de tanto tempo remando, tentando não afundar, senti a maré virar e me tragar. O festival seria em três dias. David Ibarra não era apenas um rosto ou uma página na Ume.com, mas um lugar aonde eu poderia ir se quisesse. Eu tinha passado muito tempo esperando algo acontecer, uma mudança chegar. Agora que sentia que estava perto, a única coisa que podia fazer era não recuar.

Era hora.

— Mãe?

Minha mãe ergueu os olhos da escrivaninha na Sala de Guerra.

— Sim?

— Podemos conversar um segundo?

Em vez de responder, ela fechou a pasta que estava aberta na sua frente. Era quarta-feira, final da tarde, momento que eu havia escolhido por não ser longe demais da sexta nem em cima da hora. Também tinha esperado ela sair do telefonema diário de Peyton, quando sabia que as chances de pegá-la de bom humor eram maiores. Para completar o cenário, tanto meu pai como Ames estavam fora. Era agora ou nunca.

— Queria falar com você sobre sexta — comecei — e o festival que tinha comentado.

A ruga surgiu entre as sobrancelhas dela: não era um bom sinal.

— Festival?

— A banda de Mac e Layla? — *Não entre em pânico*, disse a mim mesma. *Isso pode ser bom.* — O show para todas as idades? Que você disse que ia pensar?

Não era bom falar só com perguntas. Confiança era a peça-chave. Hora de reelaborar.

— Começa às sete — eu disse, como se ela já tivesse concordado e estivéssemos apenas acertando os detalhes. — Eles são a segunda banda. Então eu chegaria em casa às dez no máximo.

A ruga se aprofundou. Queria não ter notado.

— Achei que tínhamos combinado de começar com algo mais leve do que um show, Sydney.

— Passei semanas sem fazer nada nem ir a lugar nenhum, mãe.

Ela suspirou, como se a conversa já a cansasse.

— Não acho que é uma boa ideia. Por que você não liga para Jenn e Meredith e vê se elas não querem fazer algo?

— Não é a mesma coisa, mãe — respondi, embora soubesse que era exatamente por isso que ela tinha dado a sugestão. — Mãe, *por favor*, diz que eu posso ir. Por favor.

Já havia chegado ao último recurso dos desesperados: suplicar. Da próxima vez, nada de estratégias, nada de planos. Só o fato de eu já estar pensando na próxima vez confirmava o óbvio: eu tinha perdido. Ainda assim, continuei ali e a obriguei a dizer aquilo na minha cara.

— Querida, não — ela falou, abrindo um sorriso triste, o que só piorou as coisas. — Sinto muito.

Foi assim. A bola da minha vida, a cobrança de falta capaz de virar o jogo, acabou saindo tão torta que me senti idiota por ter esperado algo diferente. Eu podia ter ficado e insistido mais, reforçando todos os argumentos que havia reunido. Mas em vão. Minha mãe era muitas coisas, mas mole não era uma delas. "Não" era "não".

— Tudo bem — Mac me disse na manhã seguinte quando contei a ele no meu armário antes do primeiro sinal. Cheguei até a chorar, o que era humilhante, pra não dizer pouco atraente. — É só um show. Outros virão.

— *O que você fez?*

Virei o rosto na direção da voz. Lá estava Layla, fuzilando Mac com o olhar.

— Nada — Mac disse.

— A garota está chorando, Macaulay — ela disse, e então enfiou a mão na bolsa e tirou de lá um pacote de lencinhos pra mim. — É melhor vocês dois não estarem terminando bem agora. Se eu não posso ter um namoro feliz, preciso pelo menos estar próxima de um.

— Não é ele — falei ao pegar dois lenços. — É a minha mãe.

Dizer aquilo bastou para me deixar abalada de novo, então tratei de me recompor.

— Ela não deixou Sydney ir ao festival — Mac disse.

— Você está chorando por *isso*? — Layla bufou. — Por favor. Eu bem que queria que alguém me proibisse de ir também. Eric já está todo mandão e insuportável. E só vai piorar. Por acaso Mac contou que agora ele quer que a gente medite antes do show?

Aquilo me comoveu: sabia que ela estava tentando me animar.

— Como assim?

— Parece — ela explicou, apoiando-se no armário ao lado do meu de maneira que ficamos ombro a ombro — que é isso que as grandes bandas fazem antes de se apresentar. Meditam e visualizam. Ele diz que vai nos deixar no mesmo plano mental, "em harmonia espiritual antes de criarmos uma harmonia real".

— Parece algo que ele diria — comentei depois de fungar o nariz.

— Pois é! — Layla apoiou a cabeça no meu ombro antes de continuar: — Sentiremos sua falta. Mas é só uma noite besta. Infelizmente, é provável que haja outras.

O sinal tocou: hora da aula. O relógio nunca estava a meu favor. Mac me envolveu com o braço e me puxou para si.

— Você vai ficar bem?

— Vou — respondi e segurei sua mão. Ele a afagou por um momento antes de se afastar. Assim que seguiu para a sala, voltei a chorar.

— Começo de namoro — Layla disse ao me entregar outro lenço.

Sequei os olhos, envergonhada. Eles tinham razão: era só uma noite, só um show. E eu não era de chorar; aquelas emoções, repentinas e fortes, me pegaram de surpresa. Tanto que só tomei consciência da parte mais chocante daquilo horas depois. O mais surpreendente não era o choro em si, mas o fato de eu ter chorado na frente de outras pessoas. Na verdade, só desabamos diante de quem sabemos que podem nos reconstruir. Mac e Layla estiveram ao meu lado. Mesmo — e especialmente — quando eu não podia fazer o mesmo por eles.

24

— Você combinou algum programa com Jenn?

Minha mãe se sentiu mal por não ter deixado eu ir ao festival. Claro que não a ponto de mudar de ideia. Mas se eu pedisse qualquer outra coisa, tinha a sensação de que as chances de sucesso eram boas. Pena que eu só queria o festival.

— Não — respondi ao fechar a porta da lava-louças.

Eu podia sentir o olhar dela sobre mim quando peguei a esponja e comecei a esfregar o balcão. Na sala de jantar, meu pai e Ames ainda estavam à mesa, continuando uma conversa sobre as novidades no quesito emprego/ moradia. Ames ficou obviamente surpreso quando o assunto veio à tona. Estava claro que tinha imaginado que restabelecer o contato entre minha mãe e Peyton lhe garantiria mais do que apenas alguns dias. Eu poderia ter dito a ele que meus pais nunca esqueciam. Sempre que levantavam uma questão, ela permanecia à vista, mesmo se você não quisesse enxergar.

— Bom — Ames dissera a eles enquanto pegava mais uma fatia de pão —, minha indicação no Valley não deu certo. Mas mandei currículo para outros lugares.

— E o apartamento?

Ames olhou para a minha mãe.

— É um problema eu ficar aqui?

— Já conversamos sobre isso — meu pai lhe disse. — Essa estadia era pra ser temporária e dependia da sua procura ativa por alternativas.

— Mas não há vagas — Ames falou enquanto passava manteiga no pão. Ele tinha muito a aprender. No mínimo, devia ter parado de comer. — O mercado… está difícil no momento.

Meu pai olhou para a minha mãe, e ela baixou a mão até o assento da

cadeira vazia ao lado, onde pegou uma pasta, que pôs sobre a mesa. Oh-oh.

— Tomei a liberdade de examinar os classificados hoje. Encontrei seis vagas para as quais você tem qualificação. E tantos anúncios de pessoas querendo dividir apartamento que nem dava para contar.

Enquanto Ames mastigava, com os olhos fixos na minha mãe, ela deslizou a pasta na direção dele. Quando finalmente engoliu, ele disse:

— Se vocês querem que eu saia, eu saio.

Silêncio. Aquela era a bola da vida *dele*.

— Acho que é melhor — minha mãe concordou. — Peyton?

— Concordo. — Meu pai pegou o guardanapo e limpou a boca. — Agradecemos tudo o que você fez por nós, mas assim é melhor para todos.

Fiquei chocada. O mundo funciona de um jeito engraçado. A gente fica sem uma coisa que realmente deseja, mas então o universo oferece uma compensação inesperada. E eu achava que era preciso fazer um desejo para as coisas acontecerem.

Ames, como era de se esperar, não se rendeu tão fácil. Primeiro, tentou negociar mais um mês. Depois, mais uma semana. À medida que suas propostas diminuíam cada vez mais, foi ficando difícil de assistir, então minha mãe e eu seguimos para a cozinha. Meu pai, por sua vez, estava em seu habitat natural. Poderia continuar a noite inteira, e eu tinha a sensação de que talvez fosse necessário.

Eles ainda estavam lá quando subi a escada para o quarto às sete e meia. O festival começara às sete, e Irv tinha me prometido que ia mandar um convite no HiThere! quando a banda entrasse, às quinze pras oito. Assim eu poderia assistir o show no celular. Enquanto isso, estava com eles virtualmente, na troca alucinada de mensagens com Layla e Mac. Layla enviou:

> Eric acabou de dizer que minha roupa não é muito "autorreferencial". Que porra isso quer dizer?

Respondi:

> Precisa usar mais preto?

Mac:

> A passagem de som foi uma bosta e todo mundo está brigando por causa de roupa. Quero morrer.

Escrevi pra ele:

> Vocês vão arrasar.

Ouvi um barulho no corredor através da porta entreaberta. Fiz uma pausa para escutar. Um instante depois, ouvi minha mãe andando na Sala de Guerra e voltei ao celular.

Nesse meio-tempo, Layla tinha mandado outra mensagem:

Muita gente aqui.

Nervosa?

Não.

Pausa. Depois:

Sim.

Outro bipe. Mac:

Vou ter que socar Eric. Pelo bem comum.

Respondi:

Tente se controlar. Parece que vocês têm um grande público.

O festival. Não a gente.

Típico, pensei. De volta a Layla:

É estranho sem vc. Queria que estivesse aqui.

Bipe. Mac. Passei para a tela dele.

Preferia ir no parque com você.

Dava tontura manter as duas conversas ao mesmo tempo. Então fiquei feliz por poder dar aos dois a mesma resposta:

Eu também.

Eram quinze pras oito em ponto quando Irv me mandou o convite. Apertei ACEITAR e então o rosto dele apareceu e tomou conta da tela inteira. Mal

conseguia ouvi-lo por causa da barulheira da plateia.

— Eles estão subindo no palco — ele informou. Uma garota de cabelo loiro platinado trombou nas costas dele.

— Como foi a primeira banda?

— Péssima. Gritaria amplificada, basicamente. Temos sorte de o público não ter ido embora. — Ele mudou de posição para um cara de jaqueta de couro passar. — Todos nas posições menos Eric. Ele… Ah, ali. Está entrando pelo meio do público.

Recostei na cama, sorrindo.

— Claro que está.

Alguns acordes, umas batidas na bateria: a música ia começar.

— O.k. — Irv gritou. — Pronta?

Alguém passava pelo corredor, mas dessa vez não me importei.

— Sim. Me mostra.

Botei o celular na horizontal bem no momento em que a imagem mudou. Graças à posição privilegiada de Irv e à sua envergadura enorme, eu podia ver o palco inteiro e a primeira fila espremida contra ele. Lá estava Eric com seu chapéu fedora, se posicionando em frente ao microfone. À sua direita, Ford agitava os pés enormes. E do outro lado, Layla, com botas de vaqueira e vestido vermelho, o cabelo preso de um jeito desleixado na altura do pescoço. Eric olhou pra ela, sorriu e começou a tocar.

Nervosa por eles, segurei minha medalhinha do Santo Qualquer e aumentei o volume do celular ao máximo. Quando Eric começou a cantar a música de Logan Oxford que eu sabia de cor, levei a mão à tela e mexi no zoom do vídeo. Depois de uns instantes para acertar o foco, achei o que procurava. Ele estava curvado sobre a bateria, tocando com força, o cabelo caído sobre o rosto. Talvez eu fosse a única a prestar atenção nele. Jamais saberia. Mas ele não era invisível, não pra mim.

Aí está você, pensei. *Aí está você.*

Alguma novidade?

Ainda não.

Já passava da meia-noite e todas as bandas já tinham se apresentado. Agora só faltava os juízes e patrocinadores do festival escolherem o vencedor. Enquanto isso, o público aguardava no Bendo e eu, no meu quarto. Eu tentei estudar, mas não conseguia me concentrar, distraída pelo nervosismo coletivo de Mac e Layla (eu nunca tinha trocado tantas mensagens em tão pouco tempo, o que definitivamente era um recorde) e pelo barulho que vinha do quarto ao lado. Dessa vez não era só o rádio, mas também o som de malas sendo feitas. *Com raiva.*

Só tinha me dado conta do que estava acontecendo no final da apresentação deles. Eles tocaram bem, com destaque para a participação de Layla, e apesar

de o refrão da terceira música ter saído meio embolado, eu tinha certeza de que ninguém mais havia notado. Do começo ao fim, a música saiu alta, mesmo na caixa do meu celular, assim como as palmas e aclamações no final. Quando Irv desligou, tudo ficou muito quieto de repente. Foi então que ouvi o primeiro baque, seguido do barulho seco de uma gaveta fechada com força. Quando a porta do armário também bateu, meus pais já estavam na minha porta.

— Ames vai embora amanhã de manhã — minha mãe me disse quando eu abri. — Só queríamos que você soubesse.

Outra batida. Meu pai franziu a testa. Perguntei:

— Está tudo bem?

— Sim — ele me disse. — Foi de comum acordo.

A barulheira contínua durante a hora seguinte dizia o contrário. Toda gaveta aberta era fechada com força, a porta do armário tremia nas dobradiças quando era usada. Era tão preocupante que, no silêncio repentino de uma das pausas para o cigarro de Ames, fui até lá, abri a porta e enfiei a cabeça dentro do quarto. Depois de dar uma olhada no corredor, fui até a cama, onde estava uma fileira de caixas. Uma estava repleta de livros, romances baratos e alguns títulos sobre reabilitação e como combater os vícios. Outra continha lençóis e toalhas, algumas meias dobradas. A última era a do que tinha sobrado: copos de café, isqueiros, carregadores. Escondida num canto, uma pilha de fotos.

A primeira era dele e Peyton numa praia, provavelmente durante a viagem para Jacksonville. Os dois sorrindo, um com a mão no ombro do outro. Passei para a seguinte: de novo meu irmão, dessa vez na mesa da cozinha, com um café ao lado e a sobrancelha levantada, sinal de leve irritação enquanto esperava o clique da foto. A próxima era de Ames e Marla na frente de uma árvore de Natal. A última, no final, era do jantar de formatura de Peyton no Luna Blu. Lembrei que a minha mãe entregou o celular à garçonete para que todos pudéssemos aparecer. Meu irmão estava no meio, de camisa branca e macia, entre os meus pais. Eu estava perto da minha mãe, e ao meu lado Ames e depois Marla. Todos sorríamos, e as luzinhas sobre nós perderam o foco quando o flash disparou.

Ao longe, ouvi um bipe do meu celular. Guardei as fotos de volta na caixa e fui até a minha cama para ver se era a mensagem que eu esperava. Não era. Dessa vez, Mac escrevera por ele e pela irmã:

A caminho do hospital. Minha mãe. É grave.

*

Dá pra fazer muita coisa com um celular. Enviar uma mensagem ou foto. Conferir a previsão do tempo, as notícias ou o horóscopo. Ver as pessoas e conversar em tempo real, jogar, pagar o estacionamento. Uma coisa que a tecnologia ainda não tinha dominado, porém, era o ato de estar realmente em outro lugar. Eu tinha lidado bem com a distância durante o festival. Mas não lidaria bem com isso.

Nem me ocorreu pedir permissão para ir ao hospital. Já era bem mais de meia-noite e eu já tinha recebido várias respostas negativas para pedidos razoáveis. Por isso, nos minutos de pânico que se seguiram ao recebimento daquela mensagem, botei o celular de lado, sentei à escrivaninha e escrevi um bilhete.

Não me iludi. Sabia que minha mãe provavelmente só leria até a segunda frase antes de ir atrás de mim sem se importar com o resto. Mesmo assim, achei importante que nessa última discussão eu pudesse dizer o que pensava. Se era para eu ser condenada, queria que os detalhes do meu crime estivessem claros também.

Mãe,
Fui para o Hospital Universitário. A mãe de Layla e Mac está lá, e quero ficar ao lado deles. Nunca quis desobedecer você, nem naquela noite do estúdio nem hoje. Não sou Peyton. Faço isso porque sou uma boa amiga, não uma má filha. Sei que talvez você não compreenda, mas espero que tente.

Deixei no teclado do meu notebook aberto. Então peguei a bolsa, a jaqueta e saí, fechando a porta atrás de mim. Depois de todos aqueles meses olhando o relógio e controlando o tempo, eu sabia que não demoraria muito para ser descoberta. Eu não era a única que sempre conseguia ouvir o portão da garagem abrindo.

No andar de baixo, a casa estava escura, exceto por uma luz na cozinha. Dei uma olhada: vazia. Mas quando pus a mão na porta da garagem, alguém surgiu bem atrás de mim.

Primeiro senti a presença de um corpo. Depois o calor. Por fim, a respiração, bem na minha nuca. Gelei. Uma mão apareceu bem na frente do meu rosto, os dedos abertos sobre a porta.

— Onde você pensa que vai?

Por instinto, agarrei a maçaneta e puxei com força. A porta não se mexeu. Fechei os olhos e virei, embora soubesse que assim ficaríamos cara a cara, senão nariz a nariz.

— Me deixa em paz — eu disse a Ames, me esforçando para manter a voz ao mesmo tempo baixa e firme.

— Sydney, é meia-noite — a voz dele saiu aguda, em tom de gozação. Num volume completamente audível. Merda. — Acho que seus pais não vão gostar disso.

Virei o rosto. Só conseguia sentir o cheiro de cigarro. Estávamos desconfortavelmente próximos. Eu não podia recuar, porque estava contra a porta. Ele *escolheu* não recuar.

— Me deixa em paz — repeti.

Em vez de se afastar, ele se aproximou. Quando levantei as mãos, abertas, para empurrá-lo, ele agarrou meus pulsos.

Fiquei surpresa com o som que produzi, arfei, quase gritei. Durante todo aquele tempo — Ames primeiro como visitante, depois morando sob nosso teto — me julguei presa. Mas estava errada. Tinha acabado de descobrir o que era

estar presa de verdade.

— Ames — eu disse, a voz já vacilante —, me solta.

Ao ouvir isso, ele sorriu. Então apertou ainda mais meus pulsos e os forçou para trás, na direção das minhas orelhas. Foi então que senti medo.

Mas quando ele avançou, de olhos fechados, eu sabia que precisava agir. Tinha sido passiva por muito tempo. Assistindo TV naquelas tardes longas e solitárias. Na mesa ali do lado, sem contar aos meus pais as coisas que me assustavam. Por toda a parte, naquela casa, havia provas e símbolos da garota que eu fora e não queria mais ser. Peyton não era o único trancado dentro de alguma coisa.

Apertei os olhos, tentei virar a cabeça à medida que os lábios dele se aproximavam dos meus, mas ele agarrou meu rosto e o puxou de volta para si. Eu sentia seus dedos se enterrando no meu queixo.

— Quero que você olhe pra mim — ele disse.

Mantive os olhos fechados.

— Não.

— Sydney — ele apertou mais. — Olha pra mim.

— Não — minha voz saiu aguda, como um grito. Só então me dei conta de que minha mão direita estava livre.

— Apenas… — ele começou, mas então minha mão acertou sua cara, o som de pele contra pele, um estalo. Ele tropeçou para trás e bateu contra a parede.

Baixei a mão até a maçaneta, que pressionava a minha coluna, e tentei alcançá-la. Eu tinha acabado de abrir a porta e me virar, quase livre, quando ele me agarrou pela cintura. Dessa vez, gritei pra valer, e tentei escapar com todas as forças que tinha, jogando todo o peso do corpo na direção oposta. Continuava presa, e então, de repente, numa fração de segundo, fui lançada para a frente aos tropeços, livre, pelos degraus da garagem.

Estendi a mão e me apoiei no carro da minha mãe para me equilibrar. Então me virei, à espera de que ele me atacasse de novo. Em vez disso, vi meu pai.

Ele tinha passado o braço pelo pescoço de Ames, com o punho cerrado, e apertava com força, puxando-o para trás pelo corredor e para longe de mim. Foi tudo tão louco e rápido que só pude me concentrar no som dos pés de Ames patinando no assoalho. Meu pai tinha uma expressão no rosto que jamais tinha visto antes. Quase não o reconheci.

— O que você ia fazer? — ele perguntava, as palavras entrecortadas por sua respiração forte e pontuada. — O que você ia fazer?

— Ei — Ames gania, erguendo os braços para tentar escapar. — Não consigo…

— Você está bem? — meu pai me perguntou, ignorando-o.

Fiz que sim com a cabeça, em silêncio. Então uma luz acendeu atrás dele e ouvi a voz da minha mãe:

— Peyton? O que está acontecendo aí em baixo?

Olhei de novo para o meu pai e para o rosto de Ames, agora num tom vermelho vivo. Não havia como explicar isso rapidamente, e me restava pouco

tempo. Assim, enquanto meu pai puxava Ames para uma cadeira na cozinha, e a sombra da minha mãe ficava cada vez maior à medida que ela descia a escada, corri para dentro do meu carro.

Meus pulsos doíam, e eu ainda conseguia sentir os dedos dele apertando meu queixo. Mas por mais abalada que estivesse, sabia que havia pessoas que precisavam de mim, e todo o resto teria que esperar. Quando ergui o braço para apertar o botão do controle da garagem preso ao quebra-sol, percebi o quão apropriados eram aqueles rangidos e estalidos familiares naquele momento. Foi o som que ouvi quando meu pai saiu na noite da prisão de Peyton e que indicava a chegada da minha mãe naquelas tardes solitárias. Agora também marcava o início do que quer que estivesse acontecendo. Aquele som indicava os momentos em que a nossa vida naquela casa se revelava ao mundo brevemente antes de se esconder de novo. Quando dei ré, nem olhei pra ver se alguém tinha saído pra tentar me impedir. Não queria saber. E deixei o portão da garagem aberto.

Apesar da cabeça cheia por tudo o que tinha acontecido, conferi o celular em todos os semáforos vermelhos no caminho até o hospital. Eu conhecia Mac: ele teria me avisado que estava tudo bem, se fosse o caso. Sem mensagens.

O Hospital Universitário estava todo iluminado e cheio. Parei num estacionamento próximo e corri para a emergência, que estava lotada e barulhenta como a Jackson, só que com mais adultos e bebês chorando. Depois de longos quinze minutos de espera, uma enfermeira me informou que a sra. Chatham tinha sido admitida e escreveu o número do quarto num pedaço de papel: 919. Quando tomei o elevador para subir, mantive a vista baixa, olhando para aquele número, como se ali houvesse alguma indicação do que eu encontraria ao chegar. Devaneios diante da realidade concreta. Quando a porta abriu, enfiei o papel no bolso.

Cada ação que realizava — apertar o botão 9, observar o número do andar subir, dar os primeiros passos naquele chão riscado e gasto de resina — me fazia imaginar outra ação que devia estar acontecendo ao mesmo tempo. Minha mãe acordando por causa da briga lá embaixo ou das nossas vozes; vendo meu pai e Ames na cozinha antes de dar meia-volta para me procurar; indo ao meu quarto e encontrando o bilhete; pegando qualquer roupa para entrar no carro e me seguir. Duas vidas que se moviam em paralelo, mas que estavam prestes a se cruzar, não muito diferente do que aconteceu com Peyton e David Ibarra naquela outra noite. A cada instante, havia infinitas chances de caminhos se cruzarem e vidas se chocarem, se unirem ou algo do tipo. Era incrível que fôssemos capazes de viver sabendo que tudo podia ocorrer por puro acaso. Mas qual era a alternativa?

A alternativa à vida estava bem presente ali no hospital. Eu podia vê-la nos quartos pelos quais eu passava com máquinas apitando, cortinas fechadas ou abertas, suspiros e gemidos. No fim do corredor, avistei uma placa: SALA DE ESPERA. A sala — que contava com sofás, poltronas e uma TV silenciosa ao canto — estava vazia. Mas havia um estojo de guitarra e uma mochila apoiados contra a parede. E na única mesa, uma bolsa que eu conhecia estava apoiada

numa cadeira e havia um pirulito de chiclete, já chupado, em cima de um guardanapo. Eles estiveram ali recentemente. E saíram com pressa.

919, pensei ao voltar pelo corredor. Os quartos pareciam borrados à minha passagem; só focava nos números. 927. Imaginei a minha mãe ao volante, dirigindo no escuro. 925. O hospital finalmente surgindo ao longe. 923. Aquele mesmo saguão iluminado e cheio. 921. Tão pouco tempo. E então cheguei.

A porta estava aberta. Parei do lado de fora, respirando forte. Logo à frente, com suas costas largas e enormes, estava Irv. Segurando sua mão estava Rosie, de casaco da Mariposa e rabo de cavalo, minúscula ao lado dele. Quem segurava a outra mão dela era Eric, sem chapéu, com o rosto jovem e assustado. Então vinha Layla, com o cabelo solto por cima do ombro, olhando para a frente, e Mac, ao lado dela. Juntos, rodeavam o leito em que a sra. Chatham estava deitada, com máscara de oxigênio e olhos fechados. O sr. Chatham estava sentado na única cadeira, com as mãos na cabeça.

No meu bolso, o celular vibrou. Eu sabia quem era, sabia que aquela seria a primeira ligação de muitas. Mas não me mexi. Em vez disso, foi o sr. Chatham que de algum modo me viu. Em seguida, Layla também se virou.

Quando nossos olhos se encontraram, pensei de novo naquela tarde distante no tribunal. Quando nos vemos diante da coisa mais assustadora, só queremos voltar atrás, nos esconder no nosso lugar invisível. Mas não podemos. É por isso que o importante não é apenas sermos vistos, mas ter alguém que nos veja também.

Layla soltou a mão de Mac e estendeu a dela pra mim. Quando entrei no meio dos dois para fechar o círculo, senti o olhar de Mac sobre mim. Mas meus olhos estavam fixos em Layla. E eu os mantive abertos, atentos, enquanto Layla fechava os dela.

25

— Pra você.

Layla se endireitou na poltrona e limpou a boca com a mão. Um lado do seu cabelo estava pra cima, e sua bochecha tinha marcas da costura grossa do encosto.

— O que é?

— Abre.

Ela pegou a sacola com cuidado das minhas mãos para não acordar a mãe. Dormir era quase tudo o que a sra. Chatham fazia enquanto se recuperava do leve enfarte que os episódios recentes tinham causado. Durante seus poucos momentos despertos, ela perguntava do sr. Chatham, de qualquer um dos filhos que não estivesse presente, e de vez em quando das últimas notícias do *Big Nova York* e *Big Los Angeles*. Em seguida, cansada, ela apagava de novo, deixando-nos à espera da próxima oportunidade de fazermos nossas perguntas.

Eu estava sentada na outra cadeira. O assento estava quente, já que Rosie tinha acabado de levantar pra tomar um pouco de ar fresco e café. Lá fora, o sol começava a se pôr. Era difícil acreditar que fazia menos de vinte e quatro horas que tínhamos nos reunido ali, sob outra escuridão. É difícil não perder a noção do tempo em lugares como aquele. Pelo menos foi o que ouvi dizer. Mas não foi só o hospital que fez as últimas horas parecerem tão longas pra mim.

Layla abriu a sacola com uma mão, enquanto a outra abafava um bocejo. Ao ver o conteúdo, arregalou os olhos. Ela levantou a cabeça e perguntou:

— Você…? Não pode ser.

Sorri.

— Ocasião especial.

— Você está falando *sério*?

— Shhhhhh! — sibilou uma enfermeira de passagem pelo corredor. Elas

circulavam com muita discrição, até o momento em que precisavam repreender alguém.

— Desculpa — Layla falou baixinho.

Depois, com um sorriso de orelha a orelha, enfiou a mão na sacola e tirou uma caixa de batatas fritas do Littles e a pôs na mesa ao lado. Em seguida tirou a camada de guardanapos — aprovando com a cabeça meu esforço para evitar contaminações —, a caixa do Bradbury Burger, mais guardanapos, e a porção final, do Pamlico Grill. Em seguida, alinhou as três na mesa e se afastou para contemplar a cena.

— A Trifecta. Incrível.

— Achei que você fosse gostar.

— Estou *honrada*. — Ela suspirou alegremente e então deu outra espiada dentro da sacola. — Por acaso você…

Enfiei a mão na bolsa e puxei outra sacola, cheia de ketchups dos três lugares diferentes. Era claro que o gosto não era o mesmo; havia pequenas variações. Quem não sabia disso?

— Aqui — falei ao estender a nova sacola.

Ela sorriu de novo e a pegou. Em seguida, tirou os pés de debaixo do corpo e começou os preparativos. Enquanto eu observava, a sra. Chatham suspirava em seu sono, agitando ora um pé, ora outro.

Eu também estava cansada, mais do que já estivera na vida. Com tudo o que acontecera nas últimas vinte e quatro horas, eu mal tinha dormido — apenas umas horinhas roubadas de manhã entre a conversa com meus pais e o retorno ao hospital. Durante aquele curto período, escapei de presenciar a retirada das coisas de Ames da nossa casa. Quando estava quase caindo no sono, ouvi ao longe minha mãe e meu pai conversando com Sawyer na Sala de Guerra, enquanto um dos funcionários dele levava as caixas. Quando acordei, só havia silêncio. Mesmo assim, fui até o quarto de Peyton para vê-lo vazio com os próprios olhos. O colchão sem lençóis, a janela quebrada, o carpete já aspirado: ele realmente tinha ido embora.

Mais tarde, teria que decidir se prestaria queixa e consultaria o psicólogo que a minha mãe insistia para que eu visse, tanto acompanhada dos meus pais quanto sozinha. Esse era apenas o primeiro passo para lidar com o que tinha acontecido naquela noite e nos meses que antecederam a ela. Por ter fugido para encontrar Layla e Mac, eu jamais saberia as palavras que foram ditas quando minha mãe desceu a escada, ou os golpes que causaram as lesões pelas quais o advogado de Ames mais tarde tentaria conseguir uma compensação. O que quer que tenha ocorrido em casa me permitiu não só chegar até o leito da sra. Chatham, mas também permanecer lá por tempo suficiente para, ao lado de Mac e Layla, vê-la finalmente abrir os olhos. Pelo menos uma vez o tempo agiu a meu favor.

Quando isso aconteceu, porém, eu não tinha consciência de nada disso. Estava focada apenas na mão de Mac na minha e Layla ao lado, apoiada no meu ombro. Apesar de estarem ao todo oito pessoas naquele espaço pequeno, o quarto estava tão silencioso que o único som eram os bipes do monitor cardíaco. Essa vigia silenciosa era assustadora, mais do que qualquer coisa que eu já tinha

vivenciado antes. Mas eu não queria estar em nenhum outro lugar. Não importava o quanto aquilo me custaria — e eu ainda não sabia o tamanho total da cifra —, já tinha certeza de que valia a pena.

Era por volta das duas da madrugada quando comecei a me preocupar com a minha mãe. Esperava que ela aparecesse a qualquer momento, e à medida que o tempo passava sem que isso acontecesse — sem falar na falta de mensagens e ligações —, comecei a me perguntar por quê. Eu não conseguia imaginar o que a faria não vir atrás de mim e ainda por cima evitar o conflito que se seguiria. Às três da manhã, porém, estava realmente preocupada. Assim, enquanto todos falavam ao mesmo tempo, aliviados pela sra. Chatham ter acordado e conseguir falar, sussurrei a Mac que ia fazer uma ligação rápida. Quando pus os pés no corredor, eu a vi.

Ela estava bem perto da porta, numa cadeira de metal encostada na parede. Tão perto que se eu tivesse olhado, teria visto lá de dentro. Como eu, ela tinha chegado ao hospital, perguntado pela sra. Chatham e recebido o número do quarto. Embora estivesse abalada pelo que acontecera com Ames — e tivesse finalmente compreendido o motivo de eu reclamar de ficar a sós com ele —, ela ainda ficou brava por eu ter saído de casa. Tudo o que ela queria era me tirar dali.

— Mas você não tirou — disse a ela na manhã seguinte, quando finalmente sentamos com meu pai para conversar. — Você nem entrou.

Minha mãe esfregou os olhos; parecia tão cansada quanto eu.

— Eu ia entrar. Estava decidida a arrastar você dali pelos cabelos, se preciso.

— E o que aconteceu? — perguntei.

Ela levantou os olhos para mim, com a expressão idêntica à que eu vira no hospital na noite anterior. Cansada, triste.

— Eu vi você — ela disse apenas.

Eu, rodeada por pessoas com quem me preocupava. Eu, sendo uma boa pessoa, uma boa amiga, todas as coisas que ela se orgulhava de ter me ensinado. Depois de tantos meses olhando pra mim apenas no contexto do meu irmão, por fim, sob a luz branca e forte daquele hospital, minha mãe me vislumbrara como Sydney, sem precedentes ou comparações.

Peyton sempre estivera presente, dando cores à paisagem. Cores vibrantes e intensas no começo; depois, cinza e tons escuros nos últimos dois anos. Mas naquele momento, rodeada de pessoas que ela não conhecia num lugar estranho, eu era o oposto de invisível: era a única coisa familiar. E isso a fez compreender o que eu havia passado tanto tempo tentando explicar: eu era diferente do meu irmão. E talvez isso significasse que ela também podia começar a ser diferente.

Eu não sabia disso quando saí do quarto e a encontrei no corredor. Apenas fiquei imóvel, surpresa ao vê-la. Nem consegui falar.

— Ela está bem? — ela perguntou afinal, apontando com a cabeça para o número 919 da porta aberta.

— Vai ficar — respondi.

Quando ela levou a mão ao rosto, esperei: instruções, censuras, alguma coisa. O fim de uma perseguição significava que alguém tinha sido pego. Depois

era só uma questão de tratar dos detalhes.

E, mais tarde, eles viriam. Nossa conversa à mesa na manhã seguinte seria a primeira de muitas sobre os últimos meses. Não falamos apenas daquela noite, mas de tudo, voltando até o tempo em que Peyton ainda não tinha se metido em encrenca. As caminhadas no bosque. As tardes longas e solitárias. Minha escolha de mudar para a Jackson. Mac e Layla. David Ibarra. Ames. Depois de ter guardado tudo aquilo por tanto tempo, eu às vezes sentia que me faltava ar para falar tudo o que queria. Mas, de algum jeito, as palavras saíram.

Quando a conversa ficava pesada — e ela ficou —, eu voltava a pensar naquele instante no corredor do hospital. Eu estava acostumada com a minha mãe sempre ter um plano. Daquela vez foi diferente.

Eu a vi inclinar-se para a frente, colocar os cotovelos sobre os joelhos e apoiar a cabeça entre as mãos. Uma enfermeira vinha pelo corredor na nossa direção, e seus sapatos rangiam de leve. Ela mal nos olhou. Estava acostumada com a angústia.

Nos acostumamos com o jeito de ser das pessoas; contamos com ele. E quando o comportamento delas surpreende, para o bem ou para o mal, é capaz de mexer profundamente conosco. Minha mãe sempre fora rígida, forte e protetora. Jamais teria imaginado que vê-la desabar seria qualquer coisa além de desolador. Mal sabia eu que isso me daria a chance de, enfim, ser forte.

Ajoelhei ao lado da cadeira e passei os braços à sua volta. No começo, ela endureceu um pouco o corpo, surpresa. Então, devagar, senti seu peso se suavizar; um peso humano, vivo e terno. Demos um abraço esquisito — o cabelo dela no meu rosto, um dos meus tornozelos meio torcido —, como só as coisas mais vulneráveis são. Mas estávamos lá, juntas, e na sala ao lado, o monitor ainda soava. Registrando as batidas de um outro coração e fornecendo uma prova permanente e concreta do nosso.

26

— Pronta?

Olhei para Mac atrás do volante da caminhonete.

— Como jamais estarei.

Ele sorriu e apertou minha mão. Então saímos da vaga em frente à Seaside e seguimos nosso rumo.

Tinham se passado dois meses desde a noite do festival, e um novo ano se iniciara. Eu já sabia que seria melhor que o anterior.

A sra. Chatham se recuperava em casa, e os filhos e o marido se reuniam à sua volta mais do que nunca. A Maravilhoso ou Catastrófico não tinha vencido o festival — os juízes deviam ser mais fãs de gritaria do que Irv —, mas atraíra o interesse de um dono de estúdio da região, que gravaria uma demo de verdade para a banda em troca do trabalho de Eric. Um emprego realmente ligado à música deixou o ego dele ainda maior, algo que parecia impossível.

Layla, por sua vez, com certeza enxergava as coisas de um jeito diferente; pelo menos foi o que percebi no hospital dois dias depois da apresentação. Com as minhas provisões de costume — batatas fritas, revistas e pirulitos — na mão, entrei no quarto esperando encontrá-la no lugar de sempre: a poltrona ao lado do leito da mãe. Ela estava lá, mas não a sós. Eric estava estirado na poltrona reclinada, e ela aninhada contra ele, com os braços em volta do seu pescoço. Dei um passo para trás, surpresa, e não comentei nada quando nos encontramos depois no corredor. Duas semanas mais tarde, quando eles anunciaram oficialmente o namoro, fiz questão de fingir surpresa.

Quanto à minha relação com Mac, estávamos firmes. O fato de a minha mãe ter aliviado o controle da minha agenda contribuía. Eu não tinha liberdade plena — tratava-se de Julie Stanford, afinal —, mas encontramos um meio-termo. Eu estava livre no almoço, mas ainda trabalhava três dias por semana no

Kiger com Jenn. Isso nos ajudou a manter contato, e Meredith aparecia com frequência para almoçar com a gente (nem era necessário dizer que Margaret, apesar de ainda estar por perto, não estava convidada). Layla e eu tínhamos pelo menos uma tarde reservada por semana para ir à SuperThrift e sair em busca das melhores batatas fritas, isso quando eu não estava tentando ensiná-la a dirigir — um processo assustador e hilário, quase sempre ao mesmo tempo. O tempo que sobrava eu passava com Mac, ou na casa dele, ou na Seaside, ou na caminhonete, fazendo entregas. Minhas previsões continuavam certeiras, modéstia à parte. O sr. Chatham disse que eu levava jeito para o negócio. Pra ser sincera, nunca ficara tão feliz com um elogio.

Quando decidimos não prestar queixas contra Ames, o advogado dele parou de entrar em contato com o meu pai a respeito das lesões, e nunca mais ouvimos falar dos dois. Meu irmão, por sua vez, tinha passado a ligar regularmente no meu celular para que pudéssemos conversar longe de casa e dos nossos pais. Tínhamos muito o que dizer depois do que ocorrera com Ames e tudo mais. Às vezes as pausas e os silêncios pareciam pesados a ponto de me esmagar. Quando tudo falhava, podíamos voltar ao *Big Nova York*. Eu estava quase o convencendo a mudar para o time da Ayre. Era um avanço.

Peyton também mantinha um contato cada vez mais constante com meus pais e ligava com mais frequência. Ele tinha começado a correr na pista todos os dias durante o banho de sol e estava focado em melhorar a velocidade, lendo tudo o que conseguia sobre treinamentos. Minha mãe, que participara da equipe de corrida *cross country* na faculdade, era perita na matéria, e com esse interesse em comum uma nova e hesitante fase da relação dos dois começou. No fim, Peyton pediu que ela fosse visitá-lo. Logo que soube, fiquei apreensiva, receosa de que sua obsessão pela vida dele voltasse. Mas minha mãe me surpreendeu. Ela visitava, gostava dos telefonemas e especialmente das conversas sobre corrida. Mas deu a Peyton o espaço de que ele precisava e o deixou se aproximar dela de vez em quando, em vez de sempre ir atrás dele.

O fato de ela ter encontrado uma nova causa a que se dedicar ajudou. Depois daquela noite no Hospital Universitário, ele voltou para visitar a sra. Chatham. As duas acabaram conversando sobre os problemas dos convênios e da falta de atenção do hospital em relação aos pacientes e suas famílias. O que começou como uma oferta de se reunir com alguns administradores do hospital em nome dos Chatham para levantar informações acabou, ao longo das semanas seguintes, com ela se voluntariando para ajudar na relação com os pacientes e com a perspectiva de um emprego de fato. Ela dizia que ainda estava pensando, que estava ocupada com outras coisas, mas meu pai e eu sabíamos que acabaria aceitando. Minha mãe adorava uma boa causa e jamais faltaria uma no hospital.

Peyton ainda tinha mais dez meses na Lincoln; sua pena diminuíra um pouco por bom comportamento. Assim que fosse liberado, ele se mudaria para uma casa de recuperação por seis semanas enquanto arrumava emprego e moradia, ao mesmo tempo que treinava para sua primeira corrida de dez quilômetros. Apesar de todo o progresso, dava para ver que minha mãe estava surtando por não poder ajudar nisso, e mais de uma vez encontrei o computador dela com páginas de classificados e imóveis de aluguel na tela. Velhos hábitos

não morrem fácil, mas eu sabia que ela estava se esforçando.

E eu também. Outro Dia da Família aconteceria na Lincoln em fevereiro, e eu tinha decidido ir. Minha mãe ficou radiante — claro —, mas murchou um pouco quando lhe disse que Peyton e eu tínhamos decido que eu iria sozinha. Já havíamos superado uma pequena distância sozinhos, mas ainda havia muito pela frente. De uma coisa eu estava certa: o relacionamento que meu irmão e eu teríamos quando ele saísse, fosse qual fosse, seria bem diferente da nossa infância. Ambos tínhamos crescido, de modos completamente diferentes. Mas eu estava ansiosa para conhecê-lo. E esperava que ele sentisse o mesmo.

Enquanto isso, em casa, também estávamos aprendendo a viver junto sem a constante presença de Peyton em espírito, senão em pessoa. Minha mãe e eu conversávamos sobre faculdades e fazíamos planos para visitar os campi. Pensávamos em um futuro diferente. O meu. E depois de muita pressão de minha parte, Mac tinha finalmente conversado com o pai sobre suas esperanças de cursar engenharia na universidade de Lakeview ou mesmo em outro lugar. O sr. Chatham ficou em dúvida, algo que todos esperávamos. Mas não disse não. Assim, durante as tardes na Seaside, Mac e eu passávamos um tempo pesquisando faculdades entre uma lição de casa e outra, descobrindo tudo o que pudéssemos sobre os processos seletivos. Enquanto isso, Layla — que tinha demonstrado um novo interesse nos negócios depois de encontrar alguns livros de administração na biblioteca — trabalhava para substituir o sistema de registro da Seaside e tentava convencer o pai de outras mudanças. Ele também estava hesitante quanto a isso, mas ouvia. Afinal, ela era uma especialista. E quem sabe? Talvez mesmo com Mac longe por causa da faculdade e da carreira, a Seaside permanecesse na família, afinal.

Era isso. Ninguém era capaz de saber o que viria adiante; o futuro era a única coisa que jamais poderia ser destruída, porque ainda não tivera a chance de existir. Num minuto, você está andando sozinha pelo bosque escuro; noutro, a paisagem muda, e você enxerga. Enxerga algo maravilhoso e inesperado, quase mágico, que jamais teria encontrado se não tivesse seguido em frente. Como uma nova amizade que parece antiga, uma lembrança que nunca vai esquecer. Talvez até um carrossel.

Quanto a mim, eu tinha assuntos antigos a resolver. Foi a sra. Chatham, na verdade, que me pôs a ideia na cabeça numa das primeiras vezes que fui acompanhar sua recuperação no centro cardíaco do hospital. Eles a tinham feito andar pelos corredores para recuperar a força, e ela voltara ao quarto exausta; foi logo para a cama e fechou os olhos. Pensei que estivesse dormindo e comecei a fazer a lição de casa de matemática. Então ela falou:

— Você sabe que precisa falar com ele.

Nós tínhamos conversado sobre Peyton durante a caminhada juntas, sobre como nós dois estávamos aos poucos acertando as coisas, apesar das dificuldades. Isso sempre acontecia durante a recuperação dela: não raro ela retomava algum assunto que eu já esquecera. Os médicos diziam que se devia em parte aos remédios e ao cansaço.

— Estou tentando — eu disse. — Mas quase sempre, mesmo agora, não sei o que dizer.

— Sim, você sabe. — Ela bocejou ao virar o rosto para o travesseiro. — Comece pedindo desculpas.

— Desculpas? — repeti.

Ela suspirou. Com certeza já ia apagar.

— Então continue daí.

Fiquei lá, sentada e confusa. Um homem passou do lado de fora com flores e vários balões de hélio na mão. Observei-os flutuar, brilhantes e vivos, me perguntando por que pediria desculpas para Peyton. Só no dia seguinte me dei conta de que talvez ela não estivesse falando dele.

De volta à caminhonete, o celular vibrou no meu bolso. Peguei para conferir.

No estúdio com Eric. Ele não cabe em si. Está me mostrando tudo. Meu Deus.

Achei graça.

Você está adorando.

Juro que não.

Outro toque. Minha mãe dessa vez:

Traz uma pizza pra casa? E o seu pai quer pão de alho.

Respondi:

Pode deixar. Chego às seis.

O.k.

— Tudo bem? — Mac perguntou.

— Sim — respondi. — Tudo certo.

Mas eu ficava cada vez mais nervosa à medida que nos aproximávamos. Embora conhecesse bem as ruas, já que eu mesma tinha passado por elas mais de uma vez, fazia tempo que não via aquela curva, aquele cruzamento. No momento em que ele estacionou na frente de uma pequena casa de tijolinhos com vigas pretas, pude sentir o coração latejar no peito.

Mac desligou o motor e virou pra mim. Atento como sempre, à espera do meu sinal. Pus a mão no trinco da porta, abri e desci. Enquanto contornava a caminhonete para subir na calçada, ele pegou a bolsa térmica atrás do assento. Quando cheguei à janela dele, já estava pronta para ser levada.

— Posso ir com você — ele disse —, se isso facilitar as coisas.

— Facilitaria — falei. — Mas acho que tem que ser difícil.

Em vez de responder, ele segurou meu rosto e me deu um beijo. Como sempre, desejei que durasse pra sempre. Como sabia que teríamos muito tempo depois, me obriguei a recuar.

E então, de algum modo, já estava atravessando o quintal da casa. Quanto mais me aproximava da porta, mais concentrada ficava. Era como se eu fosse capaz de ver e sentir tudo, com nitidez, de perto. Um gato malhado lambia a pata nos degraus. A leve inclinação da rampa que eu subia. O som de uma TV ou rádio lá dentro. Alguém rindo. Ao chegar na porta, lancei um olhar por cima do ombro para Mac. Estar ao lado dele não tinha resolvido tudo na minha vida; nenhuma pessoa seria capaz disso. Mas era bom. Em todo caso, era irreal esperar viver numa felicidade constante. Na vida real, já é muita sorte chegar mais ou menos perto disso.

Ajeitei a pizza e bati na porta. Há sempre uma lacuna entre o momento em que você anuncia sua chegada e o momento em que a porta abre. E nesses instantes você espera pra ver o que há do outro lado. Fazendo entregas com Mac, eu tinha captado cenas de tantas vidas, partículas de um milhão de histórias. Aquela, porém, era minha.

— Já vou — uma voz gritou, e então ouvi um som de motor, aumentando conforme se aproximava. Levei a mão até a medalhinha que Mac tinha me dado, como sempre me pegava fazendo. Meu Santo Qualquer. Eu gostava da ideia de ter alguém olhando por mim, fosse quem fosse. Todos precisamos de proteção, mesmo se nem sempre sabemos do quê.

A fechadura fez um clique, e observei a maçaneta girar e a porta se abrir. E então David Ibarra estava me encarando com o rosto surpreso.

— Nós pedimos pizza?

— Não exatamente.

Eu não fazia ideia do que aconteceria dali em diante, nem se existiam palavras para dizer tudo o que eu estava sentindo. Ele podia bater a porta na minha cara. Perguntar que bem eu fazia estando ali. Eu tinha imaginado todas essas situações, e cada uma das possíveis variações. Mas só naquele momento, quando me expus, descobriria o que ia acontecer de verdade.

Comece pedindo desculpas, a sra. Chatham tinha dito. Ali, de pé diante dele, eu só conseguia pensar em um outro começo, naquele tribunal vários meses antes. O juiz tinha feito uma pergunta — *O réu poderia se levantar, por favor?* —, e o que se seguiu a isso foi — para mim, para Peyton, para meus pais, Mac, Layla, todos — uma contínua resposta. Então achei justo, naquele momento, fazer minha própria pergunta:

— Meu nome é Sydney Stanford — eu disse. — Posso entrar?



KPO PHOTO

SARAH DESSEN é um dos maiores destaques da literatura jovem adulta contemporânea. Autora de doze livros que juntos somam mais de 7 milhões de exemplares vendidos no mundo, já recebeu diversos prêmios e seu nome é presença constante na lista de best-sellers do *New York Times*. Mora em Chapel Hill, Carolina do Norte, com o marido e a filha.

Copyright © 2015 by Sarah Dessen
Todos os direitos reservados, inclusive o de reprodução total ou parcial em qualquer meio.
Publicado mediante acordo com Viking Children's Books, um selo do Penguin Young Readers Group, uma divisão da Penguin Random House LLC.

O selo Seguinte pertence à Editora Schwarcz S.A.

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

TÍTULO ORIGINAL Saint Anything
CAPA Alceu Chiesorin Nunes
FOTO DE CAPA Alan & Gretchen/ Alan McFetridge/ Galeries/ Corbis/ Latinstock
PREPARAÇÃO Nathália Dimambro
REVISÃO Julia Barreto e Renato Potenza Rodrigues
ISBN 978-85-438-0396-8-151202



Todos os direitos desta edição reservados à
EDITORA SCHWARCZ S.A.
Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32
04532-002 — São Paulo — SP
Telefone: (11) 3707-3500
Fax: (11) 3707-3501
www.seguinte.com.br
www.facebook.com/editoraseguinte
contato@seguinte.com.br

Sumário

Capa
Rosto
1
2
3
4
5
6
7
8
9
10
11
12
13
14
15
16
17
18
19
20
21
22
23
24

25
26
Sobre a autora
Créditos